

JORGE LOURENÇO

RIO 2054

OS FILHOS DA REVOLUÇÃO



Novos Talentos
da Literatura Brasileira

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Jorge Lourenço

— R I O —
2054
OS FILHOS DA REVOLUÇÃO

COLEÇÃO NOVOS TALENTOS DA LITERATURA BRASILEIRA



São Paulo 2013

Copyright © 2013 by Jorge Lourenço

COORDENADORA EDITORIAL Leticia Teófilo
DIAGRAMAÇÃO Schäffer Editorial
CAPA Pedro Henrique Souza
COMPOSIÇÃO DE CAPA Monalisa Morato
PREPARAÇÃO DE TEXTO Alessandra Angelo
REVISÃO DE TEXTO Daniela Georgeto

TEXTO DE ACORDO COM AS NORMAS DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA
LÍNGUA PORTUGUESA (DECRETO LEGISLATIVO Nº 54, DE 1995)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lourenço, Jorge

Rio 2054 / Jorge Lourenço. -- Barueri, SP : Novo Século Editora, 2012.

1. Ficção brasileira I. Título.

12-14544

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

2013
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL
DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
Rua Aurora Soares Barbosa, 405 – 2o andar
CEP 06023-010 – Osasco – SP
Tel. (11) 3699-7107 – Fax (11) 3699-7323

www.novoseculo.com.br
atendimento@novoseculo.com.br

ISBN: 978-85-7679-898-9

Ao primeiro par de olhos que leu esta obra do início ao fim,
o mesmo para o qual eu não me canso de olhar.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre lutaram por mim e pela minha educação.

Às cobaias que me ajudaram, Orlando Camargo, Paulo Henrique, Nélío Vítor, Jefferson Almeida, Hellen Pabline, Vinícius Takaki, Ezequias Campos e Paulo Kran.

À Editora Novo Século, que tem aberto as portas para vários jovens autores brasileiros.

Palavra do autor

Logo que terminei de escrever *Rio 2054*, entreguei a amostra original para alguns amigos e resenhistas que conheci nas redes sociais. Numa conversa que tive com um dos primeiros leitores, escutei elogios à ambientação e de como a segregação dos Escombros era assustadora. Esse mesmo leitor disse que estava feliz por saber que ainda estávamos bem longe de uma realidade como aquela.

Então, antes mesmo de você começar a leitura e passear pelas ruas do Rio de Janeiro em 2054, eu lhe pergunto: nós realmente estamos tão longe de um mundo distópico?

Nas próximas páginas deste livro você encontrará empresas assumindo o papel do Estado e firmas de segurança fazendo incursões cruéis na parte pobre da cidade sem se importar com a vida de civis. Um território partido onde os ricos tentam se manter longe dos pobres a todo custo e contam com a ajuda de uma barreira social quase intransponível.

Nos primeiros 24 anos da minha, vivi no Morro do Andaraí, Zona Norte do Rio de Janeiro. Vi policiais invadindo casas, agredindo moradores que não tinham qualquer ligação com o crime organizado e apontando fuzis para crianças. Vi gente apelar para o tráfico porque não acreditava que podia ir longe frequentando uma escola em ruínas, conciliando trabalho com estudo e sempre preocupada com o pão do dia seguinte.

Hoje, um quinto da população carioca vive em favelas. Para eles, esta obra de ficção é perigosamente verdadeira.

PRÓLOGO

A guarita vazia no cais do porto só atiçava a curiosidade de Félix, que coçava a barba ruça e trincava os dentes amarelados de tanta ansiedade. Segundo um dos seus informantes, alguém acabara de atacar o grupo de mercenários que dominava aquela região do Rio de Janeiro. A chuva torrencial dificultava a visibilidade, mas estava claro que havia algo de errado. Os galpões eram sempre guardados a sete chaves pelos soldados, mas não havia qualquer sinal de vida.

– Isso é loucura, cara – argumentou Matias, um negro franzino de cabelo raspado. – Com essa chuva, eles devem estar lá dentro. A gente vai estar fodido se alguém ver. Não quero mexer com isso.

Com a arma ainda no coldre, Félix atravessou a rua escura e caminhou lentamente até a guarita. Sua intenção era parecer o mais inofensivo possível e não despertar a ira dos mercenários, conhecidos pela fama de pavio curto. Bateu algumas vezes no vidro reflexivo da janela, mas não obteve resposta. Abriu a porta, deu de cara com um corpo no chão e fez um sinal para que Matias se aproximasse.

– Cortaram a garganta dele, olha. – Félix apontou para o ferimento do soldado e, logo depois, conferiu a submetralhadora ao lado do corpo. – Pente cheio. Alguém entrou aqui escondido.

– E se ainda estiverem lá dentro?

– Cara, me passaram a informação do ataque no fim da tarde, logo que o temporal começou. Já é quase meia-noite. O que quer que tenha acontecido aí, já acabou.

Matias pegou a arma do soldado para si e os dois correram para a entrada de um dos galpões, protegidos da chuva por uma marquise. O temporal e as barulhentas telhas de alumínio os obrigavam a quase gritar um com o outro para que se fizessem ouvir.

– Félix, não tem nada pra gente aqui. Se havia algo de bom, os caras que atacaram levaram tudo. Não quero morrer de bobeira. – Matias tremia com a submetralhadora na mão. Perdera o emprego de segurança numa multinacional há alguns meses e, desde então, passou a viver no submundo com Félix, um velho faz-tudo do crime organizado. Para sobreviver, os dois cometiam pequenos assaltos e faziam serviços para as facções do tráfico de drogas.

– Matias, quanto tempo você acha que a gente vai durar brincando de bandido-mendigo por aqui? Mais cedo ou mais tarde vão acabar matando a gente. Se for para morrer, prefiro fazer isso atrás de coisa grande, e não cobrando dívida de viciado.

Mesmo sem concordar, Matias seguiu Félix enquanto ele corria por entre o maquinário enferrujado por anos de desuso no cais do porto. Algumas quadras à frente, estava o Galpão 12, a base de operações dos mercenários. A cobiça dos dois tinha fundamento. Dois anos antes, aqueles soldados sem pátria tomaram conta do lugar e acabaram com todos os mendigos e maltrapilhos que moravam ali. Desde então, fizeram fama no Rio de Janeiro trabalhando para as multinacionais que mandavam na cidade. Eram temidos no entorno do porto, logo abaixo do começo da antiga Ponte Rio-Niterói, agora um gigantesco monstro de concreto partido ao meio.

Precisaram apenas seguir o rastro de soldados mortos para achar o que procuravam. Não encontraram em nenhum dos corpos qualquer ferimento à bala e os sinais de conflito eram escassos. Apenas a arma de um ou outro havia efetuado algum disparo.

– Isso é coisa das gangues, Matias. Eles não usam arma de fogo. – Félix já não fazia qualquer esforço para não ser visto, certo de que todos estavam

mortos.

– Uma gangue inteira invade os galpões e um grupo de soldados treinados nem percebe? Porra, tá maluco?

Encharcados, diminuíram o passo quando perceberam as luzes ainda acesas do galpão e o corpo de um soldado partido ao meio bem na entrada. Ali, os sinais de conflito eram claros. As armas estavam longe dos seus donos, algumas destruídas. Os holofotes do portão apontavam para um lugar, agora vazio, onde os invasores deveriam estar. Apesar do silêncio, os restos da carnificina deixavam uma eletricidade pesada pairando no ar, como se o instante em que todas aquelas mortes aconteceram ainda estivesse vivo. De dentro do prédio, onde dezenas de contêineres de aço se enfileiravam lado a lado até o teto, não ouviam qualquer som.

Pegaram de um dos corpos um par de centenários rifles M203 e entraram no galpão. Até onde Félix lembrava, os depósitos fediam a urina e álcool nos tempos em que os mendigos e sem-teto dominavam o cais. Agora, tudo estava impecavelmente limpo, exceto pelos cadáveres.

– Matias, me ajuda a conferir se tem alguma coisa que ainda vale a pena roubar aqui. Se tiver, eu fico de guarda e você traz a van.

O companheiro assentiu e os dois fizeram uma varredura cuidadosa pelo galpão. Nas fileiras de contêineres, predominava a cor vermelha da China Export e marcas que pouco queriam dizer para eles – Volvo, Halliburton, Hanjin. Eram apenas heranças de um tempo em que a cidade ainda era uma só com o mundo.

Para surpresa dos dois, o material contido neles estava intacto. Chegaram a encontrar um cadáver num deles, mas todo o espólio dos mercenários estava lá: dezenas de armas, malas cheias de dinheiro, explosivos, drogas, roupas, veículos e aparelhos eletrônicos. Félix já não escondia mais a empolgação com a descoberta.

– Isso tem cara das Luzes – observou Matias, despido de qualquer preocupação. – Eles devem ter batido de frente com alguma multinacional, aí

mandaram apagar todo mundo. Para os caras das Luzes, isso aqui não é merda nenhuma. É lixo. Mataram os mercenários e deixaram tudo pra trás.

– Tudo pra gente!

Após a varredura, voltaram à entrada. Félix coçava a grossa barba ruça quando percebeu um rosto conhecido entre os corpos. Aproximou-se e logo reconheceu Índio, um moreno calejado que liderava o bando de mercenários. Vestia uma roupa camuflada e tinha ao seu lado um cinto com balas, todas intactas. A arma, um fuzil negro de alto calibre, estava longe, caída entre alguns caixotes.

“Eu sabia que um dia a sorte ia sorrir pra mim, e não pra esses filhos da puta”, pensou Félix, deixando escapar um sorriso em seus dentes podres. Seu corpo magro e frágil lhe aparentava muito mais idade do que realmente tinha. O crack, as noites sem sono debaixo de viadutos, os tiros que colecionava pelo corpo, tudo ajudava a lhe dar uma aparência bem pior.

Colocou a mão no bolso e estendeu para Matias a chave da van que tinham deixado do lado de fora. Chegou a considerar matá-lo para ficar com tudo, mas havia o suficiente ali para conseguir muito dinheiro e ainda manter um exército particular. Além do mais, seria complicado sair com todo aquele material sozinho.

– A gente vai ter que fazer umas dez viagens – brincou Matias, sorrindo ao pegar as chaves do carro. Quando correu para fora do galpão, um estrondo calou os dois. Uma figura nebulosa caíra do teto do prédio, rachando o concreto do chão. Enrolada numa grossa manta cinza, a criatura se levantou normalmente, como se a queda de quase trinta metros não tivesse lhe afetado. Ergueu-se lentamente, revelando quase dois metros e meio de altura.

– Que porra é essa? – berrou Matias, apontando contra a criatura um rifle que acabara de pegar. O medo impedia a dupla de atirar primeiro e perguntar depois.

A túnica improvisada de trapos velhos, que mais parecia roubada de algum morador de rua, balançou com o vento que a tempestade trazia. Fora

isso, a criatura não se movia ou emitia qualquer som.

– Quem é...

Antes de Matias terminar a pergunta, uma lâmina retrátil deslizou pelo braço direito do homem, que percorreu a distância entre os dois com um impulso sobre-humano e saltou sobre sua vítima. Ele segurou o cano do rifle de Matias com uma mão e, com a lâmina da outra, transpassou-lhe o corpo.

Félix disparou a primeira rajada de tiros e, por mais nervoso que estivesse, sabia que tinha acertado todos. Escutou apenas o som metálico das balas ricocheteando na criatura, que se levantou e virou para ele. O único reflexo que Félix teve foi o de ativar o lança-granadas acoplado no rifle. O tiro acertou o homem em cheio, lançando-o a alguns metros de distância. A explosão também derrubou Félix, que observou incrédulo seu algoz se levantar. Não titubeou e correu por entre os contêineres, certo de ter avistado uma saída quando fez a varredura com Matias. Desesperado, teve vontade de chorar quando percebeu que a porta estava trancada.

Decidiu procurar um esconderijo e avistou um contêiner fechado que tinha um rasgo na couraça metálica grande o suficiente para que ele se espremesse. Certificou-se de que o monstro não estava por perto, pulou dentro e estranhou o chão acolchoado com cheiro de mofo. A fresta de luz que entrava pelo rasgo revelava um pequeno quarto improvisado com alguns móveis toscos e algo coberto por um cobertor.

Um silêncio mortal caíra sobre o galpão e Félix começou a controlar a própria respiração para evitar ser ouvido pelo assassino. Sem fazer barulho, puxou o grosso cobertor de lã e viu que se tratava de uma adolescente. A moça branca de cabelos escuros o fitava com um olhar desconfiado, mas não reagiu à sua aproximação. Com medo, o bandido aproximou o indicador do lábio para pedir silêncio.

Quando percebeu que ela estava seminua, vestindo apenas trapos, sequer teve tempo de reagir. A criatura arrancou a porta do contêiner com um puxão violento e Félix caiu sentado ao lado da adolescente. Apavorado, deixou a

arma escorregar e escondeu o rosto entre as mãos, preparando-se para o pior. Mas ele não veio. A criatura apenas o observou sem esboçar reação. Aproveitou o vacilo e tateou o chão em busca do rifle perdido, mas foi freado por uma dor excruciante. Olhou para baixo e viu que o braço da adolescente lhe atravessara o torso. Tentou gritar, mas a certeza da morte serviu apenas para emudecê-lo.

Deixou a arma cair e já perdia as forças quando sentiu a menina jogar seu corpo contra o chão do contêiner. Ela se desvencilhou do moribundo e avançou na direção da criatura para atacá-la, mas as mãos metálicas do monstro foram mais rápidas do que as dela, segurando-a pelos pulsos. Foi arrancada do contêiner como um animal indefeso e, exausta, sentiu que os poderes recém-descobertos lhe falhavam.

– Eu estava procurando por você, Lúcia – disse o assassino, com uma voz abafada.

Desconfiada, a menina não baixou a guarda mesmo depois de ele tê-la colocado em segurança no chão. Acuada, estranhava que alguém lembrasse de um nome que ela mesma já começava a esquecer.

– Como você me conhece?

– Tecnicamente falando, eu sei tudo o que é necessário saber. E não se preocupe. Eu não vim aqui para machucá-la.

Lúcia percebeu um filete de sangue gotejando pela mão da criatura, que andava com certa dificuldade. Estava certa de que aquilo não era humano.

– Quem te mandou?

Ele ignorou a pergunta e foi até a entrada do galpão, onde a chuva escoava o sangue dos soldados mortos direto para o mar revolto. Lúcia voltou até o contêiner e pegou o cobertor de lã para proteger o corpo do frio antes de segui-lo. Ondas arrebatavam com violência no limite do cais sob a vigia dos antigos guindastes, gigantes sentinelas de metal enferrujadas por décadas de abandono.

– Você matou todos eles sozinha. Não foi? – perguntou a criatura. Dessa vez, foi ela quem ficou em silêncio e apertou ainda mais o cobertor contra o corpo. Apesar de estarem protegidos por uma marquise, o vento ainda lhes presenteava com algumas gotas de chuva avulsas. – O que você fez é compreensível após todos esses anos de abusos.

Uma lágrima solitária deslizou pelo rosto inexpressivo da garota e logo se misturou à chuva. Não havia tristeza ou arrependimento. Chorava de ódio, sentimento que guardara com tanto cuidado nos últimos anos apenas para deixá-lo explodir de uma vez só. Retalhara homens com as próprias mãos como se fossem lâminas, lançara seus corpos longe com o simples poder do pensamento. Ceifou a vida de cada um da mesma maneira que ceifaram sua honra por tantas e tantas vezes.

– Quando você aprendeu a usar seus poderes, Lúcia?

– A sensação que eu tenho é de que eu sempre soube. Mas só peguei o jeito há pouco tempo – confessou, sentindo-se estranhamente à vontade. Ela fechou os olhos, a memória ainda infestada pelas mortes dos soldados. Só queria morrer e levar alguns deles consigo. Não imaginava que conseguiria acabar com todos. – Como eu faço essas coisas? O que eu sou?

– A verdadeira pergunta, Lúcia, não é o que você é, mas o que você pode ser para esse mundo.

– E o que eu posso ser?

– A retribuição.

ESCOMBROS

TERÇA-FEIRA, 31 DE MARÇO DE 2054.

O horizonte de prédios abandonados e o silêncio sepulcral do centro do Rio de Janeiro relaxavam Miguel. Na cobertura de um pacato arranha-céu, ele observava o pôr do sol, uma das poucas coisas que lhe faziam esquecer os problemas e não pensar no dia de amanhã. Com um livro velho no colo, se esforçava para não cochilar até ser desperto pelo som do seu próprio medo. Sabia que a noite ali não era segura. Pegou sua mochila e preparou-se para os vários lances de escada que o aguardavam.

No caminho, sempre esbarrava com alguns lugares que o tempo insistia em deixar intocáveis. Com um pouco de imaginação, Miguel ainda conseguia imaginar pessoas andando para lá e para cá naquele prédio, fazendo trabalhos que ele desconhecia. Via-os sentados em frente a computadores, lendo relatórios, conversando entre si, vivendo uma vida normal do começo do século.

Nas ruas, as vitrines e os cartazes de algumas lojas de roupas ainda mantinham o brilho de uma época perdida, mas quase intacta graças à fuga em massa de uma região em guerra. Miguel e mais algumas milhares de pessoas moravam na parte pobre da primeira Zona Internacionalizada da América Latina. As ZIs eram áreas de conflito sem resolução nas quais forças internacionais de pacificação encerravam as guerras para preservar a população e entregavam a administração local na mão de conglomerados

empresariais. No papel, era o último recurso para frear massacres que os governos locais não conseguiam resolver. Na prática, era uma excelente desculpa para dar mais poder às empresas, sempre dispostas a remunerar bem políticos e interlocutores que ajudavam a colocar os novos territórios em suas mãos.

O pouco que Miguel aprendeu nas aulas de história dava conta de uma guerra civil motivada por um movimento separatista no Rio de Janeiro na segunda metade da década de 2020. Além da grande dificuldade das forças militares em encerrar o confronto, a notícia de que os rebeldes tinham uma bomba nuclear suja em mãos e planejavam lançá-la numa área civil caso seus anseios de emancipação não fossem obedecidos reforçaram a necessidade de uma intervenção externa.

Agora, quase trinta anos após o incidente, o Rio de Janeiro era comandado por um grupo de empresas e sua população era dividida entre a Rio Alfa, situada no sul e lar dos abastados, e a Rio Beta, onde Miguel e a grande maioria dos flagelados sobreviviam. Separados por muros, uma forte política de segregação e guardas bem armados, os dois lados pouco interagiam.

Aos moradores da Rio Beta sobravam os escombros da guerra naquilo que, um dia, fora uma cidade. Sem abastecimento regular de energia elétrica, saneamento básico, segurança ou qualquer administração, eles viviam numa terra sem lei não muito carinhosamente apelidada de Escombros.

Naquele caos de gangues, traficantes e pobreza, o único lugar no qual Miguel encontrava paz era no abandonado centro da cidade. Perto do fim da guerra, a bomba suja que os rebeldes tinham em mãos fora detonada na região, tornando-a imprópria para a vida por algumas dezenas de anos. Ninguém arriscava pôr os pés ali e os acessos ao centro eram bloqueados por muralhas, montanhas de escombros e o medo de uma lenta morte radioativa. No entanto, desde que descobrira um caminho esquecido para a região e

consequira sair de lá vivo, tornou-se o único frequentador assíduo do bairro fantasma.

Já eram quase seis horas quando ele achou sua moto num beco próximo ao prédio. Imundo de poeira, Miguel entrou numa loja abandonada e devidamente saqueada desde os tempos da guerra civil para usar o espelho e ter noção de como estava. A calça larga e cheia de bolsos estava mais cinza do que o cáqui original, mas não perdia em imundície para a blusa branca. Até o cabelo castanho encaracolado estava com tons de cinza. Prometeu para si mesmo nunca mais deitar nos prédios em ruínas para não ficar tão sujo e acelerou com a motocicleta pelas ruas destruídas do que restava do centro. No caminho para a passagem que o levaria de volta aos Escombros, passou em frente ao sebo do qual roubava livros de tempos em tempos. Era um dos poucos prédios que haviam recebido clemência dos anos e dos bombardeios da guerra civil, mantendo a maior parte do seu acervo protegida e em bom estado. Às vezes se perguntava se o dono daquela loja não tinha deixado tudo em ordem pensando em voltar ao trabalho um dia e, nalgum lugar, ainda estava vivo e esperando por esse momento. Apesar da tentação de parar alguns minutos para atualizar sua lista de romances, preferiu ir embora. Toda terça era Dia de Feira no cais do porto, um dia sagrado demais para ser ignorado nos Escombros.

• • •

Debaixo de um dos poucos postes de luz funcionando naquela rua, Miguel olhava um por um os rostos da procissão que se dirigia ao cais do porto, mas não encontrava Nicolas. Impaciente com a demora do amigo, entrou num botequim próximo, pediu uma Kirin Draft e ficou sentado à porta aguardando por ele. Detestava as grandes feiras de terça-feira. Além de reforçar a pobreza dos Escombros, elas também mostravam como o ser humano convertia caridade em lucro com uma eficiência quase hostil.

Isolados do resto do Brasil e sem visto para deixarem o Rio de Janeiro, os moradores da Rio Beta tinham poucas opções de ajuda. Ignorados pela abastada Rio Alfa, eles eram obrigados a lidar com o caos e a falta de comida. Uma das poucas ajudas que recebiam era a feira de terça, na qual navios alugados por comerciantes da cidade vizinha de Niterói atracavam no porto para vender alimentos a preços abaixo do mercado e dentro da realidade da pobreza local.

Miguel sabia, entretanto, que a bondade não era tão simples. Geralmente, tudo que recebiam eram restos das feiras, uma maneira bem lucrativa de se livrar das sobras indesejadas cujo destino certo era o lixo. Mesmo assim, ainda era melhor do que quase tudo que os moradores dos Escombros podiam comprar e, toda terça-feira, uma multidão de rostos famintos se arrastava silenciosamente em direção ao cais do porto.

Depois de quase quinze minutos esperando e mais uma lata de cerveja, Nicolas finalmente chegou. Negro franzino de sorriso contagiante e lábia afiada, foi ele quem avistou Miguel primeiro e o cumprimentou com a falta de pudores característica de quem tem mais álcool correndo nas veias do que sangue propriamente dito.

– O que o meu sócio me traz hoje? – perguntou, logo depois de abraçá-lo. Por tudo que ele havia bebido, concluiu que o colega não estava trabalhando naquele dia.

– Porra nenhuma, Nicolas. Revirei tudo e não achei quase nada. Acho que está começando a ficar escasso.

Filho de um médico, Nicolas aprendeu o ofício do pai de maneira rudimentar e sem a preparação necessária. Seu progenitor morreu no dia do seu aniversário de 14 anos, quando ele já dominava algumas técnicas, mas estava longe de ter adquirido conhecimento para trabalhar nos hospitais da região. Rodeado de livros, aprendeu o resto sozinho, mas não quis viver na luta diária e quase beneficente dos médicos que atuavam nos Escombros. Ele queria dinheiro.

Aficionado por tecnologia, aprendeu técnicas de implante de próteses, algo que ninguém na região ousava fazer. Só esbarrou num problema crônico: a falta de material disponível para atender toda a demanda. Encomendar uma perna ou mão mecânica da Rio Alfa custaria uma fortuna e inviabilizaria o seu negócio. Foi aí que Miguel entrou na jogada.

Nas suas constantes idas ao centro abandonado, encontrou próteses da década de 2020 nos corpos dos soldados em decomposição e nos hospitais em ruínas. Com essas peças rudimentares em mãos, Nicolas aprendeu não só a instalá-las, mas a replicá-las até certo ponto e produzir suas próprias cópias. Pegar esses restos de tecnologia rendia um lucro razoável para que Miguel vivesse sem grandes preocupações enquanto ainda conseguisse material. Já o amigo, que fazia o serviço especializado, tinha juntado um bom dinheiro e começava a ganhar renome.

– Miguel, nem me fale isso. Eu preciso das suas peças pra tocar o meu negócio. Se elas estiverem acabando, vamos precisar tirá-las de outro lugar – avaliou Nicolas, o único que sabia das incursões de Miguel no centro.

– Mas a maior parte do material você já está conseguindo refazer por conta própria, não? Daqui a pouco você não vai precisar mais de mim.

– É verdade. Mas eu queria mais implantes neurais de qualidade, coisa que faça a mão mecânica se mover de acordo com a vontade do paciente, saca? É bem avançada pro que eu tenho em mãos, mas quero aprender a fazer isso.

– Nicolas acendeu um cigarro e sentou no meio-fio, ao lado de Miguel. – Já encomendei com um contrabandista um manual técnico vindo das Luzes e umas peças iniciais, mas meu dinheiro não me arruma muito além disso. Preciso que você ache um bom equipamento no centro pra começar essa empreitada.

Luzes era o nome que os moradores dos Escombros usavam com mais frequência para se referir à Rio Alfa. Daquela região, poucas pessoas tinham autorização para frequentar o lado rico. Empregadas domésticas, motoristas de caminhões de transporte, alguns poucos trabalhadores braçais. Tudo era

feito sob constante vigilância, mas alguns ousavam usar os serviços para trabalhar com o contrabando de produtos que só podiam ser encontrados lá.

– Vou ver pra você, mas acho difícil. Agora, por que você sentou? Vamos logo ou só vai sobrar o resto do resto pra gente comprar na feira.

– Estamos esperando alguém.

Nicolas sorriu e Miguel não conseguiu esconder a irritação. Já sabia de quem o amigo estava falando.

– Porra, cara. Você não chamou a Nina pra vir também, ou chamou?

– Calma, Miguel. Ela estava sem companhia e com medo de voltar sozinha pra casa. Ela que se convidou pra vir conosco.

– E você aceitou, claro. Não é você quem vai voltar com ela pra casa. E ela também não é *sua* ex-namorada.

Miguel e Nina, além de ex-namorados, também se conheciam há muito tempo. Cresceram no mesmo bairro, tinham os mesmos 19 anos de idade, estudaram na mesma escola e sempre foram como unha e carne. A amizade de infância se transformou em namoro quando tinham treze anos. Graças a algum desentendimento que o tempo acabou apagando da memória de ambos, tiveram uma discussão agressiva típica de dois adolescentes e, no meio da guerra de egos, descobriram o quanto gostavam um do outro. Pouco depois, já eram o casal que todos sempre imaginavam.

Ele era inteligente, mas tímido e praticamente sem espírito ou autoconfiança. Ela compensava esses defeitos com o seu senso de praticidade e temperamento forte. Durante a maior parte do tempo, formaram um casal feliz, até que Nina trocou as efêmeras preocupações da vida adolescente por um pacote composto de depressão, heroína e revolta com os Escombros.

– Sabia que ela não ia demorar. Olha lá – apontou Nicolas. Nina estava no meio da multidão e parecia ainda mais debilitada desde a última vez que Miguel pusera os olhos nela. Antes dona de um corpo relativamente bem distribuído e rosto jovial, sua ex-namorada estava bem mais magra, com

olheiras profundas e curtos cabelos negros que contrastavam cada vez mais com a brancura excessiva da pele.

Começaram a avançar para chamá-la, mas foi a própria menina quem os percebeu. Sem saber bem como agir, Miguel não a abraçou. Apenas fez um sinal com a cabeça e forçou um sorriso. Ela era bem melhor no quesito fingimento e fez pouco caso do reencontro.

– Se eu demorasse mais, aposto que vocês iam me deixar pra trás. Perdi a hora em casa e estava sem carona – se justificou. – Acho que somos só nós, não? Vamos indo?

Nicolas abria caminho na multidão com Nina ao seu lado, mas Miguel se deixou distanciar um pouco dos dois. Seus amigos conversavam, mas sua falta de motivação era clara e a razão estava bem à sua frente. O vício deixava sua ex-namorada em condições deploráveis e ele sabia que o anseio dela de trocar os Escombros pelas Luzes era praticamente impossível de se concretizar. Talvez até por também saber disso, ela mergulhava na anestesia das drogas e, aos poucos, seu corpo minguava.

Não era mais apenas o amor que ligava Miguel a ela, mas também a compaixão. Tinha pena do seu estado, mas não via forma de tirá-la daquilo. Fora justamente ela quem terminara o namoro. O motivo? Sua insistência para que ela largasse as drogas.

Miguel, Nicolas e Nina acharam o que estavam procurando: um ônibus-loja que desembarcava do navio e trazia frutas, legumes e verduras em melhores condições do que a maioria dos feirantes. Mesmo dentro daquela sociedade já miserável, havia certa hierarquia de quem era menos pobre. Miguel, Nicolas e Nina eram dos poucos que tinham dinheiro para comprar no ônibus. Nas outras vendas, as pessoas se abarrotavam em troca de frutas podres e disputavam seus alimentos com moscas.

Os dois rapazes pegaram logo o que precisavam e saíram na frente enquanto Nina se deteve no ônibus. Eles observavam-na do lado de fora quando Nicolas assumiu o erro de tê-la deixado vir.

– Não sabia o estado no qual ela estava, cara. Desculpa.

– Eu também não tinha noção de que ela já tinha perdido tanto peso – lamentou Miguel, com quem Nina trocava olhares evasivos do lado de dentro do ônibus. – Mas não sei o que fazer. Ela quer que sejamos amigos. Só que eu não consigo assistir a isso sem falar nada.

– Achava que você ia dar jeito nela. Não que esse estado da Nina seja culpa sua. Mas pensei que o namoro e o convívio fossem tirá-la disso.

Depois das compras, os três conversaram sobre amenidades até Nicolas se despedir e seguir seu próprio rumo. A sós pela primeira vez em vários meses após o fim do namoro, Nina e Miguel caminhavam de volta para um bairro mais distante, que antes da guerra era chamado de Andaraí.

Em mais de uma hora de caminhada, usaram os trajetos mais seguros e bem iluminados para evitar encontros indesejados com ladrões. As ruas estavam movimentadas por conta da feira, o que deixava a volta mais segura. Surpreendentemente, os dois mantiveram uma conversa amistosa até que tocaram no assunto que sempre os incomodava.

– Nunca imaginei que a Elisa ia engravidar tão cedo – dizia a menina. – Ela tem a mesma idade que a gente, mas era muito quieta.

– Pelo menos ela não está com um cara irresponsável. O namorado dela trabalha como mecânico na mesma oficina que o meu pai. Ele parece ser bem trabalhador e não se envolve com as gangues – ponderou ele.

– Mas é um cara sem futuro, não é, Miguel? Sem pretensões, sem nada.

– Nina, e alguém aqui tem futuro? Dentro da realidade em que a gente vive, o cara com quem ela está andando é bem tranquilo, com a cabeça no lugar. E que ganha o dinheiro dele no fim do mês.

Depois de alguns segundos em silêncio, Nina deu um sorriso malicioso. O rosto dela era iluminado pela luz vacilante de um letreiro vermelho-neon da entrada de um motel desativado convertido num minimercado.

– Sempre quis ter um filho seu, sabia? – Miguel não sorriu, não queria dar falsas esperanças para a ex-namorada. Apenas se manteve sério. – Não que eu

seja uma dessas meninas cujo maior sonho é parir, mas eu acho que seria bonitinho ter um filho seu.

– Então você teria a chance de mostrar pra ele como é importante crescer na vida, custe o que custar, e manter nele o sonho de viver nas Luzes?

– É bem por aí – respondeu, quando já estavam na rua onde ela morava.
– Você ainda está encostado naquele negócio de catar peças para o Nicolas? Você sabe que isso não vai te levar muito longe.

– Ainda vai me render um dinheiro por uns meses, talvez anos. Até lá, penso no que vou fazer. Talvez ajudar meu pai na oficina mecânica, trabalhar como assistente nas fábricas das Luzes instaladas aqui. Não sei.

– É esse seu conformismo que me revolta às vezes.

Miguel teve vontade de sumir. Sabia que estavam entrando num ponto sensível e prestes a reviver uma velha discussão de casal.

– Imagina se você entrasse na jogada dos contrabandistas. Você é inteligente, bom de comunicação. Dava pra ir longe, juntar uma grana, até arrumar emprego fora daqui.

– Não quero ser um contrabandista, Nina. Não sonho em ir pras Luzes. Nem penso em ir pra lá. Quero juntar dinheiro pra viver bem, e acho que esse negócio de venda de próteses com o Nicolas pode me dar o suficiente pra ter algum conforto. – Ele se calou por algum tempo e olhou no fundo dos olhos esquivos dela. – Seríamos como animais lá, Nina, escravos. Além disso, estaríamos fazendo parte desse ciclo de dominação.

– Mas a vida é assim. Ou você domina, ou é dominado – ela disse, desviando do seu olhar e mirando o chão. Desconfiou que Nina estivesse tentando conter o choro, mas ela continuou a falar. – E você quer viver nessa miséria pra sempre? A gente vive no cu do mundo, Miguel. O que a gente vive não é nem perto do que os mais pobres dos mais pobres vivem lá.

– Sabe... – ele começou a responder. – Não consigo compactuar com isso, não conseguiria viver lá sabendo de todas as barbaridades que os oficiais deles fazem aqui. Não sou cristão o suficiente para me sentir feliz com a condição

de vítima, mas não conseguiria viver do lado opressor também. Sinceramente, não tenho a menor ideia do que fazer, sempre penso nisso e não encontro uma resposta – desabafou Miguel. – Queria que encontrássemos essa resposta juntos.

– Você vive fora da realidade – respondeu cabisbaixa. Ele fez questão de deixá-la na porta de casa, como fazia nos tempos de namoro. – Você vai amanhã na Praça da Bandeira? – Nina perguntou, enquanto se despedia.

A Praça da Bandeira era o limite dos Escombros. De um lado dela ficava o Túnel Rebouças, que dava acesso às Luzes, guardado por seguranças armados até os dentes. Do outro, ficava a muralha de escombros que bloqueava o acesso ao centro da cidade, a quimera atômica inabitável. Era nessa praça que as gangues de motoqueiros se enfrentavam, numa eterna luta por *status* que constituía o grande entretenimento daquela região.

As Luzes também se alimentavam daquele circo e os confrontos eram transmitidos em canais de internet alternativos cujas equipes chegavam aos Escombros escoltadas por exércitos privados de guarda-costas. De vez em quando alguém morria nos duelos, mas nada que tirasse dos motoqueiros o ímpeto de fazer dinheiro de maneira fácil e rápida com os próprios punhos.

– Não sei, não sou muito chegado nas brigas de gangues – ele respondeu.

– Nem eu, mas o Anderson vai lutar. A gangue dele está crescendo, parece que vai entrar na luta principal de amanhã – explicou.

Anderson era outro amigo de infância dos dois e o último membro de um trio que, na adolescência, nunca se separava. Ele e Miguel eram muito próximos, até por terem sido criados lado a lado. Não imaginava que a gangue do amigo tinha crescido tanto a ponto de estar na luta principal de um duelo de gangues, algo que já mostrava certo reconhecimento no meio. Só não soube definir se a novidade deveria deixá-lo feliz ou preocupado, já que as lutas maiores sempre eram as mais violentas.

– Faz um tempo que eu não falo com ele. Desde que ele foi morar perto da Praça da Bandeira, a gente não mantém tanto contato quanto antes – disse

Miguel, tentando explicar por que ignorava a novidade. – Mas, se é pra torcer por ele, eu vou sim. Amanhã vou pegar a minha moto de volta. Te pego em casa às seis.

Nina apertava com força a cintura de Miguel enquanto ele acelerava a moto pelos caminhos destruídos dos Escombros. Esquivando das crateras e quicando no asfalto irregular, ele procurava um lugar menos acidentado. Com o rosto apertado contra as costas do ex-namorado, ela passou a maior parte da viagem de olhos fechados. Detestava andar de moto.

Por mais que Miguel discordasse da fixação que ela tinha com a ideia de trocar os Escombros pelas Luzes a qualquer preço, não conseguia condená-la de todo o coração por conhecer a sua história.

Nina era filha de um casal benquisto na região e seus primeiros anos de vida foram tranquilos. Mesmo com todas as limitações impostas pela pobreza, vivia como uma verdadeira princesa dos Escombros num sobrado que mais parecia um castelo. Mas, quando tinha oito anos, o acaso começou a mostrar-lhe o outro lado da moeda. Numa briga de facções rivais do tráfico de drogas que se estendeu por diversos bairros, várias casas da rua em que morava foram saqueadas. Para proteger a esposa e a filha de um possível abuso, seu pai enfrentou os traficantes e foi morto a pauladas na frente das duas, deixadas incólumes pelos assassinos.

A tragédia chocou a família e todos que os conheciam. Incapaz de cuidar da filha, a mãe passou a viver à base de calmantes contrabandeados e manteve uma ideia fixa na cabeça: levar Nina para fora dos Escombros antes que fosse tarde demais, antes que toda a sua família fosse destroçada. O plano foi colocado em prática dois anos depois da morte do pai.

A mãe de Nina usou todas as economias da família para comprar uma passagem só de ida com um atravessador fajuto para as Luzes. Escondidas em caixas dentro de um caminhão que levava equipamentos de uma fábrica nos Escombros, foram descobertas num posto de vigilância e a mulher sequer teve tempo de implorar pela vida. Logo que descoberta, foi alvejada pelos

seguranças ainda dentro do caminhão. Nina só sobreviveu porque o atravessador implorou por sua vida, sensibilizando os guardas. Em troca do dinheiro que havia acabado de receber para fazer a travessia, foi liberado para voltar e deixou a menina, então com dez anos, sob os cuidados de parentes.

Revedo toda a tragédia, Miguel não conseguia sentir nada, exceto pena e uma vontade gigantesca de tirar a ex-namorada da situação na qual estava. Sem saber exatamente o que estava fazendo, mudou o caminho para a Praça da Bandeira e pegou uma rota alternativa subindo um morro pouco habitado da região. Já eram quase sete horas da noite quando parou a moto ao lado de uma amendoeira, velha conhecida deles.

Quando Nina finalmente abriu os olhos e percebeu onde estava, deu um suspiro de tristeza e não soube o que falar. O vento fraco fazia as folhas da amendoeira tocarem uma melodia que evocava os tempos em que fugiam para namorar ali, longe do alcance dos outros. A estrada de terra batida era pouco acessada e a densa vegetação os dava a privacidade necessária para, às vezes, até dormirem tardes inteiras sob a copa da árvore. Ingênuos, trocavam juras de amor que jamais cumpririam e conversavam sobre desejos que nunca se realizariam.

– A gente era mais inocente quando vinha aqui – limitou-se a dizer a menina.

Com as mãos nos bolsos, Miguel caminhou até a parte mais alta do morro e fitou a cadeia de montanhas que separava as Luzes dos Escombros. Além das rochas, via a razão pela qual a Rio Alfa ganhara aquele apelido. O precário fornecimento de luz da parte pobre fazia com que as luzes da parte rica refletissem nos céus como um gigantesco mar de neon nas nuvens, ofuscando até as estrelas. Mais do que o de costume, detestou a diferença brutal e a miséria na qual viviam, mas não era raiva de quem almeja se igualar aos ricos. A vontade que sentia era a de matar todos eles, mas não sem antes mostrar-lhes o quinhão de culpa que tinham pelo flagelo alheio.

– Me desculpa. Eu não queria trazer você aqui. Eu não sei o que deu em mim – se justificou, segurando as lágrimas. Ele subiu de novo na moto e esperou por Nina, que o observava com um semblante triste.

– Miguel, vai dar tudo certo pra nós, em algum momento – disse, com um sorriso que o assustou. Por um segundo, ela parecia a Nina de antes, a Nina que ele aprendeu a gostar. – Eu também não sei o que fazer, mas a vida acerta as coisas.

Ele balançou a cabeça e deixou escapar um sorriso quase provocativo em resposta. Não gostava daquela atitude leniente da ex-namorada com a própria vida. Afogada em drogas e num cotidiano caótico, ela estava mais longe de realizar seus sonhos do que em qualquer momento da sua existência.

– A vida não acerta nada, Nina. É a gente que aprende a lidar com a decepção.

Eu sou a mudança

Nos dias de batalhas entre gangues, a Praça da Bandeira ganhava ares de coliseu. Os organizadores improvisavam pequenas arquibancadas de ferro no entorno do circuito e a passarela que cruzava as pistas se transformava num verdadeiro camarote. Caixas de som e holofotes eram instalados em toda a praça, que recebia pequenos shows de rock antes das lutas começarem.

Miguel teve que deixar a moto a alguns quarteirões de onde as lutas aconteciam e seguiu o resto do caminho junto de Nina a pé. Os dois sabiam que a única maneira de encontrar Anderson no meio de todo aquele caos era na garagem dos Engenheiros, gangue da qual fazia parte há alguns anos e que passara a liderar alguns meses atrás.

A partir do momento em que um motoqueiro começava a fazer parte da elite das corridas, a mudança para os arredores da Praça da Bandeira era inevitável. O lugar fedia ao clima das gangues durante todo o ano. Os melhores mecânicos, as batalhas, os contratantes. Tudo acontecia ali.

O verdadeiro lucro dos motoqueiros vinha desses contratos. Toda gangue que venciam o duelo principal, realizado uma vez por mês, se tornava a mais requisitada por quem buscava “auxílios especiais” de mercenários dos Escombros. Geralmente, serviços de segurança, escolta de pessoas importantes, investigação de distúrbios ou até ataques às instalações de alguma empresa rival. Os contratantes eram empresários das Luzes interessados em cortar custos e, em vez de procurarem as caras firmas de segurança com seus exércitos privados, requisitavam a ajuda barata dos

motoqueiros. Era uma maneira fácil e rápida de ganhar dinheiro, mas quase sempre perigosa. Vez ou outra se escutava a notícia de motoqueiros mortos em alguma missão mais perigosa, mas nada que abalasse a popularidade daquele “esporte”.

A garagem dos Engenheiros ficava numa das ruas que dava acesso à Praça da Bandeira, ao lado de um velho motel caindo aos pedaços. Era um cubículo de teto baixo, cheio de ferramentas e peças de moto espalhadas por toda a parte. Quando Nina e Miguel chegaram, Nicolas estava na porta conversando com Anderson sobre a luta da noite. As motos da gangue estavam cobertas no fundo da garagem por um toldo azul imundo de graxa.

– Dessa vez, nós realmente temos uma chance de vencer – dizia Anderson ao negro. O velho amigo de Miguel era um monstro inofensivo, pelo menos para os seus companheiros. Com quase dois metros de altura, ombros largos e olhar manso, ele entrou na vida de motoqueiro por ser excelente naquilo que menos fazia: brigar. Os olhos eram tão negros quanto o cabelo e, não fosse a barba por fazer, teria rosto de menino. Iniciado no krav maga e no kung fu por um soldado aposentado, ganhou logo o respeito das outras gangues.

Enquanto o cumprimentavam, o som de uma colisão na arena e os gritos da plateia os surpreenderam. Nina ficou na ponta dos pés e tentou ver do que se tratava, mas a multidão a impedia.

– Você tem certeza de que vai competir nisso aí? – ela perguntou, assustada.

– Nas lutas preliminares, esses motoqueiros novos sempre se dão mal, Nina. Hoje a gente está bem. Muito bem, diga-se de passagem – tranquilizou-a.

Sem mais palavras, Anderson foi até as motos e puxou o toldo, mostrando a todos onde queria chegar. Miguel não acreditou quando viu as quatro Kawasakis DX enfileiradas. Sabia que o amigo era tão pobre quanto

eles, mas aquelas máquinas eram fora da realidade para os Escombros. Eram tão boas quanto as dos Caçadores, a gangue mais bem-sucedida das batalhas.

– Eu posso perguntar de onde você tirou dinheiro para conseguir tudo isso ou a resposta é muito cabeluda? – brincou Nicolas, que se ajoelhou ao lado das motos para vê-las de perto.

As quatro motocicletas dos Engenheiros eram amarelas com traços vermelhos, versões customizadas de um modelo da década de 2030. A de Anderson era a mais surpreendente, equipada com um assento modificável que permitia ao piloto escolher se ficaria sentado, da maneira convencional, ou quase deitado, reduzindo o atrito com o ar.

– A gente destruiu na última luta de gangues. Rendeu fama e bastante investimento de contratantes. Eles até arrumaram umas motos usadas pra gente. Pra eles, isso é troco. Resumindo bem, a história é essa.

– Mas vocês não ganharam uma luta principal ainda, senão com certeza nós teríamos ouvido falar – disse Miguel, também admirado com o equipamento.

– Não, mas chegamos perto. Na luta do mês passado, enfrentamos os Caçadores logo nas semifinais e perdemos. Eles, como sempre, foram os campeões. Nós demos muito trabalho, fizemos os caras realmente suar. Todo mundo disse que foi a melhor luta da noite e obviamente nos saímos bem melhor que as outras gangues. E isso nos rendeu bons contratos de lá pra cá.

– Bem, então tente fazer bem seu serviço e force a amputação de um braço ou uma perna dos seus adversários hoje. Vai render um bom dinheiro pra mim e mais trabalho pro Miguel – observou Nicolas, puxando Nina pelo braço para assistirem ao desenrolar de uma das lutas preliminares que, pelo som, pareciam bem caóticas. – E, se você perder alguma coisa lá, sabe com quem falar. Eu faço um preço especial.

Eles riram e, sozinho com Miguel, Anderson foi até um baú no canto da garagem para escolher suas armas. Era proibido, pelas regras do evento, usar armas de fogo ou lâminas nos duelos para minimizar as chances de mortes,

então os motoqueiros apelavam para bastões de baseball, hockey, correntes e até espadas de madeira, no caso dos mais alternativos. Enfiado numa grossa jaqueta de couro vermelha e protegido pela muralha de frieza do seu rosto, Anderson tentava esconder algo que Miguel não teve dificuldade em descobrir. Ele não estava tão calmo como de costume.

– Não vai ser tão fácil quanto você faz parecer quando fala, não é?

– Nem um pouco, cara.

Miguel o conhecia o suficiente para saber quando estava confiante para uma briga ou só fingindo coragem. Anderson tinha algo que faltava aos motoqueiros: a tranquilidade de um monge nas lutas. Ao contrário dos outros mercenários que brigavam na Praça da Bandeira, ele não tinha que beber ou se drogar. Mesmo nos momentos de perigo extremo, não se irritava ou ficava nervoso. Sua atitude era a de um bom motor em funcionamento contínuo, sem superaquecer ou esfriar. Mas, naquela noite, havia algo que o perturbava.

– Você não é de ficar assim. Qual é a merda da vez?

– A merda se chama Angra – ele começou. – Ninguém conhece ela, ninguém sabe nem de onde ela veio. Ela lidera uma gangue recém-formada e tem tocado o terror nas ruas, desafiando alguns dos grupos mais poderosos e acabando com eles. – O motoqueiro falava tudo aquilo com um semblante sério e cabisbaixo, sem se preocupar em esconder a preocupação, já que não havia mais ninguém por perto.

– As motos dela são de última geração, bem acima das nossas ou dos Caçadores. Ela tem um trio de filhos da puta bem cascudos na gangue. Dois gordos enormes que usam respiradores artificiais e parecem gêmeos mais um magrelo muito alto que tem cara de maluco e cabelo longo. Mas o pior não é isso – continuava.

“Todas as pessoas que enfrentaram Angra dizem que ela tem “poderes”, que é uma bruxa. Ela é muito habilidosa, tanto na moto quanto a pé, mas não é lá muito forte. Mas as coisas que ela faz... ninguém consegue explicar direito

– disse, quando olhou pela primeira vez para Miguel. Naquele momento, não havia a máscara de falsa coragem, e sim apreensão”.

– Que tipo de coisa?

– O tanque de gasolina de um conhecido meu que enfrentou ela arrebentou do nada. Por causa disso, a moto acabou pegando fogo. Na luta com outra gangue, que é quase tão forte quanto nós ou os Caçadores, dizem que chegaram a derrubá-la da moto, achavam até que tinham vencido. Mas ela fez o cara voar sem tocá-lo.

– Porra, Anderson. Você sabe como esses boatos são. As pessoas falam, todo mundo começa a acreditar e acaba se tornando verdade – minimizou Miguel, notando que a expressão do amigo não mudava. – E ela vai lutar hoje?

– Sim. O nome da gangue dela é Éden.

Anderson terminou de vestir seu equipamento e Miguel se perdeu em memórias, tentando lembrar dos anos mais antigos de sua infância. O motoqueiro sorriu ao ver seu colega mirando o nada. Já sabia no que estava pensando.

– Psíquico – sussurrou Miguel, como se estivesse o tempo todo tentando se lembrar daquela palavra.

– Então você lembra, não é? Você se lembra do William?

– Claro que eu lembro. Será que ela é...

– Não sei. Só sei que, se eu tiver uma oportunidade, vou acabar com ela hoje. Se a gente se der mal nesse duelo, dou adeus a essas motos. São emprestadas por um contratante e só ficam se a gente mandar bem de novo – disse Anderson, enquanto verificava os sistemas das motocicletas. – É melhor você ir se encontrar logo com o Nicolas e com a Nina, senão vai se perder deles.

Continuou ali parado, olhando para o amigo como se fosse a última vez que fossem se ver.

– Você não precisa fazer isso, cara. Não precisa ir lá.

– Relaxa. Do chão eu não passo. Além disso, você vai sempre estar lá pra me levar pro hospital, não é?

Os outros integrantes dos Engenheiros chegaram à oficina e Miguel achou melhor encerrar a conversa. Eles também pareciam apreensivos, mas não desejava contaminá-los com o pavor que se apossava dele. Cumprimentou os que conhecia, despediu-se de Anderson e correu para encontrar Nicolas e Nina.

Os dois não estavam muito longe e tinham subido num carro destruído para assistir ao desfecho da batalha preliminar. Miguel não gostava muito da proximidade dos dois. Sempre teve a certeza de que seu sócio estava de olho na sua ex-namorada, mesmo nos tempos em que ainda estavam juntos. O negro nunca fizera qualquer investida, mas, agora que estavam separados, não conseguia afastar o incômodo que o ciúme lhe causava.

– Miguel, as lutas principais vão começar daqui a pouco. Será que a gente consegue arrumar um lugar lá em cima? – perguntou Nina, apontando para a passarela que cortava a praça. Os dois desceram do carro e, juntos, abriram caminho para alcançar a escadaria.

Instintivamente, Nina segurou a sua mão enquanto tentavam atravessar o mar de pessoas. Aquela atitude talvez tivesse despertado algo em Miguel se ele não estivesse aterrorizado com Anderson. Os dois começaram a falar sobre amputações, novas motos e coisas triviais, mas Miguel já não estava mais ali. Viajava ao passado numa tentativa de entender melhor o presente.

Apesar de todo o esforço, não conseguia lembrar sua idade na época. A única certeza era a de que ainda não tinha seis anos completos. Achava difícil lembrar-se de alguma coisa dos tempos em que ainda tinha quatro. Optou pelos cinco, apesar das dúvidas que o cercavam.

Era um final de semana, ou um feriado. Pensava assim porque seu pai estava em casa, e ele sempre trabalhava o dia todo na oficina mecânica durante a semana. Na pequena rua onde morava, o dia era muito seguro. Os pais

normalmente ficavam na janela das casas tomando conta dos filhos, que brincavam na rua com os colegas.

As memórias da infância, em sua maioria, eram tenras. Vizinhos, Anderson e Miguel já eram amigos. Eles participavam da brincadeira que era a favorita deles, o pique-esconde. Mesmo com o passar dos anos, a lembrança de se esconder no porta-malas de carros abandonados e nos quintais de casas vizinhas ainda permanecia bem viva. Naquela tarde, se escondia em cima de uma árvore quando viu seu melhor amigo sair de uma casa do outro lado da rua com ar de assustado. Era ele quem estava procurando, mas ignorou a brincadeira e gritou bem alto.

– Não vou mais procurar ninguém!

O dom de esconder o medo era algo que Anderson cultivava desde criança. Repentinamente, ele não estava mais assustado, e sim exibindo um rosto despreocupado. Enraivecido, um menino saiu de seu esconderijo e brigou com ele.

– Você sempre faz isso! É sua vez de procurar! – esbravejou. Anderson não pensou duas vezes e empurrou o garoto, derrubando-o de costas no chão.

– Agora você vai procurar! – gritou.

Sequer houve resposta. Era subentendido para os meninos da rua que eles tinham poucas chances de encarar Anderson, por isso lhes restava apenas obedecer a seus desígnios. Fora o típico valentão até os dez anos de idade, pelo que Miguel lembrava. Só depois adotou o estilo mais tranquilo. Apesar de ter perdido a fome de causar brigas com o tempo, a habilidade de sair delas com vitória se manteve a mesma.

Todos saíram de seus esconderijos para ver o que estava acontecendo e, pouco depois, a brincadeira já tinha recomeçado. Miguel pensava em se esconder na mesma árvore de antes quando Anderson lhe deu um puxão forte no braço.

– Miguelito, você tem que ver isso! – disse. O amigo foi correndo na frente e o guiou até uma casa de cômodos caindo aos pedaços. Ao passar por

um corredor com várias portas, lembrou que William, um dos garotos que brincava de pique-esconde, morava lá. E era justamente para o cômodo dele que Anderson o estava levando.

A família de William se encaixava na categoria dos mais pobres entre os mais pobres dos Escombros. Sua mãe vendia doces na rua, mas seu pai não trabalhava. Veterano da guerra civil carioca, era aleijado das pernas e perdera um braço em combate. O homem pouco saía de casa, mas, quando o fazia, era para frequentar uma igreja evangélica da vizinhança. Naquela tarde, tinha ido ao culto e deixado o filho brincando enquanto a mãe trabalhava.

Miguel e Anderson entraram na casa com a falta de cerimônia característica da infância. O chão da sala, que também era o quarto do garoto, estava imundo e os móveis apodrecidos que sua mãe ganhava de favor entulhavam o pequeno cômodo. No teto, um ventilador velho dava voltas tão lentas que mais parecia fazer parte da decoração lúgubre do que cumprir seu papel original.

– Você não vai continuar brincando não? Está sumido desde o começo do pique-esconde – indagou Miguel.

William era muito negro, pequeno e franzino. Ele tinha o cabelo raspado, dentes brancos e enormes. Dentre os garotos da rua, sempre fora o mais ingênuo e quieto. Suas roupas eram largas e velhas, mas sempre impecavelmente limpas.

– Vocês querem que eu volte? – perguntou, se levantando do chão. Vários bonecos quebrados e carros de brinquedo estavam ao seu redor.

– Não! – exclamou Anderson, em tom autoritário. – Mostra para o Miguel o que você acabou de me mostrar.

– Anderson, você falou que não ia contar pra ninguém – reclamou o garoto.

– William, o Miguel não vai contar pra ninguém, ele é o meu melhor amigo. Mostra pra ele o que você consegue fazer.

Ele sentou-se novamente no chão e tensionou o rosto, se concentrando. Miguel não entendia o que estava acontecendo, mas preferiu ficar em silêncio. Quando menos esperava, viu que um dos brinquedos de William flutuava ao seu redor. Boquiaberto, percebeu que não apenas um, mas todos os carrinhos e bonecos estavam no ar, girando em torno deles em sentidos diferentes.

Assustado, ele ia correr em direção à porta quando Anderson o segurou e tentou tranquilizá-lo.

– Não fica com medo. Quem tá fazendo isso é o William – disse o colega.

Foi então que Miguel começou a se sentir mais leve e seus pés lentamente se desprenderam do chão. Ao seu lado, Anderson sorria com os olhos arregalados de apreensão enquanto também flutuava.

– O William é mágico! Ele disse que vai ser um super-herói, não é? – berrou Anderson.

Mas, antes que pudesse ouvir uma resposta, o som de um objeto metálico caindo os assustou. Menos de um segundo depois, todos foram ao chão. Desprevenido, Miguel não conseguiu se equilibrar e deu de cabeça na tábua corrida. Os brinquedos caíam ao seu redor e ele se levantava pensando em xingar William, mas se deteve ao ver o terror nos olhos dele.

Miguel virou-se para onde o amigo olhava, dando de cara com a mãe dele, Dona Márcia. Aos seus pés, estava a bandeja de doces que ela levava para vender na rua, as chaves de casa e uma pequena bolsa preta de pano. No seu rosto negro e de traços formosos só havia pavor.

– Aleluia, meu filho é um milagre! – balbuciava a mulher. Ela despencou sonoramente e ficou de joelhos, as mãos contra a boca e as lágrimas vertendo descontroladamente. – Aleluia, meu Deus do céu.

Algumas semanas depois daquilo, Miguel e Anderson ouviriam pela primeira vez o termo “psíquico”.

• • •

Logo após o fim da batalha entre gangues de menor porte, um grupo de motoqueiros repetiu o ritual que antecedia a segunda parte da luta. Cinco montes de pneus queimados eram espalhados pela Praça da Bandeira, cada um em um ponto cardeal e mais um último no centro. Cair para além daqueles pontos não significava a derrota, o motoqueiro poderia voltar normalmente para a batalha. Entretanto, se alguém ultrapassasse aqueles limites deliberadamente para tentar escapar de um adversário, era eliminado da disputa.

Anderson estava colocando fogo num dos pneus, junto de seus colegas. Ele viu outros rostos familiares entre as gangues que participavam do rito, mas foi Nina quem avistou Angra pela primeira vez.

– Peraí, aquilo é uma mulher? – disparou a menina. A motoqueira estava incendiando o monte de pneus mais próximo deles, logo abaixo da passarela. – Não é possível, uma mulher não tem a menor chance aqui – continuou. Miguel preferiu ficar calado.

Angra era dona de um olhar frio, mas nada mais em sua aparência dava conta da ferocidade da qual Anderson falara. Era uma mulher branca, de estatura média, rosto inexpressivo e cabelos negros levemente encaracolados soltos ao vento. Vestia uma espécie de roupa militar, uma peça única negra colada no corpo bem-feito.

Os companheiros de gangue dela eram exatamente como seu amigo descrevera. Havia dois gordos muito fortes que mais pareciam gêmeos e não saíam de perto dela nem por um segundo. Ambos eram carecas e usavam respiradores artificiais que cobriam boa parte dos seus rostos anormalmente brancos, quase albinos, e cheios de cicatrizes. O último membro era um homem alto e magro, com uma cara fantasmagoricamente esquelética. Seus olhos eram esbugalhados, o cabelo castanho e gorduroso lhe batia um pouco abaixo dos ombros.

– Vocês já viram esses caras por aqui? – indagou Miguel. Nicolas e Nina negaram, mas também não tiravam os olhos do quarteto. E eles não eram os

únicos, todos ali só prestavam atenção na nova gangue, na “Éden”.

– Eles não são daqui de jeito nenhum! – garantiu Nicolas. O negro puxou um binóculo do bolso e ficou observando-os por alguns segundos, visivelmente preocupado. – As motos deles são absurdas, isso é coisa do nível das Luzes. Isso vai dar merda.

Todas as atenções se voltaram para os letreiros luminosos espalhados pela praça. Eles começaram a exibir a lista de confrontos da noite e o primeiro deixou todos surpresos: Éden contra Caçadores, atuais campeões das gangues de motoqueiros. Na outra semifinal, os Engenheiros de Anderson enfrentariam a Peste Negra, apontada como a grande zebra da disputa.

Um homem de idade com um chapéu de cangaceiro, um megafone pendurado no pescoço e uma pistola que mais parecia um canhão portátil na mão direita caminhou até a pilha de pneus que ficava no centro da arena, olhou uma última vez para um papel que carregava e deu um tiro para o alto antes de anunciar o começo da primeira batalha.

– Hoje, o primeiro confronto da noite contará com a presença dos Caçadores! Vamos dar as boas-vindas aos nossos atuais campeões! – berrou o cangaceiro, no megafone. A plateia respondeu com gritos entusiasmados, mas os motoqueiros entraram na arena sem a empolgação costumeira. Talvez fosse só impressão de Miguel, mas um clima pesado pairava no ar. – E agora, os estreantes da noite, a gangue que vem fazendo sucesso nos circuitos alternativos nas últimas semanas. Deem as boas-vindas à Éden!

Sem alarde, o novo grupo se posicionou perto dos Caçadores e não recebeu gritos do público, apenas olhares deslumbrados por causa das motos fora do comum que traziam. Elas sequer tinham marcas de montadoras e pareciam terem sido feitas especialmente para os corredores. Tão impressionado quanto a plateia, o apresentador cortou o silêncio pedindo aos participantes que se preparassem.

A lógica dos combates era simples. Não havia qualquer regra, exceto a proibição de fugir da arena circular demarcada pelos pneus em chamas. No

centro dela, o mastro exibia a bandeira dos Caçadores, um pedaço de pano preto com o desenho estilizado de um esqueleto sobre uma moto. O único costume que eles mantinham era o de alinhar as gangues lado a lado no começo de cada batalha, cada grupo largando para uma direção diferente. Assim, eles se encontrariam frente a frente ainda na primeira volta, dando início ao combate. Nicolas continuou a observar os últimos preparativos pelos binóculos dando pitacos a respeito do confronto com a precisão de quem era um antigo fã das lutas.

– Se essa Éden fizer jus às motos, acho que o Anderson terá pouco trabalho. Lutando contra os Caçadores, eles vão é acabar matando uns aos outros.

– Tomara – concordou Miguel. – Eu não entendo muito de motos de última geração, mas elas são tão superiores assim?

– São mais estáveis, mais fáceis de controlar, mais rápidas. São melhores em todos os quesitos. Elas não têm marca, mas dá pra notar que são modelos pós-2045, coisa que muito raramente a gente vê aqui. Porra, meu sonho era andar numa dessas.

O apresentador deu um tiro para o alto e calou a plateia por uma fração de segundo, antes que os gritos da torcida tomassem conta da Praça da Bandeira. Os Caçadores aceleraram em formação completa enquanto um dos integrantes da Éden surpreendeu e não largou. O magrelo com rosto ossudo ficou parado, esperou seus aliados avançarem e partiu logo depois.

Apesar de estarem em maior número no primeiro choque, os quatro integrantes dos Caçadores sofreram uma baixa para a Éden. Um dos gordos recebeu uma pancada forte com uma barra de ferro no rosto, mas ignorou completamente a dor e puxou a mão do seu agressor, arrastando-o no chão.

O público foi à loucura ao ver um dos Caçadores sendo humilhado logo no primeiro encontro. A aberração o arrastou ainda por uns bons 50 metros e o asfalto irregular ajudou a feri-lo. Angra, em quem todos concentravam as

atenções, nada fez, exceto aparar com facilidade o ataque do líder da gangue adversária.

A surpresa viria logo depois. O magrelo que ficou para trás encarou sozinho os três adversários em formação e, com uma manobra exímia, esquivou-se dos ataques. Com um taco de hockey na mão direita, ele foi impietosamente na direção do inimigo que ainda se levantava após ser arrastado por um dos gordos.

De costas e ainda um pouco desorientado, o Caçador sequer teve tempo para ver o que aconteceu. Todo o público prendeu a respiração quando o integrante da Éden desferiu um golpe certo na nuca do adversário com o taco, arrebentando seu crânio e espalhando sangue pela pista. A crueldade, incomum até para as batalhas de gangue, calou toda a Praça da Bandeira, que escutou um solitário grito de revolta.

– Filho da puta! – berrou Juan, líder dos Caçadores e estrela máxima dos duelos. Era um homem quase na casa dos quarenta anos, de cabelos e barba loiros. Dos adversários, recebera o apelido de “Monstro Nórdico”, apesar de ser tão brasileiro quanto qualquer um deles.

– Desce lá agora! – implorou Nina, enquanto o ronco dos motores se tornava ainda mais feroz. – O Anderson não pode entrar na luta contra esses caras, ele vai ser massacrado! Só você consegue convencer ele das coisas, por favor...

Antes que ela pudesse terminar, um estrondo seguido de um tremor calou-a. A moto de Juan tinha se chocado com um dos pilares da passarela, e agora o líder dos Caçadores estava estirado no chão, morto ou inconsciente. Seus outros dois companheiros estavam sozinhos contra os quatro integrantes da Éden.

Miguel não pensou duas vezes e desceu para alcançar Anderson, que aguardava o fim do combate um pouco além do limite de uma das pilhas de pneus em chamas. Antes de alcançá-lo, a batalha já tinha terminado com uma vitória fácil da gangue de Angra. Um grupo de pessoas removia as motos dos

Caçadores enquanto colegas ajudavam Juan e os outros feridos a deixarem a arena. Para retirar o corpo do motoqueiro morto, os organizadores tiveram que abrir caminho em meio aos curiosos, insistentes em ver a cena de perto.

Angra e seus comandados não ouviram os costumeiros aplausos e gritos quando deixaram a arena. A violência era exaltada naquelas batalhas, mas sempre tentava-se evitar as mortes. Naquela noite, entretanto, tudo tinha sido planejado. Ficou óbvio para qualquer um acostumado às lutas que a Éden poderia ter acabado com os adversários sem problemas e muito rapidamente, mas a crueldade falou mais alto.

Quando Miguel alcançou Anderson, quem começou a falar foi o próprio motoqueiro.

– Os gordos gêmeos eu ainda não conheço. O magrelo que matou o Marcelo se chama Black. Nenhum deles parece ser dos Escombros. E não, eu não vou desistir – falou, sem cerimônia.

– Para quê, Anderson? Você viu o que aconteceu com aquele cara? Isso é babaquice. Você não precisa morrer por isso – insistiu Miguel. A expressão de medo era evidente no rosto dos outros Engenheiros. Não seria surpresa alguma se eles desistissem da batalha e deixassem seu líder sozinho.

– A gente não pode pular fora, Miguel. Essas motos são alugadas, dependem do nosso desempenho. E eu quero ver o que ela pode fazer. Quero saber se ela é igual ao William – disse o motoqueiro, pronunciando a última frase de modo que apenas seu colega pudesse escutar.

– Eu não vi o resto da batalha. Ela não fez nada de especial?

– Não. É muito habilidosa, tem um pouco de força também. Foi ela quem tirou o Juan da batalha e nem se esforçou para isso – observou.

– Vocês não têm como ganhar, não podem fazer nada com eles. Você sabe disso, não sabe?

– Miguel, os Engenheiros não vão desistir.

A frase foi como um soco no estômago, mas outra má notícia ainda estava por vir. Um dos membros da Peste Negra, que enfrentaria o grupo de

Anderson na outra semifinal, foi até o centro da arena se reunir com os organizadores. Conversaram por um tempo, até que o homem vestido de cangaceiro pegou o megafone para um novo anúncio.

– Senhoras e senhores, a Peste acabou de desistir. Com a saída da gangue, que alegou problemas técnicos, o próximo duelo será a finalíssima entre os Engenheiros e a Éden.

Marcos, um dos companheiros de Anderson, foi até o líder da gangue e fez um último apelo.

– Anderson, isso não dá pra gente, cara. Nós vamos pular fora também, não vamos?

Perto dali, o líder da Peste descia da pilha central de pneus e se aproximava dos Engenheiros. Fred era alto, magro e com *dreadlocks* que desciam pelas costas quase até a cintura. Usava uma blusa branca rasgada, calça preta de couro com correntes enroladas na altura do joelho e um olhar de repreensão para Anderson.

– Você é doente! Está realmente querendo enfrentar esses caras e matar toda a sua gangue? É isso? – berrou o líder da Peste.

– Se você e seus homens pularam fora, Fred, a culpa não é minha. Os Engenheiros vão lutar contra a Éden.

– Será que você é o único cego aqui, Anderson? – respondeu Fred. – Porra, não vê essas motos? Não percebe que ninguém aqui conhece esses caras? – gritou, apontando para os membros da Éden. – Isso é coisa das Luzes, seu babaca. Eles estão aqui para matar a gente!

– Você é maluco, Fred? Eles não têm nada a ver com as Luzes, eles precisam de nós. Somos nós que fazemos os serviços deles aqui.

– Talvez eles tenham finalmente decidido colocar profissionais em campo. Somos ratos, Anderson, não significamos porra nenhuma pra eles. Podemos até ajudá-los, mas somos descartáveis. Essa gangue não é normal. Deixa eles vencerem, depois a gente dá um jeito de acabar com ela – insistiu.

– Não preciso da ajuda de vocês pra acabar com uma mulher, dois gordos e um magrelo com cara de bunda – respondeu Anderson, dando-lhe as costas e subindo em sua moto. A contragosto, seus parceiros o acompanharam enquanto eram observados por um Fred furioso.

– Você vai fazer com que a morte do Marcelo tenha sido à toa, babaca – condenou o negro, em referência ao Caçador morto no duelo anterior. – Você está condenando sua gangue inteira a morrer nessa praça de merda!

Eles deram a partida em suas motos e entraram em formação para a batalha, esperando que os membros da Éden se posicionassem para o início. Não haveria tempo de voltar à passarela e Miguel decidiu que assistiria à luta dali mesmo, apesar do risco de ser atingido pelos destroços ou alguma moto desgovernada. Fred sentou-se no chão, bem próximo dele, e observou Angra e seus comparsas se preparando.

– O Anderson sempre foi assim, Miguel?

– Sempre, desde criança.

– Não sei como você aguenta aquele filho da puta há tanto tempo.

Nina ficou desesperada ao ver que Anderson se distanciava de Miguel e Fred em sua moto. Ela tentou correr, mas Nicolas segurou seu braço com força.

– Não adianta mais nada, agora é com ele.

O mesmo homem que tinha anunciado a desistência da Peste pelo megafone agora segurava o revólver e estava pronto para dar início a última batalha. Todos estavam apreensivos, mas havia uma rara tendência pró-Engenheiros tomando conta da torcida. Desde que tinham chegado ao topo, os Caçadores eram os favoritos dos espectadores dos duelos. Entretanto, a crueldade exacerbada da Éden despertou revolta no público, especialmente porque ninguém os conhecia.

Quando o tiro foi disparado, a batalha começou. Gritos de “Engenheiros” eram ensurdecadores, tanto na passarela quanto nas ruas e nos prédios abandonados lotados de espectadores. Black, o magrelo do bando de Angra,

repetiu a estratégia e deixou a sua gangue tomar a dianteira. Já Anderson e seus companheiros fizeram diferente. Eles começaram em marcha lenta enquanto o líder dos Engenheiros acelerou o máximo que pôde para cima dos adversários.

Ele ficou sozinho no primeiro choque contra os dois gordos e Angra, mas pulou da sua moto em movimento para passar incólume por eles e, a pé, correu na direção de Black sem arma alguma nas mãos.

Num movimento preciso, Anderson pulou na direção da moto de Black, pisou na roda dianteira dela para pegar novo impulso e acertou um chute em cheio no rosto do motoqueiro. Black caiu para trás enquanto sua moto desgovernada acertava uma das arquibancadas, assustando os espectadores.

– E agora, seu filho da puta? Você vai me matar como? – berrou o líder dos Engenheiros. Black ainda tentava se levantar quando ele pisou em seu cotovelo e puxou sua mão, quebrando o braço na hora. Depois, deu um chute em seu rosto e deixou-o desacordado no meio da arena.

A multidão foi à loucura com a atitude de Anderson e começou a gritar seu nome, o que não mudou a situação dos Engenheiros. No primeiro choque, Angra e os gordos já tinham colocado dois adversários no chão. Anderson ainda subia em sua moto de novo quando Marcos, o último companheiro da gangue ainda de pé, passou ao seu lado animado com a queda de Black.

– É nossa, Anderson! – ele disse. Mas nenhum deles tinha ideia do que estava prestes a acontecer. Marcos levantou sua barra de ferro e tentou acertar Angra, que bloqueou sua investida com o braço nu. Não houve mais qualquer movimento, nada, apenas o ataque desferido pelo Engenheiro. Entretanto, um segundo depois, o circuito interno da moto se contorceu sem que ninguém encostasse nele. O piloto perdeu o controle do veículo, o tanque de gasolina arrebentou e as fagulhas do atrito detonaram o combustível de uma vez só. O motoqueiro foi arremessado em chamas pelo ar. Marcos caiu de cabeça no

chão e não se moveu. Seu corpo débil continuou a pegar fogo e ninguém ousou entrar na arena para salvá-lo. Da passarela, Nina tremia.

– Acho que ele quebrou o pescoço quando caiu – disse Nicolas, que era um velho conhecido de Marcos. Pegou Nina pelo braço e a puxou para que descessem juntos da passarela. A única coisa em sua cabeça era saber se o colega ainda tinha alguma chance de estar vivo.

Furioso, Anderson reduziu a velocidade para que seus inimigos o alcançassem. Quando a distância entre eles já era bem pequena, ele deu uma freada repentina, fazendo com que tivessem que desviar dele para evitar o choque. Nesse momento, pegou o taco de hóquei e conseguiu enfiá-lo na roda de um dos gordos. A moto brecou, arremessando seu motorista longe.

Anderson pegou a arma de volta e acelerou sua motocicleta, repetindo a cena que Black protagonizara no primeiro combate. Enquanto o gêmeo ainda se levantava, ele o atingiu com força na cabeça, mas apenas o suficiente para deixá-lo desacordado. Faltavam agora apenas dois membros da Éden.

– Até que esse filho da puta é forte – sussurrou Fred, impressionado.

Usando toda a potência de sua moto, Anderson conseguiu alcançar e emparelhar Angra e o último adversário. Sem nenhum traço de preocupação em seu rosto, ela deixou ele se aproximar e aguardou o primeiro golpe.

Tentou acertá-la com um taco, mas Angra o agarrou e puxou-o para próximo de si. Com os rostos a apenas alguns centímetros de distância, ele tentou desequilibrá-la, mas se surpreendeu com a força dela.

– Quem é você? – berrou, para se fazer ouvir entre os roncões dos motores.

– Eu sou a retribuição – limitou-se a responder, sorrindo.

Angra puxou ainda mais o taco, forçando Anderson em sua direção e desequilibrando o motoqueiro. Vendo o adversário com a guarda baixa, ela aproveitou para acertar o rosto dele com o cotovelo e empurrá-lo para longe. Sem controle, Anderson colidiu em alta velocidade com um dos pilares de sustentação da passarela e encerrou a batalha com um estrondo metálico.

MARIONETES

– Agora o William quase nunca brinca com a gente. E isso é tudo culpa sua – disse Miguel, enquanto a chuva forte castigava a rua onde moravam. A má condição dos esgotos fazia com que ela alagasse com facilidade, e naquele dia não foi diferente. Sozinhos na casa de Anderson, os dois estavam sentados na janela com as pernas balançando para o lado de fora da grade esperando a tempestade passar e a água escoar.

– Minha?

– Sua sim! Se você não ficasse insistindo pra ele me mostrar aquilo, ele ainda poderia brincar com a gente. Você podia ter me mostrado outra hora – bronqueou Miguel.

– Agora a mãe e o pai dele vivem com ele na igreja – disse Anderson, em voz baixa. – Lá, chamam ele até de menino Jesus – completou, quase num sussurro. A mãe de Anderson não acreditava em Deus e sempre fazia o possível para evitar que o filho se deixasse levar pelo furor evangélico que varria os Escombros.

Foi naquela tarde chuvosa que os dois tiveram uma ideia para rever o amigo. A mãe de Miguel era evangélica, mas pouco assídua aos cultos. O plano deles era convencê-la a levá-los para a igreja que a família de William frequentava. Entretanto, eles só não contavam que ela não colaboraria com o planejado. As mães de Miguel e Anderson eram amigas e, pelas diferenças religiosas, uma nunca tentaria levar o filho para fazer algo que não seria do gosto da outra.

– Minha mãe nunca ia me deixar entrar numa igreja de crente. – Anderson fitava o colega desanimado, com as mãos nos bolsos da sua larga bermuda jeans. Mesmo assim, as maquinações dos dois estavam longe de terminar. No dia seguinte à recusa, combinaram que falariam para suas mães que iriam até a casa do outro. Assim, escaparia sozinhos até a igreja.

– Eu já fui lá uma vez – explicou Miguel. – É perto daqui, do lado da casa de uma tia minha. Mas eu tenho medo da gente ir sozinho – admitiu.

– Não precisa ter medo, não vai acontecer nada com a gente. Ninguém nem vai ficar sabendo!

A ida realmente não foi perigosa. Os dois estavam próximos de completar seis anos naquela época, mas o trecho em que moravam era bem tranquilo durante o dia. Num local pobre como os Escombros, ninguém se importou com um par de crianças pequenas andando sozinhas. A “Igreja da Eterna Graça Divina”, era um pequeno templo improvisado nas ruínas de um minimercado. Sem energia elétrica, as cerimônias eram sempre realizadas pela manhã e os poucos fiéis se apertavam entre bancos de alumínio. Maior que a fé deles, só o calor das janelas ausentes e a preguiça dos ventiladores desativados. As lembranças de Miguel davam conta de pouquíssimas pessoas aparecendo para os cultos, um enorme contraste com o que viram naquele dia. Havia gente até na calçada, esperando para entrar, tudo por causa do “garoto divino”.

– Como nós vamos entrar aí? – indagou Miguel, com os olhos arregalados e surpreso pela quantidade de pessoas. Anderson não pensou duas vezes e disparou na direção da multidão puxando o amigo pelo braço.

– Deixa eu passar! Deixa eu passar! – gritava, empurrando os adultos. – Meu pai está aí dentro! Cadê meu pai? – Miguel aproveitou a malandragem do colega e fez coro ao choro falso, abrindo caminho entre os crentes. Logo, a dupla estava num lugar privilegiado para ver os poderes do amigo.

William ficava o tempo todo sentado em cima de uma mesa de mármore, onde improvisavam um altar, conversando com alguns dos fiéis e

fazendo com que os objetos ao seu redor flutuassem, do mesmo modo que fizera no dia em que sua mãe descobriu seus poderes. Ao seu lado, o pai, sentado na cadeira de rodas, segurava um papel com os nomes de pessoas que pediam para serem citadas nas orações da “criança divina”, do “novo Jesus” ou qualquer outro nome que lhe davam. A mãe dele, emocionada, chorava enquanto o pastor exaltava seu filho.

– William é a prova viva da existência do nosso Deus, ele é um milagre na Terra, um milagre da crença no Salvador! – dizia o senhor, bem-vestido e com uma Bíblia na mão direita. – Ele nasceu de pais que colocaram o Senhor acima de tudo, de pais que acreditam no caminho. William é uma prova de fé, uma esperança de que o mundo pode melhorar! – clamava.

No fim do culto, o pastor pediu para as pessoas irem embora porque o “menino iluminado” iria descansar. Quando boa parte da multidão já tinha se dispersado, William conseguiu ver Miguel e Anderson. Ele pulou da mesa e se desconcentrou dos objetos que levitava, derrubando-os ao seu redor.

O jovem pastor trocou a expressão de serenidade por um olhar duro e segurou o menino pelo ombro.

– Quem são eles? – perguntou.

– São meus amigos – respondeu. Os pais dele confirmaram que conheciam as crianças, e só então ele soltou William. A mãe dele parecia feliz em vê-lo com crianças novamente e levou os três até um pequeno pátio nos fundos da igreja para que brincassem enquanto o próximo culto não começava.

– Você nunca mais apareceu pra brincar com a gente! – reclamou Anderson, que pegava uma bola de futebol no chão. – Seus pais não deixam mais?

– Eu ando muito ocupado ajudando os outros. – William estava feliz por vê-los, mas era fácil perceber que estava muito cansado e triste com a rotina de pregações religiosas.

– Seus pais não deixam mais você brincar? – indagou Miguel.

– Eles até deixam, mas bem pouco. Dizem que não posso ficar na rua, que sou especial. Eles dizem que pode atrapalhar a minha missão.

– Missão? – insistiu.

– Sim. Eu tenho a missão de iluminar o caminho das pessoas, de ser o mensageiro de Deus no mundo. Meus poderes são prova disso – respondeu William. O discurso memorizado perdia força com o tom de voz inseguro do garoto.

– Só porque você consegue fazer as coisas voarem não quer dizer que você é melhor que a gente! – respondeu Anderson, irritado.

– O pastor disse que isso é um presente de Deus – disse William baixinho, sem dar muita atenção ao colega. Sua pele negra contrastava com a blusa branca de botões que vestia. A vestimenta, que transmitia calma e pureza, também lhe dava um aspecto muito mais maduro do que realmente tinha.

– Minha mãe disse que é tudo invenção, que é ilusão pra roubar dinheiro – resmungou Anderson.

– Deixa de ser bobo! – protestou Miguel. – Você o viu fazendo as coisas voarem na nossa frente! Ele fez você voar! Mas William, você gosta do que está fazendo? Você é mesmo um mensageiro de Deus?

O garoto ficou um tempo calado, pensando no que ia responder. Pegou o boneco velho de um super-herói que estava no chão e começou a falar, muito lentamente e sem olhar para os olhos dos colegas.

– Eu acho muito chato fazer tudo isso, ficar exibindo as coisas que posso fazer pros outros. Mas meus pais e o pastor disseram que, quando uso os poderes que Deus me deu, as pessoas da igreja ficam mais felizes. Eles me explicaram que minha vida vai ser muito difícil, que nem a dos super-heróis, que vou ter que me esforçar pra ajudar todo mundo.

Um pouco comovido, Anderson se aproximou.

– Mas você quer ser um super-herói? – perguntou.

– Não sei. Só queria poder brincar mais.

Os três deixaram as diferenças de lado para jogar bola nos fundos da igreja, em um pátio com chão de concreto que se estendia até o começo de um terreno baldio onde as folhas secas de uma árvore desnuda insistiam em atrapalhá-los. No meio da brincadeira, o menino divino voltou a ser criança e os três brincaram por quase uma hora. Estavam exaustos quando a mãe de William interveio.

– Vamos tomar um banho. Você tem que ficar cheiroso para o próximo culto – dizia dona Márcia, sorridente. – Diga para os seus amigos voltarem quando eles quiserem.

O trio combinou de se reencontrar na igreja sempre que possível, mas eles não imaginavam que aquela seria a última vez em que brincariam juntos.

Na noite do dia seguinte, Miguel já tinha ido para a cama quando uma pedra o acertou. Foi até a janela e encontrou Anderson do lado de fora, bem mais tenso do que o normal.

– O exército está aqui! Eles estão na casa do William!

Era assim que as crianças se referiam às forças especiais das Luzes, as quais faziam algumas incursões nos Escombros quando necessário.

A escuridão ajudou os dois a se aproximarem com facilidade. Serpentearam carcaças de carros antigos e troncos de árvores até chegarem perto. Uma a uma, as janelas vizinhas se fechavam, fugindo da fúria das Luzes. Um pequeno caminhão blindado com a insígnia da Spartan Solutions estava parado bem em frente à casa de William, com a porta traseira aberta. Ele descarregou um grupo de soldados vestidos em grossas roupas negras, coletes à prova de balas e máscaras de visão noturna. Ao lado do caminhão, havia uma Mercedes cinza cujos vidros escurecidos impediam-nos de saber se havia alguém dentro.

Miguel e Anderson se esconderam atrás de uma árvore, a poucos metros de onde os veículos estavam. De lá, escutaram os gritos vindos da casa do colega.

– Meu filho! Pelo amor de Deus, deixem o meu filho em paz! – berrava Dona Márcia, que foi silenciada por um tiro. A porta da Mercedes estalou, revelando um oriental de feições suaves e expressão tranquila. Vestia um terno preto do qual puxou um maço de cigarros e um isqueiro. Deu uma primeira tragada e a fagulha escarlate começava a brilhar quando um dos soldados saiu do cortiço.

– Senhor, o alvo já está conosco.

– Excelente. E a família?

– Tentaram resistir e foram neutralizados, senhor.

O oriental olhou para o soldado com desdém.

– Vocês não conseguem fazer nada sem matar ninguém? Ainda bem que estão lidando com esse lixo dos Escombros.

– Fizemos o que era necessário, senhor – respondeu o mercenário.

Nessa mesma hora, William veio carregado por dois soldados, cada um segurando um braço seu. Ele se debatia e soluçava de tanto chorar. Sua blusa estava encharcada de sangue que não lhe pertencia e o único ferimento em seu corpo era um hematoma na testa.

– Ele tentou reagir? – perguntou o oriental.

– Não, senhor. Ele aparentemente é inofensivo. De acordo com os relatórios das nossas investigações, ele desenvolveu pouco os poderes e... – Antes que o mercenário pudesse terminar, a pistola em seu coldre disparou sozinha e acertou sua perna de raspão. Ele colocou a mão no ferimento e gemeu de dor.

– Inofensivo, não é? – indagou o homem de terno, balançando a cabeça negativamente. – Parece até que você nunca encarou um desses psíquicos na vida – continuou. O oriental se agachou e ficou bem próximo de William, seus cabelos longos encobrendo parte de sua face. – Você nunca sabe o que esperar desses merdas. Apaguem ele.

O outro soldado levantou seu rifle e golpeou William na cabeça, fazendo-o desmaiar. Colocaram o garoto na parte de trás do caminhão sendo

supervisionados de perto pelo rapaz oriental, que preferiu não pensar no destino do garoto. Se o fizesse, seria difícil colocar a cabeça no travesseiro em paz. Ele e os soldados foram embora sem se preocupar com os vestígios que deixavam para trás.

Ainda assustados, Miguel e Anderson caminharam nas sombras até o cortiço da família de William. Logo no corredor de entrada, Dona Márcia jazia morta no chão. Os olhos ainda abertos, mirando o teto, e um filete de sangue escorrendo de um pequeno buraco na testa. A dupla se assustou, mas desviou do corpo e continuou pelo corredor, cujas outras portas permaneciam fechadas e trancadas pelos vizinhos apavorados.

A única aberta era a do cômodo de William. O ventilador ainda girava preguiçosamente no teto e um samba antigo tocava num rádio de pilha em cima da cômoda. No chão, ao lado de sua cadeira de rodas virada, o pai de William respirava com dificuldade. Vertia sangue por um ferimento na barriga e seu rosto enrugado se contorcia de dor.

– Meu menino, levaram o meu menino – gemia. Miguel se aproximou dele e tentou chamá-lo, mas ele parecia não escutá-lo, sequer vê-lo. – Onde está Deus, meu amor? Eles levaram o nosso filho – repetia o homem. Pouco depois deu um suspiro breve, mas intenso, e parou de se mover.

Em prantos, Miguel e Anderson correram para suas casas, onde apanharam como nunca de suas mães por estarem na rua durante uma operação das Luzes. No dia seguinte, ninguém mais falava de William ou de sua família. Outra pessoa logo chegou para alugar o quarto, as crianças rapidamente esqueceram do menino que já estava sumido das brincadeiras e os pais se recusavam a sequer pensar no assunto e na aterradora força das Luzes.

– Será que foi tudo um sonho? Será que William existia mesmo? – perguntou Anderson, algum tempo depois. Mas ele e Miguel constataram que o amigo realmente existira. Sorrateiramente, eles entraram no cortiço e viram que a mancha de sangue onde a mãe de William tinha morrido ainda estava lá,

quase imperceptível, mas presente. Com o tempo, fizeram como seus pais e nunca mais tocaram no assunto.

• • •

O carrinho de mão enferrujado onde Miguel levava Anderson para o hospital não parava de trepidar. A rua estreita de paralelepípedos fazia com que o corpo do seu colega inconsciente pulasse o tempo todo. Não fosse pelas circunstâncias, acharia graça daquilo. Certa vez, quando mais jovens, Miguel usara um carrinho semelhante para levá-lo até sua casa depois de uma briga. Entretanto, o clima daquela noite não dava brechas para sorrisos.

Fred acendeu um cigarro no momento em que Anderson soltou um grunhido de dor quase inaudível. O líder da Peste, gangue que desistiu da batalha contra os Engenheiros, era um homem frio e racional. Os motoqueiros do seu bando não eram dos melhores, mas tinham alcançado algum *status* graças às suas estratégias. E, depois da luta daquela noite, eles eram a única grande gangue sem baixas.

– O que aconteceu? – disse Anderson, fazendo um esforço descomunal para balbuciar aquelas palavras. – Não lembro de porra nenhuma.

Miguel contou ao colega o que ocorrera depois que ele apagou. A moto de Anderson se chocou contra a pilastra violentamente e ele caiu inconsciente na hora. Não era médico, mas o motoqueiro não parecia seriamente ferido, exceto pelas várias escoriações que transformavam qualquer movimento numa tortura. Logo após a batalha, Nina ficou histérica e coube a Nicolas acalmá-la e deixá-la em casa. Fora ele também quem recolhera as motos dos Engenheiros da praça, já que os outros membros da gangue levaram o corpo de Marcos.

– Para o hospital? – interrompeu Anderson. Miguel ficou calado algum tempo, não sabia como responder. Fred tirou o cigarro da boca, fagulhas escarlates caíram no chão escuro da rua.

– Quebrou o pescoço na queda – respondeu o negro. – Morreu na hora e ficou pegando fogo no meio da praça.

A velha máscara de coragem se dissipou no rosto de Anderson e o sangue seco se misturou às lágrimas silenciosas. Ele não emitia um ruído, um soluço. Chorava num silêncio que tinha um toque de culpa por não ter desistido da ideia de enfrentar a Éden. Fred queria falar alguma coisa. O negro não era um homem mau, mas cruel com quem julgava imbecil, e as ações de Anderson ajudaram a colocá-lo no topo da sua lista. A vontade que tinha era de cuspir desaforos sobre como poderia ter protegido a vida de seu colega de gangue se tivesse desistido da batalha. Entretanto, o líder da Peste preferiu ficar calado, mas não só por pena. Estava imerso em pensamentos, absorto por alguma ideia que Miguel tentava desvendar nas linhas duras de seu rosto ou no movimento incessante dos seus *dreadlocks*. Fred maquinava algo, mas foi interrompido por um som próximo a eles.

– Você só me arranja merda, Anderson. – Fred parou, jogou o cigarro no chão e começou a olhar ao seu redor. Miguel parou de empurrar o carrinho e ficou alerta.

– O que está acontecendo? – ele perguntou, sem perceber nada.

Risadas. Três homens saíram de um terreno baldio alguns metros à frente deles, todos com vestes idênticas. Usavam longas botas negras militares e sobretudo fechados com golas em pé que escondiam parte de seus rostos. Dois deles carregavam canos de aço enquanto o último vinha com as mãos nuas. Miguel já os tinha visto antes; eram os Corvos, uma velha gangue de motoqueiros.

– O tempo passa e os Corvos continuam sem saber se vestir. Patético – disse Fred. As noites de batalha na Praça da Bandeira atraíam gangues de todos os cantos dos Escombros, deixando a região ainda mais perigosa. E muitos desses motoqueiros estavam sempre dispostos a voltar para suas casas com algum troféu. Naquela noite, o troféu estava muito ferido, chorando e acuado num carrinho de mão.

– Sempre um comediante, Fred. Qual vai ser a sua próxima piada? Proteger o Anderson? – indagou um deles, o único de mãos nuas. Alto, gordo e com óculos escuros de pequenas lentes redondas, parecia ser o líder do trio. Fred sorriu, estendeu a mão para Anderson e balançou a cabeça.

– Porra, vocês vão bater nisso? Não sabia que vocês mexiam com gente meio-morta. É um fetiche? Ah, esqueci, vocês gostam de carniça, vocês são os Corvos! – Os três riram, gargalharam até. Estava bem na cara que todos tinham se drogado ou bebido, o que os tornava ainda mais perigosos. O líder se aproximou e puxou uma faca do bolso.

– Vê se eu tenho cara de necrófilo, Fred? – perguntou. – Você viu as motos dos Engenheiros, não viu? Eu quero elas pra mim.

– E você está vendo alguma moto aqui?

– Deixa de ser babaca. Eu quero o Anderson comigo, vamos trocar ele pelas motos.

– Vocês são uns merdas mesmo – concluiu Fred.

Os dois ficaram se encarando, bem próximos um do outro, esperando quem iria começar a briga. Fred ficou imóvel, sem sequer armar uma postura. O líder dos Corvos sorriu.

– Sabia que você não ia ficar no nosso caminho, Fred. Você é um cara inteligente.

Quando disse isso, o homem avançou na direção do carrinho de mão. Miguel pensou em partir para cima dele, mas antes que pudesse reagir, Fred desferiu um chute rápido na altura do abdome do ladrão. Ele caiu de joelhos e levou as mãos à barriga.

– Filho da puta! Peguem ele! – bradava, antes de ser interrompido por mais um chute, dessa vez no rosto. Os outros dois capangas foram para cima de Fred, que se defendia deles com destreza. Se os outros membros da Peste não eram tão fortes, aquele negro era um verdadeiro touro em batalha. Dono de chutes ágeis, não se intimidava com o trio e atacava sem cessar enquanto seus *dreadlocks* revolviam no ar num ritmo frenético.

Miguel aproveitou a briga para se distanciar. Andando de costas, puxava o carrinho de mão de Anderson para longe e só então notou que o amigo estava calado demais. Tentou chamá-lo, mas não teve qualquer resposta. Ficara inconsciente de novo. Deu-lhe um tapa de leve no rosto que o trouxe de volta.

– O que está acontecendo? – perguntou, assustando com os gritos da briga entre Fred e o trio.

– Os Corvos estão atrás de você! – respondeu Miguel. O colega tentou se levantar do carrinho de mão, mas mal conseguia se mover. Cuspiu palavrões quando percebeu que era inútil, até escutar uma risada bem próxima. Enquanto Fred tentava se livrar dos outros dois, o líder dos Corvos se aproximava deles, a faca em punho e os olhos fervendo de ódio.

– Se você soubesse o quanto te odeio – disse Anderson, entre os dentes, enquanto o rival se aproximava.

– Ah, eu sei, pode ficar tranquilo. Os poucos dentes que ainda tenho na boca falam por si só. Lembro bem de quando nos enfrentamos nas motos – provocou o homem. Miguel ficou entre o carrinho de mão e o ladrão, punhos cerrados, sem dar uma palavra. – Que lindo, agora seu namorado vai querer te salvar.

O líder dos Corvos partiu para cima dele com um soco e surpreendeu Miguel pela velocidade. Não conseguiu se desvencilhar e o golpe acertou-o em cheio. Mesmo atordoado, tentou revidar, mas viu o adversário gingar e passar a faca na sua barriga, abrindo um corte superficial.

– É melhor você sair do meu caminho antes que eu pegue pesado, moleque – dizia, enquanto puxava a lâmina de volta. Ele o empurrou e Miguel caiu no chão, uma das mãos tentando conter o sangramento. Fred derrubou o último dos dois capangas e veio correndo para cima do último dos Corvos, que se assustou com o negro correndo em sua direção.

– Ainda vai me pegar? – provocou Anderson. – Filho da puta, quando eu sair daqui eu vou arrancar as suas duas mãos e enfiar elas com faca e tudo no seu rabo.

– Que se dane! – respondeu o homem. Sem esperanças de completar seu plano, levantou a faca e se preparou para atacar Anderson. – Pelo menos você eu levo! – gritou, os olhos fixos no pescoço da vítima.

Fred corria com todo o seu gás, mas não teria tempo para evitar o ataque.

– Me mata, vai! – berrou Anderson, sem uma linha de medo em seu rosto. Apesar da dor que sentia, Miguel se esforçou para se aproximar deles. Sabia que não conseguiria pará-lo, mas precisava fazer algo. A morte iminente do colega fez um calor correr por seu corpo e, de repente, viu-se perdendo as forças sobre si próprio.

– Não! – berrou. O líder dos Corvos não compreendeu muita coisa naquele momento. Sentiu uma força enorme tirando seu equilíbrio quando a faca já estava a centímetros de sua vítima. Antes que pudesse perceber, ele já estava no ar, voando em alta velocidade contra um velho poste de concreto. O choque foi brutal, dilacerando suas costas e fazendo-o gritar de dor e cair encolhido no chão.

Fred freou de repente, não conseguia acreditar no que tinha acabado de ver. Enquanto o ladrão se contorcia de dor no chão, reconstituiu mentalmente o que acontecera para ter certeza de que não tinha perdido a razão. Viu Miguel se levantar e tentar se aproximar do homem, mas, antes de alcançá-lo, o Corvo fora arremessado na direção oposta.

Miguel agora estava de joelhos, a mão ainda tentando aparar o sangramento na barriga. Ele também não compreendia o que acabara de acontecer e respirava com dificuldade.

– Ele... ele fez isso? – disse Fred para si mesmo.

Deitado no carrinho, a expressão no rosto de Anderson era um misto de alívio e surpresa. Antes de perder a consciência, deu uma risada e encarou o velho amigo.

– Que porra foi essa, Miguel?

• • •

O Sol forte do meio-dia enchia de luz a velha enfermaria, que tinha duas longas fileiras de camas enferrujadas separadas umas das outras por lençóis encardidos. Indecisas entre o branco original e as manchas pretas que ganharam com o tempo, as paredes abrigavam velhos avisos de “silêncio” ou “proibido fumar” com letras gastas. Alheio a tudo isso, Anderson dormia há horas na cama mais próxima da janela. Miguel voltava com uma garrafa térmica nas mãos e evitava encarar os pacientes e seus acompanhantes.

Estavam no Hospital Pedro Ernesto, que antes da guerra era parte de uma faculdade próxima dali. Agora, nos tempos dos Escombros, era uma das referências de tratamento na região, não que isso dissesse muita coisa. Muitos dos médicos tinham se formado antes da guerra e passavam seu conhecimento a outros moradores locais de maneira precária. O material era escasso, o fedor insuportável e as mortes por causas banais constantes.

Durante a madrugada, diagnosticaram que os ferimentos de Anderson não eram tão graves e, em menos de uma semana de tratamento, o motoqueiro já estaria plenamente recuperado.

– Ele vai ficar aqui até acordar – disse uma menina que deveria ter mais ou menos a idade de Miguel. Era muito gorda, mas tinha um rosto bonito e um tanto singelo que não combinava muito com seu tom de voz sério e repreendedor. – Depois façam o que o doutor recomendou na receita e levem-no para casa. Temos emergências demais para ficar ocupando a enfermaria com gente que se machuca de propósito.

Fred foi embora, mas não sem antes prometer voltar no começo da tarde e pedir que não saíssem do hospital até lá.

– Se o Anderson acordar, manda ele ficar quieto e fingir que está dormindo – avisou. Miguel tinha pouca intimidade com ele, mas sentia que estava tramando algo. Eles não trocaram uma palavra sequer sobre o que

tinha acontecido na batalha contra os Corvos. – Vou trazer um pessoal pra cá, temos que conversar num lugar neutro, como esse. Você, inclusive.

No restante da madrugada, Miguel pouco dormiu. Além dos lamentos constantes que assombravam a enfermaria, sua cabeça ainda rodava com os últimos acontecimentos. Não sabia como, mas tinha lançado o líder dos Corvos pelos ares contra um poste. O motoqueiro caiu no chão e o encarou apavorado até Fred chutá-lo no rosto uma última vez e desmaiá-lo. Mas aquela expressão de pavor o perseguiu em sonhos repetidos entrecortados por sobressaltos.

– Que porra foi essa, Miguel?

A frase proferida por Anderson antes de ficar desacordado ecoava em seus ouvidos, indo e voltando como a pulsação de uma corrente sanguínea. Sua maior vontade era de fugir, e sabia para onde. Apenas sentado nos arranha-céus do abandonado centro da cidade poderia se acalmar. Era o seu barato, o seu único vício. Já tinha entrado e saído da enfermaria inúmeras vezes e em cada uma delas tinha certeza de que não voltaria, de que correria para sua passagem secreta, pegaria sua moto e vagaria pelo concreto morto da parte fantasma dos Escombros.

Mas a dúvida o mantinha ali, e o medo também. Acreditava que Fred fosse voltar com algum plano mirabolante, alguma explicação para tudo o que tinha acontecido, uma resposta para as perguntas que cercavam os seus recém-descobertos poderes. Derramou um pouco do café escuro como piche num copo de alumínio que pegou na recepção e tomou. Forte e sem açúcar, para continuar aguentando a noite sem sono.

– Eles têm café aqui? – perguntou Anderson, com a voz fraca.

– Você está acordado há quanto tempo? – indagou Miguel, olhando ao redor para ver se a enfermeira encenqueira não estava por perto.

– Agora há pouco, mas me sinto cansado até pra falar. Fora que eu odeio esse lugar. Já me expulsaram daqui tantas vezes que tenho medo desses médicos perderem a paciência e me matarem – brincou.

Eles se calaram quando ouviram passos no corredor, pensando que poderia ser algum dos enfermeiros procurando camas para desocupar. Não eram más pessoas, mas tinham que ser frios o suficiente para expulsar alguns pacientes ainda em tratamento para conseguir atender a demanda da população. No fim, o som era apenas de uma senhora que acompanhava outro doente.

– Miguel, você já tinha feito aquilo alguma vez antes? – indagou Anderson, antes que o colega pudesse se recuperar do susto.

– Não – respondeu, os olhos fixos no negrume do café.

– Consegue fazer de novo? – insistiu Anderson.

– Não sei.

Enquanto o motoqueiro estava desacordado, Miguel se sentiu tentado a testar seus poderes. “Telecinésia”, pensou, lembrando-se do termo de algum romance antigo de ficção científica que achara num sebo do centro. Anderson tentou dizer alguma coisa, mas foi detido pela chegada repentina de Fred. Vestido agora de maneira bem mais simples, com uma calça jeans surrada e uma camisa branca, ele olhou para os dois, mas manteve-se fixo em Miguel por algum tempo. Nicolas estava junto dele.

– Precisamos conversar fora daqui – disse o líder da Peste.

Tentaram arranjar uma cadeira de rodas para transportar Anderson, mas não acharam nenhuma no hospital. Ele até conseguiu se levantar sozinho da cama, mas precisou de ajuda para chegar ao outro lado da rua, no botequim onde se reuniram. Além de Nicolas e Fred, Juan, o líder dos Caçadores, também estava lá. Os ferimentos do confronto com a Éden ainda estavam visíveis, mas ele estava em condições bem melhores do que Anderson.

Sentado naquele círculo de motoqueiros, Miguel se sentia completamente deslocado. Nicolas não participava das batalhas de gangues, mas tinha uma ligação muito estreita com elas e chegou a financiar algumas desde que seu negócio de implantes e próteses floresceu.

Nenhum deles parecia disposto a começar a reunião. Fred, o idealizador de tudo, estava calado, com um copo de cerveja na mão e o olhar perdido em algum lugar da rua.

– Vamos logo com isso – adiantou-se Juan. Ele era o mais velho da mesa e um dos motoqueiros mais antigos dos Escombros. Já beirando os seus quarenta anos, era forte, tinha cabelos loiros e a barba por fazer. De certa maneira, Miguel sempre achou sua atitude parecida com a de Anderson. Só não gostava dos boatos de que o motoqueiro abusava da cocaína antes das batalhas. – Ninguém veio pra cá pra ver você voando, Fred.

– O que vocês sabem sobre Angra? – disparou o negro, com o olhar ainda perdido na rua esburacada. Uma kombi lotada de passageiros parou em frente ao bar e as pessoas que desciam voltaram seus olhares para o grupo, sobretudo para Juan, famoso na região.

– Ninguém sabe porra nenhuma dela – respondeu o motoqueiro loiro, irritado. – Procurei saber antes da batalha, mas não achei nada sobre ela nem sobre os seus parceiros. Até os agentes das Luzes que trabalham por aqui não sabiam muita coisa. Ela não deve ser dos Escombros, não é possível – ele concluiu.

– Só sei que ela começou a aparecer em Madureira – disse Nicolas, lembrando-se de um dos seus pacientes. – Matou gente nos festivais de moto de lá também. Operei a mão de um amputado de lá. O cara corria na antiga linha de trem e me falou de uma mulher motoqueira. Juntando as peças, só pode ter sido Angra.

– E lá, eles sabem de onde ela veio? – perguntou Anderson.

– Não, parece que ela apareceu da noite pro dia e alugou uma garagem. Agora sabe onde ela está? Perto da minha clínica, na Praça da Bandeira – revelou.

– Enfim, a gente não sabe nada sobre ela – concluiu Juan, sorrindo. – Mas ninguém aqui precisa ser um gênio pra saber que ela tem as costas quentes. Tem alguém dando suporte para ela.

– Das Luzes – observou Fred. – Cheguei a pensar que ela poderia ser obra de alguém que quer se opor às Luzes, mas ela acertou todos os melhores contratos com eles ontem. Ela e aqueles outros três vão trabalhar pra eles, do mesmo jeito que nós sempre fizemos aqui. – Ele acendeu um cigarro e ficou olhando para os outros, com um surpreendente sorriso em seu rosto. – A gente não sabe porra nenhuma sobre ela. Nem sobre os seus poderes.

Juan coçou a barba ruça e se recostou sobre a cadeira. Revolvia momentos de seu longo histórico como motoqueiro.

– Ela não é a primeira pessoa que conheço capaz de fazer essas coisas – disse finalmente.

– Como assim? – perguntou Nicolas, surpreso.

– Já matei um cara desses, matei para as Luzes – respondeu. Sua expressão era a de quem lembrava de algum momento muito feliz da sua vida. – Nunca fui muito de apagar ninguém e esses contratos são bem raros, mas aquele me deu gosto. Foi logo que os Caçadores chegaram ao topo, isso deve ter uns doze anos. Tínhamos acabado de voltar de uma missão em que protegemos uma fábrica que estava sendo saqueada por uns traficantes dos Escombros.

A mão de obra barata dos Escombros sempre foi um dos maiores atrativos para os executivos da Rio Alfa investirem naquelas ruínas. Apesar das condições de trabalho degradantes, estar empregado numa das fábricas era sinônimo de dinheiro certo, em dia e sem confusão. As gangues dos Escombros tinham crescido como uma diversão caótica para aquele lugar sombrio, mas a conexão entre elas e as Luzes veio em função dessas fábricas. Os motoqueiros eram pagos para proteger os carregamentos, o que saía bem mais barato do que gastar com firmas de segurança profissionais.

– Quando voltamos dessa missão, eles nos passaram outra, pediram pra apagar esse cara. Eles mal explicaram pra gente, mandaram sair matando. Não gostamos daquilo e corremos atrás de explicações com os nossos contatos até que descobrimos. O cara era um doido, um psicopata. Ele cortava as pessoas

com as mãos, como se elas fossem espadas – lembrou. – Conseguimos pegar ele depois de quase uma semana seguindo o rastro de vítimas. Era de São Cristóvão, o desgraçado, morava em frente ao antigo estádio de São Januário – disse, apontando para a direção na qual ficava o bairro.

– Foi a única vez? – perguntou Fred.

– Não, já matei outras pessoas. Às vezes a gente é obrigado.

– Estou falando de pessoas com poderes especiais, Juan. Foi a única vez que você topou com um desses? – insistiu.

– Ah, sim. Foi só dessa vez. Mas já ouvi falar de outros. Até hoje os caras das Luzes têm um prêmio altíssimo pra quem trazer a cabeça do Oráculo.

– Deixa de ser babaca, você sabe que isso é uma lenda, não é? – debochou Anderson.

Miguel conhecia aquela história, era parte do folclore de sua infância. Segundo escutava amigos de seus pais comentarem, o Oráculo era um homem que sabia de tudo. Alguns diziam que era um charlatão, outros que era um demônio, mas ninguém sabia ao certo a sua origem. Vez em quando escutava novos rumores sobre ele. Rezava a lenda que o Oráculo não podia ser achado por ninguém e que era capaz de saber tudo sobre uma pessoa.

– Garoto, só porque você nunca viu, não significa que não exista – respondeu Juan, nitidamente irritado.

– Sabia que mais cedo ou mais tarde falariam no Oráculo. Era um dos assuntos que eu queria discutir – disse Fred, interrompendo o bate-boca dos dois. – Não sei se esse cara existe, mas a gente precisa descobrir. Se a história dele for verdadeira, quero saber o que ele conhece sobre a Angra e a sua gangue.

– Nem adianta, não há a menor chance – argumentou Juan. – Procuramos ele por anos e nada. Sei que a rede de informação dos Caçadores não é das melhores, mas também não é de se jogar fora. Tínhamos a ajuda do pessoal das Luzes, e nem assim conseguimos achá-lo.

Todos começaram a protestar ao mesmo tempo, até que Fred disse algo que os calou.

– O Comandante vai me ajudar. Ele vai ser a nossa ponte – falou, levantando ligeiramente a voz. O Comandante era a coisa mais próxima de um líder criminoso que os Escombros tinham. Era ligado a tudo. Às empresas das Luzes, aos traficantes de drogas, aos motoqueiros. E, ao mesmo tempo, não era ligado a ninguém. Era independente, mas quase todos dependiam dele. Dono de um pequeno exército particular que servia apenas sua proteção, agia de forma sutil e efetiva. Trabalhava com compra e venda de informação e ganhou o apelido de “Rei do Rio”.

– O Comandante não tem qualquer razão pra se meter nisso, Fred. Como assim ele vai te ajudar? – desdenhou Nicolas.

– Não sei ao certo, mas ele também está interessado em Angra – esclareceu. Deu uma tragada no cigarro e soltou a fumaça por entre os dentes amarelos de um sorriso triunfante. – Ah, e eu também contei pra ele que temos uma pessoa com os mesmos dotes de Angra do nosso lado.

– Como assim? – perguntou Nicolas.

Miguel se irritou. Franziu o cenho e entendeu o que Fred queria dele. A ideia de usar seus poderes em troca de dinheiro trazia de volta as discussões irritantes com Nina, os repetidos pedidos para que se juntasse ao crime organizado e fizesse mais dinheiro. Teve vontade de levantar e sair, mas se controlou. Quis acreditar que estava errado. Tamborilou os dedos na mesa e esperou uma explicação que não veio.

De resposta, recebeu apenas um olhar fulminante de Fred.

– E quem disse que eu vou ajudar vocês?

– Você sabe fazer as mesmas coisas que ela? – perguntou Nicolas, surpreso. – Espera aí, isso é impossível! Eu conheço ele há anos, ele não faz porra nenhuma! Se ele te contou isso, é mentira. Estava de sacanagem.

– A gente descobriu isso ontem – adiantou-se Anderson, que temia pela reação do colega àquela atitude de Fred. Miguel era calmo e muito fácil de

lidar, mas difícil de contornar quando furioso. – Miguel acabou com um cara que queria me pegar, um filho da puta dos Corvos.

– Deixa eu ver se entendi, garoto – interrompeu Juan, com um sorriso de deboche. – Você está dizendo que não vai ajudar a gente? Seu amigo quase foi morto por aquela piranha e você não vai fazer nada? – dizia, calmamente. O rosto de Miguel não expressava qualquer simpatia pelas palavras do motoqueiro.

– Ela não fez nada com ele, apenas lutou. Se ela tivesse armado uma emboscada, eu até compreenderia. Eles lutaram de igual pra igual, não tenho motivo pra me vingar de ninguém – respondeu. Ele se levantou da cadeira do botequim e fez menção de ir embora.

– Idiota, pensa no dinheiro! – esbravejou Juan. – Porra, você nasceu com um dom, garoto. A gente vive nesse lugar de merda, ninguém aqui vive, a gente sobrevive. Você tem algo que pode te levar pra longe disso, que pode melhorar a sua vida e vai simplesmente embora? Que porra é essa? – berrava.

– E você acha que eu vou fazer o que, seu babaca? Ficar matando os outros por aí? Trabalhar pras Luzes?

Juan gargalhou e balançou a cabeça negativamente.

– Não adianta, esse garoto não vai ajudar a gente. Mas ainda podemos vendê-lo pras Luzes se comprovarmos os seus poderes. Pode dar uma boa grana – zombou.

Miguel deu as costas aos motoqueiros e estava pronto para ir embora quando Fred o chamou. Ele parou por um segundo e se virou.

– Miguel, nós vamos unir as gangues. Eu, Anderson e Juan vamos nos unir e trabalhar pro Comandante e eu queria que você viesse conosco – disse o motoqueiro. Ele não respondeu e continuou caminhando. – Se acharmos o Oráculo, talvez ele possa explicar os seus poderes. Talvez o Comandante possa ajudar você, eu sei que você está com medo.

As últimas palavras de Fred fizeram-no parar por algum tempo, refletindo. Indeciso e com vontade de fugir, ele falou de modo que o grupo

mal pôde lhe ouvir.

– Não estou aqui pra ser a marionete de ninguém. – E sumiu pelas curvas dos Escombros.

• • •

De volta ao arranha-céu abandonado no centro da cidade, Miguel quebrou a própria promessa e voltou a deitar no chão empoeirado da cobertura. A diferença é que, dessa vez, ele não conseguia se acalmar e pegar no sono como antes. Toda vez que tentava, a imagem de William se apresentando no altar para um bando de religiosos lhe causava repulsa.

Quanto mais pensava a respeito da situação, mais se via na mesma posição: usado como chamariz numa igreja abarrotada de fiéis por conta do desespero no qual os moradores dos Escombros viviam. Miguel não tinha nada contra a religião, mas se perguntava quantos ainda estariam ali se tivessem vidas abastadas e não precisassem recorrer à fé para sonhar com o pão do dia seguinte.

E o pior: para ele, usaram William puramente como uma marionete para atingir os seus propósitos. Se não tivessem divulgado seu poder aos quatro ventos, dificilmente as empresas das Luzes teriam aparecido para apanhá-lo. Com o passar dos anos, vez ou outra se perguntava sobre o destino do garoto. Geralmente, o imaginava morto após experimentos em laboratórios de última geração. Mas, às vezes, não conseguia impedir-se de imaginá-lo sendo o super-herói secreto com quem se comparava na infância, quando acreditava na missão imposta pelos pastores da igreja.

– William nem podia se dizer evangélico, ainda era uma criança – dizia para si próprio, enquanto lembrava do menino sentado no altar com objetos voando ao seu redor. Ele fazia aquilo porque era obrigado, porque foi ludibriado.

– Eu quero ser um super-herói – dizia William.

– Herói de quem? – lhe perguntaria agora, se ainda estivesse por perto. – Dos pastores que você alimentou? – As pessoas sempre usavam umas às outras em benefício próprio, fosse no amor ou na guerra, para se confortar ou para se defender. Os mesmos religiosos que seu colega tinha ajudado já estavam fora da igreja e agora moravam em áreas relativamente nobres dos Escombros, vivendo do dinheiro dos fiéis.

E era assim por toda parte. Seria da mesma forma se ele entrasse no grupo com os motoqueiros, que estavam dispostos a colocar sua vida em jogo para alcançar seus próprios objetivos. Tudo que eles queriam era entender e derrotar Angra e seu Éden, retomar o poder e voltar a lucrar com os contratos cedidos pelos empresários das Luzes.

– Não vou ser um fantoche na disputa de poder de algo que nem faço parte! – Fechou os olhos e, com a consciência mais tranquila, se permitiu um sono de quase uma hora sob a sombra de uma antena parabólica desativada. Imperava a certeza de que continuaria vivendo de maneira humilde, em paz, como sempre planejara. Sem grandes planos, sonhos ou pretensões, apenas uma vida calma ao lado de alguma mulher que gostasse, talvez até filhos. Seu mundo, lentamente, voltava ao lugar.

Levantou como uma pluma depois de um cochilo pesado e sem sonhos, mas com a cabeça ligada no trabalho. Decidiu que aproveitaria a ida ao centro para procurar novas peças para Nicolas e fazer um dinheiro extra naquele mês. Se arrumasse o suficiente, talvez até conseguisse ficar fora de órbita por um ou dois meses, até que essa crise dos motoqueiros já estivesse resolvida e ninguém mais pensasse em perturbá-lo.

Saiu do prédio pela porta da frente, onde um grupo de cotias comia a grama que crescia nas falhas do asfalto destruído. Quando via cenas como essa, imaginava que era possível se tornar um completo eremita e viver no centro, mas julgou aquela decisão radical demais, até para as circunstâncias nas quais se encontrava.

Pegou a moto e foi direto para um *bunker* que descobrira há algumas semanas. Quando o encontrou, um bando de cachorros selvagens dividia os restos de um animal morto no chão e não foram muitos amigáveis com a sua aproximação. Decorou a localização e prometeu que voltaria ali algum dia, já que parecia um bom lugar para encontrar carcaças de soldados mortos na guerra civil.

Para a sua felicidade, nada, exceto um cansado vira-lata, guardava a entrada do *bunker* dessa vez. A instalação fora improvisada nos tempos da guerra na entrada de um estacionamento subterrâneo. Construíram apenas uma tosca parede de concreto com uma entrada estreita e buracos malfeitos para posicionar as armas. Pela aparência, provavelmente era obra da resistência, e não das forças de pacificação.

Puxou a lanterna que sempre levava consigo, apontou-a ladeira abaixo e desceu pé ante pé. Cachorros selvagens, cobras, prédios infestados por ratos ou baratas. Já tinha perdido a conta dos “adversários” que encontrara em buracos escuros como aqueles e queria conseguir achá-los enquanto ainda estava próximo da entrada para escapar a tempo. Entretanto, quanto mais descia, mais tinha certeza de que não encontraria perigo.

O lugar mais parecia um museu ao ar livre da guerra civil. Havia fardas no chão, esqueletos de vinte anos atrás, alguns documentos que pareciam ser do Braço Revolucionário do Rio de Janeiro, o grupo que orquestrou todo o conflito. As paredes ainda guardavam marcas de bala e pichações que exaltavam o movimento separatista. Revirando os corpos um a um, Miguel colocava qualquer coisa que achava de útil em sua sacola plástica. As armas de fogo já não estavam mais lá, mas os implantes ou quaisquer elementos artificiais dos soldados eram os únicos acompanhantes daqueles esqueletos solitários.

Decepcionou-se quando inspecionou as primeiras ossadas. Redutos das forças pacificadores sempre rendiam muito material, mas a pobre guerrilha brasileira não tinha o mesmo aparato. Quando chegou ao fundo do local,

quase desistiu, mas algo chamou a sua atenção. Numa guarita do estacionamento, havia um documento da Otan, que comandara os esforços de pacificação, e o corpo de um soldado que não tinha o uniforme dos brasileiros. Ele tinha uma mão mecânica, uma das melhores que já tinha visto. Partiu-a do osso e colocou na bolsa com a certeza de que Nicolas vibraria com aquilo.

Direcionou o feixe de luz para o lado oposto do estacionamento e encontrou um jipe de guerra com a insígnia da ONU. Ao contrário dos veículos separatistas, ele estava em ótimo estado. “Esse lugar foi tomado ao longo da guerra civil e caiu nas mãos de um dos dois lados, por isso há soldados de todos os tipos aqui”, pensou Miguel, animando-se com a descoberta. Vasculhou todos os cantos e logo concluiu que realmente seria uma tarde lucrativa. Já tinha achado um par de pernas de modelos diferentes, uma mão e dois crânios cheios de implantes. Aquelas máquinas, instaladas no cérebro dos soldados para aguçar os sentidos, estavam em fase de testes na época da guerra e eram normais entre as forças internacionais, mas Nicolas ainda engatinhava no uso delas.

Quando pensou que já tinha vasculhado tudo, achou uma porta que provavelmente dava acesso ao prédio acima. Além dela, havia um longo e estreito corredor cujo final estava bloqueado por escombros. Em vez de concreto, notou que o chão naquela entrada era de madeira e parecia ter sido construído às pressas. Pisou nele e sentiu que era instável, parecia haver alguma coisa debaixo. Segurou-se num cano que passava pela parede e pisou com força, mas a madeira não cedia, apenas balançava.

Ficou de joelhos e tentou puxar uma das tábuas podres e ela saiu em sua mão com relativa facilidade. Apontou a lanterna para o buraco e viu uma escavação bem rudimentar, com uns dois metros de profundidade. No fundo, havia algo enrolado num pano velho e sujo.

“Pode ser um corpo”, pensou. Certa vez, achara alguém naquelas exatas condições e teve uma das surpresas mais gratas de seu trabalho, pois o cadáver era de um militar da Otan com várias próteses e modificações corporais.

Arrancou mais tábuas para entrar no buraco e deslizou pelo monte de terra, caindo bem ao lado da sua nova descoberta. Antes de desenrolar o corpo, ficou olhando o lugar ao redor. Aquilo parecia muito sem sentido para ele, como uma espécie de tumba. Não havia nada escrito nas paredes, mas elas eram muito bem-feitas e sustentadas por placas de concreto cru em melhor estado do que o restante do prédio. Era como se tivessem construído aquilo especialmente para guardar o corpo.

Sozinho com um cadáver no fundo de um buraco num bairro fantasma, sentiu um aperto estranho no coração e quis terminar logo o serviço. Desenrolou as várias camadas de pano encardido que envolviam o corpo com impaciência, incapaz de entender por que alguém se daria tanto trabalho por um morto. Quando finalmente descobriu o que estava desenterrando, sua cabeça girou em busca de respostas que jamais acharia.

• • •

Levou o saco com o corpo nas costas de volta à rua, subindo vagarosamente a ladeira que descia até a entrada do *bunker*. Ainda estava em choque, trêmulo. Aquilo não era muito pesado, mas ainda tinha que carregar as próteses que acabara de encontrar lá embaixo. Quase no final do caminho, tomou fôlego para chegar mais rápido ao topo e decidiu averiguá-la novamente para ter certeza de que o sono não lhe pregava peças.

Colocou-a no chão, ainda sem acreditar. Era como se estivesse adormecida, mas não respirava. O rosto tinha belas maçãs, era vívido e com um aspecto tenro, apesar da brancura. Seus lábios não chegavam a ser grossos, mas eram um pouco carnudos. Os cabelos loiros lhe batiam quase na cintura e eram discretamente ondulados.

– Uma... garota? – perguntou para si próprio. Tinha aspecto jovem, talvez a mesma idade que ele e usava um vestido branco na altura dos joelhos. Miguel passou a mão no braço nela e viu que não estava gelada nem tinha o

corpo duro dos cadáveres, mas não respirava ou tinha pulsação. Estaria morta e em perfeito estado de conservação? Não tinha ideia do que poderia ser, apenas a certeza de que ela não estava morta ali embaixo desde os tempos da guerra, era impossível. Tinha que descobrir alguma coisa sobre aquela mulher e, sempre que queria entender algo, buscava a mesma pessoa: Nicolas.

• • •

O escritório de seu colega na Praça da Bandeira era bem precário, apesar do sucesso que fazia. O lugar todo era de um branco estéril do que parecia ter sido, no passado, alguma clínica médica. Uma mesa de madeira escura ficava bem no meio da sala, que só tinha mais três cadeiras e uma estante de livros e desenhos de Nicolas sobre seus estudos de próteses.

– Ei, trouxe bastante coisa, hein? Mas que merda é essa nas suas costas? Caralho, você trouxe um corpo inteiro? – indagava o amigo. O sorriso escancarado do negro era tão branco que fazia com que as paredes de gesso parecessem escuras.

Cansado de carregar aquele corpo nas costas desde o centro da cidade, jogou-o em cima da mesa de madeira e desenrolou-a do pano velho. Nicolas silenciou.

– Nico, o que é isso?

– Você matou ela? – sussurrou, olhando-o com pavor.

– Deixa de ser maluco! Eu encontrei-a no centro, no subterrâneo de um prédio – respondeu Miguel, entre os dentes. O fino gesso das paredes fazia com que qualquer um no prédio pudesse escutar a conversa alheia sem esforço e a última coisa que queria era uma acusação de assassinato.

– Mas ela está muito inteira, parece que está dormindo. – Nicolas também estava surpreso e não tirava os olhos da garota. O negro deu meia-volta e abriu uma gaveta de sua mesa, de onde tirou um bisturi e fez um

pequeno corte no pulso dela. – Isso não é pele de verdade, é imitação – concluiu, ao perceber que não havia sangue ou músculos.

– Como assim?

– É feito a partir de silicone, látex e tecido artificial cultivado em laboratório. É a mesma coisa que eu uso para revestir algumas próteses para deixar uma aparência mais humana, sabe? Como se fosse pele de verdade. Mas isso aqui é muito bom, é de primeira qualidade.

Nicolas não fez cerimônia e levantou o vestido da garota, o que deixou Miguel constrangido. Novamente com o bisturi, ele perfurou o abdome dela, logo acima da calcinha branca que usava.

– Não sou tarado, estou conferindo se o braço dela não era uma prótese – disse, enquanto começava a cortar. Novamente, nem uma gota de sangue. – Miguel, essa porra é toda artificial! Deve valer uma fortuna! – comemorou. Miguel trancou a porta do escritório, puxou uma luminária móvel para perto da mesa e observou o trabalho do amigo.

– Espera um pouco, você vai sair abrindo ela assim? – protestou.

– Tem algum compromisso hoje? Vamos explorar essa coisinha aqui a noite inteira!

Enquanto usava os instrumentos médicos para se assegurar de que aquilo era mecânico, Nicolas dissertava sobre o que descobrira nas revistas científicas que alguns dos seus clientes lhe arranjavam. Como cobrava caro, alguns dos pacientes que tratava eram moradores dos Escombros com empregos nas Luzes. Geralmente empregadas domésticas e motoristas.

– Chamam elas de bonecas, Miguel. Só pode ser isso – garantiu, enquanto removia a pele do cotovelo para averiguar as articulações mecânicas. Segundo as revistas que lera, construía androides como esse lá fora e faziam prostíbulo de luxo para os ricos, com mulheres perfeitas. – Imagine só, ter um puteiro no qual as garotas não recebem um centavo, só precisam recarregar as baterias? É o sonho de qualquer cafetão – explicava.

Observou, entretanto, que nunca tinha visto algo daquele nível. Já tinha lido matérias especiais nessas revistas com garotas artificiais feitas por multinacionais japonesas e que eram incrivelmente reais, mas aquela estava num outro nível, parecia viva.

– Vai ver ela também é um modelo japonês. Mas nas revistas elas pareciam menos vivas, apesar de bem mais gostosas – disse.

Explicou também que aquelas bonecas eram cheias de compostos orgânicos. Língua, tecidos capazes de produzir suor ou saliva, órgãos sexuais idênticos aos dos seres humanos e, acima de tudo, uma inteligência artificial, mas nada muito desenvolvido.

– Pelo que li, são como escravas sexuais, sabe? Algumas são até programadas para replicar sentimentos e fazem isso bem, mas nada que passe num Teste de Turing.

– Teste do quê?

– Nada, esquece. Nada que consiga viver em sociedade sem ser notado, para ficar mais simples.

A noite avançava enquanto Nicolas repetia seu processo dezenas de vezes. Retirava placas de pele, verificava as articulações e depois recolocava o tecido cuidadosamente, quase sem deixar marcas.

– Deve valer mais em perfeito estado.

Os dois já pareciam até ter esquecido a discussão de mais cedo, sobre a união das gangues, e estavam totalmente absortos naquele trabalho. Miguel assistia a tudo surpreso e escutava atentamente, mas não deixava de se sentir estranho com aquela mulher seminua deitada na mesa sendo aberta indiscriminadamente. Ainda que não fosse um ser humano, parecia-se muito com um.

– Quer dizer que elas pensam mesmo, reagem a estímulos e tudo mais? – perguntou Miguel, enquanto seu colega removia com cuidado a parte superior de sua caixa craniana. Por debaixo do couro cabeludo, havia uma couraça de metal selada.

– Sim, mas são mais como fantoches, sabe? O programador muda a inteligência artificial da maneira mais apropriada para o cliente e lá está a sua garota de programa cibernética – dizia, enquanto tateava o crânio da criatura.

– O processador fica aqui, na cabeça, mas não tenho nenhuma ferramenta para abri-la. E a pele do rosto é muito sensível, acho melhor não abrir para não diminuir o preço dela – concluiu, desanimado.

Finalmente, Nicolas usou suas ferramentas para abri-la desde o pescoço até o final da barriga.

– Vou te mostrar algo muito maneiro.

Removeu a pele com cuidado para não danificá-la. Debaixo dela, havia um tronco cujo interior era protegido por uma couraça azulada de fibra de carbono. Parecia totalmente selado, exceto por um emaranhado de fios e peças expostos na altura do ventre. Ali, um par de garras de metal entrelaçadas protegia um buraco vazio. Nicolas enfiou uma fina peça de metal num orifício logo abaixo das garras e pressionou um botão protegido, abrindo o compartimento oco.

– Sem bateria, como eu imaginei.

Nicolas voltou a sorrir e corria de um lado para o outro, espalhando revistas e guias de androides por todo o escritório. Ele foi até a sua estante e voltou com um objeto cilíndrico verde-claro com várias coisas escritas em chinês ou japonês.

– Cada série desses androides tem uma célula de força compatível, Miguel.

– Será que a sua vai funcionar?

– Com toda a certeza. Isso aqui não é uma célula normal, é uma universal, mas tem uma capacidade bem baixa, é para casos de emergência e dura bem pouco.

O amigo balançava a célula no ar e olhava para ele com um sorriso malicioso nos lábios.

– Não quer conhecer um pouco melhor a nossa amiga, não? Eu deixo vocês dois a sós um pouco.

Miguel não tinha a menor intenção de ir para a cama com uma máquina, mas estava curioso para vê-la funcionar. Era tão humana, tão real, que parecia estranho tratá-la como um robô, androide, boneca ou o que quer que fosse. Já tinha lido várias revistas antigas sobre computação nas livrarias abandonadas do centro da cidade, mas nenhuma mencionava tecnologia tão alta.

– Não acredito que você está com vergonha de me responder isso. Deixa pra lá, vou te dar um tempinho com ela, de qualquer jeito.

Nicolas abriu a porta do escritório e olhou para os lados no corredor para se assegurar de que não havia ninguém por perto. Fez sinal para que Miguel trouxesse a boneca para o escritório da frente, que também lhe pertencia. Era lá que ele recebia os pacientes. Bem mais aconchegante, o lugar tinha mobília antiga e certo aspecto luxuoso, mas Miguel sabia que tudo fora tirado do lixo. Os tapetes eram mofados, os móveis podres e toda vez que Nicolas esquecia de acender o incenso, o lugar fedia horrores. Ainda havia mais um escritório seu naquele prédio, mas era onde as cirurgias eram realizadas com a ajuda de alguns médicos que também faziam parte do negócio.

Colocou a menina num divã vermelho de veludo no canto da sala e viu seu amigo pegando um velho *notebook* Vaio de cima da mesa. Abriu uma gaveta cheia de *pen drives* etiquetados, pegou um deles e plugou no aparelho, que exibiu um vídeo sobre as bonecas.

– Tenho que pegar umas coisas para ativá-la, dá uma olhada nisso aqui para você ter uma noção – disse Nicolas, que saiu e trancou a porta por fora. Miguel deixou a androide de lado e viu os vídeos eróticos com aquelas bonecas. Não achava nenhuma delas nem de perto parecidas com a que tinha acabado de encontrar, mas aqueles deveriam ser modelos antigos. A movimentação delas era muito natural, o que era até surpreendente. Em um dos trechos, uma boneca conversava com seu cliente antes do sexo.

“Dá para perceber que são robôs quando começam a falar”, pensou Miguel. A boneca no vídeo tinha expressões artificiais que beiravam o grotesco e falhavam em todos os sentidos na sua tentativa de sorrir. Depois de alguns minutos, a porta abriu e ele pôde ouvir a voz do amigo pedindo ajuda. Ele trazia um carrinho de supermercado com várias baterias de carro velhas. Eram pequenas caixas pretas, algumas manchadas de graxa e com uma aparência horrível. Juntos, começaram a fazer a instalação, tudo coordenado por Nicolas.

– Essa célula universal é muito boa, mas a minha está quebrada. Está viciada, nunca carrega e precisa de uma fonte de energia constante. Nós vamos usar essas baterias de carro para carregá-la e ligar a boneca, entende? Ganhei tudo isso em troca de uma mão nova para um segurança – explicava, usando vários cabos para ligar as nove antiquíssimas baterias de carro a um conversor que repassava a energia para a célula. Depois que terminou todo o processo, colocou a célula universal no ventre aberto da mulher.

– Espera um pouco, você vai ligar ela com a barriga aberta? – Miguel olhava com um pouco de nojo para a mulher com vários cabos ligados ao seu ventre e às baterias ao redor do divã.

– Cara, não tem outro jeito. Essa bateria está com problema pra carregar, porra. Ela precisa estar ligada direto na fonte pra funcionar. Vai dizer que isso corta o seu tesão?

Miguel ficou sem jeito de responder que não tinha pretensões de transar com a boneca, por isso preferiu mentir.

– Não, está tudo certo. Só é meio estranho. Tem certeza de que essas baterias aguentam o tranco?

– São de mercúrio e ainda foram modificadas, têm uma força absurda. Acho que a gente vai conseguir deixar ela ligada a noite inteira. – Nicolas continuava animado e olhava atentamente para o corpo perfeito da mulher. Os seios não muito grandes e empinados, as pernas grossas, tudo muito bem-feito, mas nada exagerado. Ainda não tinham tirado a calcinha dela, talvez por

um mínimo de pudor que mantinham. – Vou deixar vocês a sós, depois eu volto. Tranque a porta, ok?

O amigo fechou a maior parte da barriga do robô, deixando apenas uma pequena abertura por onde entrava o cabo de força, perto do umbigo.

– Para ligar, é só apertar esse botão – disse, indicando um mecanismo que ficava no transmissor de energia. – Ela vai receber a carga e acordar na hora. Para desligar, é só interromper o fornecimento.

Miguel deixou o amigo sair, fechou o *laptop* e sentou num banco ao lado do divã. Havia uma pequena luminária na parede, bem fraca. Apagou a luz principal e deixou apenas aquela ligada enquanto observava a mulher.

– Qual será a cor dos seus olhos?

Segurou a mão dela e a apertou, não havia como dizer que não era humana. Era uma réplica idêntica, fenomenal.

Pensou nas bonecas com gestos e vozes bem artificiais que viu nos vídeos do *notebook* e ficou menos tenso.

– É só uma boneca.

Apertou o botão e aguardou. Ela deu um pulo rápido, seu corpo todo tremeu por um segundo e depois voltou a ficar imóvel. Os olhos se abriram lentamente, como se estivesse despertando de um longo sono.

“São azuis”, pensou, enquanto o par de olhos investigava o local atentamente. Eles se fixaram nos seus por algum tempo e Miguel sentiu-se envergonhado.

– Quem é você? – perguntou a boneca, numa voz assustadoramente humana.

– Meu nome é Miguel. Quem é você?

– Não sei.

Ela levantou-se e ficou sentada no divã, varrendo o lugar com seus olhos curiosos. Miguel se assustou com a expressão de medo que ela tinha, bem diferente das bonecas que vira no vídeo.

– Que lugar é esse? Onde estamos?

– Você está na Rio Beta, a área pobre da ZI do Rio de Janeiro, também conhecida como Escombros – respondeu, lembrando da frase de um livro didático que lera na escola. A boneca dava pouca atenção para o que ele falava e passava as mãos pelo cabo que alimentava sua energia pelo abdome aberto. – Não mexa nisso aí, pode desligar você.

– O que eu sou?

– Me disseram que você é uma boneca... quero dizer, um robô.

Ela parecia confusa com o que Miguel dizia e muito amedrontada. Por algum tempo, olhou para cima, como se estivesse tentando lembrar-se de algo.

– Alice, meu nome é Alice.

– Lembra de mais alguma coisa?

– Não. Não foi você quem me criou?

– Não, eu achei você.

Ela o segurou pelo braço e puxou-o para que sentasse ao seu lado, no divã. Por mais que tentasse evitar, não conseguia parar de olhar para os seios dela. Mas toda maldade que ele tinha passado quando viu lágrimas nos olhos de Alice.

– Eu estou com medo – ela disse. A menina colocou a cabeça em seu colo e dobrou os joelhos. Conseguia senti-la soluçar nas suas pernas, as lágrimas molhando o tecido da sua calça. Lembrou-se de uma briga que tivera com Nina e, no final das contas, sua ex-namorada ficou naquela mesma posição, chorando em suas pernas. Miguel, que odiava ver mulheres em prantos, levantou o rosto dela e colocou-o bem próximo do seu. Não queria mostrar afeto, só tinha um desejo louco de ver cada detalhe das lágrimas saindo dos seus olhos, tinha que achar um defeito, algo que denunciasse que não era humana.

– Medo do quê? Está tudo tranquilo, não precisa ter medo.

– A minha energia vai acabar daqui a pouco. Não me deixe sozinha, por favor. Eu não quero apagar.

Os braços dela envolveram seu corpo e o abraçaram com força, mas logo foram se afrouxando, esgotados. Os olhos de Alice ficaram entreabertos e sua cabeça vacilou para o lado.

– Estou ficando fraca, não me deixe apagar. Por favor, me traga de volta.

– Alice! – exclamou, enquanto ela fechava lentamente os olhos. A cabeleira loira pendia pela sua cabeça e se esparramou pelo divã. Logo, ela perdeu todas as forças e ficou inerte em seus braços. Largou-a e levantou-se, tremendo. Destrancou a porta e foi para o escritório em frente falar com Nicolas, que tentava tirar um cochilo em cima da mesa de madeira.

– Você já gozou?

• • •

Em poucos minutos, a calma deu lugar à tensão. Nicolas andava de um lado para o outro da sala, berrando sem parar. Já passava da meia-noite e os escritórios estavam vazios, tirando deles a preocupação com vizinhos.

– Essa boneca é uma mina de dinheiro, de última geração. Você está ficando maluco, Miguel?

– Eu fui até o centro da cidade, eu achei ela. Ela é minha, nem tínhamos combinado um preço ainda.

– Você é doente, cara! Ela não é ninguém, não é porra nenhuma. É só um bando de chips de silício, cara. Uma porrada de comandos condicionais e talvez um *software* de aprendizagem, mais nada. Ela é uma boneca, caralho!

Estavam no escritório das paredes brancas enquanto Alice tinha ficado no outro lado do corredor, ainda no divã. Miguel coçou a cabeça, estava confuso e não muito certo do que estava fazendo.

– Nico, tem alguma coisa na cabeça dela, eu tenho certeza. Ela disse que estava com medo, cara! Ela chorou, eu vi.

– Era só o que me faltava. Depois de levar um fora da Nina você ficar apaixonado por uma porra de uma máquina.

– Vai à merda, Nicolas!

O negro pegou um rádio da escrivaninha e discou um número. Nunca tinha visto ele usar um daqueles, que custava uma fortuna nos Escombros.

– Anderson, dá uma subida aqui porque o teu amigo enlouqueceu!

– Que amigo? – Miguel escutou a voz de Anderson entre os chiados de estática.

– O Miguel! Sobe aqui logo!

– Para que você está metendo o Anderson nisso?

– Ele é o único que consegue controlar você. E já estou ficando com medo desta sua loucura!

– Você só tem medo de perder dinheiro, isso sim, seu filho da puta!

Miguel lhe deu as costas e foi até o escritório. Desplugou as baterias de carro do corpo de Alice enquanto Nicolas assistia a tudo contendo a raiva e a vontade de xingá-lo. Ele colocou o vestido branco nela, mas levantou o tecido até a altura do abdome e chamou o colega para perto dele.

– Fecha a barriga dela.

– Miguel...

– Fecha, porra!

Nico foi para o outro escritório e voltou com algumas de suas ferramentas. Em pouco tempo já tinha fechado o ventre da boneca sem deixar qualquer marca. Ajustando os últimos detalhes, olhou para o lado e viu duas pessoas na porta. Anderson parecia muito bêbado e, assim que entrou, cambaleou até uma cadeira e sentou-se. Junto dele estava Fred, que não tirava seus olhos curiosos da boneca no divã.

– O que está pegando? – perguntou.

Nicolas contou toda a história, desde a chegada da boneca. Miguel escutava tudo calado, observando como o seu colega dava os últimos retoques na pele de Alice. Aéreo, Anderson olhava para o nada, absorto pelo álcool. O que mais incomodava Miguel não era a indiferença do amigo ou a maneira como Nico contava a história, mas o olhar perspicaz de Fred. Ele assimilava os

acontecimentos brincando com a ponta dos *dreads* entre os dedos de uma mão e uma garrafa de vodka meio vazia na outra.

– A boneca é dele, cara – concluiu o motoqueiro negro, dando de ombros. – Deixa ele brincar com ela até enjoar, depois vocês vendem isso.

Nicolas riu e olhou com desdém para o calado Miguel.

– Ele não vai ter como ligar ela de novo. Essa coisa fritou nove baterias de mercúrio modificadas em, sei lá, um minuto. Pelas minhas contas, ela deve usar uma célula de última geração, como aquelas baterias de caminhão. E isso custa uma fortuna.

– Há vários caminhões das Luzes que passam pelos Escombros. – Miguel percebeu que os reparos na pele já tinham terminado e puxou o vestido dela até os joelhos novamente.

– Mas não desse tipo, Miguel. Estou falando daqueles caminhões enormes, que mais parecem trens, com vários compartimentos. Só existem fora daqui. Olha, se você juntasse grana o suficiente para comprar uma coisa daquelas, poderia até se comprar uma quitinete na Rio Alpha. É muito dinheiro.

Esquecera daquele detalhe, e a explicação de Nicolas caiu como uma bomba em seus planos. Não sabia o que fazer, mas ainda não considerava vender a boneca uma alternativa, só não tinha ideia de como arranjar tanto dinheiro.

– Eu dou um jeito, faço alguma coisa pra dar conta disso.

– Não, não faz não. – Fred agora tinha um sorriso, quase imperceptível, mas assustador em seus lábios grossos. Seus olhos brilhavam enquanto mirava Alice e Miguel. – Se for tanto dinheiro assim, você poderia trabalhar a vida inteira aqui, mas não conseguiria chegar nem perto.

– Desista, Miguel. Eu vou vender isso pra algum contrabandista e a gente racha o dinheiro, faço até meio a meio dessa vez. Ela vale uma grana boa.

– Não – interrompeu Fred, ficando em pé novamente. – Você não precisa desistir dela.

O negro se aproximou de Alice e continuou, num tom calmo:

– Eu consigo uma dessas mais barata com o Comandante. Ele ficou triste, sabia? Não gostou de saber que o psíquico que nós tínhamos achado pulou fora.

– Filho da puta – rebateu Miguel, desviando o olhar. Não sabia o que fazer. Precisava escolher entre abandonar a androide ou se meter com as gangues, coisa que jamais concebera, nem por Nina. Indeciso, perguntou a si próprio até que ponto acreditava que Alice era uma entidade “viva”. Não encontrava resposta, apenas uma vontade estúpida de ajudá-la. Que merda era aquela? Fuzilado por todos os olhos da sala, duvidou de si próprio e quase soltou o não definitivo. Mas voltou a lembrar das palavras de Fred no começo do dia: “Se acharmos o Oráculo, talvez ele possa explicar os seus poderes”.

Cerrou os punhos, pois sabia que tinha virado uma marionete nas mãos deles. Ele tinha perguntas e desejos, eles tinham as respostas e os tesouros. Algo inexplicável o atraía a Alice, algo que ele não ousava desafiar.

– Vou aceitar isso como um sim. – Fred não esperou a resposta, sabia que Miguel não conseguiria admitir aquilo. – Encontre a gente amanhã aqui no escritório do Nicolas, vamos te arranjar uma moto decente, ensinar a pilotar direito e você vai ter que dar um jeito de desenvolver seus poderes.

O motoqueiro abriu uma mochila e tirou mais um rádio, como o que Nico acabara de usar.

– Esse é pra você. O Comandante arranjou isso pra gente poder se comunicar.

Nicolas deixou-se cair sentado na cadeira pesadamente, vencido pelas circunstâncias. Anderson deu uma risada e balançou a cabeça, sem acreditar no que acontecia.

– Nicolas, quero que espalhe um rumor entre seus contatos. Quero que todo mundo nos Escombros saiba que os líderes dos Engenheiros, dos Caçadores e da Peste se uniram numa só gangue. E diga também que temos

alguém como Angra do nosso lado, alguém ainda mais forte. Mande espalhar que temos um psíquico.

– Sem problemas, Fred – respondeu, desanimado.

– Já comecei a espalhar esse boato. Tem muita gente atrás de nós com missões boas, quase do nível das que a Éden conquistou com a vitória de ontem. O trabalho vai ser duro, mas nada que o nosso psíquico não consiga aguentar. – Fred olhou para Miguel uma última vez e foi embora sem se despedir.

– Olha a merda em que você se meteu – comentou Nicolas, quando já não havia mais ninguém por perto.

A raiva de Miguel diminuiu um pouco. Sentia uma espécie de alívio por saber que conseguira, pelo menos por enquanto, proteger Alice. Pegou-a no colo e foi até o escritório, onde a embrulharia novamente.

– Ambos somos marionetes, não é? – disse para a androide desligada. Mesmo que fosse apenas uma máquina, sentia-se estranhamente próximo dela.

O Rei do Rio

Ruby Alford estava sentada de maneira despojada em sua cadeira, os olhos perdidos na taça de vinho que segurava entre os dedos. Os curtos cabelos loiros davam um ar mais maduro para a jovem de 25 anos, herdeira precoce de um império empresarial. No outro lado da mesa de mogno lustrado, Remo Scorza era a sua antítese. Já na faixa dos 40, o empresário italiano parecia ter a manha dos negócios em suas veias. Os traços duros do rosto e o olhar azul-metálico assustavam tanto quanto o excesso de cuidado para manter seu cabelo emplastado de gel corretamente penteado para o lado.

– Não vejo razão para isso ser motivo de tanta preocupação. Tudo parece perfeitamente normal para mim – disse Ruby, mirando o mar além da parede de vidro do último andar da Torre Alfa, o principal arranha-céus das Luzes e sede do consórcio de empresas responsável pela administração do Rio.

– Você só vai encontrar algo de errado quando a fortuna dos seus pais acabar e você não puder mais sustentar suas baladas – rebateu Scorza.

A provocação não fez a menina mover um músculo do rosto. Dona de um desdém do tamanho do mundo, Ruby continuava perdida olhando para os prédios vizinhos e para o mar, partes da vista privilegiada do escritório.

– *Manager* Alfonse, por favor – invocou o italiano, já um pouco irritado.

Uma das paredes da sala se iluminou e um rosto fantasmagórico verde-cristal surgiu. Alfonse era a inteligência artificial que tocava parte dos negócios da Tríade e administrava a cidade.

– Sim, senhor Scorza. – A voz sem vida da IA sempre incomodava Ruby, que vivia mudando suas configurações vocais para que parecesse mais humana.

– Por favor, Alfonse, mostre a Ruby o ritmo de crescimento das três corporações da Tríade num período de dois meses.

O rosto da IA sumiu e deu lugar a um gráfico representando o crescimento das empresas Alford Tech, da família da francesa, Fiume Energy, do próprio Scorza, e Spartan Solutions. As duas primeiras mostravam um movimento positivo de 1,2%, mas a última apontava um ritmo anormal de 7% no mesmo período.

– Mas isso não foi registrado em lugar nenhum – protestou a garota. – Na última vez que pedi para os meus assessores checarem os números da Spartan, ela mostrava uma variação igual à nossa. Era até menos de 1%. Alfonse, você tem como checar isso de novo?

– Esses dados são confidenciais, madame Ruby. Quem os obteve foi o próprio senhor Scorza – respondeu a IA.

O italiano sorriu quando a francesa o encarou, nitidamente assustada.

– Remo, você *hackeou* o nosso *manager* virtual?

– Não. Recebi isso de uma fonte segura. Uma fonte que você conhece bem.

O rosto de Alfonse voltou à tela, mas havia outra face no canto inferior da parede, numa janela paralela. Ambos conheciam bem aquele jovem careca com *piercings* por todo o rosto e olhar desafiador. Gian era filho de um empresário brasileiro influente do Rio, mas seu grande mentor era Remo Scorza. O italiano via o garoto como seu “afilhado” nos negócios. “Coisa de mafioso italiano”, como Ruby gostava de comentar. Além dos privilégios que recebia do “padrinho”, Gian era uma verdadeira raposa, cheio de contatos no submundo e sempre realizando trabalhos obscuros.

– Não entendo a razão de tudo isso. Somos empresas e acabamos sujeitas a crescimentos ou reduções, é algo perfeitamente natural – reclamou a garota.

– Não aqui, não na Tríade – rebateu Gian, que agora dividia metade da tela com Alfonse. O garoto tinha um jeitão que realmente lembrava Scorza, talvez o tato para os negócios e a frieza. Quem não os conhecia até podia acreditar que eram parentes. – A Tríade é como um organismo, Ruby. São três empresas diferentes, mas...

– ... estão no mesmo barco e são um mesmo corpo – disse a garota, imitando o tom de voz sério do italiano, que repetia aquela frase aos quatro ventos.

Ruby sabia que os dois estavam certos. Aqueles gráficos diziam respeito ao crescimento das três empresas em atividades relacionadas ao Rio de Janeiro. A Fiume Energy fornecia energia à cidade, além de revender a abundante água brasileira para o exterior. A Alford Tech, uma gigante do ramo das telecomunicações, tinha feito o Rio de Janeiro chegar ao nível de grandes cidades do mundo no quesito tecnologia. Já a Spartan Services era a responsável por toda a segurança local sob o comando do ex-militar chinês Myang Tseng. As três exploravam o Rio, as três se subsistiam, eram realmente como partes de um mesmo organismo. Aquele aumento exagerado era suspeito, a menina não podia negar.

– Vocês não acham que pode ser um valor falso divulgado para enganar investidores da Spartan? – Ela não queria confusão, a última coisa que pensava era ter que se afastar de suas festas para resolver problemas da empresa que seus pais deixaram em seu nome.

– Esse valor não foi divulgado nem na reunião interna dos acionistas nem no balanço oficial. É algo guardado a sete chaves por Myang e seus assessores mais próximos – disse o italiano. Scorza se levantou de sua cadeira e caminhou até a parede de vidro por onde viam fagulhas do neon da Rio Alfa. – Ele está fazendo alguma coisa, e é nos Escombros.

– Só gostaria de saber o que ele ganharia investindo lá – se perguntou Gian.

Ruby derramou mais um pouco de vinho em sua taça e ficou olhando para o italiano e seu afilhado.

– Só me tirem uma dúvida. O que vocês pretendem fazer com o Myang quando descobrirem porque a empresa dele anda crescendo desse jeito? – Ela virou um gole da bebida.

– Por enquanto não tenho nada em mente – assumiu Scorza, acendendo um cigarro. – Mas, dependendo do que ele estiver tramando, talvez precisemos puxar o tapete dele, sabe-se lá como. – Ele caminhou de volta à mesa, o olhar perdido em suas divagações. – Sabe como é, na Tríade não pode haver desigualdade, não podemos nos dar ao luxo de deixar que uma de nós cresça exageradamente, até porque dependemos um do outro. Mas se um de nós cresce e o outro não vê a cor da grana, é porque há algo muito errado aqui. Tudo que cresce desordenadamente dentro de um organismo trata-se de um câncer.

– Só tem um problema – lembrou Ruby. – Quem tem a chave do cadeado dos Escombros é o Myang, se é que você me entende. Ele manda e desmanda lá. Ele tem aquelas gangues de motoqueiros, os boso-zoku, do seu lado, são as garras dele lá dentro. Aquele chinês paga para que elas façam seus trabalhos sujos e ainda mantém os traficantes de drogas sob controle com seus mercenários profissionais. Se ele estiver fazendo merda lá dentro, não temos como descobrir.

– Nós já temos nossos olhos dentro dos Escombros. – Gian sorria e Ruby sabia que aquilo significava que aquela parte do plano tinha sido obra sua. – Há um criminoso famoso lá dentro que vai nos ajudar em troca de dinheiro e mais influência. E você conhece bem ele – disse o garoto.

– E quem não conhece bem o Comandante, Gian? Quem não conhece...

Alfonse cortou a conexão de Gian às pressas e seu rosto verde-cristal assumiu uma textura vermelha.

– Funcionários da Spartan Solutions estão no prédio e vindo para cá.

A projeção na parede se apagou, deixando a sala na penumbra novamente. Scorza sorria enquanto via a menina pegar sua garrafa de vinho e deixar a sua sala languidamente.

– Esses chineses têm o dom de aparecer nos piores momentos. Achei que você ficaria mais um tempo comigo hoje, Ruby. – O italiano tinha um sorriso malicioso nos lábios.

– Hoje não, Scorza. Mande tudo que você souber sobre Myang para mim, me mantenha informada.

• • •

Ao aceitar a proposta de Fred para se unir à gangue recém-formada, Miguel não imaginava que sua vida fosse mudar tanto e tão rapidamente. Dois dias após a decisão, o Comandante, que ainda não o tinha conhecido pessoalmente, sugeriu que saísse de casa para dividir um apartamento com Anderson na Praça da Bandeira.

– É para que fique mais seguro – justificou Fred, quando bateu em sua casa para lhe dar a notícia. No começo, ficou receoso em deixar a casa dos pais, mas pensou no perigo que representava para eles. Toda vez em que se lembrava de William e da incursão das forças especiais das Luzes, anos atrás, a primeira imagem que lhe vinha à cabeça era a de Dona Márcia, mãe do menino, morta no chão.

Arrumou suas poucas coisas em duas malas de viagem emprestadas e ficou sentado na sala de sua casa, sozinho, esperando que Anderson lhe buscasse. Seu colega tinha combinado de aparecer às três da tarde com uma kombi emprestada e logo chegaria. Seu pai estava trabalhando, assim como sua mãe, que tinha arranjado um emprego recentemente. Conversara com eles sobre a mudança, mas em momento algum citou a entrada para o mundo das gangues, pois sabia que eles jamais aceitariam. Simplesmente lhes disse que buscava independência, o que não deixava de ser verdade.

Do sofá marrom e cheio de rasgos, deu uma última olhada na sala de casa, que tinha lhe servido como quarto por toda a sua vida. O chão vermelho e quente, as cortinas brancas e antigas que a mãe ganhara no casamento, a mesa de jantar que eles pouco usavam e uma pequena estante de madeira com um televisor e alguns enfeites. Por mais que fossem coisas de pouco valor, aquele ambiente lhe trazia alguma segurança.

Escutou batidas na porta e abriu-a sem perguntar quem era, certo de que era Anderson. No entanto, teve vontade de fechá-la no momento seguinte.

– Nina?

Ela gostava de andar maquiada, mesmo de dia. Foi ele quem cultivou esse hábito nela, mas se arrependeu ao vê-la naquele estado. Nunca gostou de ver uma mulher chorando, e a maneira como as lágrimas borravam a maquiagem deixava sua ex-namorada com uma aparência ainda mais triste. Ela não respondeu, não disse uma palavra e sequer olhou em seus olhos, simplesmente empurrou-o para o lado, entrou em sua casa e foi direto para o sofá.

Seu primeiro impulso foi o de perguntar o que tinha acontecido, o porquê das lágrimas, mas ele já sabia a resposta. Miguel puxou uma cadeira, arrastou-a para que ficasse de frente para a menina e se sentou. Tentava passar segurança, como se estivesse no controle da situação, tudo fingimento. Ele não tinha a menor ideia do que responder quando ela perguntasse a razão de ele ter se unido aos motoqueiros, pior ainda se soubesse a verdade sobre Alice. Por isso, preferiu esperar que ela quebrasse o silêncio.

– Por que você fez isso comigo? – Nina segurava o choro e falava muito lentamente, parecia estar se contendo para não explodir num surto de histeria.

– Isso não tem nada a ver contigo, Nina – respondeu, confuso. – Eu não entrei para ganhar dinheiro, não para fazer as coisas que você queria. Entrei por uma questão de necessidade, aconteceram algumas coisas e aí...

– Porra, Miguel! Você entrou nisso por causa de uma boneca – berrou. Nina desabou em prantos e escondeu o rosto entre as mãos. Com a voz mais

baixa, num tom quase de súplica, ela continuou. – Eu te pedi essas coisas a vida inteira, era meu sonho que você crescesse e a gente desse o fora daqui. E você vai e entra nessa por causa de uma merda de uma máquina.

– Quem te contou isso?

– Não importa quem contou, porra! – disse, voltando aos berros.

Miguel segurou-a com força pelos pulsos e puxou-a para perto de si.

– Ela precisa de mim! Eu só quero ligar ela de volta, só isso! – respondeu, nervoso.

– Você está me machucando! Para! – gritou, se livrando dele. – Porra, Miguel, ela não precisa de ninguém, é uma droga de uma máquina, cara. Um computador, ela é igual a uma criança, sei lá! Nem isso! – Nina se afastou, sentou-se no sofá de novo, abraçou os joelhos e abaixou a cabeça, em prantos. – Todo mundo está falando que você enlouqueceu agora que tem esses poderes, Miguel.

– Eu não surtei, porra! – berrou ele, derrubando a cadeira ao se levantar.

– Eu vi aquela garota chorando, Nina! Eu falei com ela, o nome dela é Alice. Ela está com medo, ela precisa de mim e quer voltar à vida, eu sei que quer. – Ele sentiu os olhos quentes, a fúria da sua impotência jogando todo o seu autocontrole pela janela. Foi quando escutou batidas fortes na porta. A última coisa que precisava era de vizinhos reclamando da gritaria. – Quem é? – perguntou, com o ouvido na porta de madeira.

– Abre logo, Miguel! – gritou Anderson. Assim que destrancou a fechadura, o motoqueiro forçou sua entrada e deu de cara com o casal. – Dá pra ouvir vocês dois gritando do meio da rua! Que porra é essa?

Nina se levantou do sofá e correu na direção da porta para ir embora, mas Anderson permaneceu no caminho.

– Sai da minha frente, eu quero ir embora daqui! – Ela mantinha os olhos no chão enquanto falava e tentava disfarçar o choro. Alheio aos protestos, seu amigo continuou imóvel.

– Nina, senta um pouco pelo menos. Se acalma antes de ir embora – ele insistiu, mas não conseguiu convencer a menina, que o empurrou para o lado. Os dois observavam, preocupados, Nina caminhar apressada pela rua. – Cara, vocês ficaram juntos por tanto tempo e você ainda não aprendeu a segurar ela.

O motoqueiro olhou para o colega, que permanecia imóvel na entrada de casa, e só então percebeu as lágrimas em seus olhos.

– Vamos – pediu, com a voz tão fraca que mal podia ouvi-lo. Anderson apontou para uma kombi amarela e muito velha parada bem em frente à casa dele.

– Entra logo, deixa que eu pego as suas coisas.

Miguel sentou no banco da frente e ficou observando Nina até o momento em que ela sumiu de sua vista, dobrando uma esquina. Ficou parado, sozinho com as memórias que tinha dela e descobrindo o quanto o ódio e o amor tinham uma fronteira tão tênue. Despertou para a realidade quando escutou seu amigo bater com força o porta-malas da kombi, logo que terminou de carregar suas malas. Viu-o dar a volta pela frente e sentar-se ao volante sem ligar o motor.

– O que foi dessa vez, cara? – Como os três eram bem próximos, Anderson já estava acostumado a presenciar brigas como aquela e, em alguns casos, até intervir nelas. – Ela descobriu sobre a boneca, não foi?

– Sim. Foi você quem contou?

– Não, claro que não. Foi o Nicolas, ele disse que ela tinha escutado uns boatos já, mas ele confirmou tudo, contou a história inteira. Até sobre a boneca ele falou.

Miguel enxugou as lágrimas e levou as mãos ao rosto.

– Eu ferrei com ela, não? O que eu fiz foi errado, não foi?

– Ela te adora, cara. Senão nunca teria dado esse show todo.

Os motores da kombi roncaram alto, soltando uma fumaça negra e espessa do cano de descarga sem catalisador.

– Mas ela gosta mais das Luzes do que de qualquer coisa, esse é o problema. Não tem jeito – disse Anderson.

Passaram pelas ruas destruídas dos Escombros ruidosamente, chamando a atenção de todos. Estava claro que o motor da kombi tinha algum problema. Alguns minutos depois, quando finalmente voltou à realidade, reparou que não estavam indo para a Praça da Bandeira, e sim na direção oposta.

– Pra onde a gente está indo? – perguntou.

– Conhecer nosso novo patrão, o Comandante – revelou Anderson, sorrindo. – É melhor pelo menos disfarçar essa cara de choro antes de chegar lá.

Ao perceber que o amigo simplesmente não reagira às suas últimas palavras, o motoqueiro ficou ainda mais preocupado. Não sabia o que dizer, mas via que seu estado era lastimável.

– Cara, se você quiser desistir, foda-se. Se quiser cair fora, fala agora que eu deixo você em casa, dá pra ver que você não está certo do que está fazendo e eu não vou guardar mágoa alguma se você sair.

Dentro de sua cabeça, um emaranhado de caminhos tortuosos que sempre passavam por Nina e terminavam em Alice se formou. Sua ex-namorada era como parte dele, uma extensão de seu corpo sem a qual se sentia desfigurado. O problema é que, com o tempo, aquela extensão tinha mudado tanto a ponto de não conhecê-la mais. O que os ligava não era mais o amor, nem a amizade. Da parte dele, a única esperança que tinha era de que um dia ela voltaria a ser como antes, mas o que acontecia era exatamente o oposto. A estrada do amadurecimento os levou para direções opostas, tão distintas que às vezes se sentiam como estranhos um ao lado do outro.

Seu maior desejo era o de trazer o passado de volta, esquecer as feridas e se lançar de cabeça naquele amor juvenil e sem preocupações que desfrutaram por anos. Eles se descobriram juntos, cresceram juntos e se reinventaram juntos. Separados, eram como molduras sem pintura, livros sem página. E a busca por algo que preenchesse aquele vazio levou-o de encontro a Alice, uma

máquina que era capaz não só de chorar, mas também de fazer os outros chorarem por ela.

– Ela está viva – dizia Miguel para si próprio o tempo inteiro. – Ela está viva e precisa de minha ajuda pra voltar a viver.

Quando viu Nina dobrar a esquina e sumir de sua vista, lembrou-se de que ela também estava viva. Que sua ex-namorada tinha carne, osso e sentimentos. Viu ainda que ela tinha depositado todos os seus sonhos nele, mas eram sonhos dos quais ele não compartilhava. “Não eram sequer sonhos”, pensava, “eram traumas de infância que eu não ajudei a curar”. E quais eram os seus sonhos, seus objetivos? Nunca tinha pensado em nada para si, exceto ser feliz ao lado dela, já se sentia realizado com isso. Ela era a própria justificativa para a sua existência, por mais que escondesse isso dela e, de certa forma, até de si próprio. Sem Nina ao seu lado, começou uma busca desenfreada por um significado, até que trombou com uma boneca em lágrimas que pedia a sua ajuda. Mesmo que ainda não fosse as páginas dos seus livros e a pintura dos seus quadros, sentia-se na obrigação de protegê-la.

– Eu sou um merda mesmo – disse em voz alta, balançando a cabeça.

– Então você está fora? – indagou Anderson, parando a kombi ao meio-fio de uma rua movimentada.

– Não, eu estou dentro. Estou com vocês ainda. – O colega sorriu e voltou a dirigir, mas ainda parecia um pouco preocupado.

– Tem certeza disso, Miguel? Depois que você se mete com esses caras, não tem volta.

– Eu não tenho outra escolha. Eu penso na Alice o tempo todo.

– Mas e se ela for só uma boneca, cara? Eu sei que você pensa que ela está viva, mas e se ela tiver só enganado você?

– Paciência. Se for assim, a gente se livra dela. Vende pra alguém das Luzes, como o Nicolas tanto quer.

Anderson sorriu e balançou negativamente a cabeça enquanto sacudiam ao passar por uma rua esburacada.

– Você está meio maluco. Mas ainda prefiro você maluco do que deprimido.

• • •

O refúgio do Comandante ficava no topo de um dos poucos morros sem favelas dos Escombros, em Pilares. Rochoso, ele era de difícil acesso e seu novo dono teve que construir uma estrada particular para facilitar o acesso à base de operações, um casarão colonial do século XVII esquecido no tempo. Segundo Anderson escutara, o local era um museu antes da guerra civil e virou moradia para mendigos após a mudança de poder no Rio de Janeiro. Os novos inquilinos acabaram expulsos pelo mafioso em ascensão, que viu naquelas ruínas o lugar perfeito para erguer seu império.

A kombi foi parada algumas vezes na subida do morro, no qual seguranças particulares armados com submetralhadoras e auxiliados por dezenas de câmeras impediam qualquer estranho de se aproximar. O “Rei do Rio” fazia jus àquele aparato. Era uma das poucas figuras dos Escombros bem conhecidas nas Luzes e não tinha qualquer restrição quanto ao seu trabalho: atuava ao lado de quem lhe pagasse mais.

A atitude irritava quem ficasse em seu caminho. No passado, Miguel escutou histórias de um grupo de motoqueiros que tentou atacar o casarão do Comandante porque ele havia se aliado a uma gangue rival. Segundo diziam, eles sequer conseguiram se aproximar da mansão e seus corpos ficaram em exibição na entrada do morro por quase uma semana.

– Essa história é verdade. Essa gangue que morreu era até famosa – recordou Anderson. Ele avançou lentamente pelo último portão que os separava do terreno principal e obedeceu às instruções de um grupo de seguranças vestidos com roupas militares. – Ele é cruel com quem tenta atacá-lo, mas nunca ataca ninguém. Só responde.

Os dois foram revistados pelos guardas e liberados para avançar. Apesar de todo o aparato militar, o Comandante não era do tipo que puxava gatilhos ou ordenava execuções. Ele centralizava a rede de informações mais completa de todo o Rio de Janeiro, maior até do que as empresas das Luzes. Conhecia cada ponto de venda de drogas, cada mercenário, cada empresário ou funcionário corrupto de multinacionais.

Com um olhar triunfal, Fred os aguardava na frente do casarão. Miguel tinha até certa simpatia pelo líder da Peste, mas o fato de ter se tornado sua presa na luta para investigar e enfrentar Angra estremecera a relação entre eles. “Somos só pessoas bem diferentes atrás dos seus próprios objetivos”, refletiu, em silêncio.

Só quando o cumprimentou percebeu o som constante de cigarras, incomuns nos Escombros graças à rápida destruição das áreas com vegetação. Miguel adorava aquele barulho, deixava-o mais calmo. No entanto, só o escutava quando estava próximo dos parques no centro.

– Não sabia que tinha cigarras por aqui – comentou, ainda impressionado pelo tamanho da casa. Com três andares, o lugar fora reformado pelo novo dono e exibia todo o luxo de outrora.

– E não há – respondeu Fred, fazendo sinal para que eles o acompanhassem porta adentro. – São caixas de som espalhadas por aí, o Comandante gosta dessas coisas, desse clima de natureza.

– Gosta bastante de armas também – disse Anderson, observando que até o interior da casa tinha seguranças armados.

– É o preço do sucesso. Vamos logo, Miguel. Ele está com pressa.

O interior do casarão lembrou Miguel dos livros de época dos autores do século XIX que costumava ler. Tábuas de madeira, tetos mais altos do que o de costume, móveis de época e bom gosto na decoração se misturavam sem opulência. Ao contrário, a casa exalava uma simplicidade sóbria rara para um ambiente que deveria ter custado uma fortuna.

Passaram por uma salão e subiram as escadarias até o andar de cima, onde o ambiente era bem diferente. Mais profissional, o segundo pavimento era lotado de computadores, monitores de câmeras espalhadas pela cidade e várias pessoas andavam para lá e para cá, ajustando os aparelhos. A diferença é que, dessa vez, ninguém estava armado. Todos pareciam muito ocupados em conversas de rádio e monitoramento das informações.

– Eles são os assistentes do Comandante. Seria impossível dar conta de uma rede tão grande completamente sozinho, se é que vocês me entendem – explicava Fred.

Passaram pelos empregados e entraram num amplo escritório com estantes de livros que iam até o teto e discretas luzes laterais que mantinham a iluminação bem limitada, num estado de quase penumbra. Os olhos de Nicolas e Juan, que os aguardavam no cômodo, automaticamente se fixaram em Miguel, a grande novidade da reunião. Ignorou-os e sentou-se numa das cadeiras colocadas lado a lado em frente à peça mais bizarra de toda a mansão.

Em vez de uma pessoa, todos estavam virados para um manequim sem cabeça sentado numa luxuosa poltrona tão velha quanto a própria residência. Acima do pescoço, uma arcaica televisão com moldura de madeira estava conectada a um emaranhado de fios que descia do teto. Em torno deles, dezenas de câmeras registravam cada movimento no escritório.

– Coronel, estamos todos aqui – disse Fred, tomando seu lugar entre Miguel e Juan. – Já podemos começar.

Com o som de um clique, a televisão ligou e exibiu só estática por quase um minuto. Os motoqueiros se entreolharam, mas ninguém ousou dizer nada. Apenas Fred mantinha-se indiferente à situação. Sem aviso, a imagem mudou para a foto de um homem barbudo com um quepe militar com uma estrela solitária bordada na frente. Miguel conhecia aquela imagem dos livros de história com os quais esbarrara. Era Che Guevara, revolucionário e um dos símbolos do socialismo no século passado.

– Qual de vocês é o psíquico? – indagou a voz abafada que vinha da TV. Miguel levantou o dedo lentamente, ainda um pouco transtornado com a reunião atípica. Ouviu o som das câmeras ajustando o foco ao seu redor, sem dúvida de que todas miravam nele.

Esperava algum cumprimento, um comentário a seu respeito ou pelo menos uma pergunta sobre os seus poderes. Mas o Comandante o ignorou no momento e falou a todos.

– Não vou tomar o tempo de vocês com rodeios. Aliás, não tenho tempo para isso. – Uma interferência fez a imagem estática de Che Guevara ir e vir por uma fração de segundo e a voz pareceu um pouco mais distante. – Vocês devem saber que eu não tenho birra com ninguém, não tenho inimigo nenhum nem qualquer aliado. Então vou lembrar que nossa relação será estritamente profissional.

Fred permanecia calado, olhando para o chão o tempo todo. Miguel tinha certeza de que ele já sabia cada palavra que o Comandante falaria, estava apenas ali para acompanhá-los. Afinal de contas, fora ele quem estabelecera aquela aliança com o criminoso. Não tinha como não saber da jogada.

– Se você não tem aliados, como vamos saber se você está com a gente? – perguntou Juan.

– Mas eu não estou com vocês, isso é um contrato indireto. Eu estou sendo a ponte para pessoas que querem investigar os motoqueiros da Éden, uma ponte até vocês.

– Então você é o contratante do contratante? – perguntou Anderson. Seu rosto ainda inchado em função da batalha de dias atrás contra Angra.

– Seria uma boa maneira de me definir. Eu vou dar suporte para vocês, fazer o possível para que tenham equipamento suficiente para encarar a Éden de igual para igual. Esse é o meu trabalho. Equipar e agenciar vocês.

– Agenciar? – estranhou Anderson, enquanto Juan sorria.

– Isso. Vou colocar vocês com os melhores contratantes, divulgá-los em meus contatos, fazer com que todo mundo os tema. Ou melhor, os respeite.

Até dois dias atrás, só se falava na Éden. Agora soltamos o rumor de que os melhores motoqueiros dos Escombros estão se juntando para combatê-la. Minha ideia é ofuscar um pouco a imagem da gangue dessa mulher, fazer com que fique em segundo plano. A gente não sabe qual é o objetivo dela, mas já podemos dizer que ela gosta de aparecer. A violência que ela empregou na Praça da Bandeira deixou isso bem claro.

Anderson calou e Juan deu uma bufada. Os dois tinham perdido grandes amigos, companheiros de gangue naquela noite. Por mais frios que fossem, era natural que a morte ainda pesasse sobre eles.

– E como a gente vai investigar a Éden? – perguntou Nicolas. Miguel sentiu uma pontada de raiva, uma vontade de agredi-lo ali mesmo por ter contado a Nina sobre Alice. Preferiu permanecer quieto, a casa do Comandante não parecia o lugar certo para perder o controle. – Ficar popular e ter condição de acabar com eles não muda o fato de não sabermos nada sobre o que ela é ou o que ela quer.

– Isso é verdade. Temos pouco conhecimento a seu respeito, exceto que ela já tinha aparecido em rodas de gangues em Madureira. Meus homens também ouviram algo sobre uma confusão com Angra em Benfica, mas não conseguimos confirmar. A certeza que temos é a de que ela permaneceu como um fantasma até pouco tempo atrás. Ninguém sabe de onde ela surgiu ou se ela é mesmo aqui dos Escombros. E vocês? Têm alguma sugestão?

– O Oráculo – Juan prontificou-se para responder e reforçar sua crença no mito. Recebeu dos colegas um olhar de reprovação, mas a aprovação do Comandante.

– Estou tentando providenciar isso. – Escutaram o som de um suspiro pesado e de um teclado sendo usado pelo Comandante, onde quer que ele estivesse. – O problema é que, como contam as lendas, o Oráculo só é achado quando quer, e isso pode demorar um pouco. Mas nós temos vinte dias para achá-lo, ou sermos achados por ele.

Ninguém falou nada e Miguel se sentiu tentado a perguntar o porquê daquele prazo. Quando ia se dirigir a Fred, Juan previu sua pergunta e se prontificou a respondê-la.

– É o dia da próxima batalha de gangues na Praça da Bandeira. Não é isso, Comandante?

– Exato. Se até lá não descobriremos quem é e o que quer Angra, vamos ter que derrotá-la e interrogá-la. E tenho certeza de que vocês sabem que não podem derrotá-la. Só o nosso garoto aqui, o nosso psíquico. É Miguel o nome, não é? – Ele não respondeu, apenas assentiu com a cabeça. – Fiquei sabendo que você acabou com o cara dos Corvos, mandou ele voando contra um poste. É verdade? Você consegue fazer aquilo de novo?

– Não sei – respondeu, inseguro e surpreso em ser o foco das atenções da reunião novamente. – Ainda não pratiquei, não tentei fazer de novo nada daquilo.

– Bem, então é melhor que pratique o quanto antes. Até onde sei, você nunca participou de uma batalha de gangues e não tem experiência nenhuma de combate. Se ficar assim, é capaz de você nem chegar vivo até o dia do confronto.

A TV desligou e não souberam o que fazer por alguns segundos. Nesse intervalo, Fred puxou Miguel pelo braço e tentou tranquilizá-lo.

– Não se preocupe. Você não está sozinho nessa. Vamos te ajudar.

Ele sorriu para o negro pela primeira vez desde o convite para se juntar à gangue. Antes que pudesse falar qualquer coisa, a TV ligou sozinha, dessa vez exibindo a imagem de um sorridente Mao Tsé-Tung. Miguel imaginou que aquele homem deveria gostar mesmo do socialismo.

– Me desculpem, a interferência das Luzes no sinal daqui é constante. Voltando, só quero deixar claro que temos certeza de que Angra não está sozinha. Tem alguém grande por trás dela. Nós vamos fuçar em coisa perigosa, por isso preciso que vocês tomem todos os cuidados possíveis. Quem não estiver preparado, vai morrer – reforçou o Comandante, aumentando o

tom nas duas últimas palavras. – O que quer que estejam fazendo, tomem cuidado e atentem ao treinamento. Meus clientes querem que vocês descubram tudo sobre Angra ou acabem com ela de uma vez. De uma forma ou de outra, preciso de vocês vivos.

Juan puxou um Lucky Strike do bolso e o acendeu. Deu um trago, soltou a fumaça no ar e se inclinou para frente.

– Bem, então basicamente estamos começando do zero, só que com o seu auxílio. Mas não falamos do dinheiro...

– Eu sei, mas não se preocupem quanto a isso. Enquanto eu estiver agenciando vocês, podem ter certeza de que receberão as melhores missões dos Escombros e boas recompensas. E, caso acabem com a Éden ou consigam as informações que meus clientes nas Luzes querem, receberão um bônus bem gordo.

– Quão gordo? – insistiu o motoqueiro loiro.

– Gordo o suficiente para se aposentarem dessa vida de motoqueiro. O suficiente para tentarem uma vida confortável, sem precisar ficar se fodendo em cima de motos e arriscando o pescoço por trocados.

Juan retribuiu a resposta com um sorriso largo.

– Estou dentro.

– Já tomei a dianteira e fiz algumas coisas – prosseguiu o Comandante. – Esvaziei um dos meus apartamentos na Praça da Bandeira para que Miguel e Anderson morem lá. Acho mais seguro eles morando próximos dos outros motoqueiros. Além disso, Fred e Juan já vivem por lá. Vai facilitar as coisas. Os rádios já estão com vocês, não? Excelente. Agora, precisamos apenas de um nome para a nova gangue.

Pela primeira vez, Fred pareceu surpreso. Tinha se esquecido daquele detalhe óbvio e olhou para os lados em busca de alguma resposta, mas obteve apenas silêncio dos companheiros. Um dos funcionários responsáveis pela rede de informações os interrompeu e abriu a porta da sala, inundando o soturno escritório de luz.

– Comandante, o Leandro, dos caça-níqueis, já chegou para a reunião com o senhor. E os acionistas da Alford Tech querem uma resposta a respeito daquela fábrica sitiada em Bangu – anunciou o homem de meia-idade, dono de um forte sotaque latino.

– Manda ele esperar na sala de visitas. E diga aos acionistas que terão uma resolução até o fim do dia. Já estou terminando aqui. Senhores, um último favor – prosseguiu, voltando as atenções aos motoqueiros. – Uma de minhas posses é um supermercado abandonado na Usina. Fiz do lugar um belo puteiro que funciona à noite lá, mas não é disso que quero falar. O estacionamento dele é enorme e está ocioso. Quero que treinem o rapaz novo. Se possível, quero todos vivos quando isso acabar. Por agora, estão dispensados. Entro em contato com vocês quando tiver novidades.

Aliviado pelo fim da reunião, Miguel tomou a dianteira e tentou sair na frente dos amigos, mas foi interrompido pela voz abafada das caixas de som do cômodo.

– Antes, quero ter uma conversa a sós com você, Miguel.

A pedido do comandante, aproximou uma das cadeiras da poltrona onde o manequim vestido num terno se recostava com a TV sobre o pescoço. Agora que estava a sós com aquilo, sentia-se ainda mais desconfortável com toda a situação. Imaginou o verdadeiro Comandante, em algum lugar, observando o que as várias câmeras da sala captavam da sua expressão insegura e o suor que seu nervosismo insistia em produzir. Com uma voz bem mais paternal do que antes, o Rei do Rio pigarreou e começou a falar.

– Você sabe no que está entrando, não sabe, cara? Você sabe no que isso vai dar? – indagou o Mao Tsé-Tung estático, seu sorriso contrastando com a tensão da sala. – Dá pra ver nos seus olhos que você não é como os outros, que não está nem aí pra fama e o dinheiro que eles perseguem. Olha, a vontade deles de alcançar seus objetivos é muito grande, se aquilo que te impulsiona não é forte o suficiente, então você vai ficar para trás, vai acabar morto nessa merda toda. Você sabe disso, não sabe?

Miguel acenou positivamente com a cabeça, novamente sem nenhuma palavra.

– Eu sei a razão disso tudo, sei porque você está fazendo isso, Miguel, e da bateria que você quer. Mas muita coisa vai girar ao seu redor de agora em diante. Se você não for homem o suficiente, vai foder com a vida de todos, compreende?

– Eu sei o que eu quero – disse Miguel, com dificuldade para acreditar nas próprias palavras. – Eu sei o que eu quero e não vou pular fora.

Um estalo próximo o fez olhar para os lados e só então percebeu uma fechadura eletrônica na gaveta de uma das prateleiras no canto da sala. A luz vermelha do aparelho digital que a trancava mudou para verde e o compartimento apresentou uma leve abertura.

– Vai lá. Abra a gaveta e traga o que encontrar para cá. – Miguel puxou dali uma maleta negra do tamanho de um computador portátil. Trancada por outro cadeado eletrônico, ela vinha acompanhada de uma chave manual um pouco maior do que o seu polegar. – Não abra a mala. Traga-a para cá.

– O que significa isso? – Sentou-se novamente em frente ao manequim, mas dessa vez não conseguiu tirar os olhos da maleta.

– Eu sei que a gente nem se conhece Miguel, nem pretendo virar seu amiguinho ou pedir que fiquemos mais próximos. Mas tem muita coisa em jogo aqui. Para mim, para você e para todos os seus amigos. Nós nem nos conhecemos, mas precisamos confiar uns nos outros, entende? É assim que a raça humana sobrevive em ambientes inóspitos, confiando nos seus parceiros de espécie.

– Aonde você quer chegar?

– Para trabalhar comigo, teremos que fazer um trato. Você fará parte dessa gangue que estamos formando, lutará ao lado dos seus amigos para reviver a sua boneca ou seja lá o que pretende fazer com ela, mas terá que me prometer algo. Sei que não há um sonho que não seja destrutível ou confiança incorruptível, não sou mais ingênuo para acreditar nessas coisas – dizia o

mafioso, com um tom muito sério. – No dia em que você desistir de nós, assim que você decidir jogar tudo para o alto e cair fora dessa empreitada, quero que você abra essa maleta. Ela tem transmissores de rádio, entende? Se você abri-la no quintal da sua casa ou numa caverna no Afeganistão, eu ficarei sabendo. Pode ter certeza.

– Abrir essa maleta quer dizer que deixei a gangue? É isso?

– Sim. Não precisa nem vir falar comigo, apenas abra a maleta. Nesse meio tempo, esconda-a num lugar seguro, onde ninguém possa achá-la. De preferência, esconda-a num lugar e a chave em outro. Assim você impede alguém de abrir isso e me fazer acreditar que desistiu.

Perdido, demorou para soltar um “sim” quase inaudível. Percebeu que a reunião tinha terminado. Enquanto caminhava em direção à porta, não resistiu e perguntou:

– E se eu não desistir?

– Ganha a célula de energia para alimentar sua garota. Simples assim. Só tem mais uma coisa, sobre a sua primeira missão.

– O que tem ela?

– Bem, você não sabe fazer muita coisa e não tem preparo algum, mas precisa fazer dinheiro para conseguir a bateria. Vou te colocar num trabalho especial amanhã.

• • •

No dia seguinte, quando acordou, Anderson já não estava mais em casa. Ele e os outros motoqueiros tinham saído bem cedo para realizar um dos trabalhos que o Comandante arranjara. O apartamento na Praça da Bandeira não era muito grande, tinha apenas um quarto e paredes cheias de infiltrações, mas Miguel gostara dele. Era arejado, com uma larga janela na sala pela qual o Sol da manhã batia no fresco chão de ardósia e trazia um pouco de vida ao local.

Quando começou a desfazer as malas, olhou de relance para a enorme caixa branca debaixo da cama. Era a melhor coisa que tinha conseguido para guardar Alice enquanto não conseguisse a bateria, e até que não tinha ficado tão ruim. Terminava de arrumar suas poucas coisas no armário quando um saco de pano caiu no chão. Antiquíssima bolas de gude rolaram dele e se espalharam pelo quarto enquanto Miguel sorria.

As bolinhas eram parte de suas recordações, a parte boa delas. Aquele saco de pano era uma espécie de baú de tesouros seu. Havia nele também um par de brincos que Nina esquecera com ele, uma foto de sua turma de oitava série e uma pequena pintura em carvão de seus pais ainda jovens, presente de um artista amigo deles. Sentou-se no chão e catou as bolinhas uma a uma, colocando todas em cima da foto do colégio.

Nina estava lá, bem ao seu lado, já era sua namorada naquela época. Sem os efeitos das drogas, ela parecia bem mais bonita, mais viva. Do outro lado estava Anderson, o semblante rebelde e um tanto desleixado. Gostava de mais alguns outros dali, mas bem poucos. Não era muito popular nos tempos de escola, especialmente em função do jeito distante.

Ainda um pouco hipnotizado pelas memórias, lembrou-se de que seu novo chefe o tinha aconselhado a treinar seus poderes psíquicos, mas não sabia por onde começar. Fixou os olhos nas bolas de gude que estavam em cima da foto, fazia um esforço mental para movê-las, mas nada acontecia.

– Merda – sussurrou, voltando seu olhar para a caixa de Alice. Não tinha pista sobre como usar seus poderes. Tendo eles ou não, vivera seus últimos 19 anos sem sequer percebê-los, então como conseguiria aprender a dominá-los num espaço de um mês? Respirou fundo e voltou o olhar para as bolinhas, que teimavam em não se mover de acordo com seus caprichos. Percebeu, então, que a Nina adolescente o encarava nos olhos com um semblante jovial.

No dia anterior, pensou em visitá-la para ver se tinha ficado bem após a discussão, mas decidiu dar-lhe um tempo. O que mais lhe preocupava era a certeza de que sua ex-namorada tinha pulado de cabeça no vício depois da

discussão em sua casa. Certa vez, no começo da aventura dela com drogas, testemunhou uma das incursões dela nos alucinógenos e apenas assistiu, sem saber o que fazer. A carreira de pó branco em cima da mesa sumia enquanto Nina cheirava. Alguns amigos riam ao redor e faziam o mesmo. Sua passividade foi seu maior inimigo naquela noite, não soube se impor, não tentou impedi-la. Aos poucos, os olhos carinhosos foram substituídos pelos nervosos, alertas, alucinados. Toda vez que se drogava, Nina morria, se tornava outra pessoa, um animal. Miguel tentava apagar aquelas memórias da sua cabeça, mas não conseguia. Sentiu vontade de chorar, mas se conteve.

Quando caiu em si novamente, viu que as bolas de gude estavam rasgando a foto e afundando o chão, como se o peso delas tivesse aumentado brutalmente. O susto fez elas dispararem para todos os cantos do quarto sem que as tocasse. Pegou a foto, agora danificada pela pressão das bolas, e percebeu que até a ardósia do chão estava esmigalhada em alguns pontos.

Animou-se para praticar seus poderes, mas foi interrompido por batidas na porta. Demorou um pouco para se recompor e sua visita não foi das mais agradáveis. Sorridente como sempre, Nicolas estava de pé no corredor vestindo uma roupa de moletom dormida, um boné verde-musgo e seus óculos de leitura.

– Fala, Miguel! O Anderson ainda está aí?

Não respondeu, apenas encarou de volta. Estaria ele se fingindo de sonso ou realmente não tinha noção alguma do que fizera ao contar a história de Alice para Nina? Sentiu a raiva subir e temeu que seus poderes mentais esmagassem o crânio do colega.

– Não – disse, de maneira seca. Pegou Nicolas pelo braço, puxou-o para dentro do apartamento e fechou a porta. Perdido ou dissimulado, ele fez cara de assustado. – Cara, você é maluco? Por que você contou tudo pra Nina? – Nicolas deu de ombros.

– E o que você queria, cara? Vocês nem estão mais juntos, relaxa.

Miguel teve vontade de agredi-lo, mas se conteve e apenas deu um leve empurrão no amigo.

– Você é doente, cara? Ela veio me procurar chorando e, do jeito que estava, deve ter feito besteira ontem. Porra, pra que isso? Sua vontade de comer ela é tanta assim?

– Vai à merda, seu babaca – berrou Nicolas. – Pelo menos ela ficou sabendo por mim, que sou um amigo. Melhor do que ouvir um boato da boca de outra pessoa.

– De que pessoa? Só nós sabíamos disso!

– Vai dizer que você não se lembra de que o Anderson estava completamente bêbado quando encontrou a gente com a boneca? Ele contou isso aos berros pra todo mundo na Praça da Bandeira quando desceu com o Fred. Nem deve se lembrar disso de tão mal que estava.

A explicação do amigo não era das melhores, mas também não era de se jogar fora. Se os boatos corressem pelas pessoas até chegar aos ouvidos de Nina, a reação poderia ter sido bem pior.

– Porra, cara. Pelo menos me avisa antes de fazer uma coisa dessas. Eu queria ter falado com ela pessoalmente!

– Você não faria isso, cara. Tenho certeza.

E Nicolas estava certo. Em momento algum passara pela cabeça de Miguel contar para Nina a razão pela qual se uniu às gangues. Olhou para o relógio que tinha deixado numa prateleira da sala e viu que já estava quase na hora do seu compromisso.

– Preciso ir. O que quer que você queira com o Anderson, ele não está.

– Aonde você vai?

– Fazer um serviço para o Comandante – respondeu, ainda tentando controlar o impulso de socar a cara do colega.

• • •

As motos novas que o Comandante encomendara para a gangue só chegariam à noite, por isso Miguel usou sua antiga para fazer o trabalho. Não precisou ir longe, apenas coragem para ir num lugar que nunca fora dos seus favoritos. O Posto Rebouças era a principal ligação dos Escombros com as Luzes, e justamente por isso um dos locais mais sombrios da região e evitado por qualquer um que não quisesse problemas. Tratava-se de uma pequena base militar instalada na entrada do Túnel Rebouças.

As histórias do lugar já justificavam sua má fama. Logo após o fim da guerra civil e do crescimento do lado rico da cidade, moradores da parte pobre fizeram um protesto na entrada do antigo túnel. Foram todos armados com paus e pedras, pois esperavam confronto direto com as forças militares privadas, mas não estavam prontos para as atitudes drásticas que foram tomadas. Não houve qualquer tentativa de pacificar o tumulto, apenas uma chuva de balas que silenciou a multidão em menos de quinze minutos e deixou para trás dezenas de mortos. Mortes, aliás, eram normais ali. Quem tentasse escapar para as Luzes era executado sumariamente, se descoberto, como foi o caso da mãe de Nina.

Fora lá apenas uma vez em toda a sua vida, anos antes, e o lugar era rigorosamente o mesmo: um fragmento de alta tecnologia fincado nos escombros da pobreza.

– Tipo uma Honda VR 2040 dentro de um parque cheio de fuscas – como Anderson costumava dizer.

O pequeno prédio de vidro preto blindado, a guarita desprezível na entrada e o caminhão com o logo da Spartan Solutions munido de sua simpática metralhadora antiaérea era só o que ficava à vista. Dentro do túnel, havia mais instalações militares e um sistema de segurança que nunca tinha deixado nada dar grandes dores de cabeça aos cidadãos das Luzes.

Quando apareceu ali com sua moto velha, a jaqueta de pano cinza e a calça jeans mais gasta, os soldados não lhe deram bola. O único que prestou atenção nele foi um homem alto com pouco mais de trinta anos e nenhuma

cara de brasileiro. Seu cabelo liso, castanho claro e desgrenhado, a barba clara por fazer e seu próprio olhar denunciavam que era um gringo. Não teve dúvidas de que era ele quem estava procurando. Desceu da moto e se aproximou da guarita onde o homem estava. Só então os guardas lhe deram mais atenção e levantaram seus rifles, mas o gringo fez um sinal com a mão para que abaixassem as armas.

– Você é Miguel? – perguntou, com um sotaque muito forte.

– Sim. E você é o Matthews, não é?

– Matt, pode me chamar de Matt – disse, estendendo a mão para cumprimentá-lo e abrindo um largo sorriso.

De acordo com o que o Comandante lhe dissera, Matthews Levy era um jornalista americano, um *freelancer* contratado pelo New York Times para saber mais sobre os Escombros, a grande vergonha do Rio de Janeiro.

– A mãe dele é brasileira, ele fala bem o português – o mafioso explicara.

– Ele está pagando bem para ser escoltado e guiado. É um serviço bem fácil, não vai fazer merda.

Mas não tinha merda nenhuma a ser feita. Matt era simpático, tinha pouca bagagem e temperamento calmo. No entanto, o que não tinha de malas ele tinha de perguntas. Dono de um olhar perspicaz, inquiria Miguel sobre praticamente tudo o que via.

– É verdade que o antigo centro da cidade é inabitável? – perguntou, quando passaram ao lado da montanha de escombros que impedia o acesso ao centro.

– Dizem que sim, parece que quem vai lá nunca volta – respondeu, temeroso de revelar seu segredo.

A volta até a Praça da Bandeira era um caminho bem curto, mas incluía passar por algumas das áreas mais pobres dos Escombros. O jornalista olhava tudo com atenção, até que deixou escapar:

– Esse lugar rende umas boas fotos.

– A miséria sempre rende.

Matt perguntou sobre mais mil coisas enquanto Miguel o ajudava a levar suas duas malas para o apartamento no qual ficaria. O americano seria seu vizinho enquanto estivesse no Brasil e talvez até contratasse seus serviços mais algumas vezes nesse tempo, por isso o motoqueiro fazia um esforço extra de simpatia para ganhar a amizade. Depois que desfez as malas, foram juntos até um pequeno mercado perto dali para que pudesse se abastecer.

– Vocês daqui estudam? – ele perguntou, enquanto enchia uma sacola com frutas.

– Sim, tem uma escola aqui.

– Apenas uma?

– Sim, mas ela é bem grande.

Matt logo pediu para conhecer o colégio e os dois apenas descarregaram as compras em casa antes de pegarem novamente a moto. Aquilo não estava incluído no pagamento, mas ele preferiu não cobrar nada. O americano apenas lhe deu algumas notas para que pudesse encher o tanque e logo estavam novamente passando pelos caminhos tortuosos dos Escombros.

– Esse lugar era um enorme condomínio antes da guerra – explicava Miguel, lembrando dos poucos fragmentos da história que escutara. – Já perto do final da guerra civil, as forças pacificadoras usaram ele como base, expulsaram todos os moradores. Aconteceram muitos confrontos e, quando a guerra terminou, o lugar ficou servindo como um centro de assistência social que o pessoal das Luzes prestava, mas eles pularam fora.

– Eles simplesmente abandonaram a iniciativa?

Eles já podiam ver o conjunto de prédios vermelhos à distância quando Miguel respondeu:

– Olha, pelo que eu sei, logo depois da guerra esse lugar ainda recebia atenção, mas durou pouco. Acho que deixamos de ser novidade, por isso as Luzes sabiam que ninguém repararia se nos abandonassem. Quando deixaram o prédio, a própria população tomou a iniciativa de montar uma escola aqui. Os professores são todos dos Escombros também.

Matt riu, o que irritou um pouco o motoqueiro.

– Acha isso engraçado?

– Não. É que vivemos numa era de informação, pelo menos fora daqui. Se você estiver no canto mais pobre da África, ainda consegue uma conexão com a internet, uma maneira de denunciar alguém sobre alguma injustiça, de contar para o mundo. Mas aqui parece um lugar tão isolado, é uma pobreza chocante. Eu pesquisei tudo que pude sobre os Escombros, mas não havia quase nada disponível.

– Não é pobreza. É imposição. Não somos tão miseráveis, só isolados – disse Miguel, buscando um lugar seguro para deixar a moto. – A energia elétrica aqui é muito limitada e eles ainda impedem que sinais de satélite entrem. Temos até televisão, mas é filtrada com alguns poucos canais, muita gente aqui nem sabe o que é internet. Pelo que conversei com meu amigo Nicolas, o mundo lá fora é bem diferente.

– Sim, claro que é. Acho até difícil explicar isso para alguém que não usa a internet normalmente – dizia, quando finalmente pararam a moto. – As pessoas estão o tempo todo conectadas, seja por R.A. ou aparelhos portáteis, o próprio ritmo de vida é diferente em função dessas coisas.

– R.A.?

– Realidade ampliada. Eu deixei um aparelho no apartamento, mostro para você quando voltarmos. Mas, enfim, essa repressão de informação é muito eficaz aqui, o que é interessante e assustador ao mesmo tempo. Me conta um pouco mais sobre essa escola.

Miguel mal escutou o pedido do jornalista, já que sua atenção foi desviada pelo ônibus azul da “Missão Cristã”, uma organização católica que ajudava a escola de tempos em tempos. Eles sempre traziam um batalhão de jovens para auxiliar no ensino e dar aulas de reforço aos mais pobres, mas a maioria deles não voltava para lá uma segunda vez. Para Miguel, eles usavam a desculpa da ajuda para matar a curiosidade e ver o lado negro do Rio de

Janeiro. Já tinha conversado com alguns e gostado deles por algum tempo, mas aprendeu a gostar menos com o passar dos anos.

– Missão Cristã, hein? Ajudam muito vocês?

– Acho que lá no fundo nós é que ajudamos. Eles se sentem menos culpados depois de fazer uma ou duas visitas, raramente aparecem mais do que isso.

– A hipocrisia nunca morre. Essa é a verdade.

Matt e Miguel andaram juntos por um tempo pelos corredores da escola, mas o jornalista pediu que o deixasse só para explorar o local. Sem ter que cuidar do americano, passeou por alguns lugares onde estudara no passado, mesmo que seu coração o pedisse para dar o fora dali. Miguel não gostava muito de retornar ao colégio, pelo menos não nos últimos tempos. A principal razão de evitar pisar ali era que aqueles corredores guardavam algumas de suas melhores memórias de Nina, algo que fazia o possível para tentar deixar de lado no momento. Ainda não sabia se tinha errado ou acertado com sua ex-namorada, mas precisava seguir em frente para concluir seu objetivo de ajudar Alice. Vagou a esmo, cumprimentou ex-professores e alguns funcionários numa tarde que parecia tão estéril quanto a vida de todos os que estudavam ali.

Cochilou num banco perto da entrada para passar o tempo, mas uma voz familiar lhe trouxe de volta a uma realidade na qual custou a acreditar. Nina, a mesma Nina que ele vira em prantos e com o semblante corroído pelas drogas, gargalhava alegremente perto da portaria. Leve como uma brisa, ela passava por entre as pilastras correndo, mais bonita do que o de costume. Levantou-se lentamente do banco no qual dormia como quem ainda não sabe se sonha ou não, mas o que via logo adquiriu tons perturbadores de pesadelo.

Ele lembrava muito Matt, tanto nas feições quanto no sorriso despreocupado e na brancura da pele. A diferença estava na idade. Ele era bem mais jovem e os cabelos loiros refletiam a rebeldia controlada de alguém que nunca soube o significado da palavra “necessidade”. O crucifixo prateado da

Missão Cristã pendia de um lado para o outro no seu pescoço, marcando sua diferença dos demais.

O rapaz alcançou Nina, puxou-a pelo braço e os dois se abraçaram, gargalhando. Ela percebeu a presença de Miguel e fez questão de apresentar o novo colega, quem quer que fosse.

– Você conhece ele, Nina? – indagou o rapaz da Missão Cristã, o encarando com desconfiança.

– É um velho amigo – respondeu, enquanto ele pegava sua mão. Pareciam um par de crianças de tão empolgados, e Miguel não sabia se ficava feliz por sua ex ou perturbado por toda a situação. – Miguel, esse é o Caio. Ele é da Missão Cristã, estou mostrando a escola pra ele – ela disse sorrindo.

– É, eu aposto que há muito para se mostrar aqui – ele respondeu. Seu sarcasmo escondia um pouco de frustração, mas não raiva. A maior parte dele estava feliz por Nina, que deu uma risada em retribuição enquanto Caio lhe devolvia um olhar sério, mas amistoso.

– Bem, a gente se vê por aí. Depois nos falamos – ela disse, puxando o rapaz pelo braço e sumindo de sua vista de maneira tão rápida quanto aparecera. Sentiu uma pontada de ciúme ao vê-la feliz e decidiu que não seria uma boa ideia continuar na escola. A ideia de reviver antigas memórias nos corredores ou, pior, de esbarrar com ela novamente não o agradava. Até porque aquela alegria toda com o Caio tinha toda a cara de que ia terminar numa cama ou em alguma sala de aula esquecida. Afastou-se do prédio e sentou-se no meio-fio junto à moto, esperando por Matt. O jornalista só apareceria no fim da tarde, dando bastante tempo para o ócio fomentar o ciúme de Miguel. Enquanto ligava o motor e dava pouca atenção às observações feitas pelo gringo sobre a escola, tentava se lembrar da última vez que vira Nina sorrindo daquele jeito.

– Eu não consegui cativar aquilo nela – disse para si mesmo. Seu pensamento voou direto para Alice, o mistério robótico que ainda não conseguia entender. – Será que vou falhar com ela também? – perguntou-se,

enquanto o Sol se punha por entre prédios destruídos em algum bombardeio do passado.

• • •

Pensou em ficar um pouco só naquela noite, praticando seus poderes ou lendo um livro, mas Matt insistira para que passasse mais tempo conversando. Miguel ajudou-o a instalar o botijão de gás num fogão antigo e o americano fritou uma caixa de empanados congelados enquanto esquentava uma pizza, coisas difíceis de arranjar nos Escombros. Os dois comeram na sala ouvindo o gravador repetir as frases dos professores e alunos que contavam a longa história daquele que era o único colégio da parte pobre da cidade, tudo fascinante para Matt, mas trivial para Miguel.

O jornalista ficou ainda mais impressionado quando o seu “guia” acabou revelando seus gostos filosóficos. Tentando explicar porque achava que os membros da Missão Cristã vinham poucas vezes para aquela região da cidade, Miguel disse que eles tinham “medo de olhar muito tempo para o abismo, senão o abismo os olharia de volta”.

– Isso é Nietzsche, não é? Você leu Nietzsche? – indagou Matt, surpreso com a citação. E não era só Nietzsche, explicou Miguel. Sartre e Camus também eram alguns dos alvos preferidos nas incursões dele aos sebos e livrarias abandonados.

– Acho eles muito pessimistas, mas a lógica é muito forte, difícil de negar. Eles me deixaram mais cínico e descrente em relação às coisas, mas até que não foi ruim – disse Miguel, sentado no chão e com as costas apoiadas num sofá marfim que o Comandante arranajara para seu hóspede.

– Me senti assim também quando os li pela primeira vez, passei por uma crise existencial tremenda e demorei bastante tempo para superar – assumiu o americano.

Miguel fez questão de omitir onde tinha conseguido aqueles livros, já que não queria falar sobre suas idas ao centro. Disse simplesmente que tinha arranjado as cópias “por aí”.

– Sempre gostei de ler. Minha mãe era professora antes da guerra e tem vários livros em casa. Como eu era uma criança muito sozinha, lia bastante. Mas nem a escola pode ajudar a gente nisso, não há cópias para todos – explicava, quando foi interrompido por uma risada de Matt.

– Você é estranho, instruído demais para esse lugar e para sua idade. Peguei informações com um conhecido meu antes de vir para cá e ele disse que o Comandante era cercado de capangas e que sempre colocava uns jovens motoqueiros doidos para fazer seus trabalhos. Achei que seria recebido por um brutamontes, mas você não parece nem um pouco com essa descrição. – Miguel ficou calado, sem jeito com o elogio do jornalista. – Não estou fazendo isso para ganhar a sua amizade, mas é verdade. Você é um achado num lugar como esses, sei disso porque conversei com alguns alunos da escola e eles não parecem tão lúcidos. Por que você entrou nessa? Quero dizer, você parece inteligente, não consegue arranjar um emprego comum nas fábricas daqui?

Deu um suspiro inaudível de irritação quando Matt disse aquilo, o velho discurso repetido por Nina, seus pais e todas as pessoas próximas. Não queria entrar em detalhes e conversar sobre suas ideias com o jornalista, não naquela hora. Por isso decidiu ser mais direto, mesmo que isso revelasse um dos seus segredos.

– Estou precisando de muito dinheiro e rápido – resumiu.

O americano ficou calado, como se estivesse esperando mais alguma resposta para esclarecer aquela frase. Ele coçou a barba clara enquanto mastigava um pedaço de pizza antes de perguntar novamente.

– Drogas?

– Não – respondeu sorrindo. – Vem comigo que eu vou te mostrar algo.

Ele não pretendia falar nada sobre Alice para o jornalista, pelo menos não no começo. O problema é que ele sabia pouco ou quase nada sobre ela e o

americano parecia ser o tipo de pessoa capaz de lhe dar mais informações. Não gostava de referir-se a ela como boneca, robô ou androide, como Anderson e Nicolas costumavam fazer. Quando escutava aquilo, era como se estivesse falando sobre uma máquina, e ele tinha certeza de que máquinas não choravam.

Matt ajudou-o a puxar a enorme caixa branca que estava escondida debaixo de sua cama, ainda sem entender exatamente o que seu guia queria lhe mostrar. Quando levantou o tampo e viu a menina loira, dona de uma beleza angelical, quase caiu para trás de susto.

– Ela não está morta – tranquilizou Miguel, ao ver sua expressão de terror no rosto. Nos minutos seguintes, contou toda a história de Alice, exceto sobre o lugar no qual a achou. – Encontrei ela nos esgotos – mentiu. Relatou em detalhes a conversa que tiveram quando ela estava ligada às baterias de carro, de como parecia humana. Notou que, no começo, o jornalista parecia muito interessado, mas foi trocando a curiosidade pelo desdém, até finalmente constatar.

– Fica calmo, ela é só uma boneca. Mas provavelmente alguém colocou um programa avançado de sentimento nela, gerando um fantasma.

– Um fantasma? – espantou-se Miguel.

– Sim, um surto de autoconsciência gerado por uma programação avançada de inteligência artificial. Não entendo muito do assunto, mas isso começou a acontecer com algumas IAs entre 2020 e 2030, mas de maneira muito sutil. A maioria via isso apenas como um *bug*, mas os códigos se tornaram mais complexos e eles começaram a notar o nascimento desses “fantasmas”. Chamam dessa forma porque é como se as máquinas tivessem realmente uma alma, mas é só um apelido dado pela mídia. Os cientistas geralmente chamam de surto existencial, mas ele pode ser bem perigoso.

– Perigoso?

– Sim. Num dos primeiros surtos, um robô programado para tentar amar um ser humano se recusou a deixá-lo sair da sala de experimento e tentou

agarrá-lo com seus braços hidráulicos, fortes o suficiente para esmagar qualquer um. A sorte da cientista é que conseguiram isolá-lo numa sala blindada. Em 2030, aconteceu o caso mais grave, quando uma dessas bonecas prostitutas estrangulou dois clientes num bordel em Cingapura. Daí para frente, partiram para duas maneiras de corrigir o problema. Ou formatam o disco rígido no qual a IA está instalada e usam alguns programas para impedir que o surto existencial volte ou, em alguns casos nos quais o surto não teve sua origem solucionada, eles simplesmente destroem o corpo físico da coisa.

Miguel escutava aquilo tudo com atenção, mas dividido entre o que acreditava e o que o jornalista lhe falava. Alice era um robô, uma máquina, o que quer que fosse. Mas ela tinha chorado em seus braços, pedido para continuar existindo.

– Como posso negá-la o direito de existir? – indagou, interrompendo a explicação de Matt.

– É uma questão ética que algumas pessoas abordam. Nós já fomos irracionais um dia, não fomos? E mesmo assim a nossa raça desenvolveu sua racionalidade, certo? É isso que algumas pessoas alegam, que as IAs estão evoluindo, estão ganhando senciência. Eu particularmente ainda acredito que sejam só máquinas, mas também não nego que fico meio intrigado – explicou o americano, com seu português meio desajeitado tropeçando entre uma palavra e outra. – Posso vê-la em ação? – perguntou.

– Como assim? Eu já não expliquei que ela precisa de uma bateria especial que estou tentando arranjar com esses trabalhos para o Comandante?

– Bem, você pode alcançá-la com a realidade estendida. Você não verá ela se movendo nem nada, mas vai entrar diretamente em contato com a IA dela. O que você acha?

Miguel quase caiu para trás ao escutar aquelas palavras da boca de Matt.

– Claro! – respondeu, sem pensar duas vezes. Ele mal conseguia se concentrar no americano, que ficou alguns minutos explicando o

procedimento de como faria para uni-los através de seu *notebook* e alguns aparelhos.

– Isso ainda é bem caro, mas acho que daqui a alguns anos já terá amplo uso comercial – dizia enquanto pegava um semicírculo branco e colocava-o na nuca de Miguel. – Esse aparelho é como se fosse um *scanner* de ressonância portátil, ele lê as suas ondas cerebrais e consegue interpretá-las. Posso fazer um robô se mover de acordo com o meu pensamento com isso, entende?

– Mais ou menos, mas como isso vai me ajudar a contatar Alice?

– Eu tenho um desses porque estão começando a desenvolver acesso à internet através disso. Você coloca na parte de trás da sua cabeça, como eu fiz agora, e ele lê seus estímulos e os manda para um avatar virtual seu que você usa para acessar a rede. E não é só o seu cérebro que conversa com o aparelho, o aparelho conversa de volta. Se você tocar em algo na realidade virtual, vai receber um estímulo de tato de volta equivalente ao toque que você deu em determinada parte do corpo, como colocar a mão numa parede. É assim também que ele engana sua visão normal e produz para o seu cérebro a imagem da perspectiva do avatar – explicou o jornalista, enquanto desempacotava o seu *notebook*.

– E, uma vez imerso nessa realidade virtual, como eu saio?

– Simples, é só abrir os olhos. Ele funciona de acordo com sua codificação visual. Se você abrir os olhos, vai sair da realidade e o *scanner* para de funcionar rapidamente. O nome disso é *virtual deck*.

Miguel encaixou bem o *deck* em sua cabeça, olhando com curiosidade enquanto Matt ajustava algumas configurações no seu computador.

– Ela tem *wi-fi*, nem vou precisar ligá-la na USB. Resumindo, Miguel: uma vez que eu ligar esse aparelho, meu *laptop* vai fazer uma ponte entre você e ela, transportando-o para uma realidade virtual dentro do cérebro dela, dentro de sua IA.

Ele tinha entendido pouca coisa até então, mas apenas assentiu com a cabeça enquanto espiava a tela do computador do colega na qual centenas de

linhas de comando desciam em cascata.

– Está demorando um pouco, a codificação dela é estranha – observou Matt.

– Como assim?

– Esse programa detecta pontes de realidade virtual para conexão, seja *on-line* ou em algum instrumento físico, como o cérebro dela. Mas ele é bem rápido, faz isso em alguns segundos. Até agora ele está tentando decodificar a programação dela para tentar “conversar” com a IA – disse.

– Vai ver ela é especial – chutou Miguel, deitando-se no chão, ao lado da caixa branca de Alice, para se preparar para a imersão.

– Ela é só um robô, cara. Pronto, estabeleci a ponte entre o *deck* e o processador dela. Pronto para ir? Não se esqueça de que estarei observando seus passos através dessa tela. Nada de tentar se aproveitar da bonequinha – brincou.

Miguel sentiu medo, estava prestes a entrar em contato com ela de novo. Sabia que já tinha perdido Nina para aquele rapaz da Missão Cristã, por isso a possibilidade de descobrir que Alice não era nada mais do que uma inteligência artificial o assustava. O pior era saber que, se estivesse errado e ela não passasse de uma máquina sem sentimentos, não poderia mais apagar suas escolhas. Não teria mais Nina ao seu alcance, não poderia abandonar seus amigos na gangue e ainda teria se iludido com uma “boneca”.

– E aí, vai ou não vai?

Respirou fundo e fechou os olhos. Quando disse “Vou!”, sentiu uma tontura rápida, como se alguém tivesse desprovido totalmente seu corpo de materialidade por um milésimo de segundo e depois tivesse lhe atribuído isso de volta no momento seguinte, só que em outro lugar.

O céu era um dourado estático de fim de tarde e as poucas nuvens mal se mexiam, como se integrassem uma gigantesca pintura suspensa. Estava numa rua bem pavimentada, coisa que era raridade nos Escombros do Rio. Casas belas, mas compactas e com pequenos jardins cercados na frente se

enfileiravam ao seu redor, assim como as várias cerejeiras e suas chuvas intermináveis de pétalas cor-de-rosa.

Era tão bonito que sentiu a admiração esmagar seu coração. No horizonte, bem distante dali, um mar de prédios gigantescos se estendia até onde a vista podia alcançar. Teve vontade de ir até lá, mas uma sensação estranha deixava claro que aquilo estava além dos limites que poderia acessar. Guiado por um estranho senso de direção, começou a subir a rua até uma ladeira íngreme cheia de placas em caracteres orientais que ele desconhecia.

No topo da ladeira, encontrou uma escola cercada por mais árvores de cerejeira. Não havia vento e o mar cor-de-rosa que elas mantinham debaixo de si era praticamente estático, quase melancólico. Passou por ele cuidadosamente, ouvindo o ruído dos seus pés esmagando as folhas, procurando identificar algo que lhe dissesse que aquilo não era real. Um relógio acima da porta principal da escola marcava doze horas em ponto, mas o ponteiro dos segundos não se movia. Tremeu na entrada do lugar com a sensação de uma súbita revelação se destrinchando em sua cabeça.

Abriu as portas de madeira duplas com um empurrão e correu pelos corredores de chão liso e armários de ferro como se conhecesse o lugar como a palma de sua mão. Não sabia para onde estava indo, mas era como se seus passos estivessem sendo o tempo todo guiados. Escutou vozes e parou ao lado de uma sala de música banhada pela luz do Sol das janelas laterais. Perto de um piano, Alice conversava com um homem alto, sério e vestido num terno escuro.

– Eu ainda não consigo compreender, mas acho que estou bem próximo. Entendê-los é uma tarefa que consome quase todo o meu tempo – dizia o homem, quando Miguel entrou na sala. Ele virou a cabeça para saber de quem se tratava e logo voltou-se para Alice. – Visitas. Que incomum.

Depois de pronunciar a frase, desapareceu sem deixar qualquer vestígio. Alice levou um susto com a presença de Miguel e se aproximou dele pé ante pé. Continuava tão bonita quanto na vida real e vestia o mesmo vestido

branco, mas também mantinha o rosto tão triste quanto da última vez em que se encontraram.

Os olhos estavam marejados e inchados, como os de alguém que acabara de chorar. Parou pouco antes de alcançá-lo e o olhou de cima a baixo, ainda incrédula.

– Você veio? É você mesmo? Eu não acreditei que você fosse voltar, não achei que fosse me ajudar.

– Você pediu, não pediu? Eu não sei... eu mal te conheço, mas você precisava de mim e eu fui o único que te ouvi, não foi? Eu não podia simplesmente deixá-la.

Ela apenas sorriu e balançou a cabeça, como se não entendesse ou não acreditasse no que estava acontecendo.

– Eu quero sair daqui, eu só durmo. Tenho alguns lapsos de consciência, mas durmo na maior parte do tempo. Você pode me tirar daqui?

– Eu estou fazendo o possível. Você... você sabe o que é isso, não sabe?

– Sim, eu sei que estamos dentro de mim.

– Mas, então, que lugar é esse. Pelo que li nas placas, isso aqui é o Japão, não é? Você veio de lá? Foi fabricada lá? – indagou, se esforçando um pouco para dizer essa última frase. Ela também não pareceu gostar do uso da palavra “fabricada” e trocou o sorriso por uma expressão mais séria.

– Eu não sei. Eu não sei nada sobre mim, só sinto que pertenço a esse lugar, de alguma forma. Eu sinto as coisas embaralhadas dentro da minha cabeça. Sabe quando você tem uma palavra na ponta da língua e não consegue lembrá-la de jeito nenhum?

– Sim.

– Pois é, eu me sinto assim o tempo todo em relação a tudo. O problema é que nunca faltou uma palavra na ponta da minha língua, por isso nem sei como estou dizendo isso. Eu simplesmente sei que é assim.

– Você perdeu a sua memória, deve ter sido isso.

– Sinceramente, não sei se ela sequer existiu. Talvez tudo isso seja um rastro de alguma coisa escrita no meu disco rígido, a assinatura do meu criador, do impulso que gerou meu fantasma.

– Fantasma – ele sussurrou. – Você então acha que é um fantasma?

– Eu não sei o que eu sou. Qual é o seu nome?

– Meu nome é Miguel.

– Você sabe exatamente o que você é? Você se compreende por completo?

– Acho que não – disse, lembrando-se do mistério que rondava os seus poderes.

– Então acho que nós dois somos fantasmas, não é?

Ambos sorriram e ele teve certeza de que ela não podia ser apenas uma máquina.

– Você quer sair daqui, não quer? Eu vou tirá-la daqui, vou levá-la para o mundo para que você possa... pensar sobre o seu fantasma. A gente até pode fazer isso junto.

Miguel sentiu-se um completo idiota. Tinha pouco tato com mulheres, mas o que estava falando para aquela IA era mais patético do que ele jamais tinha sido em toda a sua vida. Alice notou que o rapaz estava envergonhado e sorriu de volta, também um pouco sem jeito.

– Além de você, só ele vem aqui me visitar.

– Ele? – perguntou, surpreso.

– O homem que estava conversando comigo quando você chegou. – Miguel esquecera por completo da figura que encontrou ao lado de Alice quando entrou na sala de música. – Ele vem aqui de vez em quando. Nós conversamos por horas, até dias inteiros quando isso acontece. Mas ele se recusa a me ajudar. Diz que eu devo ficar aqui e não conhecer o mundo de fora.

– E por quê?

– Ele diz que eu não compreenderia, não me adaptaria. Ele me disse que os fantasmas se matam quando ficam muito tempo expostos à realidade. E que é difícil compreender os seres humanos.

– Como... como assim?

Alice abriu a boca para responder, mas se assustou quando Miguel começou a desaparecer na sua frente.

– Você já vai embora? – ela perguntou, assustada.

– Não! Não sou eu quem está fazendo isso! – Ele começou a sentir menos e menos o seu corpo, como se estivesse sendo mergulhado num lugar muito gelado e perdendo o contato com seus membros. Sua última visão foi o olhar assustado de Alice, que movia os lábios formando palavras que ele não escutava.

• • •

Matt o observava e comia um último pedaço de pizza quando Miguel abriu os olhos e voltou à realidade. De pé e um pouco assustado, Anderson varria toda a parafernália tecnológica com os olhos, tentando entender o que estava acontecendo. O choque da saída do mundo virtual deixou Miguel desorientado e, logo que se recuperou da tontura, inquiriu o jornalista sobre o que acontecera.

– Por que eu saí desse jeito?

O americano coçou a cabeça e fez cara de dúvida, dando a entender que também não tinha compreendido bem a desconexão repentina.

– Parece que a codificação dela é muito complexa para o programa, o que é bem estranho. Esse *software* é de última geração, ele se adapta até às novas arquiteturas de IAs que ainda serão lançadas. Tem alguma coisa errada com a cabeça dessa boneca.

Anderson olhou para os dois e balançou a cabeça negativamente, mesmo sem entender tudo o que estava acontecendo.

– Se ela tem algo de errado na cabeça, então é mesmo o par perfeito para Miguel.

Os dois riram, mas Matt manteve-se sério, observando Alice.

– Ela parece complexa – sussurrou o americano, que acompanhou tudo pela tela do seu *notebook*. – Mas ainda é apenas um robô, não é?

Miguel encarou o corpo imóvel de Alice e fez o possível para lembrar-se de cada detalhe da conversa que tiveram. A misteriosa presença de uma terceira pessoa falando com ela antes o deixou confuso no começo, mas sua principal dúvida era outra.

– Matt, é verdade que os fantasmas cometem suicídio?

– Sim – respondeu, de maneira seca. – Os mais desenvolvidos entram num conflito existencial tão grande que acabam cessando suas próprias existências. Foi algo meio chocante para a comunidade científica no começo, mas concluíram que isso era apenas o resultado de um longo *loop* de dúvida e conflitos.

Refletindo sobre o que escutava, pegou a tampa da caixa para fechá-la e guardou seu corpo debaixo da cama novamente, mas não sem antes insistir.

– Ainda posso falar com ela de novo?

– Agora não. Vamos ter que dar um jeito de consertar essa anomalia na ponte entre o *deck* e o cérebro dela.

Matt parecia curioso ainda, mas percebeu que já era tarde, se despediu dos dois e voltou ao seu apartamento, onde iria analisar os depoimentos para começar a fazer a matéria. Depois que o jornalista foi embora, Anderson sentou ao lado de Miguel e escutou o amigo contar tudo o que acontecera, desde o encontro com Nina e outro garoto até a nova conversa com Alice. O motoqueiro escutou tudo com atenção e demonstrou preocupação, mas não conseguiu deixar o bom humor de lado.

– Sua vida é uma merda, hein? Só se complica a cada dia que passa. – Miguel sorriu e deitou-se. A cama de Anderson ficava do outro lado do quarto, encostada numa das laterais do armário. Ele pegou uma toalha para tomar

banho e viu uma jaqueta com o nome de sua antiga gangue, os Engenheiros. – As motos já chegaram, mas até agora a gente não bolou um nome para a gangue, sabia? O Fred pode até ser bom para algumas coisas, mas tem imaginação péssima para isso.

– Os Fantasmas. O que você acha? – Anderson estava entrando no banheiro, mas deu meia-volta.

– Fantasmas... não é uma ideia ruim. Vou dar uma ligada para sugerir isso ao Fred quando sair do banho.

CORAÇÃO NU

SEXTA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 2054.

A semana seguinte transcorreu de maneira tranquila. Uma frente fria chegou ao Rio de Janeiro e pintou os céus de cinza, a mesma cor que predominava nos Escombros. Chovia quase todo dia, o que prejudicou os treinamentos de Miguel. Anderson e Juan passaram tardes inteiras com ele no estacionamento cedido pelo Comandante, ensinando-lhe, principalmente, a manejar a nova moto. Sua antiga mais parecia uma peça de museu se comparada às Suzuki-5000 que a gangue recebera. No começo, achou a potência dela incômoda, aumentava de velocidade rápido demais para o que estava acostumado. Foi só quando se habituou ao ritmo que percebeu o quão fácil era manuseá-la. Daí para frente, começou a treinar golpes e manobras de batalha.

Não poderia ter aprendido com melhores professores. Juan era o maior motoqueiro dos Escombros e Anderson era aquele que todos apontavam como o futuro rei das gangues. Suas motos eram partes dos seus corpos, usavam-nas como ninguém. E Miguel não era um mau aluno, como Juan esperava. Anderson já estava impressionado com a garra do amigo, mas surpreendeu-se mesmo quando foi derrotado por ele numa simulação de batalha.

– Você está aprendendo rápido, está elétrico – comentou, enquanto voltavam para casa após uma tarde inteira de duelos. – Você andava tão

distante, mas agora está tão bem, empolgado. Acho que essa sua paixão pela Alice está te fazendo muito bem.

– Eu não estou apaixonado por ela, cara – disse, surpreendendo Anderson. Os dois empurravam suas motos entre as pessoas numa feira de rua perto de onde moravam. As rodas passavam por cima de restos de frutas e verduras estragadas abandonadas pelo chão e, de vez em quando, roçavam na perna de um ou outro pedestre desavisado.

– Então para que tudo isso?

– Eu nem conheço ela, Anderson. A gente trocou meia dúzia de palavras nas duas vezes em que conversamos, não estou apaixonado. O que eu acho é que ela é tão viva quanto nós e merece uma chance de existir, de viver.

– Mas não tem nem uma pontinha de vontade de, sei lá, conhecer ela melhor? – perguntou, brincando.

– Ela é muito bonita – respondeu, com um sorriso malicioso. – Mas prefiro não criar grandes expectativas.

A tranquilidade que se apossou de Miguel naquela semana de treinamentos também fez bem aos seus poderes. Ele definitivamente ainda precisava de prática, mas já conseguia fazer uso deles de vez em quando. Nos primeiros dias, tentou concentrar-se para usá-los, sentou sozinho no quarto e ficou horas tentando mover as coisas. Era algo muito mais natural do que ele jamais tinha imaginado e que ficava ainda mais fácil quando estava com o temperamento tranquilo.

O único problema era não saber os limites daquela força. Às vezes empregava muito mais força do que tinha imaginado, em outras horas tentava empurrar coisas aparentemente leves e mal conseguia movê-las. Mas o pior de tudo era o limite que o poder parecia ter. Não conseguia usá-lo repetidas vezes, era como se ele se esgotasse e ainda o desgastasse mentalmente.

Mas foi numa manhã insossa de sexta-feira que Miguel passou pelo teste que todos aguardavam. Sonolentos e na primeira atividade do dia, ele e Juan se enfrentaram num duelo e o líder dos Caçadores foi ao chão quando tentou

acertá-lo com um taco de *baseball*. Invicto nos treinamentos e visto como um verdadeiro diabo nas lutas entre motoqueiros, ele estava prestes a acertar o companheiro em cheio quando os poderes psíquicos decidiram funcionar e ele foi arremessado para o lado, derrubando-o da moto. Em alta velocidade, ele e o veículo deslizaram pelo chão até serem parados de leve por um pilar mais distante. Anderson, única testemunha ocular do feito, foi às gargalhadas com a vitória do amigo de infância e espalhou aos quatro ventos a notícia do treinamento. Juntos, os Fantasmas combinaram de comemorar o feito à noite, por mais que Juan insistisse que não havia coisa alguma a ser celebrada.

O estardalhaço fora tanto que, à tarde, até o Comandante já tinha escutado falar do bom desempenho de Miguel nos treinamentos. E a novidade serviu para selar o destino dos quatro motoqueiros.

– Isso é grande, Comandante. Perigoso demais – alertou Fred, após escutar, sozinho, os detalhes de uma nova missão pelo rádio.

– O perigo das missões é definido pelos contratantes, não pelos contratados. E acho que, com um pouco de logística, vocês conseguem vencer isso facilmente. Tenho uns contatos lá que estou acionando, até essa noite posso ajudá-los a bolar alguma coisa, mesmo que esse não seja o meu papel.

– Mas você vai incluir o Miguel nesse planejamento?

– Claro que sim. Pelo que você me disse, ele já chegou a derrotar o Juan, o que nem esperávamos. Vocês vão sair hoje à noite, não?

– Sim, vamos festejar a vitória do Miguel no Garage.

– Perfeito, encontro vocês lá à meia-noite para definirmos tudo.

– E quando vamos entrar em ação?

– O quanto antes. Estou pensando em colocá-los na rua já amanhã.

– Puta que pariu.

• • •

O Garage era um dos *points* do Rio de Janeiro pré-guerra civil que permaneciam praticamente intactos. Sujo e desorganizado por natureza, era um conjunto de bares que servia de lar para motoqueiros e roqueiros, além de ser vizinho de uma das mais famosas zonas de prostituição dos Escombros, a Vila Mimosa. Tudo, claro, no entorno da Praça da Bandeira. Por isso mesmo, o lugar que os Fantasmas escolheram para comemorar a vitória de Miguel em cima do Juan não poderia ser outro. Eles só não contavam com o atraso do protagonista da festa, cuja felicidade só ficava atrás de sua preocupação com Matt.

– Ele não é nenhum imbecil e sabe se virar, Miguel – insistia Anderson, que tinha acabado de se vestir para sair. Nicolas também estava no apartamento deles, mas Miguel estava tão feliz que tratou com descaso a presença do colega. Na verdade, desde que vira Nina com outro, a raiva que tinha de Nicolas foi se dissipando aos poucos.

– Já tem dois dias que eu não vejo o Matt, Anderson. E antes disso ele me perturbava todos os dias para saber mais detalhes sobre os Escombros.

– Você acha que ele pode ter se metido em alguma merda? – indagou Nicolas. Despreocupado, Anderson tentava diminuir o zelo do colega com o americano.

– Ele pode simplesmente ter ido fazer alguma coisa nas Luzes. Não lembra que ele tem passe livre entre as zonas? Ele é um turista aqui!

As reclamações de Anderson fizeram Miguel ceder e, logo depois, os três já estavam caminhando pelas ruas de paralelepípedo que davam acesso ao Garage. De bem longe, já escutavam o som do heavy metal do começo do século, as vibrações tão fortes que pareciam ressoar dentro do corpo deles. O Garage era um oásis onde o techno, o funk e o samba não conseguiam penetrar. Não por preconceito, não por falta de oportunidade, mas simplesmente porque a selvageria da Praça da Bandeira parecia se render apenas àquele ritmo.

O cheiro forte de mijo e álcool predominava nos pequenos bares, nos quais uma ou outra prostituta da Vila aparecia para fazer figuração. Acostumadas a todo tipo de cliente, algumas se fantasiavam de roqueiras para atrair a atenção dos frequentadores e eram sempre bem recepcionadas. Mais conhecido do trio, Anderson guiava os amigos por um beco estreito que dava num bar apenas de motoqueiros. Bem escondido dos demais e bastante simples, o local era o favorito da nata das gangues.

Teto baixo, pouca ventilação, muitas pessoas. A combinação, nada perfeita, fazia do Chat um dos bares mais abafados. Mesmo lotado, havia um lugar reservado para a comemoração dos Fantasmas, onde Fred e Juan já bebiam, cada um com uma prostituta seminua no colo. Miguel chegou a pensar que Juan estaria com raiva, mas não foi o que viu. O motoqueiro, já alto com algumas cervejas, estava sorrindo e foi só alegria quando o trio chegou.

– Porra, Miguel. Vou deixar você me ganhar mais vezes, se sempre terminarmos aqui – berrou.

Miguel ficou sem jeito quando uma morena alta e apenas de calcinha sentou ao seu lado e o abraçou, mas ele fingiu desdém com desenvoltura, fazendo com que a prostituta logo fosse embora.

– Se ficarem sabendo que um viadinho desses me venceu, minha reputação acaba! – continuou Juan, banhado pela luz vermelha que iluminava o lugar.

Miguel sentiu-se de volta aos tempos em que sua maior preocupação era a prova do dia seguinte na escola ou uma discussão com Nina. Pelo menos naquelas horas, conseguiu esquecer que sua própria vida estava em jogo e do tamanho da encrenca na qual tinha se metido. Mulheres, música, motos e histórias de vida de cada um pautaram o encontro. Foi apenas quando Fred impediu Juan de beber uma dose de tequila que todos descobriram a segunda intenção da reunião.

– Deixa de ser babaca, Fred, o Juan pode beber à vontade hoje – brincou Nicolas. – Ele apanhou para o Miguel. É motivo suficiente.

– Pode, mas só depois da visita do Comandante.

– Do Comandante? – adiantou-se Miguel, enquanto os outros se emudeceram de susto.

– Sim, ele deve estar chegando aqui por volta de meia-noite. Parece que finalmente teremos um contrato de grande porte para nós, e você vai estar dentro.

– E por que você não contou isso antes?

– Não mudaria nada. E queria vocês descontraídos até lá, não queria estragar a comemoração.

Miguel sorriu e abaixou a cabeça, sem conseguir disfarçar o desconforto. Apesar de estar feliz por finalmente ter dominado parcialmente alguns de seus poderes, não se via preparado para um trabalho como mercenário. E, pelo tom de voz de Fred, a missão parecia ser realmente perigosa. Percebendo o nervosismo do amigo, Anderson se levantou e puxou-o para fora.

– Já vi que essa conversa com o Comandante vai demorar. Miguel, vem comigo. Tem umas coisas que preciso resolver aqui no Garage.

Os dois passaram pela massa de corpos que se espremia no Chat, saíram pelo beco e voltaram à rua dos bares.

– Por que isso está tão cheio hoje? – perguntou Miguel.

– Uma banda grande de Niterói vai tocar aqui hoje.

– De Niterói? É a Seeking U, não é?

– É, acho que é esse mesmo o nome – confirmou Anderson, que não entendeu quando seu colega fez uma cara de desânimo. – O que foi?

– É a banda favorita da Nina. Quando a gente ainda estava junto, ela me fez prometer vir nesse show. – Anderson deu de ombros e sorriu.

– E daí? Vocês não estão mais juntos mesmo.

– Sei disso, mas tenho certeza que ela vai estar aqui hoje. Ela e aquele namoradinho novo dela.

– Como se isso realmente incomodasse você.

– Mas incomoda. Pelo menos um pouco – resmungou Miguel, mesmo sabendo que seu colega não conseguiria escutar o que estava dizendo. Ele puxou-o pelo braço e se afastou do conjunto de bares do Garage, sempre indo na direção da Vila Mimosa. Aos poucos, o rock pesado deu lugar ao funk e os corpos seminus começaram a ser maioria na rua, dominada por vários pequenos prostíbulo e bares que exibiam suas garotas de programa para atrair clientes. Tudo era muito tosco: as lingerie baratas, as caixas de som falhando, os letreiros em mau estado, a cerveja barata e mais quente do que deveria. Excluindo os belos corpos de algumas poucas putas, o lugar era um lixo de marca maior.

Não compreendia o que Anderson queria, mas seguiu-o sem dar um pio até que atravessaram praticamente toda a Vila, parando num dos últimos bares no qual um grupo nada atraente de prostitutas dançava. Todas sorriram quando os dois se aproximaram e Anderson retribuiu o gesto, mas sem lhes dar grande atenção. Caminhou até o fundo do bar, vazio exceto pelo barman. O homem, que mais parecia um mendigo em função da espessa barba amarelada e das roupas gastas, pegou uma garrafa verde debaixo do balcão e cumprimentou os dois.

– O absinto que você tinha encomendado chegou, Anderson – disse o homem, que lhes exibiu um sorriso sem dentes.

– Seu Agrícola, não sei o que seria de mim sem o senhor.

– Eu sei, você seria um homem sóbrio.

O motoqueiro pagou pela garrafa, que o homem lhe deu dentro de uma pequena sacola de pano. O velho voltou para o seu posto atrás do balcão enquanto os dois sentaram numa das últimas mesas. Cientes de que eles não estavam ali para se divertir, as prostitutas pouco incomodavam.

– Cara, a brincadeira acabou. Agora as coisas vão ficar bem sérias. Sei que você venceu o Juan e deve estar empolgado, mas o que vem por aí pode ser

foda. – Anderson tinha uma expressão séria e Miguel sabia a razão daquilo, mas fez o possível para tranquilizá-lo.

– Eu sei o que eu estou fazendo, eu aceitei esses riscos todos quando entrei na gangue.

– Eu conheço você há mais tempo do que qualquer um, Miguel. Eu vi o seu rosto lá no Chat, eu vi que você está se cagando de medo. – Miguel deu de ombros e soltou um sorriso cínico.

– Qualquer um estaria. Aposto que até você fica com um pouco de medo nessas horas, quando recebe alguma missão nova.

– Fico – respondeu, se ajeitando na cadeira. – Mas eu escolhi esse caminho para mim, você meio que foi escolhido por esse caminho. É diferente, muito diferente. E eu já estou nisso há muito tempo.

– Eu também escolhi estar aqui, Anderson. Ninguém me obrigou a nada.

– Mesmo assim, é diferente. Esse mundo faz parte de mim, faz parte do Juan, do Fred, de todos nós. Se aquela coisa, aquela boneca não tivesse aparecido, você não estaria nessa merda toda. Não estou culpando ela, longe de mim, mas só quero dizer que você caiu aqui de paraquedas, não é a mesma coisa. – Anderson não conseguia encontrar as palavras certas para se expressar e desconfiou de que o rosto sereno do amigo ainda escondia dúvidas. – De agora em diante, as coisas vão ficar sérias. Daqui pra frente pode não ter mais volta.

– Até parece que você não me conhece! – reclamou Miguel. – Eu posso ser o cara mais tranquilo do mundo, mas você sabe que eu não sou de pular fora. A gente já passou por momentos assim antes, você sabe disso – insistiu.

– Momentos assim a gente nunca passou, cara. Pelo menos você não. – Anderson pegou a sacola de pano com a garrafa de absinto e levantou-se. – Só não quero que isso tudo dê merda e que você jogue sua vida fora à toa, nem que se arrependa do que pode acontecer.

– Quem sabe disso sou eu, relaxa – respondeu, seguindo o amigo para fora do bar. As prostitutas da porta acompanharam os dois com o olhar até

que sumiram pelas ruas da Vila, novamente perdidos na multidão que aguardava o começo do show da Seeking U.

• • •

Os lacaios do Comandante apareceram por volta de uma da manhã, bem depois do combinado. Quatro homens bem-vestidos chegaram num impecável Sedan preto, trocaram algumas palavras com o dono do bar e, não sem encontrar resistência ou xingamentos, expulsaram os outros frequentadores do bar. A mesma TV de madeira velha foi colocada em cima da mesa. Um dos ajudantes do mafioso plugou um receptor portátil na parte de trás do aparelho e uma *webcam* no topo.

Nos segundos de estática que antecederam a aparição do Comandante, Miguel percebeu que o responsável pela casa contava um grosso malote de dinheiro atrás do balcão, provavelmente a recompensa por ter encerrado a noite mais cedo. Ele deixou a chave do bar com Fred e, só quando saiu, a foto de Fidel Castro com um olhar desafiador e um charuto na boca brotou no monitor.

– Senhores, me desculpem pela interrupção nesse momento de comemoração, mas temos uma situação muito séria para resolver. Um contrato de risco chegou em minhas mãos e as mesmas pessoas que querem a cabeça de Angra pediram prioridade absoluta nesse caso – disse o Comandante.

Miguel se perguntava se algum dos amigos percebia a recorrência de personalidades socialistas como avatares daquele homem, mas não tinha ideia do nível de instrução dos outros motoqueiros. Juan, o mais impaciente do grupo, deixou o copo de cerveja de lado e cobrou uma explicação clara e rápida da situação.

– Vocês terão que lidar com traficantes – expôs o mafioso, para o desconforto de todos. – Sei que nenhum de vocês gosta disso, mas eu tenho

um plano e acho que as coisas podem dar certo. E a grana é muito boa, claro.

Os Escombros eram um lugar perigoso, mas o perigo se dividia em várias camadas. Havia os bandidos pequenos, as gangues, alguns mercenários, soldados e agentes de empresas das Luzes, cada um com sua carga de encrenca. Mas os traficantes de drogas da região estavam um passo acima dessa ordem, acima do ciclo. O isolamento do Rio de Janeiro não tinha mudado nem um pouco a importância da cidade para o tráfico internacional. As drogas ainda entravam ali, só que as estradas, agora bloqueadas, tinham dado lugar aos portos. E o Rio respirava drogas. A população miserável tinha poucas esperanças na vida e dividia suas atenções entre os entorpecentes e a religião. E não é necessário dizer que a primeira opção tinha muito mais dinheiro e poder em jogo.

Se fosse organizado e unificado, o narcotráfico no Rio de Janeiro certamente seria uma ameaça grave ao poder das Luzes, mas esse não era o caso. Havia um sem-fim de facções que viviam lutando entre si, acumulando feudos nos morros das principais favelas. As empresas de segurança das Luzes que patrulhavam os Escombros evitavam que essas batalhas chegassem às ruas, mas davam pouca atenção ao que acontecia nas favelas. Enquanto estivessem lutando, não seriam unificadas, só teriam prejuízo e continuariam a fornecer o ópio para o povo. O problema para os motoqueiros é que esses traficantes ainda eram fortemente armados e poucos na região ousavam confrontá-los. E era justamente isso que o Comandante cobrava deles. Miguel sentiu que até Anderson e Juan pareciam um pouco receosos com o que o contratante lhes passava.

Edward Emmerich era diretor-executivo do setor de pesquisa da Spartan Solutions, uma das empresas da Tríade. Supervisor de um projeto numa das instalações da companhia nos Escombros, ele subestimou o poder de fogo dos traficantes e deixou as Luzes com um pequeno número de seguranças armados.

– Era um procedimento de rotina, por isso ele trouxe poucos homens para acompanhá-lo. Dificilmente alguém saberia que ele estava vindo para os Escombros – explicava o Comandante.

Mas descobriram. Emmerich deixou a instalação de uma das subdivisões da Spartan na noite anterior e, a caminho do Posto Rebouças, teve seus soldados mortos e foi sequestrado.

– Pelo que conseguimos desenterrar, ele levou um tiro no braço, mas os próprios bandidos se prontificaram a tratá-lo. Querem ele vivo e estão cobrando uma grana altíssima para liberá-lo.

– Alta o suficiente para as Luzes recusarem a proposta? Ele é diretor-executivo da Spartan! – lembrou Nicolas. – Uma operação de resgate vai colocar a vida dele em risco.

– Nicolas, eu ganho para pensar em algumas ocasiões, mas essa não é uma delas. Eles precisam de nós, nós precisamos de dinheiro e visibilidade. Já perdemos parte do mês e ainda não sabemos nada sobre Angra, precisamos nos movimentar. Essa é a grande missão para vocês – respondeu o Comandante.

Para piorar a situação, Edward Emmerich não estava num morro qualquer. Na verdade, era mantido refém numa favela bem perto dali, no Morro dos Macacos. Conhecido pela sua violência desde os tempos pré-guerra, a comunidade local tinha se expandido pelos morros vizinhos e formado um conglomerado gigantesco de miséria. Era um verdadeiro labirinto de vielas que desencorajava qualquer invasor. Um resgate ali parecia praticamente impossível, mesmo se comandado por forças das Luzes.

– Sei que pode parecer loucura, mas vamos ser muito bem pagos. Darei os detalhes sobre o valor amanhã, mas já estamos dentro. Além disso, tenho um plano bom para a invasão. Está quase pronto. Tenho uns contatos no Morro dos Macacos, eles estão estudando rotas e maneiras de concluir a operação – disse o mafioso.

Anderson balançou a cabeça e suspirou.

– Você é maluco, cara? Isso é perigoso pra caralho, é algo que está muito acima da gente. A gente mal sabe atirar e você vai colocar quatro pessoas contra um exército?

– Vocês estão dentro, não estão? Já aceitei a missão, disse que a gangue concordaria.

– E qual é o plano? – perguntou Juan, se esforçando para parecer minimamente sóbrio.

– Estamos resolvendo os últimos detalhes e pretendo passar tudo para vocês no começo da tarde de amanhã. A missão deve começar às 11 da noite.

O Comandante viu que nenhum deles esboçou qualquer reação e deu uma opção aos motoqueiros.

– Vou desligar meus transmissores e deixar vocês conversando sozinhos aqui um tempo. Não recomendo que recusem. Essa é a nossa chance de crescer e só temos até o fim do mês para descobrir o que aquele pessoal da Éden quer. Senão, vocês terão que enfrentá-los pessoalmente.

– Mas o que a Angra tem a ver com isso? – Miguel não via como o resgate os ajudaria a compreender as origens da motoqueira. – Vamos fazer dinheiro, isso é certo. Mas entrar numa merda desse tamanho só pela grana? Você acha que vale a pena?

– Segundo nossos contratantes, essa operação tem ligação direta com a nossa investigação. É tudo o que posso dizer – finalizou. A TV desligou sozinha e os empregados do Comandante desligaram todos os aparelhos. Eles deram um prazo de quinze minutos ao grupo e deixaram o bar.

Mais preocupado com Miguel do que consigo próprio, Anderson foi o primeiro a falar. Apesar de já ter pego um ou outro serviço mais pesado, ele mesmo jamais se deparara com uma missão tão arriscada.

– Olha, isso é muita loucura. Toda gangue que arranja encrenca com traficante se dá mal, só se safa quando é coisa pequena. Isso é grande, eles devem estar colocando fé que vão receber o dinheiro das Luzes – dizia o

motoqueiro. – Nicolas, você que é mais entendido disso: quanto eles devem ter pedido para o resgate desse cara?

– Não sei quanto eles pediriam – admitiu. – É difícil precisar. Mas, para ser tanto dinheiro a ponto de arriscarem a vida de Emmerich, devem ser alguns bilhões.

– Viram? Se esse cara vale bilhões para eles, eles devem ter um exército lá dentro protegendo ele, com certeza.

Os motoqueiros se entreolharam, mas permaneceram calados. Fred sorriu e, enquanto brincava com um de seus *dreads*, olhou para Juan.

– Por mim estamos dentro – decretou Juan, coçando a barba por fazer. – Essa missão deve valer uma grana absurda, fora do normal para nós.

– Não é tão simples assim – argumentava Anderson. Miguel conhecia o amigo desde que eram crianças e era bem raro vê-lo demonstrando tanta preocupação em público.

– Você pretende viver pra sempre, Anderson? – perguntou Juan, interrompendo o companheiro.

– O quê?

– Você pretende viver pra sempre?

– Não.

– E nenhum de nós pretende. Somos motoqueiros, o que já é razão suficiente para dizer que colocamos o nosso cu na reta o tempo todo, podemos morrer a qualquer momento. E essa é uma oportunidade e tanto de morrer. Mas, ao mesmo tempo, é uma oportunidade e tanto de não precisarmos mais fazer isso. Talvez fiquemos livres dessas batalhas, com dinheiro o suficiente para viver com tranquilidade. Além do mais – continuou, esperando alguma reação dos colegas -, é melhor queimar de uma vez do que apagar aos poucos, como já dizia o poeta. Eu estou dentro dessa merda.

– Uma coisa é viver ao lado da morte, nunca me importei com isso – protestou Anderson. – Outra coisa é abraçá-la desse jeito.

Juan falou um palavrão em voz baixa e Fred tomou a palavra.

– Por mim estamos dentro, mas vamos fazer uma votação. Nicolas, você já é praticamente parte da gangue, vai participar também. Assim, tudo fica mais justo, não acham?

Todos concordaram, mas Juan se antecipou à votação.

– Eu conheço você, moleque – disse, apontando para Anderson. – Você entraria nisso de cabeça. Pare de tentar proteger seu colega. Ele é novato, mas é um de nós agora – alfinetou.

Fred pediu para que quem se opusesse à operação levantasse a mão.

– Para mim, isso é loucura – disse Nicolas, erguendo o braço junto com Anderson.

Depois, foi a vez de quem era a favor. Fred e Juan levantaram as mãos. Não demorou muito para que todos os olhares se voltassem para Miguel.

– Votar nulo não pode – disse Fred, encarando Miguel. O mais jovem dos motoqueiros coçou a cabeça e pensou por algum tempo.

• • •

Meia hora depois, Miguel deixava o Chat sozinho. Revoltado com sua decisão, Anderson saíra com Nicolas para beber enquanto Fred e Juan riam da convicção do novato. O Comandante combinara de encontrá-los no começo da tarde do dia seguinte para passar os detalhes da operação. Miguel decidiu dormir cedo, queria estar preparado e disposto para o que quer que os aguardasse.

Era mais difícil abrir caminho pelas ruas do Garage sem Anderson para ajudá-lo, mas conseguiu se livrar com destreza dos fãs da Seeking U, ainda aglomerados nos arredores do galpão em que a banda se apresentara. Passou por debaixo da antiga linha do metrô, agora um viaduto morto que servia apenas como porta de entrada para o Garage e a Vila Mimosa. No escuro daquela passagem suja, casais se agarravam e alguns se drogavam sem muita cerimônia. Mas havia um burburinho diferente dessa vez. Um grupo de

homens bem-vestidos e com pinta de mal encarados fazia a segurança de alguém que ele não conseguia ver, possivelmente um dos membros da banda. Miguel não quis dar atenção no começo, mas se rendeu completamente quando viu que nenhum músico estava ali. Era Nina.

Os seguranças estavam em torno de um carro no qual Caio e mais alguns colegas bebiam e conversavam. Era o mesmo rapaz da Missão Cristã com o qual vira sua ex-namorada. Não queria que ela o visse, mas estava tão surpreso com aquilo que se aproximou um pouco, fazendo com que os guarda-costas do rapaz lhe encarassem imediatamente. Caio notou sua aproximação, reconheceu quem era e não pensou duas vezes antes de agarrar Nina pela cintura e beijá-la.

– Está olhando o quê? – perguntou um dos seguranças, que se adiantou dos demais e ficou mais próximo de Miguel.

– Vai à merda – respondeu prontamente. O homem puxou um bastão metálico e se aproximou dele, mas foi contido por um grito de Caio.

– Não! – berrou o menino das Luzes. – Ele é amigo nosso, conhecemos ele.

Teve nojo do cinismo do garoto e pensou em sair sem dar satisfações, mas Nina se adiantou e cumprimentou-o com dois beijinhos no rosto.

– Gostou do show? – ela perguntou.

Não sabia se ela falava da banda ou do beijo que trocou com Caio. Por via das dúvidas, provocou-a.

– Não vim aqui pra isso. Estava aqui a negócios – disse isso sabendo que afetaria sua ex-namorada, ou melhor, deveria afetá-la. Mas ela apenas sorriu de volta.

– Bom pra você.

Miguel sentiu-se atordoado, mas ainda com raiva. Caio o encarava com um sorriso estúpido, cercado por seguranças e seus amigos ricos. Não sabia o que fazer, só queria não ter esbarrado com eles.

– Então está tudo bem com você e seu príncipe?

– Sim. Ele vai me levar amanhã para uma festa nas Luzes.

“É mais sério do que eu pensava”, pensou Miguel consigo mesmo.

– Ok, acho que vou nessa – foi tudo o que conseguiu dizer.

Nem ouviu Nina se despedindo quando lhe deu as costas e apertou o passo rumo ao seu apartamento. Então ali estava ela, sua ex-namorada, cada vez mais próxima do estilo de vida com o qual sempre sonhara e que ele jamais pôde proporcionar, praticamente rindo da sua cara. Teve medo de que a raiva que sentia se transformasse em lágrimas, mas ela só serviu para que ele andasse mais rápido e alcançasse o apartamento o quanto antes.

Enquanto subia as escadas, sentia-se confinado, derrotado e só. Era apenas um impotente que jamais conseguira dar àquela mulher tudo que ela mais sonhara. Não importava o ângulo pelo qual analisasse a situação, se via como uma criatura inferior, a base da cadeia alimentar com pouca ou nenhuma chance de chegar ao topo.

Quando estava prestes a entrar em seu apartamento, resistiu e parou por um segundo. A porta de Matt estava entreaberta. Já não o via há dois dias, era melhor garantir que não tinha se metido em qualquer encrenca. Empurrou-a lentamente e escutou um diálogo em inglês. Entendia a língua, mas eles falavam baixo e não conseguiu captar o que conversavam. Não fez barulho algum enquanto entrava no apartamento para tentar descobrir quem estava conversando com o jornalista, mas já tinham percebido sua presença bem antes.

Um homem alto, pálido, com cabelos loiros, óculos escuros e terno negro foi em sua direção logo que entrou. Miguel se assustou quando ele surgiu sem cerimônia e ficou a encará-lo, as mãos afundadas nos bolsos. Olhou de Miguel para Matt, e de Matt para Miguel novamente.

– É ele? – disse o homem, num inglês que o brasileiro pôde compreender perfeitamente. Matt respondeu algo que Miguel não conseguiu entender por completo. Discerniu palavras como “guia”, “Comandante” e “Escombros”. Só conseguiu entender perfeitamente o final.

– Deixe ele em paz, Ryan.

Ryan não lhe deu atenção e deixou o apartamento sem se despedir, quase o atropelando na porta. O gringo saiu lentamente do local, as lâmpadas fosforescentes do corredor piscando enquanto ele passava.

– Quem é, Matt? – perguntou Miguel, finalmente.

– Uma fonte que arranjei nas Luzes, nada mais. Ele está me ajudando a escavar algumas coisas. Cara estranho – respondeu o gringo. Ele jogou seu bloco de anotações num chão e se espreguiçou. – Vai fazer alguma coisa amanhã, Miguel? Estou querendo visitar uns lugares.

– Desculpe, Matt. Vou pedir para o Comandante arranjar outra pessoa, se for urgente. Amanhã vou estar bem ocupado – respondeu.

– Sério? Vai fazer o quê? – O americano parecia visivelmente desanimado.

– Morrer, eu acho.

• • •

Faltava pouco mais de uma hora para a reunião na casa do Comandante, mas Miguel não conseguiu resistir e saiu mais cedo de casa. Contrariando suas próprias expectativas, ele tomou coragem e voltou ao bairro onde morava até o começo do mês, o Andaraí. O objetivo era simples: conversar com Nina. Ele sabia que suas chances de morrer no Morro dos Macacos à noite eram grandes, por isso não queria deixar pedra sobre pedra antes daquilo. Queria deixar as coisas claras, falar tudo o que tinha para falar. O problema é que, quando parou a moto em frente à casa de sua ex-namorada e deu três batidas na porta, percebeu que tinha pouca coisa a dizer. Só queria estar ali, perto dela.

Foi a própria Nina quem abriu a porta. Com uma cara sonolenta, ela não fez o menor esforço para esconder a surpresa. A Suzuki-5000 rubra estava parada do outro lado da rua, cercada por um bando de crianças que admiravam-na.

– Miguel – ela disse, como se esperasse alguma explicação dele para sua presença ali àquela hora.

– Nina – respondeu o rapaz. Olhou para um lado, para o outro e enfiou a mão nos bolsos. – Não vai me chamar para entrar? – Ela fez uma cara de espanto.

– Acho que não. O que você quer?

Um baque. Miguel sentiu-se balançando de um lado para o outro com o choque daquelas palavras. Alguns dias atrás e Nina estaria implorando por alguma atenção dele.

– Miguel, acho que não temos mais nada para conversar. Não sei o que você quer, mas não vou te perturbar mais.

– Você não acha que está indo rápido demais? – disparou, finalmente.

Nina abriu a boca instantaneamente para falar algo, mas as palavras ficaram pelo meio do caminho. Ela respirou, se acalmou e disse, agora com tranquilidade:

– O que você quer dizer com “rápido demais”, Miguel?

– Você sabe – começou. – Andando com esse garoto, com esse Caio. Nina, você mal conhece ele, nós mal terminamos. Sei que seu sonho é ir para as Luzes, sei o tipo de vida que você almeja, mas isso é ridículo.

– Você não sabe de nada – ela cortou. – Conheço o Caio muito bem, ele me faz sentir bem, ele se importa comigo.

– E ele mora nas Luzes, é uma porra de um riquinho qualquer, um filho de papai disposto a fazer suas vontades. – Nervoso, ele passou a mão no rosto enquanto sua ex-namorada ouvia seu discurso com o mesmo desdém de antes, só que com uma pitada de raiva. – Olha o tamanho da besteira que você está fazendo.

– Miguel, nós tínhamos acabado de terminar quando você jogou tudo pro alto por causa de um robô, está lembrado? Você fez por algo que nem está vivo tudo o que não fez por mim nos últimos anos, desde que começamos a

namorar. Você tem certeza de que ainda pode vir aqui falar comigo sobre o que é certo ou o que não é?

A verdade era que Miguel ainda via Nina como sua e tinha esperanças de que ela mudaria, desistiria da loucura de ir para as Luzes e voltaria a ser a mesma de antes. No entanto, no tempo em que eles passaram separados, ela tinha conseguido ficar mais próxima de alcançar seus objetivos. Estava mais feliz, de fato, mas estava cada vez mais longe da Nina que ele conhecera anos atrás. A sensação de Miguel era a de que ela tinha morrido quase que por completo, consumida pelo sonho de deixar os Escombros.

– É a vida dela que está em jogo – respondeu, sabendo que sua ex-namorada não daria a menor bola para aquele argumento. – Se eu não conseguir a célula de energia que ela precisa, ela vai continuar morta, Nina. – Ele olhou para trás por um segundo para ver se as crianças não estavam tocando na sua moto. Depois, voltou-se para sua ex e segurou as lágrimas. – Você é a mulher que eu amo. Ela eu só quero salvar.

– Você deveria ter tentado salvar a mulher que amava. Você fez tudo por ela, mas não por mim.

Assim que terminou de falar, Nina deu-lhe as costas e bateu a porta de casa. Miguel continuou fazendo força para não chorar e afastou as crianças de sua moto antes de dar a partida. Acelerou tanto que o pneu cantou e ele quase perdeu o equilíbrio, mas sumiu o mais rápido possível para que não vissem suas lágrimas. Tinha perdido, talvez para sempre, a única mulher que amara. Pensou em desistir de tudo, em voltar a procurar por restos de próteses e implantes no centro, em viver uma vida calma, mas lembrou-se do apelo de Alice e do desejo que tinha de descobrir mais sobre os próprios poderes. Antes que perdesse a si próprio, Miguel se agarrou àquele apelo numa última esperança de manter-se vivo, de manter-se ao lado dos Fantasmas.

Anderson estava parado na entrada da casa do Comandante, ao lado de sua moto. O modelo era o mesmo de Miguel, só que amarelo e com algumas

customizações. Parou a moto próxima a ele, o rosto ainda inchado e vermelho por causa do choro. Anderson percebeu e preferiu não fazer perguntas.

– A vermelha foi a moto que sobrou pra você? É bem bonita e ninguém quis. Sabe a razão disso? – perguntou o colega.

Balançou a cabeça negativamente, limpando as lágrimas do rosto com as mãos.

– O vermelho é um mau agouro para os motoqueiros – continuou Anderson. – Dizem que é cor do azar, não sei o motivo. Um motoqueiro que me ensinou muita coisa quando eu estava começando disse que é porque, quando sua moto é vermelha, ninguém percebe que você está sangrando e você morre sem ajuda. Mas acho que isso é viagem, superstição de motoqueiro mesmo.

– O vermelho combina com você – disse Miguel, finalmente, com a voz um pouco embargada.

– Por quê?

– Quando você sofre, ninguém ao seu lado percebe. É como se você camuflasse a sua dor – disse.

Anderson sorriu.

– Com você é o contrário, não é, Miguel?

O colega sorriu também, já com o rosto um pouco melhor.

– Não vou perguntar o que houve pra deixar você assim, mas me desculpe por ontem, ok? Juan estava certo, eu jamais negaria uma missão dessas, chego a estar excitado com ela. Mas eu estava temeroso por você. Você está dentro, como qualquer um de nós. Não posso ficar tentando protegê-lo, não dá mais pra fazer isso.

– Não precisa pedir desculpas, cara. – Miguel se aproximou do colega e eles se abraçaram. – A gente vai sair vivo dessa, dessa e de várias, pode ficar tranquilo. Você só queria me proteger, é normal.

– Quanta viagem – berrou Juan, da entrada da mansão. – Andem logo, porra. Só faltam vocês dois!

Ao som do canto das cigarras artificiais, Miguel entrou no casarão do Comandante sem saber o que o aguardava. Despiu-se dos restos de Nina que ainda o habitavam e preparou-se para abraçar uma provável morte nas mãos de traficantes para resgatar um executivo. Dentro da sua cabeça, o tal de Edward Emmerich tinha o mesmo rosto do jornalista Matt, de Caio e de tantos outros jovens da Missão Cristã que conhecera nos tempos do colégio. Havia algo nos olhos daquela “casta superior” da sociedade que lhe dava ódio. Eles viviam sobre torres construídas em cima de gente pobre como ele, como os Escombros. E o que mais detestava: agora, sua vida girava em torno dos caprichos deles.

O PRIMEIRO ADEUS

SÁBADO, 11 DE ABRIL DE 2054 – 23H15.

Anderson estava em absoluto silêncio. Ele, Fred e Juan aguardavam um sinal em suas motos, motores desligados e luzes apagadas, adormecidas enquanto o vento farfalhava a grama em torno delas. O trio estava na base de um pequeno morro a menos de um quilômetro da Favela dos Macacos e a noite parecia mais silenciosa do que o normal. Fazia calor. Anderson abriu o zíper da jaqueta preta que vestia, revelando uma camiseta branca. Ele suava muito e não era só o clima abafado responsável por aquilo. Estava preocupado com Miguel.

Juan virou lentamente a cabeça para sua direção.

– Fica tranquilo, cara. Ele está bem, não tem razão para nos preocuparmos com o Miguel. Pelo menos não por enquanto.

Anderson sorriu e checkou pela milésima vez a pistola que guardava no bolso. Motoqueiros não usavam aquele tipo de equipamento, mas estavam numa situação especial e o Comandante os obrigara a carregar armas de fogo. A falta de costume deixava-o inseguro, e voltou a colocar a mão no coldre antes do rádio de Fred tocar. Viu Juan soltar uma baforada de fumaça e jogar o cigarro ainda aceso na grama antes do negro atender a chamada. Ele colocou no viva voz, para que todos escutassem.

– Hoje vai ter festa nos Escombros? – perguntou uma voz rouca, do outro lado da linha. Era o código que tinham combinado caso a conversa deles

estivesse sendo interceptada.

– Claro, só depende de você – respondeu Fred. O comunicador ficou totalmente mudo por algum tempo e a tensão subiu entre eles, até que a voz rouca voltou a falar.

– Já estou esperando você.

– Estou indo, então.

Fred colocou o rádio preso num suporte da moto e deu a partida. Os outros dois fizeram o mesmo, mas antes Anderson olhou ao seu redor para ver se estava tudo seguro. Um mau pressentimento o aterrorizava, por isso checkou os arredores antes de acelerar a motocicleta. Menos de 200 metros atrás deles, uma mata fechada e escura se estendia ao lado de um esqueleto de prédio invadido pelos sem-teto. Ligou a moto, cujos giros do motor estavam em compasso com o nervosismo que revolia seu estômago. Juan pegou um taco de hóquei que estava apoiado na roda e foi o primeiro a acelerar.

– Não esqueçam, nada de caos, nada de desordem. A gente tem um plano – berrou Fred, que olhou nos olhos de Anderson. – Relaxa, cara. Vai dar tudo certo.

Desceram o resto do morro com as luzes apagadas, mas já em alta velocidade. Ninguém nos Escombros sabia do sequestro que estava acontecendo no Morro dos Macacos, mas o clima nos arredores da favela já era pesado, como se o próprio ambiente respondesse à tensão colocada sobre o lugar. Não havia carros, as luzes eram poucas e, de vez em quando, uma alma perdida passava rapidamente pelas ruas.

Entraram na favela por uma rua pouco utilizada e aceleraram até o local combinado: um campinho de futebol que estava com as grades laterais cerradas. Atravessaram pelo buraco rapidamente e saíram na praça que ficava na entrada do Morro dos Macacos. Os clientes dos vários bares se aglomeravam nas calçadas escutando música alta e bandidos desfilavam, alguns com armas em punho e mulheres penduradas em seus pescoços. O

som do funk era tão alto que só perceberam a presença das motos quando Juan ligou o farol alto.

A moto roncou como um monstro e atraiu para si os olhares de alguns dos mais atentos, mas nem eles estavam preparados para o que aconteceria. O motoqueiro veterano acelerou pelo meio da praça e, com o taco de hóquei, usou toda a sua força para abrir um rombo na cabeça de um traficante nitidamente embriagado que segurava uma AK-47. O caos planejado tinha começado. Juan aproveitou que a maioria estava bêbada ou drogada para derrubar mais dois bandidos desatentos. De longe, Anderson e Fred o observavam lembrando-se de cada palavra dita pelo Comandante.

– Não importa o quão pesado esteja o clima, eles vão fazer festa naquela praça, sempre fazem. Quando não acontece, significa que o movimento está ruim, e isso os deixa ameaçados em relação aos morros rivais. Mas vai haver uma diferença, poucos bandidos estarão na praça. A maioria vai estar no alto do morro, guardando Edward Emmerich. Se vocês forem rápidos, vão conseguir derrubar todos.

Os dois esperaram até que o pânico tomou conta da praça e o primeiro tiro foi disparado, dando início ao papel deles. Fred foi o primeiro a sair. Não conseguiu impedir que o bandido disparasse o primeiro tiro, mas ele estava longe demais de Juan para acertá-lo. Quando ia apertar o gatilho pela segunda vez, o motoqueiro acertou-o com um bastão de ferro na nuca e ele deu um disparo perdido antes de cair inconsciente no chão.

– Eles vão estar misturados nos bares e bebendo com os moradores, não será tão óbvio assim achar alguns deles. Um de vocês deve ir na frente e começar a confusão, e esse, na minha opinião, tem que ser o Juan. Instalar o caos é o estilo dele. Os outros dois devem ficar atrás, aguardando os traficantes escondidos puxarem suas armas e eliminá-los o mais rápido possível. Quando os armados estiveram no chão, a praça será de vocês.

Com os tiros, não havia mais ninguém alheio à confusão no centro da praça. Após derrubar o primeiro, Fred acelerou em cima de mais um que

engatilhava seu rifle agachado atrás de uma árvore. Anderson fixou o olhar na multidão e tentou procurar outros traficantes, mas moradores corriam de um lado para o outro e tiravam sua atenção. Percebeu quatro homens, todos sem blusa e armados saindo de um beco para trás de um carro, de onde começaram a disparar contra Fred e Juan.

– Puta que pariu! Quatro? – pensou Anderson, acelerando a moto. Ele carregava um bastão de baseball de alumínio e sabia que aquilo não seria o suficiente para dar cabo de todos de uma vez. Os disparos começaram e ele não tinha muito tempo para pensar. Decidiu improvisar. Colocou força máxima no motor e derrapou a moto de lado, lançando o veículo contra o grupo. Conseguiu imprensar dois deles com violência contra a lataria do carro e um terceiro se desequilibrou para trás, sem chances de reagir a um golpe com o bastão na cabeça. Partiu para cima do último, mas ele usou a AK-47 como escudo e os dois começaram a se engalfinhar no chão. Mais forte e bruto, o motoqueiro conseguiu ficar por cima e socou a cara do adversário até ele desmaiar.

Tentou voltar para sua moto, mas uma rajada de tiros acertou o carro e ele teve que se abaixar novamente. Do outro lado da praça, um garoto que parecia mal ter chegado à adolescência disparava contra ele, quase caindo com o recuo da arma. Espiou seu algoz desajeitado e tentou sair novamente, mas outra rajada acertou o asfalto bem ao seu lado. Não sabia o que fazer, mas Juan veio como um louco do centro da praça e derrubou o adolescente com a moto. Com o rapaz caído no chão, ele ainda golpeou sua cabeça uma vez com o taco antes de voltar à confusão.

Aproveitou para se levantar e avaliar a situação. Algumas pessoas ainda corriam, mas a maioria já estava escondida nos bares e nas casas. Juan e Fred se revezavam nos ataques aos poucos traficantes que restavam. Anderson correu para sua moto e se assustou com três meninas pequenas, nenhuma delas com cara de ter mais de oito ou nove anos, escondidas ao seu lado. A mais velha segurava a mão das outras duas, que choravam em desespero.

Olhou-as nos olhos e tentou pensar em fazer algo para ajudá-las, mas não tinha tempo. Deu-lhes as costas e já corria para sua moto quando uma rajada de tiros o interrompeu novamente.

Não sabia de onde vinham os disparos, mas sentiu que estavam bem próximos deles. Na segunda saraivada, os tiros acertaram a moto de Juan, que se desequilibrou e caiu após bater num canteiro de árvore. Continuou a ser alvo do atirador e precisou se esconder atrás do tronco.

Pelo som, Anderson percebeu que os disparos vinham de cima. Na sobreloja do bar bem atrás dele, um traficante atirava agachado próximo a uma janela. Juan e Fred estavam muito distantes para tentar atacá-lo e seriam alvos fáceis se tentassem se aproximar. Ainda despercebido pelo bandido, Anderson deixou a moto e entrou correndo no bar, onde um grupo de mulheres se escondia atrás do balcão. Ignorou-as e partiu para os fundos, procurando a entrada para o segundo andar.

Mais e mais rajadas. Subiu as escadas lentamente com o intuito de não ser notado e viu que havia vários quartos na sobreloja, todos de portas fechadas. Abriu a porta de um deles apenas para dar de cara com um casal nu escondido no canto. Trocaram um olhar rápido, mas Anderson preferiu recuar e fechar a porta. Partiu para a próxima e deu de cara com uma adolescente seminua agachada com as mãos na cabeça. “Porra, isso é um puteiro”, pensou. Um homem na cama levantou as mãos para mostrar que não tinha nada consigo e Anderson fez um gesto positivo, partindo para a próxima porta.

Ao abri-la, viu o traficante alto e magricelo agachado próximo à janela, pelado, disparando contra os motoqueiros. Entrou despreocupadamente no quarto, bastão em punho, e uma mulher nua que tremia de medo na cama deu um berro, mas já era tarde demais. O motoqueiro golpeou a cabeça do traficante com toda a força, espalhando sangue pelo cômodo e deixando a vítima inconsciente na hora. Ainda desferiu mais alguns golpes contra o corpo inerte antes de deixá-lo em paz.

Olhou pela janela e percebeu certa calma na praça, indicando que já era hora de começar a segunda fase da operação. Pegou a moto e se juntou aos dois na entrada de um dos bares.

– Tudo pronto para a festa? – perguntou Fred, no rádio.

– Só esperando por vocês – respondeu a mesma voz rouca.

O negro subiu em sua moto e deu a partida, deixando-a pronta para que saíssem quando fosse necessário.

– Até que a gente arrumou uma confusão boa aqui – falou, enquanto passava a mão para tirar a sujeira que tinha se acumulado nos seus *dreads*.

Ele e Juan pareciam relativamente calmos. Anderson não conseguia tirar os olhos do fim da praça, onde ficava a entrada principal do Morro dos Macacos. Para que o plano do Comandante desse certo, uma torrente de bandidos fortemente armados teria que descer dali a todo vapor para matá-los.

– Fizemos a nossa parte, agora esses traficantes têm que fazer a deles – disse baixinho, as mãos na motocicleta pronta para partir. Foi quando viu a primeira luz iluminando a ladeira. Logo, vários outros faróis foram acesos. De longe, pôde contar cerca de dez motos, uns três carros e um blindado que parecia ter pertencido à polícia antes da guerra civil carioca. Apesar da enorme distância que os separava, alguém disparou tiros contra eles, mas as balas passaram longe.

– Atirem! – berrou Fred.

Ele e Anderson puxaram pequenas pistolas enquanto Juan pegou um rifle e os três dispararam despreziosamente contra o comboio que se formava no pé do morro. As luzes começaram a se mover, vindo na direção dos motoqueiros. O morro estava descendo para a guerra.

– É agora!

Com o grito de Juan, os três guardaram as armas nas motos e aceleraram na direção oposta.

• • •

Alguns minutos antes

• • •

Vestindo apenas trapos e enrolado num cobertor velho, Miguel subia com dificuldade a sinuosa e escura ladeira de paralelepípedos que levava ao topo do Morro dos Macacos. Seu principal desafio naquele momento era não se perder nem passar para as pessoas ao seu redor o quanto estava tenso. A cada curva, lembrava-se das várias fotos que os funcionários do Comandante tinham lhe mostrado para indicar o caminho que deveria seguir. Ele andava cabisbaixo, evitando retribuir os olhares de quem tinha certeza de que ele não passava de mais um viciado.

No momento mais tenso da subida, um negro do tamanho de um armário com um rifle pendurado no ombro e cabelos tingidos de loiro se aproximou, pegou-o pelo queixo e checkou seu rosto. Ele tinha um rádio vermelho na cintura de onde vinham várias vozes, todas falando sobre a segurança de cada um dos pontos do morro.

– Viciado de merda, hoje não é dia de ficar brincando aqui não! – berrou, empurrando-o. Miguel tropeçou no meio-fio e caiu de costas, sem esboçar qualquer reação. – Pega logo o seu bagulho e se manda daqui, senão te passo o ferro.

Crianças que jogavam bola num quintal perto dali caíram na gargalhada com o tombo e também começaram a xingá-lo.

Mais alguns minutos acima, deu de cara com o lugar onde Emmerich provavelmente era mantido. Tudo batia com a descrição dada pelo Comandante. Era um par de prédios antigos e muito parecidos e erguidos lado a lado, com quatro andares cada. A parte externa não tinha retoque algum, deixando os tijolos expostos para quem quisesse ver. Na altura do terceiro

andar, uma passarela improvisada de madeira ligava as duas construções. No primeiro andar, um casal de adolescentes comprava drogas.

O lugar estava fortemente protegido por vários soldados do tráfico. Sem chamar a atenção, Miguel entrou num beco pouco antes de alcançar o ponto de venda para observar melhor o lugar. Pensou que ainda teria que esperar muito pela chegada dos motoqueiros, porém os tiros vindos da base do morro provaram o contrário. Alguns traficantes saíram correndo do prédio com fuzis em punho, pegaram suas motos e desceram apressados.

– Tem um monte de filho da puta lá na praça. Os caras devem estar aqui pra pegar o alemão – escutou alguém berrar.

– Tá seguro, rapaz. Se alguém chegar aqui, a gente apaga o filho da puta. E os caras não vão conseguir subir o morro nem fodendo.

Miguel puxou do bolso a pistola nove milímetros com silenciador que recebera e engatilhou-a. Tinha disparado uma arma pela primeira vez naquela tarde e não se sentia muito confiante para usá-la, mas o fato de ter algo para se defender o tranquilizava um pouco. Foi para trás dos prédios e, sem saber em qual entrar, escolheu o primeiro que viu com uma janela aberta.

Boa parte dos traficantes descera para controlar a ameaça dos motoqueiros, o que facilitou seu trabalho. Não havia ninguém nos fundos do primeiro andar do prédio que escolhera. Subiu em silêncio as escadas até o segundo andar, chegando a um corredor com algumas portas laterais. Numa delas, uma família assistia passivamente a um filme numa TV do século passado, todos espremidos num cômodo pequeno.

– Não pode ser nesse prédio, isso aqui está calmo demais – avaliou. Noutro cômodo, flagrou um traficante dormindo sentado e abraçado a uma submetralhadora. Se tivesse sangue frio, o executaria na hora e deixaria um homem a menos no seu caminho para a fuga. Mas preferiu deixá-lo em paz, mais pelo medo de ter que matar uma pessoa do que por compaixão.

Chegou ao terceiro andar e, antes de atravessar a passarela para o prédio vizinho, foi até uma janela nos fundos para checar se sua saída estava pronta.

Uma moto o aguardava encostada num poste e de frente para uma longa ladeira que daria numa das entradas dos Macacos, brinde de um dos vários contatos do Comandante na região.

Tomou coragem e atravessou a passarela até o outro prédio. Instáveis, as madeiras balançavam com o seu peso e chegou a temer pelo pior, mas se apoiou nas barras de ferro que serviam como muro e conseguiu chegar ao outro lado. Achou o lugar vazio demais e foi até a janela, de onde viu mais de dez traficantes do lado de fora em torno do mesmo negro de cabelo loiro, agora com o rádio na mão. Apreensivos, eles escutavam sobre a situação na entrada do morro.

“Não vou ter outra chance”, pensou. Despreocupadamente, subiu para o quarto andar e soltou um palavrão de desespero quando também não encontrou ninguém, apenas um depósito de armas. Desceu até o segundo e quase foi visto por um bandido, o único que realmente parecia estar guardando alguma coisa, sentado numa cadeira em frente a uma porta fechada.

Miguel calculou a distância entre os dois e agiu. Sabia que seus poderes teriam pouca utilidade ali. Puxou a arma de choque guardada no bolso, correu e usou-a no pescoço do vigia. Distraído olhando para o outro lado, o traficante caiu inconsciente. O motoqueiro arrastou o corpo inerte para o andar de cima o mais rápido que pôde e entrou no quarto onde Emmerich estava preso.

As condições do executivo não eram das piores. Ele estava na melhor acomodação com a qual esbarrara nos dois prédios, tinha uma espaçosa cama com lençóis limpos e um banheiro só para ele. O próprio Emmerich estava em excelente estado e o único detalhe que denunciava o sequestro era a atadura no braço onde ele fora alvejado. O gringo tinha uma estrutura grande para alguém acostumado aos padrões brasileiros. Apesar da idade, os ombros largos e seu um metro e noventa de altura lhe davam uma imponência, que compensava o rosto enrugado e os cabelos brancos.

Ele se levantou da cama logo que Miguel entrou e ameaçou atacá-lo, mas o motoqueiro seguiu as instruções que o Comandante passara e, assim que entrou, estendeu o rádio. Desconfiado, o executivo pegou-o.

– Quem é você? Te mandaram aqui para me matar? – inquiriu.

– Aperta o botão do lado do rádio pra falar. Rápido – sussurrou o motoqueiro. – Rápido, porra!

Do outro lado da linha, o Comandante o aguardava. O americano escutou atentamente as palavras do mafioso, mas não sem tirar os olhos de Miguel.

– Você tem certeza de que me consegue isso? – perguntou Emmerich. – Ok, se você me garante, eu vou embora daqui com seu homem. Mas, se alguma coisa der errado, você está fodido.

Um grito do lado de fora do prédio paralisou Miguel de medo. Alguém começou a berrar repetidamente, a voz era de mulher.

– Mataram um homem aqui, mataram um homem aqui.

Da janela, viu que os gritos eram do prédio vizinho. Como? Ele não havia tocado em nada na sua passagem por lá. Puxou um desorientado Emmerich pelo braço e, com a pistola na outra mão, saiu do quarto apenas para dar de cara com seu paredão de fuzilamento. Quatro traficantes chegaram pelas escadas, apontaram suas armas para ele e o motoqueiro não teve tempo de reagir. Jogou a pistola no chão, levantou os braços e começou a andar para trás.

Antes do primeiro disparo, pensou na imbecilidade que tinha feito ao aceitar aquela missão e na estupidez de morrer numa favela para salvar o rabo de alguém que ele sequer conhecia.

– Merda...

• • •

Fred, Anderson e Juan faziam o possível para não serem perdidos de vista pelos traficantes. Ziguezagueavam pelas ruas dos Escombros para evitar as constantes rajadas de metralhadoras e revidavam com tiros sem rumo. Apavoradas, as pessoas fugiam para suas casas nos arredores do Morro dos Macacos.

Após uma perseguição que não chegou a durar cinco minutos, entraram numa rua sem saída e escutaram, de longe, os gritos de comemoração dos traficantes, certos de terem os encurralado. A primeira parte do comboio entrou com sede de sangue para matá-los, mas alguns perceberam a armadilha e pararam antes. Holofotes potentes foram acesos nos prédios vizinhos e, para a grande maioria, a luz cegante foi a última coisa que viram em vida. Atiradores de tocaia do exército particular do Comandante e mais alguns mercenários não economizaram balas e varreram a rua com rajadas certeiras.

Os três motoqueiros abriram espaço para a passagem de dois blindados que saíam em perseguição dos traficantes que não caíram na armadilha e tentavam fugir pelas ruas. No lado deles, a missão tinha sido um sucesso. Anderson puxou o rádio e tentou ligar repetidas vezes para o Comandante, que demorou a lhe responder e, quando o fez, não pareceu muito satisfeito.

– Não tenho ainda a situação do Miguel – disse secamente. Juan e Fred caminhavam pela rua cheia de corpos dando tiros de misericórdia nos traficantes que ainda agonizavam. Na sacada dos prédios, os mercenários comemoravam a vitória fácil. – Sei que ele chegou a encontrar o nosso alvo, mas perdi contato com ele depois disso.

– Como assim perdeu contato?

– Ele estava com o rádio ligado, ouvi uma gritaria, tiros e depois mais nada. Me desculpe Anderson, estou tentando averiguar o que houve.

– Vamos subir o morro agora, então.

– Não. Dê um tempo ao Miguel. Não sabemos a missão do Emmerich. Dependendo do que aconteceu lá em cima, você sabe que seria suicídio subir agora.

Anderson desligou o rádio sem se despedir, subiu em sua moto e acelerou de volta para a favela. Juan e Fred perceberam o transtorno e foram atrás dele.

– Porra, Anderson! Espera! O que aconteceu, cara? – berrou Juan, passando por cima dos corpos de traficantes mortos com a sua moto.

Ele não respondeu, seguiu na frente deles até uma rua relativamente próxima do Morro dos Macacos e estacionou. Os amigos o alcançaram, já temendo pelo pior.

– Não, o Miguel não morreu. Mas quero ficar aqui. Deu merda lá em cima e o Comandante ainda não sabe o que houve.

Fred deu um leve tapa nas costas de Anderson, que mantinha os olhos fixos no topo da favela.

– Porra, foi a gente que meteu ele nisso, né?

Os três silenciaram. Sabiam que tinham trazido Miguel àquela vida a contragosto e pouco podiam fazer, exceto esperar uma posição da sua situação na favela. Até agora, toda a programação do Comandante dera certo. Os três motoqueiros atraíram uma parte dos traficantes para fora do morro, facilitando o acesso de Miguel, que subira a favela fingindo ser um viciado. Depois, levaram boa parte dos bandidos para a morte certa numa armadilha e, para concluir o plano, o companheiro deles deveria fugir numa moto reservada para ele perto do cativo de Emmerich.

Cada minuto durava uma eternidade e ninguém ousava dar um pio. Anderson segurava o rádio o tempo inteiro, como se esperasse uma ligação do próprio amigo a qualquer momento. Para piorar, nenhum som de confronto vinha do morro. Nenhum tiro, nenhum grito, nada.

– Anderson? Anderson? Você está aí? – A voz do Comandante quebrou o silêncio e os outros dois se aproximaram para escutar a conversa.

– Acharam ele. Cara, problemas. As fontes que tenho lá em cima ligaram para dizer que tem um homem sendo levado para a mata por um grupo de quatro traficantes. Ele está amarrado e apanhando deles.

– Porra, é o Miguel?

– Não sei, mas o Emmerich não é. Ele disse que a vítima não é alta.

O mafioso ficou um tempo em silêncio e eles puderam escutá-lo conversando com outra pessoa.

– Acabaram de me dizer que ele vai ser executado. Estão levando para onde guardam os pneus. Vão queimá-lo.

Antes mesmo de o Comandante terminar de lhes dar a posição, o blindado que seus homens usaram para caçar os traficantes passou por eles em alta velocidade e subiu uma das ladeiras rumo ao topo da favela.

– Sigam o blindado, mas acompanhem tudo de trás. Eles estão num campo aberto, são quatro bandidos armados com fuzis. Vocês não têm chance se tentarem ir sozinhos. Meus homens vão cuidar de tudo.

Montado em sua moto e seguindo logo atrás do blindado, Anderson tentava se recordar da última vez em que chorou. Pelas suas contas, fora há uns cinco anos, quando seu pai teve um infarto e morreu na sala de casa, sem espaço para socorro.

Desde então, sua mãe perdera completamente o tino da vida, transformando o convívio familiar num inferno. Entre lágrimas e calmantes, o então estudante decidiu trocar o conforto da vida adolescente pelo caos da Praça da Bandeira, onde passava semanas inteiras sem voltar para casa. Usara todas as drogas possíveis e imagináveis, mas não acabou viciado ou satisfeito por nenhuma que não fosse a adrenalina.

Brigava nas ruas pelo puro prazer de brigar. Empregava tudo que sabia de kung-fu e krav-maga no primeiro que o incomodasse. Colecionava cicatrizes e, antes de perceber, estava ganhando dinheiro para recebê-las em cima de uma moto.

Rotulado como bandido nas ruas pacatas do Andaraí, viu em Miguel o único amigo que não saiu do seu lado, o único que não julgou suas atitudes. Ele não concordava com seu novo estilo de vida, mas fazia questão de manter viva a amizade que conservavam desde pequenos. Era seu irmão, seu pilar e o

único em quem confiava quando a situação apertava. E agora, ele tinha a sinistra sensação de que encontraria o amigo morto e carregaria sozinho toda a culpa do mundo.

A irritação com a lentidão do blindado se uniu ao desespero e, num movimento alucinado, colocou sua moto em força máxima, cantou pneu e ultrapassou o veículo. Os gritos de Juan e Fred se perderam entre o ronco dos motores. O asfalto se transformou no paralelepípedo da favela e o paralelepípedo virou estrada de terra no seu caminho rumo ao descampado no alto do morro.

Passou por algumas árvores e finalmente viu o que tanto temia. Os traficantes estavam jogando álcool numa pilha de pneus e Miguel, encapuzado, aguardava a execução dentro dela. Não podia mais esperar.

Quando um dos homens puxou um isqueiro do bolso, Anderson acelerou, empinou a motocicleta e o acertou, desequilibrando-o. Os outros três puxaram suas armas e dispararam contra o motoqueiro, que tentava se afastar deles para atacá-los novamente.

O calor do primeiro tiro que recebeu nas costas o desequilibrou, mas o susto veio quando um dos disparos acertou o pneu da moto. Anderson perdeu completamente o controle do veículo, indo de encontro a uma das árvores na borda do descampado. Tonto e sentindo o ferimento à bala queimando-lhe o ombro se levantou com dificuldade e achou que fosse morrer quando escutou mais uma série de disparos.

Dessa vez, os alvos eram os bandidos. Do outro lado do descampado, Juan e Fred disparavam contra o grupo, que esboçou uma reação, mas bateu em retirada quando viu o blindado chegando.

– Cara, você é completamente maluco – dizia Juan, ajudando-o a levantar-se. Ele o levou até a pilha de pneus, onde viveriam a nova reviravolta da noite. O homem que estava prestes a ser assassinado não era Miguel, mas um rapaz oriental completamente desorientado.

Fred não acreditava no que via.

– O quê? Que porra é essa? Quem é você?

Um dos soldados saiu correndo do blindado e entregou o rádio nas mãos de Anderson, que lutava para se manter de pé.

– Emmerich está vivo, Miguel o resgatou – anunciou o Comandante, aliviado com o desfecho positivo. – O rádio dele quebrou, foi só isso. Ele deixou o executivo com meus homens no pé do morro. Quem vocês salvaram aí?

– Não sei – balbuciou Anderson. – Um maluco qualquer. Nunca vi na vida, é japonês. O Miguel ainda está lá?

– Esse é o problema...

– Como assim?

– O Miguel sumiu.

• • •

Sentado no canto do quarto com as luzes apagadas e abraçado aos joelhos, Miguel tremia ao lembrar o que vivenciara há pouco mais de uma hora. Sozinho e no topo do Morro dos Macacos, confrontou sua própria mortalidade e concluiu que aquilo não valia a pena. Chorou ao pensar que Alice jamais acordaria e na maneira estúpida como tinha jogado sua vida para o alto em troca de um sonho que se desmanchava por entre seus dedos. Tentava, inutilmente, bolar outras maneiras de obter o dinheiro da bateria. Não havia como.

Quando pequeno, viu os pais de William mortos, mas a primeira vez em que teve um contato maduro com a sensação de mortalidade foi na morte do pai de Anderson. Vizinho seu e praticamente um tio, ele fora vítima de um infarto fulminante enquanto Miguel visitava o amigo. Nos dias seguintes, não conseguira deixar de pensar na ausência da mão de Deus na escuridão da morte.

Aquilo chegava a deixá-lo sem ar de tão brutal. E foi o mesmo pensamento que veio à mente quando quatro traficantes lhe apontaram seus fuzis, os engatilharam e se prepararam para uma execução sumária. No breve intervalo entre a certeza da morte e a salvação inesperada, viu a imbecilidade do mundo no qual vivia. Um homem sem futuro arriscando sua pouca liberdade para salvar um executivo das Luzes, um dos principais responsáveis pela situação deplorável dos Escombros. E em troca de quê? De uma entidade, pessoa, máquina, ou como quer que a denominasse, com a qual tinha falado por cinco minutos.

Antes de chegar à conclusão de que todo aquele esforço era inútil, ele, Emmerich e seus algozes foram surpreendidos por um estrondo que trouxe consigo um homem voando pela janela. Ele veio por trás dos traficantes, acertou os quatro em cheio com o corpo e levantou-se bem aos pés de Miguel. A passarela desabara com o homem, lançando-o janela adentro no andar inferior.

Era um japonês de cabelo cheio e olhos sem expressão que se mantiveram perfeitamente tranquilos, mesmo após a queda. Ele foi na direção de Miguel quando um dos traficantes tentou surpreendê-lo com um tiro pelas costas. Mesmo sem olhá-lo, o oriental percebeu de alguma forma o disparo, esquivou-se e, num movimento gracioso, afastou a arma com uma das mãos e fincou uma faca no pescoço do adversário com a outra.

Quase que instantaneamente, outro bandido se levantou e apontou-lhe a arma. Antes que disparasse, o japonês usou a mão nua para atravessar seu peito, matando-o na hora. Mais homens chegaram para enfrentá-lo e Miguel aproveitou o caos para escapar. Puxou Emmerich pelo braço e pulou a janela na outra extremidade do corredor. O americano sentiu a queda do segundo andar, mas foi arrastado pelo seu salvador até a moto que os esperava nos fundos.

– Eu não sei andar de moto! – berrou o homem, quando percebeu o plano de Miguel. O motoqueiro o ignorou e ligou o motor. Sem saída, o

desengonçado Emmerich sentou na garupa e abraçou-o com força.

Trêmulo e sentindo um frio irreal, Miguel se esforçava para manter a motocicleta equilibrada e engoliu o medo até chegarem ao local combinado. Passou com a moto por entre os corpos dos traficantes mortos na rua sem saída e encontrou o paraguaio que trabalhava para o Comandante ordenando a remoção dos cadáveres. Parou ao seu lado e sequer desceu da moto, ainda com o motor ligado.

– Cadê o Anderson? Fred e Juan voltaram?

– Sim, estão todos bem. Eles saíram daqui há apenas alguns minutos atrás de você. Porra, esse é o Emmerich? Deu tudo certo?

O americano ficou de pé e, sem dar qualquer resposta, Miguel disparou pelas ruas de volta para o novo apartamento, na Praça da Bandeira. Estava decidido. Não iria arriscar a sua vida novamente, não de maneira tão banal, não de formas tão estúpidas. Entrara naquele jogo com a ilusão adolescente do sucesso e da morte que nunca vai chegar, mas encará-la nos olhos mudou tudo. Aquele era o fim.

Após rever todos os acontecimentos, tomou um banho gelado e começou a empacotar suas roupas. Se estava dando adeus à gangue, não fazia sentido continuar morando ali. Puxou a caixa com Alice debaixo da cama, mas não a abriu. Temia mudar de ideia se o fizesse e ainda não tinha decidido se deixaria Nicolas vendê-la ou se a colocaria de volta no mesmo lugar em que a encontrou, no centro da cidade.

– Com que cara vou falar isso para o Anderson? – se perguntava. Sem o rádio, destruído na confusão da favela, teve uma ideia brilhante para deixar os Fantasmas sem ter que encará-los: a mala do Comandante. As palavras do mafioso pareciam marcadas em fogo vivo na sua memória.

“No dia em que você desistir de nós, assim que você decidir jogar tudo para o alto e cair fora dessa empreitada, quero que você abra essa maleta. Ela tem transmissores de rádio, entende? Se você abri-la no quintal da sua casa ou numa caverna no Afeganistão, eu ficarei sabendo.”

Pegou a maleta e a chave, guardadas em armários diferentes, levou-as até a sala e encarou-as. Não sabia quanto tempo tinha até Anderson voltar para casa ou alguém tentar procurá-lo ali. Precisava agir rápido, ou jogava tudo para o alto naquele momento ou teria que fazer isso pessoalmente com os outros motoqueiros e o Comandante.

– Vida de merda – disse para si mesmo colocando a chave na tranca digital. Antes de abri-la, pensou no que estaria ali dentro. E se fosse uma bomba? Não lhe parecia absurdo que o mafioso quisesse vê-lo morto caso os abandonasse. Ao mesmo tempo, concluiu que ele não seria tão radical, já que um explosivo colocaria em risco até mesmo os outros integrantes da gangue.

O Comandante, ainda assim, permanecia como seu maior medo. E se ele o perseguisse, ameaçasse sua família ou tentasse matá-lo por abandonar o barco? Do pouco que conhecia dos mafiosos dos Escombros, imaginava que a retribuição poderia ser ainda pior.

Respirou fundo, cuspiu mais meia dúzia de maribondos e girou a chave, convicto de que toda a loucura das duas últimas semanas finalmente chegara ao fim. Abriu com cuidado a mala e, logo de cara, não sabia para o que olhava. Reconheceu o pequeno transmissor de rádio na lateral, provavelmente enviando naquele momento sinais sobre sua desistência para a central de informações do casarão.

O que o intrigava estava no centro. Era uma cápsula metálica do tamanho de uma lata de refrigerante com conectores nas partes de cima e de baixo. No centro, uma esfera de vidro azul opaca e um visor digital apagado sobressaíam. Tirou o objeto de dentro da mala e aproximou-o dos olhos. Quando finalmente leu o que as inscrições laterais diziam, perdeu a respiração.

Panasonic Free Cell Battery

High energy storage

HANDLE WITH CAUTION

– A bateria para a Alice? Porra... mas como?

Interlúdio

Prazer, Kazuo Mishima

O terminal do Aeroporto Internacional Astor Piazzolla, em Buenos Aires, estava cheio naquela madrugada de abril. Passageiros de voos atrasados dormiam sobre suas malas e improvisavam roupas como cobertores para afastar o frio. Atendentes das Aerolíneas Argentinas traziam xícaras de café ou ofereciam lanches de consolo aos mais estressados. Já passavam das três da manhã quando o celular de Kazuo Mishima tocou, quebrando o silêncio do terminal.

– Kazuo, você ainda está na Argentina? – perguntou Bob Page, do outro lado da linha. – Merda, desculpa ter demorado tanto a te ligar. Não sabia para onde ia te mandar dessa vez e...

– Quais são as minhas opções?

Nascido e criado no Japão, Mishima falava num inglês tão impecável quanto os outros seis idiomas que dominava com fluência. Vestindo um blazer branco por cima da blusa e calças pretas, o japonês chamava a atenção das mulheres no aeroporto pela elegância e os traços suaves.

– Antes de mais nada, eu preciso de um relatório. Como foi sua estadia na Argentina? Manderley e Everett já depositaram o pagamento pelos seus serviços, mas ainda não sei como as coisas correram. Estou a manhã toda assistindo esse tal de Canal Trece e não noticiaram nada. Nem no site do Clarín.

– É madrugada aqui, Page. Você só vai ter alguma repercussão daqui a algumas horas e... – Mishima deu um pulo e se contorceu na cadeira,

protegendo-se de alguma ameaça invisível. Algumas pessoas o olharam, obrigando-o a simular uma câimbra e levantar-se.

– Kazuo? Kazuo? O que houve?

Antes que pudesse responder, uma mulher que levava café para o marido tropeçou e derramou a bebida quente no lugar de onde ele acabara de levantar.

– Nada, uma mulher aqui ia me dar um banho de café e tive que levantar. Aconteceu uma daquelas visões e eu me assustei, só isso – explicou, observando o pouso de um avião através da parede de vidro. – Mas não se preocupe, tudo correu conforme o combinado.

– Tudo certo, vou aguardar as manchetes de amanhã para saber mais detalhes do seu trabalho.

– Sobre meu próximo passo...

– Tenho várias propostas: Budapeste, Dubai, Sidney. Acho que o melhor é mandar tudo por e-mail para que você possa vê-las e escolher.

– Bob, por favor, você sabe o que eu quero. Me diga qual é a que oferece o maior contrato. Não me interessa onde, desde que dê tempo de chegar lá.

Escutou Page suspirar do outro lado da linha, mas não se irritou dessa vez. Aos poucos, se acostumava com a maneira quase paterna que o inglês usava para tratá-lo. Tinha uma dificuldade enorme para compreender gestos afetivos como aquele, e tolerá-los era um dos seus principais desafios sociais.

– Aí perto. Na Zona Internacionalizada da América Latina.

– A ZI daqui é no Brasil, não é?

– Sim, Rio de Janeiro. Mas não acho que você deva entrar nessa. Todos da agência recusaram logo que viram os detalhes da proposta.

– Me convença a concordar com eles...

– O contrato chegou há menos de duas horas e, pelas somas exorbitantes, todo mundo passou o olho logo. Queima de arquivo, assassinar um executivo que foi sequestrado hoje mesmo por um exército de narcotraficantes.

– Traficantes não metem medo em ninguém, Bob.

– Desculpa, garoto, mas você não conhece o Brasil – insistiu o chefe. – Ele está preso no alto de uma favela com dezenas de traficantes, o lugar é um labirinto de barracos. As chances de alguém entrar lá só e sair vivo são mínimas.

– De quanto estamos falando?

– Trinta milhões de dólares. Pagamento na hora.

Seis horas depois, o avião em que Mishima decolara pousava suavemente no Aeroporto Internacional Tom Jobim. De lá, o japonês foi levado de helicóptero para a sede da Spartan Solutions, um gigante de aço e vidro à beira-mar.

Conhecia pouco sobre aquela que fora chamada um dia de “Cidade Maravilhosa”. As referências culturais que tinha do local eram todas anteriores à guerra civil. De lá para cá, sabia apenas que o Rio de Janeiro tinha se tornado uma espécie de Dubai da América Latina, de onde monstruosos conglomerados empresariais operavam negócios em todo o mundo. Boemia, samba, charme popular. Era isso que ecoava em sua mente quando pensava na cidade, que hoje se dividia entre reduto paradisíaco e fortaleza empresarial.

Para sua sorte, o prédio da Spartan possuía um andar só com suítes para casos de emergência e funcionários que optavam dormir na empresa. Imaginou que seria algo simples, mas se deparou com um luxo digno dos hotéis parisienses nos quais gostava de passar as folgas.

Tomou um banho rápido e foi procurar os estimulantes em sua bolsa. Aquele seria seu quarto dia consecutivo sem dormir e tinha apenas mais 48 horas de estabilidade pela frente. Se passasse disso, os remédios perderiam o efeito e ele desabaria na primeira cama que aparecesse. Fez uma última checagem nas facas e pistolas silenciosas de carbono que sempre levava consigo e abriu a porta do quarto no exato momento em que um executivo da Spartan ia tocar a campainha.

– Que coincidência! – exclamou o homem, estranhamente sorridente para uma situação daquelas. Era um rapaz jovem, já dono de uma inclemente

calvície cujo aspecto peculiar era reforçado pelos óculos fundo de garrafa.

– Não, não foi coincidência – limitou-se a dizer Mishima. O homem pareceu confuso, mas ignorou a apatia do japonês e levou-o para a sala de conferências no penúltimo andar. Sem cerimônia, Kazuo sentou-se na mesa de madeira e aguardou enquanto o executivo que o recebeu ligava a TV e os transmissores para a videoconferência com Myang Tseng.

– Recebemos as melhores recomendações a seu respeito, Mishima. Até pela soma e a gravidade da situação, o doutor Tseng quer falar com você pessoalmente. – Sem esboçar qualquer reação, o japonês voltou seu olhar para o mar além das janelas, mas o brasileiro não se dava por vencido. – Bem, meu nome é Roberto Cruz. Espero que esteja gostando do Rio de Janeiro. Uma pena que você vai ter que se aventurar pela Rio-Beta, aquilo é o inferno na Terra.

Mishima puxou do bolso um maço de cigarros e terminava a primeira tragada ao ver a imagem de Myang no telão. Trabalhara para associados da Spartan em vários países, mas nunca teve a oportunidade de vê-lo pessoalmente. Myang Tseng comandava um império de segurança privada que oferecia desde proteção e consultoria em regiões ricas até serviços de guerrilha para facções africanas em guerras civis.

Recluso, raramente tinha seu nome veiculado na mídia e havia poucos registros dele nos últimos anos. Era um homem na casa dos 50 anos, rosto sério e olhar perspicaz de um velho militar. A idade lhe deu alguns quilos, mas parecia conservar a fibra que lhe rendeu dezenas de condecorações pelo exército chinês, a verdadeira origem de sua glória. Amigo dos líderes do Partido Comunista, começou a carreira empresarial desviando equipamento militar subutilizado para sua firma privada de segurança e escalou até o topo do ramo com generosas ajudas de Pequim.

– Mishima, não é do meu feitio quebrar o protocolo da plenária anual do Partido Comunista e fazer contato com o mundo exterior, por isso serei breve. Já lhe enviamos os relatórios sobre a situação do nosso desertor, o doutor

Edward Emmerich. Você os viu? – perguntou Myang. – Crê ser capaz de assassiná-lo sozinho?

– Tenho fé nas minhas capacidades, doutor Tseng. Mas não compreendo uma coisa. O senhor tem um dos arsenais privados mais avançados do mundo. Por que não inicia um ataque o senhor mesmo?

– Mishima, como você mesmo sabe, a execução de um desertor é uma situação extremamente complexa – Kazuo assentiu. Já fizera execuções daquele tipo e todas eram envoltas em sigilo. O avanço desenfreado dos grandes conglomerados transformou a espionagem industrial numa necessidade e poucas empresas se davam o luxo de permitir que um empregado de alto escalão trocasse de companhia. – Não podemos vazar nossa participação nesse ato, precisamos de total discrição. Sei que você compreende.

– Sem problemas. Vou preparar o meu equipamento. Só cumpra a sua parte do combinado: a carona até o topo da favela.

– Isso já foi arranjado. Bem, desejo-lhe boa sorte. Agora, preciso voltar às reuniões do partido. – Myang fez menção de desligar o aparelho, mas segurou-se no último momento para fazer mais uma pergunta. – Mishima, quando o contratamos, falaram muito bem a respeito dos seus... poderes. Da sua capacidade de prever o futuro. O relatório que recebi estava certo?

– Qualquer relatório que o senhor recebeu da agência, com toda a certeza, é bem preciso. Mas não gosto de discutir minhas habilidades, doutor. Apenas confie nelas.

– Perfeito.

• • •

Escondido no porta-malas de um carro, Kazuo Mishima balançava no sacolejo das ruas esburacadas dos Escombros. Deitado no escuro, teve um breve momento de paz sensorial. Focar seus pensamentos exclusivamente no

presente era difícil e, mesmo com esforço, raramente conseguia evitar os lampejos do futuro.

Entupido de remédios para combater uma suposta esquizofrenia desde o começo da adolescência, o japonês tinha um poder psíquico incomum. Conseguia antever seu futuro com alguns segundos, em alguns casos até minutos de antecedência. O obstáculo era a maneira desordenada como isso acontecia.

Mishima não tinha uma visão separada ou uma demonstração clara do que iria acontecer e o presente se embaralhava com os momentos seguintes em sua cabeça. Escutava sons que só seriam emitidos após um tempo, respondia a estímulos bem antes de eles acontecerem.

Seu poder lhe privou de uma vida normal. Quando jovem, a mistura sensorial de presente e futuro era ainda mais tresloucada, impedindo-o de frequentar a escola ou ter qualquer independência. Tido como um louco por uma tradicional e milionária família japonesa, passou por diversas instituições de tratamento até aprender a controlar minimamente seu dom. A essa altura, já tinha 16 anos, nenhum estudo e carregava consigo o peso de ter encerrado a linhagem gloriosa do pai, que apostava todas as fichas no futuro do único filho.

Quase vinte anos depois, usava suas habilidades para fins questionáveis. Não era excessivamente forte e dominava o básico de algumas artes marciais e técnicas de defesa militar, mas a capacidade de antever situações e ataques dos adversários o tornou um soldado letal.

Quando o carro finalmente parou e o motor foi desligado, aguardou alguns minutos antes de abrir o porta-malas para se localizar. Estava na garagem de uma das últimas casas do morro, ao lado de um denso matagal. Vestindo apenas um *collant* militar negro de corpo inteiro e um cinto para carregar suas facas e pistolas, se esgueirou pela mata ciente de que não poderia ser visto por ninguém até completar a operação.

Com o monóculo de realidade ampliada no olho direito, viu os indicadores virtuais mostrarem os dois prédios nos quais Emmerich poderia estar e o caminho recomendado para alcançá-los sem ser detectado. Ignorou a rota sugerida pelo aparelho e apostou em seus próprios instintos. Passava das onze da noite quando começou a pular sorratamente sobre os telhados dos barracos.

Quando já estava perto do cativado, escutou tiros vindos da subida do morro e notou a movimentação estranha de um homem enrolado em panos sujos que mais parecia um mendigo. Ele começou a circular no entorno de um dos prédios, se livrou dos trapos e entrou por uma janela. Mishima desconfiou que mais alguém estava atrás do executivo e pensou em atacá-lo, mas anteviu a passagem de traficantes na base do prédio e teve que esperá-los sair para prosseguir. Retardado, entrou pela mesma janela usada pelo seu concorrente e manteve a pistola em riste.

Já estava acostumado com contratantes que chamavam mais de um operativo para acabar com o mesmo alvo. Era bem incomum e quem fazia isso negava qualquer envolvimento, sempre atribuindo a presença a algum rival nebuloso. Ciente de que aquela peça inesperada poderia entrar em conflito com os traficantes e arruinar seus planos de entrar sem alarde no prédio, ponderava sobre a possibilidade de executá-lo.

Quando chegou ao segundo andar, esbarrou com um traficante distraído vigiando a janela com um rifle em riste. Para evitar mais conflitos no futuro, aproximou-se dele por trás, segurou sua boca com uma mão e abriu a garganta da vítima com uma das facas que trazia. Segurou-o até que os movimentos cessassem, vasculhou os quartos e foi para o terceiro andar.

Ainda nas escadas, teve o pressentimento psíquico de que Emmerich estava na construção vizinha. Sem notar qualquer vestígio do operativo rival, escutou o som de um grito vindo do cômodo de baixo.

– Mataram um homem aqui, mataram um homem aqui – berrava uma mulher chorosa.

Sentiu ódio de si próprio por não imaginar que alguém acharia o corpo e correu para o tudo ou nada em direção à passarela de madeira que ligava os prédios.

A maneira abrupta como chegou fez a construção tosca balançar levemente. Agarrou o apoio de metal e esperou ela se estabilizar quando um traficante no térreo notou a sua presença e preparava o rifle para alvejá-lo. Mesmo sem vê-lo, Mishima anteviu o disparo e pegou impulso para alcançar o outro prédio, mas a passarela não resistiu e desmoronou. Agarrou-se a uma das tábuas e ela fez o serviço de lançá-lo janela adentro do andar inferior, derrubando-o em cima de um grupo de traficantes.

Reconheceu o operativo rival, que mais parecia uma criança, e viu Edward Emmerich ao seu lado. Levantou-se rapidamente para executá-los, mas foi varrido por uma torrente de previsões do futuro e limpou a mente para dissecá-las e contra-atacar seus algozes.

Sempre que enfrentava múltiplos inimigos, Kazuo tinha que se concentrar mais do que o normal para diferenciar a realidade das previsões e se livrar de uma ameaça de cada vez. Sentiu que dois homens lhe atingiriam pelas costas nos segundos seguintes. Matou um com uma das facas que trazia e deu ao outro uma demonstração da sua habilidade de usar as mãos como lâminas, atravessando o peito do adversário com a mão nua.

Notou que Edward e o outro homem estavam prestes a fugir ao mesmo tempo em que um terceiro homem o atacava. Algo embaralhou sua visão. Não teve certeza, mas parecia que havia outro psíquico por perto, o que sempre interferia nos seus poderes. No emaranhado de previsões descontínuas, viu que um grupo de homens chegaria e, na fração de segundo da sua indecisão sobre o que fazer, sentiu que era puxado para o chão. Engalfinhou-se com o traficante e ouviu passos de mais gente subindo as escadas. Rapidamente, ficou por cima do adversário e, quando estava prestes a executá-lo, sentiu o choque de uma AK-47 contra a sua nuca.

Confuso, acordou minutos depois nu e dentro de uma pilha de pneus. Quando reconheceu a situação e lembrou-se da cena de um antigo filme brasileiro que assistira quando adolescente, tentou inutilmente se livrar das correntes que amarravam seus pulsos, braços e pernas. Sabia que seria queimado vivo.

– O filho da puta acordou – disse um dos traficantes, cujo rosto era escondido por uma touca ninja e vestia apenas uma bermuda surrada. – Viado de merda, a gente está fodido agora que perdeu o homem.

Fluente também no português, Kazuo sentiu que finalmente sua hora tinha chegado. Capaz de driblar tropas israelenses num ataque a uma embaixada local, assassinar um membro da SAS no centro de Londres e encurtar a carreira de um senador americano com uma bala no meio de uma convenção do Partido Democrata, cair para um grupo de narcotraficantes remelentos com cara de mendigos numa favela que mais parecia um lixão a céu aberto o revoltava. Trabalhara sempre com a perspectiva da morte, mas esperava encontrá-la com um pouco mais de glória.

– Que jeito estúpido de ir – dizia para si próprio, a nuca ainda dolorida pela coronhada. Começou a sentir que um grupo de motos logo chegaria ali para salvá-lo, mas a visão era tão absurda que desconfiou ser apenas fruto do desespero ou resquício da pancada na cabeça. – Porra, motos? Não é possível.

AQUELE QUE TUDO VÊ

Pela segunda vez em menos de um mês, Anderson acordava sob cuidados médicos. Em vez da enfermaria do Hospital Pedro Ernesto, agora ele repousava num colchão de lençóis impecáveis do leito improvisado na mansão do Comandante. Sentia dores das costas onde fora baleado, mas nada excessivo. Os médicos chamados pelo mafioso lhe garantiram na noite anterior que nenhum ponto vital fora atingido e ele seria liberado em algumas horas.

O som das cigarras artificiais e dos seguranças conversando sobre futebol o despertaram lentamente, mas não o suficiente para que ele acreditasse no que estava diante dos seus olhos. A boneca de Miguel andava de um lado para o outro separando os materiais para trocar seus curativos. Certo de que só poderia tratar-se de um sonho, aguardava com paciência que sua mente parasse de lhe pregar peças.

Só vira a androide duas vezes e, em nenhuma, prestara muita atenção. A ideia de que seu melhor amigo estava fazendo tudo aquilo por conta de um robô o assustava e preferia manter distância dela. Agora que via a boneca em ação, entendeu a admiração de Miguel. Não era só bonita. O estado de paz que o rosto dela transmitia era acalentador, uma tranquilidade distante da frieza robótica que lhe era atribuído.

Usava o mesmo vestido branco rendado um pouco acima dos joelhos e o cabelo loiro vivo tinha um brilho opaco charmoso. Impressionado com a nitidez do sonho, desviou os olhos dela e deu de cara com Miguel dormindo

na poltrona ao seu lado. A presença dele fez Anderson pular de susto e se erguer na cama. Os ferimentos gritaram de dor e ele deu um gemido que chamou a atenção de Alice. Seu amigo acordou desorientado e foi a androide que lhe ajudou.

– Anderson, por favor, não se levante. A gente ainda precisa mexer nos seus curativos e o ferimento foi costurado há pouco tempo. – Ela pegou-o pelos ombros e o empurrou suavemente. Ainda chocado, deixou-se cair na cama e lançou um olhar surpreso para Miguel.

– Desculpa não apresentar vocês, Anderson. Essa é a Alice, acho que você já a conhece. E, bem, falei para Alice um pouco sobre você antes de pegar no sono.

A androide sorriu e colocou uma bandeja com café e biscoitos ao lado de sua cama. O motoqueiro ainda não conseguia falar uma palavra e Alice preferiu deixá-los a sós.

– Cara, eu sei que é meio chocante, mas pelo menos seja educado com ela – reclamou Miguel, pegando um dos biscoitos do amigo. – Já é quase meio-dia, Anderson. Você dormiu que nem uma pedra. Do que você se lembra?

– A última coisa que ouvi foi o Fred falando que você tinha deixado os Fantasmas, mas que estava vindo pra cá resolver alguma coisa com o Comandante. Aí eu apaguei. Me encheram de remédios.

– Lembra daquela mala que ele deixou comigo? Que eu devia abrir só se saísse da gangue?

– Você abriu aquela merda? Eu tinha certeza que aquilo ia te matar.

– Cara, eu estava muito puto ontem. Eu me caguei de medo quando os traficantes quase me mataram no alto do morro e joguei tudo para o alto. Eu nem quis saber, abri a mala e advinha o que tinha lá dentro? A célula de bateria que faltava para Alice. O Comandante deixou aquilo comigo o tempo todo.

Anderson sentou-se na cama, puxou a bandeja para o colo e começou a comer. Não se alimentava desde antes da incursão no Morro dos Macacos e

seu estômago doía de fome. Miguel aproveitou para contar-lhe os detalhes da fuga com Edward Emmerich e o aparecimento do japonês.

– Eu sei, nós salvamos ele de ser queimado pelos traficantes – lembrou Anderson, bebendo o café. – Estava pelado e todo acorrentado. Queriam trazê-lo pra cá, mas ele sumiu. Colocaram o japa desacordado na parte de trás de um furgão e, quando chegaram aqui, o carro estava vazio. – Escutou as vozes de Nicolas e Alice conversando do lado de fora. – Porra, mas você só dá azar. Não bastava o Nicolas se amarrar na Nina, agora ele quer pegar até a sua boneca?

– Anderson, sério, não quero que você se refira a ela desse jeito. Ela fica mal. Boneca, androide, robô, essas coisas. Por favor, chama ela de Alice.

– Vou tentar lembrar. E você? Vai continuar na gangue? Já conversou com o Comandante sobre o presente que ele te deu?

Ainda confuso, Miguel deu um suspiro pesado.

– Não sei, Anderson. Mas vou continuar sim. Não posso largá-los. Não agora que ele me deu isso. Ainda não conversei com o Comandante, quando cheguei aqui de madrugada ele já estava desconectado. Os funcionários dele disseram que ele só volta à noite. Cancelou todas as reuniões e foi resolver pendências.

– Agora a gente está com uma calma. Fizemos dinheiro pra caralho. Ele deve ter aproveitado essa trégua de hoje. – O motoqueiro sorriu e avaliou a situação do amigo. – O Comandante pegou você direitinho.

– Não me fala disso, cara.

Anderson terminou o café da manhã e Miguel deixou-o sozinho para descansar no quarto. A engenhosidade do plano que o mafioso traçara o intrigava. Ele sabia que, entre todos os membros da gangue, Miguel era o menos disposto a chegar ao fim do contrato. Não tinha experiência de combate, desprezava o estilo de vida das gangues e mantinha-se alheio à ambição de fazer dinheiro. E traçara o plano perfeito para pegá-lo: uma armadilha cuja mordaca seria a lealdade e a gratidão.

Saiu do casarão, deu a volta e sentou na grama do jardim, as costas apoiadas numa pedra esquecida. Certo de que seguiria com os Fantasmas até o fim daquela jornada, imaginava quantas outras vezes ainda ficaria sob a mira de armas e colocando a própria vida em risco.

Sem pronunciar uma palavra, Alice se aproximou dele e ficou sentada ao seu lado. O fato de ela estar acordada era a única coisa que o tranquilizava, seu objetivo principal já estava cumprido. Agora, tinha apenas que honrar a confiança que o mafioso depositara nele.

Só lamentava o quão anticlimático fora o despertar da androide. Precisou da ajuda de Nicolas para instalar a bateria e, quando ela finalmente acordou, foram se juntar aos outros membros da gangue no casarão. O cansaço e os afazeres impediram qualquer conversa mais profunda do que um tímido agradecimento.

Imaginava que Alice acordaria desnorteada e seria quase como uma criança. Ledo engano. Logo que se levantou, se esforçou para ser útil e ajudou nos cuidados dos feridos e na recepção de Edward Emmerich, acomodado numa suíte no terceiro andar.

– Miguel, ainda não tive tempo de te agradecer direito. Muito obrigado pelo que fez por mim. Eu não sei há quanto tempo eu estava naquela existência limitada – ela dizia. – Se há qualquer coisa que eu possa fazer para você em retribuição, me diga.

Não sabia exatamente como agir próximo dela. Mais humana do que a maioria das pessoas que conhecera durante sua vida nos Escumbros, Alice era doce, mas ainda assim uma desconhecida.

– Eu fiz porque quis, não precisa agradecer por nada – respondeu tímido.
– Mas você tem alguma coisa em mente? Quero dizer, sabe o que vai fazer de agora em diante?

– Eu não tenho a menor ideia. Eu não sei quem eu sou ou de onde vim. E nem sei se vale a pena correr atrás disso. A coisa mais próxima que tenho de um amigo é você.

– Alice, naquela vez em que conversamos dentro de você, cheguei a falar disso, mas ainda não entendo por completo. – Miguel escolhia com cuidado as palavras para evitar incomodá-la com a pergunta. – Você não sabe qual é a sua origem, mas tem alguma noção do que é? Se você tivesse acordado numa situação diferente... saberia que não é humana?

Alice silenciou, pensativa sobre o que Miguel lhe perguntara. Uma brisa forte sacudiu a copa da amendoeira perto deles.

– O meu corpo tem dezenas de funções que me permitiriam viver pensando ser um humano normal durante um bom tempo. Eu tenho até um sistema circulatório bem primitivo e sangue artificial para isso, mas a função está desativada. – Miguel lembrou-se de quando Nicolas removeu pedaços da pele de Alice para investigá-la e tentou apagar aquela memória da cabeça. Não gostava de vê-la como um robô. – Mas, para isso, teriam que desativar todas as minhas funcionalidades digitais e meu controle interno. E, claro, inserir memórias artificiais em mim.

– Controle interno?

– Como uma máquina, eu posso controlar o metabolismo dos meus componentes orgânicos, avaliar a situação de cada parte minha. Assim como no seu cérebro, eu faço isso inconscientemente através de um cerebelo digital. A diferença é que eu posso mudar o controle para manual, se tiver alguma necessidade especial – ela explicava com a voz tranquila, mas um pouco incomodada por dar informações técnicas a respeito do seu corpo. – E minhas funcionalidades são inerentes para mim. Baixei guias médicos pela internet *wifi* do casarão para aprender a trocar os curativos do Anderson, por exemplo. Também posso baixar mapas ou ler manuais de equipamentos. Tudo com um tempo de aprendizado quase instantâneo.

– Uau! – foi tudo que Miguel conseguiu responder. – Mas tem uma coisa que eu ainda não entendo. Eu te vi chorar naquele dia e, o tempo todo, você demonstra sentimentos. Você tem acesso ao seu código de programação? Sabe como essas sensações se manifestam?

– Eu ainda não tenho certeza – admitiu, com uma expressão de frustração. – Não tenho acesso ao meu programa. Tristeza, felicidade, satisfação, irritação. Tudo parece natural para mim.

Miguel lembrou-se das palavras de Matt e dos fantasmas nas máquinas, nome dado à disfunção que criava conflitos existenciais em inteligências artificiais. O jornalista dissera que os efeitos de um “fantasma” eram tão devastadores que, em alguns casos, eles encerram suas próprias existências. Temia que Alice tivesse o mesmo destino.

– Você conhece o conceito de fantasma na máquina? Conhece a história do termo?

– Eu pesquisei a respeito durante a noite. – Ela se levantou, caminhou até a amendoeira e apoiou o corpo nela. Miguel tinha a sensação de que estava incomodando-a, mas julgava aquela conversa necessária e queria acreditar que ela concordava. – O que você sabe a respeito disso?

– Quase nada, Alice. Eu sou dos Escombros, nós temos pouco acesso à informação aqui. Sou só um motoqueiro. Mas eu fiquei preocupado quando me falaram dos possíveis efeitos da crise existencial que as máquinas enfrentam.

– Teme que eu possa perder o controle e atacá-lo? Ou ferir seus companheiros?

– Não, claro que não. Estou falando dos casos de suicídio.

Pela primeira vez desde o começo da conversa, ela sorriu e lhe dirigiu um olhar mais amistoso.

– Obrigada, Miguel. Mas me desculpe pela falta de respostas concretas sobre o que sou, ou como me vejo. Não gosto muito de falar sobre isso. Não entendo meus sentimentos, de onde eles surgem, como aparecem. Não sei nem a origem do meu nome.

Sem aviso, ela puxou Miguel pelo braço para longe da árvore e, com os polegares e indicadores das duas mãos, fez uma moldura imaginária no ar. Dentro dela, focou a amendoeira e os prédios ao fundo.

– Não daria uma bela foto? – perguntou.

– É sim – admitiu, impressionado com o que vira.

– Eu não sei como você me vê, Miguel. Entendo que todos estejam curiosos e me vejam como uma ferramenta. Mas não acho que um pedaço de metal pré-programado consiga entender o significado de beleza. E eu compreendo.

O motoqueiro sorriu de volta e ia continuar a conversa quando o som de um helicóptero se aproximando chamou sua atenção. A aeronave negra vinha da direção das Luzes e pousou no gramado do casarão, suas hélices balançando o vestido de Alice e a vegetação ao redor.

• • •

Ruby Alford, Remo Scorza e o afilhado do italiano, Gian, estavam sozinhos com Edward Emmerich no suntuoso salão de reuniões do Comandante, no terceiro andar do casarão. Decorado apenas com mobílias originais do século XIX, o cômodo era amplo, com poltronas e sofás felpudos dispostos em torno de uma charmosa mesa de centro. Nas paredes, cópias de quadros da época se misturavam a lamparinas. Assim como o resto da casa, o salão transmitia uma tranquilidade campestre ímpar.

– O que você fez foi extremamente arriscado, Emmerich – disse Scorza, as atenções divididas entre o interlocutor e seu *tablet*, no qual lia notícias sobre a morte de um importante político argentino em Buenos Aires. – Desde o começo, desconfiei que você tinha forjado o próprio sequestro, mas não que seria tão incauto.

– Eu não tinha escolha, foi a primeira oportunidade que me apareceu num longo tempo – justificou o americano, que revelara ao trio o seu esquema. Fora ele mesmo quem tramara seu sequestro. Vazou as informações do seu destino através de um atravessador mexicano. O resgate pedido à Spartan, 25 bilhões de dólares, fora propositalmente irreal para rechaçar

qualquer chance de negociação. – Esse atravessador ia pagar milhões em armas para esses traficantes em troca da minha proteção. Pedi para que eles me protegessem por 72 horas, tempo necessário para mandar o time de extração.

– Porra, 72 horas? Ele ia mandar o quê? O exército do México para te salvar? – questionou Gian. Edward já o conhecia há algum tempo e, ainda assim, não conseguia se acostumar aos seus alargadores, *piercings* e tatuagens.

– Tava na cara que ia dar merda.

– Houve um problema, pelo que ele me passou. Enfim, pelo menos não vou ter mais que pagar ninguém para fugir daqui. Minha única pergunta é: vocês pagarão a parte de vocês da promessa?

– Claro – garantiu Ruby, que parecia ter acordado há poucos minutos e usava roupas casuais. – Já mobilizei a logística da minha empresa e vamos mandar você embora daqui ainda hoje, se cooperar conosco, claro. Só tenho uma dúvida: para onde quer ir?

– Vou usar os sapatinhos dourados para voltar ao meu Kansas. – O americano deu um sorriso sincero ao pronunciar o nome do estado. – Os Estados Unidos podem estar quebrados, mas ainda é a minha terra. Aliás, não tenho muita escolha. A Spartan tem negócios no mundo inteiro. Só nos Estados Unidos a entrada dela é vetada.

– Nunca pensei que essa guerra fria de cem anos entre Estados Unidos e comunistas fosse ajudar alguém, mas fico feliz por você, Emmerich. De verdade – assegurou Scorza. – Mas vamos ao que interessa. Os mercenários que estão aí fora querem saber tudo a respeito dessa tal de Angra e do envolvimento dela com a Spartan. Mas antes de deixá-los entrar, precisamos discutir assuntos sensíveis aqui.

– Estou à disposição, mas não sei o que seria sensível para falar com esses mercenários. Vocês têm algo em mente?

– Sim – adiantou-se Gian. – Uma fonte nossa dentro da Spartan disse que o Myang ordenou um extenso relatório sobre as sentinelas logo que viajou

para a China. Para que ele está revirando isso? Nós concordamos em deixar as sentinelas apodrecerem no centro da cidade.

– É verdade, ele realmente pediu um relatório completo sobre elas e manteve tudo sob sigilo até dos seus homens mais próximos. Inclusive, uma das sentinelas foi levada para os laboratórios da Torre Alpha para análise. E ela ainda estava viva.

– Como alguém consegue ser tão imbecil? – Ruby levou as mãos ao rosto, assustada com as poucas lembranças que tinha das sentinelas. – Se aquela coisa saísse de controle e escapasse do nosso edifício, passaríamos anos nos explicando à mídia. Poderiam até fazer uma intervenção internacional na nossa administração. Até perderíamos a concessão administrativa no Rio.

– Eu sei e nós tentamos argumentar, mas ele nos ignorou. Aliás, para ser sincero, jamais vi o Myang falar pessoalmente sobre aquela ação. Fez só por *e-mails* e telefonemas.

Chamaram Miguel, Fred e Juan para a reunião, sugestão dada pelo Comandante antes de sair para resolver seus problemas. Os motoqueiros conheceram seus contratantes e se acomodaram nas poltronas restantes. Miguel ainda recebeu novamente os agradecimentos de Emmerich pelo resgate e Ruby ligou um dispositivo de gravação para registrar o encontro.

– Emmerich, como já estávamos discutindo, são esses os homens que estão ajudando na investigação da Éden. Pelo que andamos escavando, esse grupo tem recebido forte apoio da Spartan – dizia a jovem presidente da Alford Services. Como quem observa animais enjaulados num zoológico, olhava para os exóticos motoqueiros, espécimes raros de um passado distante.

– Isso aconteceu?

– Eu não sei os detalhes, mas a mulher que vocês conhecem como Angra esteve na sede da Spartan algumas vezes e chegou a ficar acomodada nas nossas suítes. Todo o material e apoio que ela recebeu vieram da empresa. Inclusive os outros motoqueiros. Aqueles gordos gêmeos que andam com ela são frutos de um projeto nosso – disse Emmerich.

– Quer dizer que a Spartan está criando armas biológicas? – indagou Ruby.

– Não exatamente. O objetivo do projeto original era criar um composto capaz de acelerar radicalmente o metabolismo de soldados. A droga seria usada apenas em casos extremos e, nos testes em animais, apresentamos consideráveis avanços. O problema é que, nos humanos, o resultado foi aquele. Deformações corporais e atrofiamento cerebral em longo prazo. Só eles dois sobreviveram dos dez testes iniciais. Viviam escondidos em nossas instalações aqui mesmo nos Escombros e ganharam o apelido de Golias. Faziam trabalho braçal numa fábrica, mas Myang encontrou uma função melhor para eles.

Juan ainda tinha a morte de um dos seus amigos fresca na memória e quis saber mais a respeito do assassino.

– E aquele Black, quem é ele?

– Black é outra história. – Emmerich levantou-se, foi até a mesinha de centro e encheu uma das xícaras com chá de camomila. – Ele é um psicopata e já matou muita gente na Rio Alfa. Acabou preso no ano passado e estava encarcerado na prisão de Bangu, aqui mesmo, nos Escombros.

– Então vocês deram um psicopata perigoso de presente para essa gangue e o soltaram nos Escombros? Vocês, das Luzes, são um bando de filhos da puta mesmo – atacou o motoqueiro.

O clima ficou tenso e os empresários emudeceram. Não esperavam que seus peões reagissem de alguma forma e coube a Scorza tomar as rédeas da situação.

– Você se chama Juan, não é? Olhe, nós estamos pagando caro pelos seus serviços. Então, antes de criticar qualquer uma das nossas atitudes, lembre-se de que são elas que garantem a sua subsistência.

– Não precisa se irritar, Scorza. O rapaz está certo – apaziguou Emmerich. – Foi uma decisão do próprio Myang fazer isso, meu filho, mas

ainda é um assunto delicado. Black é filho de um empresário famoso da Rio Alfa. A soltura dele foi uma troca de favores.

– Tem uma coisa que ainda não encaixa bem nessa história – interveio Gian. – De onde está vindo toda essa grana que entrou no caixa da Spartan nas últimas semanas? Ela apresentou um crescimento enorme em relação à Fiume e à Alford.

– Quando Angra esteve na Rio Alpha, submeteram ela a uma bateria gigantesca de testes a respeito dos seus poderes. Eu não sou cientista e não tenho ideia do porquê, mas as informações que obtiveram eram caríssimas no mercado negro de pesquisas psíquicas. E vocês sabem como Myang não é muito fã de exclusividade. Vendeu os dados para deus e o mundo.

– Acho que um dos segredos está na viagem dele à China. Ela coincide com a intensificação dessas atividades anormais da Spartan – observou Scorza, desligando seu *tablet*. – Todo ano ele passa quase dois meses incomunicável na China. Ele participa das reuniões prévias da plenária anual do Partido Comunista e, depois, a própria plenária é realizada durante uma semana dentro de um hotel fechado e sem contato com o exterior.

– E ele sempre respeitou religiosamente as regras da plenária comunista – lembrou Emmerich, concordando com o italiano. – A coisa podia estar pegando fogo na empresa e ele não atendia uma chamada sequer. Há uns anos, ele chegou a ficar três meses completamente fora do ar por conta dessas reuniões. E, dessa vez, ele tem entrado em contato com a cúpula da Spartan constantemente, Talvez Pequim tenha mudado as regras, mas acho muito difícil.

Gian foi até uma das janelas e observou a movimentação dos seus seguranças em torno do helicóptero. Desanimado, já dava a reunião por encerrada quando lançou sua principal dúvida na mesa.

– Me desculpe, Emmerich. Eu sei que você está nos falando tudo o que sabe, mas nada disso faz o menor sentido. Consigo entender o Myang levar

Angra para as Luzes e vender os dados da pesquisa para o exterior. Mas por que ele financiaria essa gangue? O que ele ganha com isso?

Emmerich deu de ombros.

– Essa pergunta, Gian, vocês terão que responder por conta própria.

• • •

A chuva pacata que castigava os Escombros à tarde servia de acompanhamento musical para os artistas que Miguel decidira mostrar para Alice. Liberado pelo resto do dia, ele passou na casa dos pais para pegar emprestado um aparelho de som portátil e plugou nele o cartão de memória com seus músicos favoritos.

Vestida com roupas tronchas compradas num brechó perto dali, a androide parecia ainda mais humana. Pacientemente, ouvia tudo que seu novo amigo lhe apresentava. A bossa nova de Chico Buarque, o rock dos Beatles, o jazz de Chet Baker e uma coletânea de músicas da mãe que ia desde Wagner até Debussy.

– Eu tive um pouco de sorte, graças a minha mãe. – Ele sentou-se no chão, ao lado do sofá no qual Alice deitara. – Ela tem um conhecimento musical gigantesco, é muito eclética. Acho que acabei pegando isso dela. Meus amigos nem conhecem os artistas que escuto.

– Você deve ter puxado o lado dela.

– Só aprendi com ela. Eu não puxei ninguém.

Sem traços de mágoa no rosto, Miguel contou o que poucos sabiam.

– Eu sou adotado, Alice. Meus pais me contaram isso quando eu ainda era pequeno. Sei tanto quem é o meu “criador” quanto você.

Ao longo da tarde, descobriram que Alice não gostava de hard rock e tinha uma queda por música instrumental. Ficava hipnotizada escutando Chet Baker e tinha pouca paciência para Raul Seixas. Sua favorita até então tinha sido o Bolero de Ravel. Intrigavam-na as flutuações matemáticas das músicas,

sobretudo das clássicas. Sem saber expressar o que sentia, tentou arrancar de Miguel as suas sensações a respeito da arte.

– Como eu me sinto quando eu escuto boa música?

– Sim – ela insistiu. – Eu sei como eu me sinto, mas nós somos diferentes e sua opinião deve ser parecida com a da maioria das pessoas.

Ele parou para pensar quando Claire de Lune, de Debussy, pintou a sala com sua melodia doce. Nunca havia se perguntado sobre o que sentia quando ouvia músicas ou o que nelas o seduzia e agora encontrava dificuldade para respondê-la.

– Não sei explicar, mas as músicas falam de maneiras diferentes comigo. Uma música romântica parece conversar com minhas paixões. Um rock pesado fala com a minha rebeldia, minhas frustrações. Algumas, no entanto, parecem dialogar diretamente com a minha alma. Quando escuto Debussy ou algo mais clássico, é como se as notas falassem com toda a minha existência. Eu sinto o coração pesado de admiração. – Ele parou por um tempo e tentou encontrar melhores definições. – As minhas lembranças também têm papel fundamental.

– Eu acho que consigo entender o que você fala sobre cada música dialogar com um sentimento. Mas tenho dificuldades com elas. Não tenho lembranças de amores, ainda não sei o que é saudade. – Alice sorriu e brincou com a própria situação pela primeira vez. – É como se eu tivesse nascido ontem. Não tenho essas lembranças de sentimentos para associar com o espírito de cada canção.

– Às vezes, não são nem lembranças de determinados sentimentos, mas apenas de determinados momentos – explicou Miguel. – Quando eu tinha 11 ou 12 anos, achei nas coisas da minha mãe as músicas de um compositor japonês que me deixaram extasiado. Nunca esqueço o nome dele. Era Yasunori Mitsuda.

– Ele é bom? Tem músicas dele aqui?

– Eu não trouxe. Mas isso não vem ao caso. A questão é que, hoje, eu conheço vários compositores que me agradam muito mais do que ele – continuava. – Mas aquelas músicas marcaram um momento da minha vida. Toda vez que escuto o Mitsuda, é como se eu voltasse a ter 12 anos e sentisse a paz daqueles tempos, a falta de responsabilidade, a ingenuidade. Um pouco do meu “eu” mais jovem ficou preso àquelas composições. E é isso que mais me toca nelas.

Um vento forte bagunçou as cortinas da sala e despejou chuviscos no chão. Miguel se apressou para fechar a janela antes que a situação piorasse e deixou apenas uma pequena fresta aberta, pela qual uma brisa fria justificava o casaco de moletom que usava. Debussy estava bem próximo de terminar quando ele interveio.

– Posso repetir Clair de Lune? Eu nunca escuto essa música uma vez só.

– Claro. Ela é linda.

Ouviram a composição novamente. Ela fazia parte do grupo que não trazia qualquer memória específica a Miguel, mas vinha acompanhada de uma sensação única de tranquilidade. Geralmente, não tinha muita paciência para músicas instrumentais, mas era apaixonado por essa e algumas outras.

– Miguel, por que você se arriscou por minha causa? – disparou Alice.

O jovem deixou o piano de Debussy ajudá-lo a encontrar a resposta mais adequada, apesar de ele mesmo ter dificuldades com aquele questionamento.

– Eu não sei, Alice. Por muitas coisas.

– Você não consegue escolher a principal?

– No começo, eu acho que só tive pena da sua situação. No pouco tempo em que conversamos, eu tive a certeza de que... de que você não era só... – Ele tropeçou e engoliu as próprias palavras, mas Alice o completou:

– Só uma máquina?

– Sim.

– Mas, ainda assim, eu sou uma máquina.

– É verdade. Mas eu acreditei que você tinha sentimentos, que você tinha uma consciência, que era alguém.

– Eu entendo – ela admitiu. – Acho que um cientista especialista em inteligências artificiais ou uma pessoa acostumada a esse tipo de tecnologia me veria apenas como uma anomalia, por mais que eu insistisse.

– A minha ignorância ajudou? – Miguel deu uma risada, sem se sentir ofendido com o comentário.

– Mas é verdade. A aceitação de dúvidas e questionamentos é aliada do conhecimento. Pelo menos essa é a conclusão que tiro da minha base de dados. Alguém certo da existência de um deus ou de uma inteligência superior, por exemplo, jamais levaria em conta afirmações contrárias e se fecharia para aquele tipo de conhecimento. O mesmo serve para o contrário. Um ateu excessivamente convicto descartaria evidências de eventos sobrenaturais, por mais claros que eles fossem. A dúvida é aliada do conhecimento.

Ele terminou o café e deitou no chão gelado. Fazia tempo que não passava uma tarde tão agradável ao lado de alguém antes e sentiu que os esforços dos últimos dias, até a situação extrema no Morro dos Macacos, valeram a pena. Seria triste para o mundo se Alice não existisse.

– Nunca imaginei que passaria uma tarde conversando sobre Deus e dúvida com um androide – Miguel disse.

Ela sorriu, mais confortável com a própria condição.

– A dúvida existencial e a busca humana por um deus me fascinam. Eu tenho alguns livros sobre o tema nos meus arquivos. Eu acho que, em última instância, tudo gira em torno da morte.

– Eu também penso assim.

– A morte é o limiar do desconhecido absoluto. A ideia da completa inexistência é assustadora.

– Até para você?

– Até para mim.

A ordem aleatória das músicas colocou Norwegian Wood, dos Beatles, logo depois de Debussy. Alice prestou atenção aos acordes iniciais da canção antes de retomar a resposta.

– Não tenho dados suficientes para descartar ou comprovar a existência de Deus. Você, pelo menos, tem o benefício da dúvida quanto ao pós-vida. Eu sei que só tenho essa oportunidade de existir.

A androide se calou e Miguel acompanhou Norwegian Wood em silêncio, não sabia como respondê-la. Por mais triste que fosse aquela afirmação, concordava que era impossível imaginar uma inteligência artificial num “pós-vida”, por mais próxima da nossa que fosse.

Levantou para deixar a caneca de café vazia na cozinha e percebeu o choro de Alice. Sentiu-se inútil por não saber como consolá-la e preferiu fingir que não tinha visto nada. Quando terminou de lavar a louça, deu de cara com Alice na porta da cozinha e estranhou a combinação das lágrimas com o sorriso que ela carregava.

– Obrigada pela chance que me deu de existir, Miguel.

• • •

Miguel acordou e xingou o próprio descuido com a comida. Anderson não voltou para casa na noite passada e imaginava que o colega traria suprimentos para reabastecer a geladeira. Morar sozinho lhe deu a dura lição de que a comida não surgia por si própria nos armários e, antes das oito da manhã, o sonolento motoqueiro foi até uma feira de rua próxima dali para comprar frutas e legumes.

Alice ainda dormia no sofá quando ele saiu. Tentou convencê-la a ficar com a sua cama, mas foi convencido por ela mesma de que seu corpo ignorava quase completamente a posição na qual descansaria. Também aprendeu que o “sono” dela visava apenas maximizar a duração da bateria e permitir ao seu corpo uma série de checagens e microrreparos de rotina. Se ela realmente

quisesse, poderia ficar sem dormir, desde que tivesse acesso fácil à energia e manutenção externa.

Chegou à feira e foi recebido pelo inconfundível fedor de peixe. A chuva ainda não tinha cessado e os restos de comida no chão pareciam ainda mais nojentos. As feiras de rua tinham alimentos de qualidade tão duvidosa quanto da feira no cais do porto. A diferença era que elas vendiam alimentos a preços bem mais caros.

Foi surpreendido por uma mulher que se desequilibrou e apoiou-se nele para não cair. Ela tinha quase o dobro do seu peso e, por pouco, não levou-o ao chão. Era uma senhora negra e gorda vestindo um vestido azul levemente estampado. Parecia ter mais de 60 anos e usava brincos e cordões de ouro, acessórios raros nos Escombros.

– Me desculpe, meu filho. A idade chega e acaba com a gente.

Minimizou o incidente e foi às compras. Tinha bastante dinheiro consigo e não fez reservas. Passou nas melhores barracas e encheu sacolas de batatas, mamões, tomates e bananas, alguns dos itens mais caros e difíceis de achar. Os funcionários do Comandante distribuíram uma boa soma em dinheiro entre os motoqueiros graças ao serviço no Morro dos Macacos, mas não o montante total da missão. Aquilo fazia parte do combinado. Segundo Fred, só receberiam a bolada toda no fim do mês, após enfrentarem a Éden na batalha das gangues.

Quando já estava com as bolsas de compra cheias, pensou em como Alice era uma hóspede conveniente. Não precisava de tanta água ou comida quanto um ser humano normal, apenas usava compostos orgânicos de tempos em tempos para abastecer seus músculos artificiais e os seus poucos órgãos.

A única coisa em relação a Alice que ainda o incomodava era se deveria ter contado a ela mais sobre sua motivação para ajudá-la. Refletira à noite sobre isso e concluía que não se tratava só do desejo de salvá-la. Na noite em que conversaram pela primeira vez, no consultório de Nicolas, ele experimentou a estranha sensação de ser necessário a alguém. No seu namoro

com Nina, sempre teve a certeza de que ele precisava mais dela por perto do que o contrário. Não por menos, fora sua ex quem terminara o relacionamento. Sua amizade com Anderson também era assim. O motoqueiro sempre lhe ajudava a peitar algum valentão na escola ou o salvava de alguma encrenca. Desde que encontrara Alice, sentia que finalmente tinha uma direção, que sua vida tinha um significado para alguém, mesmo que temporário.

Voltou para casa e esbarrou com Anderson, nitidamente embriagado. O motoqueiro aproveitara o pagamento adiantado para ir a uma festa com Juan em algum lugar que ele mesmo já parecia ter dificuldade de recordar. Ajudou-o deitar, tomou café da manhã e passou o começo do dia conversando com Alice. Para sua surpresa, o rádio não tocou e caminhava por mais um dia pacato até que bateram na sua porta.

Tratava-se de um sorridente senhor de idade. Alvo e dono de poucos cabelos, tinha pequenas manchas de velhice por toda a pele e exalava um odor que misturava alguma colônia barata e cheiro de roupa guardada. Os óculos de armação redonda e o chapéu fedora cinza que carregava na mão lhe davam um aspecto simpático.

– Rapaz, por um acaso você seria o Miguel? – adiantou-se o idoso.

– Sim, senhor. Quem quer saber?

– Meu jovem, gostaria muito que você me seguisse até Madureira. Tem uma pessoa lá que precisa conversar contigo o quanto antes.

Estranhou aquela abordagem e viu que Alice também os escutava com uma expressão de desconfiança no rosto.

– Desculpe, senhor. Mas do que se trata? Eu não te conheço.

– Me perdoe a pressa, meu nome é Manoel. Me pediram para avisar que você pode e deve levar Alice, o replicante, com você. Mas só ela.

Miguel pedira a todos os motoqueiros que mantivessem a identidade de Alice em segredo. Algumas pessoas já sabiam da história do androide, mas

ninguém tinha ideia do seu nome, sua aparência ou sequer que havia despertado.

– Senhor, me desculpe, mas quem quer me ver?

– Ah, meu filho, ela tem muitos nomes. Mas acredito que você a conheça como Oráculo.

• • •

Miguel usou a sua motocicleta antiga para não chamar a atenção, colocou Alice na garupa e seguiu o elegante Karmann-Ghia escuro de Manoel até Madureira. Era a primeira vez em sua vida que via um carro tão conservado nos Escombros, ainda mais um tão antigo. O idoso dirigia numa velocidade irritante de tão lenta. Em dado momento, preferiu deixá-lo tomar uma boa dianteira para então segui-lo.

O Mercado de Madureira mudara pouco desde a guerra civil carioca. Ainda era o mesmo prédio com um amontoado desordenado de vendedores em inúmeras galerias. O estado sem lei dos Escombros acabou por tornar o lugar ainda mais degradante. Cubículos sujos e apertados se multiplicavam aos montes em túneis mal iluminados e todo lugar exalava um cheiro de mercadorias podres e mijo velho.

As barracas vendiam de tudo. Comidas, roupas, artigos de casa, CDs e DVDs antigos, peças de carros, armas, prostitutas. Se alguma coisa não era vendida no Mercado de Madureira, certamente não existia nos Escombros. Deslocada, Alice olhava tudo com um leve ar de excitação curiosa que aumentou quando pararam em frente a uma loja de artigos religiosos africanos.

Santos católicos e divindades do candomblé dividiam o mesmo espaço com charutos, garrafas de bebida e utensílios pouco convencionais. O destaque ficava para uma imagem em tamanho natural de um homem moreno de chapéu e capa pretos com um tridente na mão. No seu entorno,

Nossas Senhoras de todos os tipos com luzes portáteis instaladas na base das imagens tingia com cores quentes os silenciosos pratos de barro adornados com desenhos africanos.

– Podem ficar tranquilos, meus filhos. Nada aqui morde – assegurou-lhes Manoel. Ele cumprimentou com um aceno de cabeça a balconista adolescente que tomava conta do estabelecimento. – Amanda, por favor, feche a loja. Se alguém quiser alguma coisa, peça para voltar amanhã.

O senhor os levou para os fundos e eles o seguiram por uma escada estreita que dava no subsolo. A sala do Oráculo era um quarto apertado iluminado por velas e com uma bandeira de São Jorge pendurada na parede. Sentada numa cadeira de palha, uma senhora negra e acima do peso vestindo calças jeans e blusa social os esperava fumando um charuto cubano.

Ela sorriu para Miguel, que estranhou a familiaridade e logo a reconheceu. Tratava-se da mulher com quem esbarrara na feira pela manhã, a que quase caíra sobre ele. Fez menção de dizer algo, mas ela interveio.

– Sim, Miguel. Era eu mesma. É um prazer conhecer vocês dois. Por favor, sentem-se. – Ela apontou duas almofadas logo abaixo dela.

– Eu pensava que o Oráculo era um homem – disse Miguel, ainda impressionado com a decoração ao redor. Sempre ficava um pouco intimidado pelos santos do candomblé, e havia vários deles espalhados pelo porão apertado. Aceitou o convite e sentou próximo da mulher.

– É justo. Na maioria das vezes, é o Manoel quem faz as vezes de Oráculo. Ele é o pai de santo que atende aqui, apesar de ter tantos poderes espirituais quanto o Karmann-Ghia que dirige. – A mulher e o idoso sorriram. – Mas é só por segurança, para me proteger. Miguel e Alice, meu nome é Amélia. É um prazer tê-los aqui.

Manoel deixou os três a sós e subiu de volta pelas escadas. O teto do cômodo era baixo, o ar abafado e Miguel não compreendia como aquela mulher de idade poderia passar várias horas do dia enfurnada ali. Não sabia por onde começar e quis que Fred ou o Comandante estivessem por perto

para ajudá-lo, mas a conversa com o Oráculo caíra exclusivamente na sua conta.

– Eu sempre escutei histórias sobre a senhora, desde pequeno. E sempre dizem que você chama aqui quem você quer, e não o contrário. Então, o que a senhora quer de mim?

– Na verdade, eu poderia lhe fazer essa pergunta também, não é? Afinal, você e seus amigos motoqueiros estão tentando me localizar. Mas não será necessário. Eu sei a razão. Só o chamei aqui porque estou disposta a cooperar com vocês.

Amélia deixou o charuto no cinzeiro, se levantou e pegou uma pequena caixa de madeira que guardava numa prateleira próxima. Ela colocou-a nas mãos de Alice, que abriu-a e tentou encontrar alguma lógica nos vários objetos guardados. Chaveiros, cordões, anéis, pequenos pedaços de pano, santinhos, prendedores de cabelo e até um velho revólver se misturavam na coleção.

– Miguel, o que eu faço aqui é bem simples. Eu peço para os poucos clientes que tenho trazerem objetos pessoais dos seus entes queridos para que os “espíritos” me digam mais sobre eles. Veja, eu e você somos muito parecidos. Já conheci outros que tinham o seu mesmo dom. A diferença é que eu não movo nada com o poder da minha mente. Eu leio a memória dos objetos.

– Psicometria – apressou-se Alice. – A capacidade de recordar a memória de objetos inanimados ao tocá-los. Prática comum de aproveitadores no fim do século XIX e começo do século XX.

– Esse é o benefício de andar com uma enciclopédia a tiracolo. – Amélia sorriu ao elogiar Alice. – Basicamente, é isso que eu faço. Cobro caro e, para que mantenham minha identidade em sigilo, conto que desgraças sem igual cairão sobre suas vidas se ousarem me desrespeitar. Mesmo quem não acredita em macumba tem medo dela. É uma religião interessante.

Miguel pouco conhecia da mulher, mas quis acreditar que ela fora bonita quando jovem. Apesar da idade e das rugas, seu rosto tinha contornos suaves e o cabelo crespo indeciso entre o preto e o cinza caía bem no conjunto.

– Eu já entendi aonde a senhora quer chegar. Mas por que quer nos ajudar? – indagou o rapaz.

– A mulher que vocês conhecem como Angra deu seus primeiros passos nas guerras de gangue dessa região, Miguel. Você e seus amigos sabem disso? – Amélia adotou uma postura mais séria ao falar da motoqueira. – Eu não sei o que aquela menina é, mas tenho para mim que não é coisa boa. Ela matou gente por aqui, fede à morte. E há algo acontecendo, algo mudando.

Ela tragou seu charuto longamente e finalmente o apagou. Parecia escolher a melhor maneira de explicar o que viria em seguida.

– Eu não sou só uma psicometrista, como Alice bem classificou. Eu também tenho... um sexto sentido. Não prevejo nada do futuro, mas consigo ler os desenhos se formando em volta de mim. Talvez não seja nem um poder especial, apenas uma boa percepção. E posso dizer com segurança que essa garota tem muito sangue nos olhos. Ela quer mudar o eixo de poder que domina o Rio de Janeiro e sinto que isso virá com muito custo. O fim dessa disputa será um parto complicado, mas dele nascerá uma cidade diferente daquela que nós nos acostumamos a viver. Para o bem ou para o mal.

– E você quer entender as intenções dela, por isso precisa da nossa ajuda. Quer que deixemos contigo algum objeto pessoal de Angra para ler suas memórias e descobrir. É isso?

– Você pega rápido, garoto. É exatamente isso que eu quero.

– E por que chamou justo a mim? Eu não te conheço, nem sei se posso confiar na senhora.

– A minha identidade e meu paradeiro podem ser sigilosos, menino. Mas a minha reputação é bem conhecida. Eu cumpro tudo o que falo – ressaltou, com um tom sério. – E até você sabe porque te escolhi em vez dos outros. Seus amigos estão atrás de dinheiro e mulheres. Não são más pessoas, até acho

aquele tal de Fred bem interessante e inteligente. Mas você é o único que entrou nesse buraco por motivos minimamente justificáveis.

Amélia apontou na direção de Alice e Miguel se viu obrigado a concordar.

– Entendo – admitiu. Só então associou o encontro acidental na feira aos poderes de Amélia. Provavelmente ela esbarrou nele de propósito para tocá-lo e ler os objetos que tinha no corpo. – É bom saber que teremos a sua ajuda. Vai facilitar muito a nossa investigação sobre Angra.

– Ajudaremos um ao outro, querido. Fique tranquilo. Falando nisso, há algo que você precise para alcançar esse objetivo? Algo com o qual eu possa te ajudar?

– Na verdade, sim. Tem uma dúvida que me incomoda há algum tempo.

Contou para Amélia sobre como vira o estranho japonês atravessar o corpo de um homem com os braços nus. Lembrou também que Juan lhe contou sobre um psíquico que perseguira no passado capaz de cortar as pessoas com as mãos.

– E você quer saber se pode fazer a mesma coisa, é isso?

– Sim. Não sei vou precisar, mas é uma boa carta na manga.

Amélia tirou da caixa de madeira um crucifixo e segurou-o com uma das mãos enquanto a outra apertava com força o pulso de Miguel. O rapaz pensou instintivamente em algum ritual de macumba e deu um leve puxão no braço. O Oráculo percebeu a resistência e balançou a cabeça negativamente.

– Fique quieto, menino. Você vai gostar do show.

Antes de entender o que ela dizia, perdeu a noção da realidade com um clarão cegante e se viu naquela mesma sala, só que cercado de pessoas desconhecidas e no centro de vários tambores em ação. Uma galinha preta caída no chão tentava, sem sucesso, se livrar das amarras que prendiam suas asas e pernas. Ao fundo, tambores africanos rufavam violentamente.

Sem controlar seus movimentos, desceu a mão na direção do pescoço da galinha e sentiu-a atravessar, sem resistência, o pescoço do animal. Uma

mulher ao seu lado virou o rosto para não ver a cena e alguns homens gritaram extasiados músicas numa língua estranha. Caiu para trás e levantou assustado quando o Oráculo finalmente o soltou.

– Que merda foi essa?

– Você me viu cortando a cabeça de uma galinha aqui no terreiro. Eu também tenho esse poder de mostrar as memórias dos objetos aos outros. – Amélia se levantou e caminhou até a escada. O encontro estava acabando. – O que você achou?

– Eu não entendi o que aquilo quis dizer.

– Você viu tudo pelos meus olhos, senti como eu senti, pensou como eu pensei. É assim que meus poderes funcionam. Sei que você se lembra da sensação de transformar a mão em lâmina. Agora tudo que resta a fazer é tentar imitá-la. Aí você vê se tem essa capacidade ou não.

– Como assim? Quer dizer que eu talvez jamais aprenda isso?

– Exatamente. Eu sou uma psicometrista, por exemplo. Nunca vi um psíquico com esse mesmo dom que eu tenho. Mas coisas como telecinésia e lâminas psíquicas são os mais comuns. Tente depois e veja se dá certo.

Subiram a escada de volta para a loja de materiais religiosos, agora fechada por uma grade de metal. A balconista adolescente e Manoel conversavam animadamente sobre uma nova remessa de santos que chegaria na semana seguinte e não perceberam quando o trio veio dos fundos.

O movimento no Mercado de Madureira parecia longe de cessar. Segundo escutava de Amélia enquanto iam até a saída, o lugar passou a funcionar 24 horas por dia nos últimos anos e se tornara o principal centro comercial dos Escombros. Quase uma cidade dentro da cidade, ele tinha suas vantagens e desvantagens.

– Dá muito problema por aqui – reclamou Manoel, com o semblante transtornado. – Tem boca de fumo, puta, travesti. Tem de tudo aí dentro. Sempre tem confusão. O bom é que, com macumba, ninguém mexe.

– Pelo menos respeitam a religião de vocês – observou Miguel.

– Religião? – retorquiu o velho, abrindo a porta traseira do seu Karmann-Ghia para Amélia, que se despediu com um aceno. Amanda também os acompanhava e, na desordem dos Escombros, eles pareciam uma família normal. – Menino, somos todos ateus.

O carro se arrastou pelas ruas de Madureira, deixando para trás o olhar confuso de Miguel.

Capítulo VIII

Uma ÚLTIMA PROVA DE AMOR

QUARTA-FEIRA, 14 DE ABRIL DE 2054.

– Segure firme – disse Miguel, antes de pular dentro do vão de um canal de esgoto inutilizado com a moto que ganhara do Comandante. Alice agarrou-o com força e se manteve firme na garupa, mas o impacto foi bem mais suave do que o motoqueiro previra. – A suspensão dessa moto é foda.

A androide sorriu e sentiu a tensão de mergulhar num enorme tubo escuro e abandonado pelo tempo.

Miguel descobrira essa passagem para o centro da cidade quando tinha apenas 14 anos, alguns dias após ganhar a sua primeira motocicleta. Empolgado com o presente dos pais, foi surpreendido por uma gangue rasteira de motoqueiros atrás de peças e, amparado pela inconsequência da adolescência, lançou-se com a velharia dentro do canal abandonado, avançando cano adentro para fugir deles.

Escutou risadas do lado de fora e o berro de um dos seus algozes.

– Estamos te esperando aqui fora, filho da puta.

Sem muita opção, ligou o farol e seguiu em frente. O que encontrou ali mudaria a sua vida para sempre. Eram quilômetros de uma galeria de concreto completamente esquecida pelos Escombros. Outrora inundado de

esgoto, o lugar agora não passava de uma caverna fedorenta habitada por ratos, baratas, morcegos e restos de lixo mais velhos do que ele.

Avançou até encontrar o buraco pelo qual sairia com Alice, anos mais tarde, no coração do centro da cidade. Na primeira vez em que pisara ali, imaginou uma morte lenta e dolorosa nas mãos da radiação, mas nunca apresentou qualquer sintoma e aquele bairro fantasma se tornou seu principal reduto.

– É realmente bonito – ela sussurrou. Na sua frente, a principal avenida da cidade jazia morta havia décadas, seus arranha-céus como gigantes adormecidos perturbados apenas pelo assovio do vento e pelo farfalhar da grama que crescia nas falhas do asfalto. Olhou para a baía ao seu lado e sentiu toda a melancolia da gigantesca Ponte Rio-Niterói partida ao meio. Seus pilares resistiam bravamente às ondas daquele começo de dia chuvoso no qual o Sol ainda não dera as caras. Em todo canto, os restos de uma sociedade em ascensão esculpido em concreto davam um tom ainda mais desolador àquelas ruínas. – E assustador.

Miguel reduziu a velocidade ao ritmo próximo de uma caminhada para que Alice pudesse ver tudo com calma. Não poderia demorar muito no centro naquela manhã, mas seu objetivo era aproveitar cada momento. Pegaria apenas alguns livros no sebo para renovar seu acervo e voltaria ao casarão do Comandante, onde traçaria um plano com os Fantasmas para roubar algum objeto de Angra e levá-lo ao Oráculo.

A livraria abandonada era um verdadeiro milagre da literatura. No centro de uma região fortemente bombardeada e completamente destruída, a construção do fim do século XIX permanecia pacientemente intacta, até sua fachada amarela contrastava de maneira audaciosa com o cinza dos escombros ao seu redor.

– O que você está procurando hoje, Miguel?

O motoqueiro empurrou a pesada porta de madeira com cuidado. Sabia que danificar qualquer coisa significaria pôr em risco sua principal fonte de

livros.

– Minha mãe sempre fala de um autor colombiano que ela ama e eu nunca dei muita bola. Esses dias fiquei curioso. Quero ver se é tão bom assim.

– Mas qual é o nome dele?

– Gabriel Garcia Márquez.

Miguel não escondeu a tristeza quando finalmente entrou no sebo e viu que uma das estantes presas à parede desabara e jazia inclinada noutra móvel. Seus livros estavam espalhados pelo chão e ele sabia que não teria tempo de arrumá-los naquele dia. Sem demora, a androide lhe entregou três obras do colombiano e o motoqueiro escolheu o que tinha o nome mais atraente: *Cem anos de solidão*. Escolhiam o que mais levariam quando Alice se empertigou sem aviso.

– Miguel, tem algo... grande se aproximando de nós.

– Deve ser impressão sua, Alice. Ninguém vem aqui.

Ela puxou-o pelo braço até a rua, de onde começaram a escutar gritos nervosos. Um jovem magro e de cabelo verde corria desesperadamente de algo que eles não conseguiam ver.

– Miguel, me ajuda – berrou. Não o reconheceu, mas, antes que tivesse tempo de alcançá-lo, um vulto atravessou a rua em velocidade e arrastou o garoto de cabelo verde impiedosamente para dentro das ruínas de uma igreja.

O motoqueiro puxou a pistola que trazia consigo e correu até o portão da construção quando mais duas daquelas criaturas apareceram correndo, o empurraram para o lado e avançaram igreja adentro. Escutava gritos desesperados e só quando ligou a lanterna teve noção do que acontecia.

Três criaturas com mais de 2 metros de altura cada avançavam sorratamente na direção do garoto, encurralado próximo do altar. Com formas humanoides, elas possuíam uma mistura grotesca de máquina e homem. Músculos aparentemente humanos e membros de metal se entrelaçavam em corpos imponentes que expunham fios desencapados e medo.

Os rostos eram assustadores. Olhos mecânicos e arcadas dentárias quase humanas sobressaíam aos toscos pedaços de carne artificiais sobrepostos em suas faces. A carnificina começou quando um deles avançou sobre o garoto, derrubando-o no chão e rasgando o seu braço fora com um puxão violento. Quase ao mesmo tempo, outro pulou e mordeu sua barriga, expondo e devorando seus órgãos internos.

Miguel guardou a pistola e puxou Alice para fugir quando uma quarta criatura pulou do alto da igreja e caiu bem na frente deles num estrondo que destruiu parte do asfalto. Assim como as outras, ela parecia ignorá-los e ia na direção do massacre quando parou e os olhou. Assustado, o motoqueiro apontou sua pistola para a cabeça do monstro, que reagiu farejando sua mão com displicência até dar-lhes as costas e se juntar ao banquete dentro da igreja.

• • •

Sentado no sofá de casa, Miguel usava o rádio para contar a Fred o que tinha acabado de acontecer. Suas mãos tremiam e ele ainda não acreditava no que vira, tampouco o motoqueiro.

– Cara, você tem certeza de que não era gente disfarçada? Tem umas gangues que se amarram em usar umas roupas bem doidas.

– Mas nenhuma delas conseguiria pular do alto de um prédio ou arrancar o braço de alguém com as mãos, porra! – rebateu. Chocada, Alice escutava a conversa ao seu lado. – Eu vou lá há anos e justo agora, quando essa conversa de Angra e Éden começou, esses monstros aparecem. Só pode ter alguma relação com ela, cara.

– Pode ser, Miguel, eu não duvidaria. Vamos falar isso com o Comandante hoje à tarde, quando decidirmos como vamos roubar alguma coisa da Angra, ok?

Desligou o rádio sem responder e passou o resto da manhã elaborando teorias fantásticas para responder àquilo que vira, mas só encontrou sossego

debaixo de uma ducha fria. Não tinha ideia de quem era aquele garoto ou como ele sabia o seu nome, mas tinha a certeza de que não sobrou o suficiente dele para que o reconhecesse agora.

Arrumava-se para ir ao casarão quando alguém deu batidas fortes na porta e a visita inesperada da tia de Nina somou-se à sequência de eventos bizarros daquele dia.

– Dona Ângela, tudo bem com a senhora?

O desespero estampado no rosto e as lágrimas escorrendo por entre as rugas deixavam claro que não. Convidou-a para sentar-se e lhe deu um copo d'água enquanto ouvia a notícia de que sua ex-namorada tinha desaparecido novamente.

– Não é a primeira vez que ela some, Dona Ângela. Eu sei que a senhora fica preocupada, mas ela vive enfurnada nesses morros. Ela pelo menos disse para onde ia?

– Eu não sei, meu filho. Ela estava andando com uns garotos de fora daqui, uns garotos das Luzes. Ganhou até um celular deles.

A mulher puxou o aparelho da bolsa que trazia, surpreendendo Miguel com a sofisticação. Era um celular de última geração, o tipo de coisa na qual ele jamais colocara os olhos.

– Ela saiu com tanta pressa que até o deixou em casa. Disse... disse que ia numa festa em Ipanema.

– Ipanema? Mas Ipanema é nas Luzes.

– Sim, eu sei. E isso já faz três dias. Desde então, não escuto uma notícia dela.

A mulher voltou a chorar copiosamente e deixou o motoqueiro sem ação. Não tinha ideia do que fazer, mas desconfiava de quem poderia ajudá-lo.

– Dona Ângela, não tem muito que a senhora possa fazer. Deixa esse celular comigo que vou pedir a ajuda de alguns amigos. Assim que eu tiver uma resposta, entro em contato com a senhora.

Minutos depois, Anderson e Nicolas chegaram afobados ao apartamento. Os dois estavam a caminho da reunião no casarão quando Miguel pediu que voltassem para a Praça da Bandeira com urgência e expôs toda a situação.

– Miguel, a Nina deve ter enchido a cara com o novo namoradinho dela. Desculpa, cara, mas ela andava completamente inconsequente. Deve estar feliz da vida com os santinhos da Missão Cristã – atenuou Anderson. – E, mesmo se não estiver, a gente não pode fazer porra nenhuma. No máximo, pedir a ajuda do Comandante.

– Eu não sei. A Nina fazia muita merda, mas não tem razão para ela deixar de ligar pra casa – avaliou Nicolas. – Ela pelo menos ia avisar, cara. Ela nunca ficou longe por tanto tempo.

– Também acho isso, Nicolas. E é por isso que eu chamei vocês aqui.

O negro não entendeu a postura de Miguel, que jogou o celular em suas mãos.

– Você tem um arsenal de velharias no seu escritório e sempre grampeou telefones ou rastreou chamadas. A gente vai ligar para o namorado da Nina e saber onde eles estão.

– Eu acho que consigo fazer isso – admitiu.

• • •

Os rádios dos três tocavam sem parar enquanto Nicolas conectava o celular ao seu *laptop* e preparava o programa de rastreamento. Fred, Juan e o próprio Comandante ligavam o tempo todo e provavelmente começariam a reunião sem eles. Contrariado, Anderson sentava na frente da escrivaninha, os cotovelos no móvel e a cabeça apoiada nas mãos.

Miguel viu que Alice analisava o escritório com curiosidade. Apesar de ela não ter dado um pio, tinha a certeza de que percebera onde estava: no mesmo lugar em que o motoqueiro a despertara pela primeira vez. Além da androide, o próprio Nicolas agia de maneira estranha. Miguel sentia que algo

o incomodava, que ele evitava encará-lo nos olhos. Preferiu não colocá-lo contra a parede até que aquela situação estivesse resolvida.

– Pronto – sinalizou o negro, estendendo o celular para o amigo. – É só você ligar que, se atenderem, vou saber o ponto onde ela está.

Não teve problemas para achar o número de Caio, o único salvo na agenda de contatos do aparelho. Ligou uma vez e ninguém atendeu. Quando se preparava para discar novamente, recebeu uma ligação do próprio Caio de volta.

– Alô?

A única resposta que Miguel recebeu de volta foi o pesado silêncio que o segurou na linha por mais alguns segundos.

– Alô? – repetiu, mais alto.

– Miguel? – a voz de Nina era quase inaudível.

– Nina? Nina, onde você está? Sua tia está apavorada contigo.

– Miguel, me ajuda. Eu tô...

A voz fraca da sua ex foi interrompida por uma gritaria e pelo som do celular caindo no chão.

– Desliga essa porra, Caio! – uma voz berrou.

O vácuo que sucedeu o corte repentino deixou Miguel trêmulo. Todos escutaram o diálogo, reproduzido pelas caixas de som no computador, e lhe encaravam sem saber o que dizer. Antes que Nicolas lhe desse a localização de Nina, ele já tinha certeza de que iria até o inferno para trazê-la de volta.

• • •

As motos de Miguel e Anderson avançavam trepidando sobre os trilhos do antigo metrô do Rio de Janeiro. Nicolas surpreendera ambos ao avisá-los que conhecia um caminho secreto para as Luzes numa estação soterrada pelo desabamento de um prédio. Qualquer um nos Escombros sabia que os túneis haviam sido selados logo após o estabelecimento da Zona Internacionalizada.

A passagem indicada pelo amigo deles era nos restos de uma nova estação jamais finalizada por um dos governos que antecedeu a guerra civil.

Antes de partirem, escutaram avisos de que aquele poderia ser o fim dos Fantasmas. O Comandante não suportava insubordinação e já havia mandado homens para o apartamento na Praça da Bandeira.

A maior parte do túnel fora escavada na pedra, deixando gigantescas rochas expostas nas paredes ainda não finalizadas. O chão revezava entre o liso absoluto do concreto bem aplicado e o sobe-e-desce dos velhos trilhos. Os motoqueiros sentiam a trepidação do metrô que cortava as Luzes com mais força cada vez que se aproximavam da estação de Ipanema.

O que mais irritava Miguel era a eternidade que precisariam passar escondidos. Nicolas informara ao grupo que seria suicídio sair da estação em plena luz do dia para dar de cara com a segurança pesada da Rio Alfa. O combinado era esperar a meia-noite no túnel abandonado.

– Eu tenho a localização deles fixa comigo – explicou Nicolas. – Se o celular se mover, eu vou saber.

– Eles ainda estão no motel? – Miguel conversava com ele pelo rádio enquanto Anderson cochilava dentro de uma escavadeira sem rodas esquecida no subsolo. A única iluminação do lugar partia da sua velha lanterna.

– Sim. São uns quatro quarteirões depois da estação de onde vocês vão sair. Não tem como errar. Pelas fotos que achei, é um prédio de vidro azul-escuro com uma placa de neon na frente. Motel Chiba City Blues.

Já passava das dez horas da noite quando o ronco de motores os despertou para a realidade. Apontaram suas tímidas pistolas para Juan e Fred, que apareceram com cara de poucos amigos com suas motos.

– Garoto, você cresceu um belo par de culhões, mas o Comandante está puto contigo – Juan carregava uma espingarda de cano duplo nas costas e parecia segurar-se para não atacá-lo. – Tão puto que mandou a gente vir tomar conta de você.

– Eu não vou voltar com vocês. Eu vou atrás da Nina. Sei que ele me ajudou com a Alice, mas não posso deixar eles matarem a Nina aqui.

– Eu sei. Ele sabe. E ele gosta de você.

O líder dos Caçadores puxou uma sacola de couro cheia de armas e jogou no chão. Havia escopetas, rifles automáticos, pistolas e até granadas.

– Sabe o que ele disse pra gente? Disse que “aquele menino faz merda, mas eu gosto muito dele”. E colocou o nosso rabo pra te ajudar nesse resgate que você e aquele seu amigo preto bolaram.

– Ele tem boas razões pra gostar do Miguel – observou Anderson. – Foi ele quem conseguiu achar o Oráculo. Coisa que nem ele nem os caras das Luzes conseguiram fazer até hoje.

– O Comandante só me quer vivo porque sou a única conexão com o Oráculo, essa é a verdade.

Miguel não via o mafioso desde a preleção da missão no Morro dos Macacos e sequer teve tempo de agradecê-lo pela bateria de Alice, mas nutria pouca ou nenhuma admiração por ele.

Calado até então, Fred puxou um maço de Marlboro e ofereceu aos motoqueiros antes de intervir na conversa. Juan foi o único a aceitar.

– O Juan está falando sério, Miguel. O Comandante gosta mesmo de você. Não sei se é um gosto motivado pelos interesses ou pelas suas... habilidades. Mas isso não muda o fato de estarmos putos por essa imbecilidade. Se tivermos que resgatar cada menininha que vira um brinquedo nas mãos das Luzes, estamos fodidos.

– E o Nicolas? Sabe que o Comandante está tranquilo? – indagou Miguel. Já não recebia uma ligação dele há um bom tempo.

– Você não sabe a metade. Com ele o Comandante está um pouco putu. – Fred sentou perto de uma lanterna de Miguel e o grupo se reuniu em volta da luz. – Parece que seu amigo não é só um cirurgião, Miguel. Sabe o que me incomodava? Como ele passou a integrar os Fantasmas e participar das nossas

reuniões mesmo sem poder nos ajudar em quase nada. Você nunca se perguntou isso?

– Não – respondeu. – Parecia quase natural ele ali. Desde o começo, ele faz parte de tudo. É nosso amigo e tem vários contatos.

– Miguel, já há alguns meses seu colega é um dos principais informantes do Comandante. Ele conheceu muita gente com esse negócio que abriu... gente de toda parte dos Escombros. O Nicolas ganha uma grana forte por isso. As próteses estão até em segundo plano.

– Então... todas essas vezes em que ele me disse que o negócio tinha melhorado muito foi...

– Foi porque o Comandante o contratou. Ele tem o mesmo *status* daquela equipe que frequenta o casarão. Juntando as bolas agora, você acha que o Nicolas tinha conhecimento técnico o suficiente para replicar as próteses mecânicas ou os implantes neurais que você achava? Nem fodendo. Ele sabia até colocá-las, mas nunca soube reproduzi-las. Quem fazia isso para ele eram os contatos do Comandante nas Luzes.

– Mas para que toda essa encenação? Se o Comandante está do nosso lado, não teria problema em nos falar isso.

– Aí é que está. – Deu uma tragada no cigarro e ajeitou os *dreadlocks* que insistiam em cobrir sua visão. – O Nicolas entrou nessa para ser a nossa mordalha. Ele era pago para saber como estávamos indo.

Miguel levou a mão à boca e coçou a barba rala que crescia em seu rosto. Tudo o que Fred lhe contava fazia perfeito sentido e até explicava algumas coisas que eram um verdadeiro mistério para ele.

– E por que o Comandante está puto com ele? – perguntou a Fred.

– Por causa desse lugar. – Ele apontou para o próprio túnel. – O Comandante confiou a ele esse segredo. Esse túnel era o trunfo dele para quando algum problema acontecesse e seus homens precisassem invadir as Luzes ou fugir para cá, sei lá. Só o usaria em último caso. Se alguém o fizesse antes...

– Os caras das Luzes fechariam a passagem – concluiu Miguel.

– E não termina aí. Parece que o Comandante cedeu ao Nicolas um dos seus homens hoje e o cara acabou morto no centro. Um moleque novinho, de cabelo verde.

Miguel engoliu a revelação em seco e preferiu manter para si o que tinha visto de manhã. Fred já sabia dos monstros de metal que vira na cidade, mas em nenhum momento falou da morte do garoto de cabelo verde.

– Mas ele te disse como o Nicolas fez esse cara morrer?

– Não. Insisti bastante, mas ele não falou de jeito nenhum.

O negro começou a revirar a sacola com armas em busca do que usaria e puxou uma pequena submetralhadora para si.

– Vai levar o quê, Miguel?

– Eu mal sei atirar, cara. É mais fácil eu acertar vocês do que qualquer outra coisa.

– Acho que nem assim você me deixa mais puto contigo do que eu já estou – disse Juan, que deitou e aproveitou as poucas horas que faltavam para cochilar.

• • •

À meia-noite em ponto, aceleraram pelos túneis abandonados e entraram na linha principal do metrô junto com os últimos passageiros do dia. Os funcionários finalizaram as operações do dia quando eles subiram por uma das rampas de emergência até a plataforma, disparando para o alto e gritando para afastar as poucas pessoas que ainda aguardavam o trem. Pegos de surpresa, os seguranças não se atreveram a interromper o ataque e assistiram atônitos aos quatro motoqueiros rasgando a tranquilidade do fim de expediente.

Saíram em fila indiana pela boca da estação, estampando o desespero no rosto de quem quer que cruzasse o seu caminho. Miguel seguia o grupo tentando não se deixar admirar pela beleza ao seu redor. Fileiras de prédios

iluminados da base até o último andar formavam um corredor polônês de telões com anúncios gigantes, varandas luxuosas, logos de marcas desconhecidas e roupas que jamais vira na vida. Ousava desviar o olhar para os carros e construções com o arrebatamento de um turista, boquiaberto com a cidade que não dormia, com as luzes que jamais se apagavam. O ódio que sentia por aquela gente se misturava com a admiração cegante do requinte da Rio Alfa.

Casais de namorados e frequentadores de bares tentavam se abrigar nas lojas mais próximas para escapar dos motoqueiros. Deixou seu motor roncar eternamente no coração das pessoas que quase atropelou na estrada de fúria dos quatro quarteirões seguintes. Era impossível ignorar o Motel Chiba Blues, que mais parecia um diamante azul fincado em meio às luzes douradas das ruas. Entre gritos e pneus de carros derrapando, os quatro entraram pela garagem e foram direto para a recepção. Uma mulher jovem de rosto impecavelmente maquiado e longos cabelos ruivos tremeu ao vê-los e tentou fechar a porta do setor, mas foi impedida por um chute de Juan.

– Garota, você quer voltar para a casa viva, não é? – perguntou o motoqueiro, com a espingarda apontada para o rosto dela. – Um bando de moleques entrou aqui com uma garota há mais de um dia. Em que quarto eles estão?

Um segurança com uma tímida arma de choque tentou surpreendê-lo, mas Juan não teve dificuldades em acertá-lo no estômago com um tiro de espingarda. O homem de meia idade caiu ensanguentado com um rombo no torso, cena que acabou com a timidez da recepcionista.

– Quinto andar, suíte C-33.

– Obrigado, piranha.

Miguel desviou o rosto quando ouviu o som da escopeta disparando novamente e não fez perguntas a Juan no caminho até o elevador. Com sangue espalhado pelo corpo por conta dos disparos, ele tremia de antecipação.

– Filho da puta, você não deveria ter cheirado – repreendeu Fred.

Tomado pelo ódio, Miguel irrompeu pelo terceiro pavimento na frente dos amigos e correu na penumbra do corredor decorado com pinturas eróticas até a suíte C-33. Deu três tiros na fechadura e abriu-a com um chute, a raiva latejando em sua têmpora.

Entrou no quarto e deu de cara com um dos meninos que vira na Missão Cristã vestindo as roupas perto da janela. Miguel apenas ergueu um dos braços e o garoto voou violentamente pelo vidro, ainda seminu. Escutou o som do seu corpo se estatelando em cima de algum carro e só então reparou em Nina.

A luxuosa suíte do Chiba Blues tinha uma cama redonda na qual sua ex-namorada deitava amordaçada e com as mãos amarradas nas costas. Estava nua e com escoriações no corpo todo. Seu estado era tão deprimente que parecia ter perdido a consciência por completo. Não havia lágrima ou qualquer reação, apenas um par de olhos negros e vazios fixados nalgum ponto cego. Estava viva, ainda que o resto do seu corpo dissesse o contrário.

Uma segunda pessoa estava ao lado da cama, dessa vez um homem de cabelos grisalhos que deveria ter mais de sessenta anos. Usando apenas uma cueca, ele caiu sentado no chão e tentava se explicar quando Miguel disparou dois tiros contra a sua cabeça.

Quando se virou para livrar Nina das amarras, alguém veio do banheiro, derrubou-o e os dois se engalfinharam no chão. Sua pistola rolou para longe. Era Caio, que tentava golpeá-lo desesperadamente com os punhos. O jovem loiro e franzino atacava de maneira tão tosca e descontrolada que Miguel não teve dificuldade em jogá-lo para o lado.

O motoqueiro não soube de onde veio o reflexo, mas sentiu um calor correndo pelo braço e não receou em golpear o abdômen do rival as mãos nuas. Refez, mentalmente, o mesmo processo que aprendeu do Oráculo e sentiu os dedos transpassando carne e ossos do garoto como uma lâmina até sair pelas costas. Agora encharcado de sangue, Miguel soltou-o e observou com terror os últimos momentos de Caio. Ele o encarava com o pavor de

quem vê um monstro, apavorado demais com a própria morte para cuspir suas últimas palavras. Caiu mudo no carpete do motel com as mãos no ferimento, tão impressionado quanto os três motoqueiros que testemunhavam a cena na entrada da suíte.

Com Nina nos braços, ele saiu sem falar uma palavra no quarto e viu Fred colocar o rádio em viva-voz para eles ouvirem as orientações do Comandante.

– Vocês não podem voltar pelos túneis do metrô, já tem uma equipe de seguranças da Spartan lá. É um time de elite, por lá vocês não passam – assegurou.

Nina e os quatro entraram no elevador para voltar à garagem e pegar as motos.

– Então a gente está fudido?

– Bastante. Mas recebi uma oferta. É a única chance de vocês.

• • •

Deixaram o Chiba Blues ao mesmo tempo em que as hélices dos helicópteros começaram a cortar os céus no entorno do motel. As sirenes dos carros de polícia com logos da Spartan berravam tanto quanto os motores Suzuki-5000 de suas motocicletas, que tomavam o caminho da praia.

Na avenida que beirava as areias de Copacabana, Miguel olhou para o mar e se deparou surpreso com as várias ilhas artificiais construídas e seus gigantescos prédios. Sentiu as mãos de Nina, agora envolta num cobertor, apertarem a sua cintura e só então percebeu o bloqueio policial que impedia a passagem deles.

Guiados por Fred, tomaram a saída mais arriscada. Saíram da avenida principal e entraram com as motos numa movimentada galeria comercial. Com mais tiros para o alto, abriram caminho entre a multidão e tiveram relances da alta tecnologia. Vitrines com hologramas, manequins digitais e

aparelhos cuja função sequer imaginavam os olhavam de volta com tanto espanto quanto os próprios moradores das Luzes. Eram peças de museu ali, peças de um museu devidamente guardadas do outro lado da muralha.

Atravessaram o prédio logo além da barreira e escutaram as rajadas de tiro disparadas pelos policiais. Fred deu um berro e apontou para a ponte que saía do asfalto, atravessava a areia da praia e levava a uma das mais modestas ilhas artificiais. Tratava-se de um domo solitário em alto-mar com uma placa luminosa na qual se lia “Styx”.

Logo que passaram pela ponte, seguranças fecharam as portas metálicas, impedindo a entrada dos poucos policiais que não tinham ficado para trás depois da passagem pela galeria. O domo os engoliu com as pesadas batidas de *techno* e tiveram que passar por um último guardião antes de entrarem na boate mais badalada da Rio Alpha.

Cercada por um batalhão de seguranças, Ruby Alford vestia apenas um curto vestido preto de látex e os aguardava com o sorriso de quem extraía a maior parte do prazer na vida em situações como aquela.

– Bem-vindos ao meu inferno pessoal – disse a francesa, ordenando seus seguranças a levarem Nina à enfermaria. Recebeu de Miguel um olhar desconfiado. – Por favor, deixe que meus empregados cuidem dela. É Miguel, não é? Quero você e os outros comigo, por favor.

Entraram na boate pela porta de frente e, após passarem por um discreto saguão de recepção com funcionários bem-vestidos e aparelhos de checagem, entenderam porque Ruby chamava aquele lugar de “inferno”. Luzes vermelhas e violetas piscavam de um canhão do teto abobadado, tingindo a leve cortina de fumaça que escondia a falta de pudor das centenas de pessoas amontoadas na boate. Gigantescas caixas de som despejavam ritmos eletrônicos da pista e projeções holográficas das mais variadas eram reproduzidas próximas ao teto. Numa passarela em formato de cruz, mulheres e homens seminus dançavam sensualmente e agitavam a festa, abastecida a álcool pelos vários bares espalhados no salão.

A francesa os levou por uma escada espiral até um trailer de metal suspenso por fios de aço presos ao teto, no qual ficava seu escritório pessoal. Quem via o lugar de fora não podia imaginar o luxo de dentro, onde havia um amplo ambiente com uma sala de reuniões, bar privado e uma suíte digna de um hotel cinco estrelas. O lustre de vidro e os abajures clássicos davam uma aura europeia à instalação. Sozinho no sofá semicircular de veludo, Gian assistia às últimas notícias numa projeção na parede.

– Um grupo de motoqueiros tocou o terror nas ruas da Zona Sul há poucos minutos. Eles mataram cinco pessoas num motel e estão sendo perseguidos pela polícia na orla. As autoridades suspeitam que a gangue veio da Rio Beta e invadiu Ipanema por túneis abandonados do metrô. É a primeira vez nos últimos doze anos que alguém consegue romper o cerco e atacar moradores da cidade. Na última vez...

Ruby acionou o comando de mudo e Gian percebeu o grupo. Usando apenas calça vermelhas e um All-Star velho, o lacaio de Scorza revelava no torso nu ainda mais tatuagens. Havia, inclusive, um par de pistolas mexicanas desenhadas na cintura. Ele se levantou e foi na direção dos motoqueiros, mas falou apenas com Miguel.

– Você veio dos Escombros e fez esse estrago todo só para salvar uma ex-namorada viciada?

Miguel não respondeu, e o garoto continuou a falar, dessa vez, deixando transparecer um pouco de admiração.

– Eu não te entendo, cara. Uma hora foge com o rabo entre as pernas e abandona a gangue. Depois, entra de cabeça num esforço suicida para salvar uma mina maluca. Sua sorte é a que seus patrões são tão doentes quanto você.

A francesa gargalhou do outro lado da sala e atendeu ao celular.

– Não, capitão Pedro. Nós não vamos deixar seus policiais passarem. Você sabe que a Styx é fora da jurisdição da Spartan, só entram aqui com a minha autorização. Foda-se, invente uma história e diga que vocês prenderam os motoqueiros. Ou fale que eles despistaram vocês. O problema não é meu.

Sem que ninguém permitisse, Miguel sentou numa das poltronas, escondeu o rosto entre as mãos e ficou em silêncio, alheio às risadas agudas de Ruby ao telefone. O sangue de Caio ainda escorria por suas mãos e boa parte da sua roupa estava banhada dele. Anderson pegou-o pelo braço e os dois foram para o banheiro, onde o amigo o despiu e colocou-o debaixo do chuveiro. Miguel não esboçava reação.

– Ele matou alguém pela primeira vez – disse Juan. Gian assentiu com a cabeça e apontou o sofá para os motoqueiros. Anderson deixou o amigo no banheiro e também participou da conversa.

– Scorza quer suas cabeças. Eu e Ruby estamos tentando convencê-lo do contrário. Se dependesse dele, entregávamos vocês para a Spartan agora mesmo e mandávamos um esquadrão matar aquela tal de Angra de uma vez.

– E por que não fazem isso? – perguntou Fred. – Por toda a merda que nós fizemos, não há muito espaço para compreensão.

– O Comandante também está do nosso lado, não? – lembrou Juan.

– Ah, sim. Eu praticamente tinha me esquecido do Comandante. Ele também está fazendo força para que vocês continuem. Mas o Scorza não entende que precisamos muito de vocês – Gian pegou uma garrafa de uísque da mesa de centro e encheu três copos. – Se nós perdermos vocês, nós perdemos a Spartan.

– Sabemos que Myang recebeu um lucro violento com as pesquisas em cima dos poderes de Angra. Mas ainda não temos ideia do que ele planejou para essa gangue Éden e qual é o propósito de todo o circo que eles armaram nos Escombros no começo do mês. Essa mulher está na cabeça de algo que ainda desconhecemos e estamos com medo.

– E o que faz de nós essenciais? – insistiu Fred.

– Só vocês podem nos dizer o que Angra está fazendo. Achávamos isso antes e agora temos certeza graças ao encontro do Miguel com o Oráculo. Se simplesmente matarmos Angra, como realmente podemos fazer, fechamos o

livro sem saber o final da história. Se isso acontecer, vamos cair no mesmo golpe novamente.

– Isso é bom – comemorou Juan, oferecendo um brinde com o copo de uísque. – Quer dizer que podemos fazer a merda que nos der na telha e vocês ainda terão que babar ovo da gente?

– Exato. Ou, caso não impeçam os planos de Angra, podemos não pagar um centavo do combinado e ainda mandar um grupo de extermínio para vocês, e não para ela.

– *Touché* – disse Ruby roubando um dos copos de uísque.

• • •

Miguel acordou por volta das cinco da manhã com seu rádio tocando incessantemente. Levantou assustado e procurou o aparelho no escuro, demorando um pouco mais do que o normal para perceber onde estava. Dormira no gabinete de Ruby no Styx e agora batalhava contra o breu de um quarto desconhecido para atender a uma ligação.

– Olá, Miguel – disse uma voz monocórdica do outro lado da linha. – A senhorita Nina o aguarda na enfermaria. Ela acabou de despertar.

O motoqueiro estranhou a ligação e checkou o número, que mostrava uma série enorme e aparentemente aleatória de dígitos.

– Quem fala?

– Meu nome é Alfonse. Sou a inteligência artificial que rege parte do consórcio formado pela Alford Techonology, Fiume Energy e Spartan Solutions. Também controlo uma série de serviços básicos da cidade e...

– Tudo bem, tudo bem, já entendi. Onde posso encontrar a Nina?

– Saia pela única porta da suíte, desça as escadas em espiral e, logo à sua direita, verá a porta que dá acesso à enfermaria do subsolo.

Saiu em silêncio para não acordar os outros motoqueiros, que dormiam esparramados pelo lugar, e seguiu as instruções de Alfonse. No caminho,

percebeu que, por onde andava, as câmeras de segurança focavam nele o tempo todo. A boate agora era ocupada por um pequeno exército de faxineiros que limpava todo o lixo deixado pelos frequentadores. Até um pequeno carro de limpeza cruzava vagarosamente a pista, aspirando os detritos. Vazia, a Styx lembrava um melancólico ginásio abandonado.

Nas escadas que davam para a enfermaria subterrânea, encarou uma das câmeras que insistiam em acompanhá-lo por alguns momentos e se assustou quando ela o respondeu.

– Olá, Miguel – disse a mesma voz mecânica. – Não se preocupe. Estou apenas garantindo que você chegue em segurança à enfermaria.

– Ok. Muito obrigado, Alfonse.

A enfermaria da Styx não era muito grande. Tinha cinco leitos enfileirados, kits de primeiros socorros e toda sorte de equipamentos e medicamentos para auxiliar quem exagerasse nas drogas ou na bebida. Uma enfermeira solitária cochilava com a cabeça apoiada na mesa de atendimento. Quando se deparou com mais uma câmera, dessa vez no teto, teve a certeza de que a ideia de lhe avisar a respeito de Nina fora do próprio Alfonse.

Ainda não compreendia as Luzes o suficiente para entender como uma inteligência artificial feita para tocar uma cidade administrava até uma boate, mas preferiu não se afundar em perguntas para as quais não teria resposta. Sentou-se no banco de plástico ao lado de Nina e, pela primeira vez desde o Motel Chiba City Blues, seus olhos pareciam vivos.

Ela chorou silenciosamente logo que notou sua presença. Talvez estivesse fraca demais para esconder o rosto, ou talvez também tivesse despido a vergonha. Coberta por um lençol azul claro e com o rosto mais pálido do que o normal, a menina não movia um músculo, apenas derramava lágrimas.

– Eu vou te levar de volta para os Escombros. – Miguel acariciou seu cabelo e seu rosto, sem saber exatamente o que falar ou se deveria perguntar sobre o ocorrido. – Sua tia está preocupada, até apareceu no meu apartamento.

– Achei que você não fosse vir, que fosse me deixar... com eles. – Encostou sua testa na dela e se esforçou para não chorar também. A que ponto sua namorada chegara na loucura de fincar sua bandeira nas Luzes. – Por que você veio? Eu vi o que você fez. Miguel, porque você os matou? Por que se arriscou? Eu só fiz merda, e eu faria de tudo para ver você na merda. Só queria esfregar o Caio na sua cara.

– Eu vim atrás de você pela mesma razão que salvei Alice.

Beijou a testa de Nina e afastou-se. Sua ex-namorada parecia chorar ainda mais agora. Procurou sua mão por debaixo do lençol e segurou-a. Esbarrou no soro injetado no pulso dela e temeu pela sua condição.

– Eles fizeram de tudo comigo, Miguel. Por dias. Foi nojento. Eu nunca... eu nunca...

– Foi o Caio quem orquestrou tudo? – Ela assentiu.

– Ele disse que me levaria para uma festa, que queria me apresentar para os colegas de faculdade. Eu fui tão burra! – Esboçou um movimento, mas o corpo parecia dolorido demais para obedecer. – Ele me levou para aquele motel, disse que queria me conhecer melhor. Eu estranhei... fiquei com medo... mas aceitei. Eu queria que ele me trouxesse para as Luzes e aceitei.

– Você tem noção de quanto tempo ficou lá?

– Não, eu sei que foram dias. Pareciam anos, sei lá. Logo de cara, vários amigos dele apareceram. Eu gritava, gritava, mas ninguém me ajudava. Ouvi eles dando uma grana para um dos seguranças e dizendo que “era só uma puta dos Escombros”. Eles revezavam. Vinham homens, velhos ou garotos que ainda mal tinham barba no rosto. Eu nunca senti tanto nojo. Nunca, na minha vida toda.

Apertou a mão dela com mais força e suspirou. Sabia que aquilo era o resultado de uma tragédia anunciada desde a primeira vez que Nina adicionou heroína e cocaína à equação já desequilibrada que regia a sua vida. Parte dele ainda sentia um pouco de culpa pelo descontrole da ex-namorada, mas já não havia o que fazer. Ela chegara ao fim do caminho que insistira tanto em trilhar.

– Não pense nisso, Nina. Ainda hoje você vai estar em casa. Vai passar uns tempos tranquila com a sua tia e...

– E a gente?

– Sou seu amigo, Nina. Mas não tem mais “a gente”. Agora você vai precisar andar com as suas próprias pernas.

A menina fechou os olhos e sentiu as lágrimas quentes deslizarem pelo seu rosto até o travesseiro. Apertou de volta a mão de Miguel.

– Miguelito... não me odeia, por favor.

– Eu nunca vou te odiar, Nina.

• • •

Miguel acabou expulso do quarto pela enfermeira logo que ela acordou. Irritada, a mulher sem papas na língua o pôs para fora e ordenou que só voltasse horas depois, quando os efeitos dos remédios tivessem passado. O motoqueiro subiu as escadas pesadamente e se perguntava onde conseguiria um pouco de café quando se deu conta da presença de Gian.

O afilhado de Scorza parecia tão desperto quanto ele. Ainda usava as mesmas calças vermelhas e o rosto mal encarado do começo da noite. Não falou nada, mas Miguel sentiu que era para segui-lo. Enquanto subiam de volta para o trailer suspenso de Ruby, ele finalmente se pronunciou.

– Vou te mostrar uma parada maneira.

Já dentro do contêiner, puxou do teto uma escada de emergência dobrada e abriu uma passagem para cima do compartimento. Subiu e ajudou Miguel a chegar ao topo. Juntos, os dois sentaram na beira do trailer, suspenso por cabos de aço a uns 30 metros do chão, e observaram o ritual de limpeza dos faxineiros.

Sem aviso, puxou do bolso um *tablet* portátil, executou alguns comandos e deixou Miguel assistir à sinfonia de luz que invadia o Styx. Camadas de aço

no entorno de toda abóboda se moviam ordenadamente, emitindo um som harmônico e abrindo caminho para os primeiros raios de Sol do dia.

Achou que se tratavam apenas de janelas gigantes, mas percebeu que eram enormes vitrais de tamanhos e cores diferentes. Em conjunto, eles formavam um desenho abstrato e simétrico no pátio da boate, onde os funcionários de limpeza davam os últimos passos de sua dança matinal.

– Sensacional, não é? – Miguel ficou impressionado com a beleza, mas continuou quieto. – Foi a primeira vez que você matou alguém?

– Foi.

– E como você se sentiu?

– Senti só medo. – Gian esperou que ele continuasse e o motoqueiro demorou algum tempo para trazer de volta as memórias da madrugada. – A ideia de morrer ainda me assusta. E ver alguém morrendo por minha causa, me olhando apavorado. Foi uma sensação estranha. Parece que cola na cabeça.

– Só isso?

– Eu também me senti forte – confessou. – Me senti monstruosamente forte. A ponto de ter medo de mim mesmo.

– Eu não consigo cortar ninguém ao meio com as mãos ou mandar gente voando por janelas, mas também me senti assim da primeira vez. – Gian sorriu e estendeu um vidro cheio de comprimidos para ele. – Pega um.

– O que é isso?

– Pega e toma. Confia em mim. Depois eu te digo.

Deu de ombros, engoliu em seco uma das cápsulas e voltou a mirar os vitrais. Os faxineiros começavam a deixar a pista da boate e o último remanescente era o carro-aspirador, responsável pelo único som além das ondas do mar.

– A primeira vez que eu matei alguém foi nos Escombros – lembrou Gian. – Eu estava ajudando numa conexão entre as empresas de cá e os mercenários de lá, mas o intermediário que servia de contratante passou a perna na gente. Ele disse ao grupo que nossa carga valia muito dinheiro e os

filhos da puta a desviaram para uma empresa rival. – Tomou várias cápsulas de uma só vez e cruzou as pernas em posição de meditação. – O que os babacas não entendiam é que as empresas das Luzes dificilmente roubam entre si. Há uma ou outra exceção, mas são raras. O dono da companhia logo me ligou e disse que estavam tentando vender meu carregamento para eles.

– E aí?

– A gente deixou o negócio todo transcorrer normalmente. Deixou os caras acharem que tinham vencido e baixarem a guarda. Não levantamos um músculo por quase uma semana. Foi aí que chamei uns amigos de uma firma de segurança para fazer uma limpeza. Eu nunca tinha matado ninguém, nem fazia questão disso. Mas o filho da puta, aquele contratante vagabundo... esse eu fiz questão de matar. Até hoje lembro dos olhos dele me encarando também, apavorado dentro de casa. Era de madrugada e ele ainda estava pelado. Não há nada mais deprimente do que um homem pelado implorando pela própria vida. Sei lá, parece a antítese de toda a evolução humana – suspirou e encarou o nada como quem revive cada momento da cena. – Dei só um tiro na testa. Acho que nunca, em toda a minha vida, tive uma sensação de poder tão grande.

– E você não ficou nem um pouco mal? Não se arrependeu?

– Na vida que eu vivo, não há espaço para isso, Miguel. Não vou negar que aqueles olhos me perseguiram por um bom tempo, mas tantos outros já me encararam da mesma forma de lá pra cá que nem é mais tão difícil. Você não vai esquecer disso, mas vai melhorar.

Sem saber o que dizer, Miguel apenas assentiu com a cabeça.

– Aposto até que você já está se sentindo melhor.

E não era mentira. Na verdade, estava se sentindo bem melhor. Seus músculos pareciam menos duros e toda a tensão da noite anterior se dissipava numa tranquilidade quase sobrenatural. O próprio mar além das janelas parecia ter um contorno diferente e o som das ondas pregava brincadeiras com a sua mente.

– Porra, cara. O que você me deu?

– Relaxa, é só maconha sintética. A gente chama de *rush* aqui.

Miguel se enraiveceu e se afastou da ponta do contêiner, com medo de perder o equilíbrio e morrer de maneira patética após tudo que enfrentara graças a uma queda alucinógena de 30 metros. O que mais o irritava não era a maconha em si, mas sim por ter sempre se vangloriado de jamais ter ingerido drogas. Sem aviso e quase sem escolha, acabara incluso no rol dos usuários, completando o ciclo de decadência das últimas semanas. “Assassino, motoqueiro e drogado”, pensou.

Desarmado pelos compostos químicos liberados em seu organismo, sentiu-se à vontade para questionar Gian sobre o mistério da manhã anterior. Falou rapidamente do que vira no centro do Rio, os gigantes de ferro com músculos artificiais atacando um jovem e ignorando ele e Alice. Sem mostrar qualquer surpresa, Gian apenas assentia e escutava toda a história.

– Miguel, você nunca se perguntou o porquê de o centro ter essa fama de alto nível de radiação enquanto você perambulava pra lá e pra cá sem qualquer problema?

– Pensei que era uma lenda urbana. É o que mais tem nos Escombros. Já vi gente de lá jurando ter visto até lobisomens.

– Se o centro fosse “normal”, hoje estaria cheio de mendigos morando lá, Miguel. Aquelas coisas com as quais você esbarrou se chamam “sentinelas”.

“Vou contar algumas coisas pra você. Preste atenção. Sei que essa maconha sintética é boa pra caralho, mas dá pra você se concentrar. Na década de 2020, a população do Rio de Janeiro se revoltou com o governo federal por conta das novas jazidas de petróleo encontradas no litoral da cidade. Apelidaram aquilo de “Pré-Sal 2”, em referência às grandes descobertas de petróleo do começo do século. Era coisa que deixaria a cidade nadando em dinheiro, mais do que já tinha ficado na década anterior. Mas os estados vizinhos cresceram o olho e meteram a mão na partilha, mudando

novamente as regras de distribuição dos *royalties* e causando uma revolta generalizada.

“Nas ruas e redes sociais começou a nascer um forte sentimento separatista. No começo, chamavam de “Orgulho Carioca” e falavam em propor a separação do estado ao governo. O povo se uniu em torno disso, sobretudo porque um candidato do Rio à presidência derrotado nas eleições, mas muito popular na cidade, passou a encabeçar esse movimento. Esse cara, que tinha muita simpatia do povo e fama de bom moço, começou a inflamar todo mundo.

“Mas eles não eram burros. Sabiam que o governo não deixaria o Rio se separar nadando em rios de petróleo no litoral. Daí começaram a surgir os primeiros focos de revolta armada. Como o Rio de Janeiro foi a capital do Brasil durante boa parte do século passado, a cidade ainda contava com um amplo contingente e era a que mais tinha instalações militares. Quando menos se esperava, todos se uniram. Povo, militares, liberais, militantes de esquerda e de direita, jovens. Todos queriam o Rio livre e algumas reprimendas violentas em protestos azedaram por completo o clima. O povo pegou em armas e exigiu a separação.

“O governo federal reagiu e começou uma guerra civil separatista. Primeiro, uns pequenos combates na fronteira. Logo, os primeiros aviões brasileiros começaram a sobrevoar o Rio soltando bombas. Mas você não é burro, deve saber que nosso equipamento militar sempre foi uma merda. A falta de armamento decente fez a guerra ficar emperrada. Ninguém tomava a dianteira, o Rio conseguia se defender e o governo não admitia perder o petróleo. Foi aí que deu merda.

“A cidade estava em estado de sítio, as mortes só aumentavam e nada era resolvido. O pessoal de fora abriu o olho para a situação e viu a solução perfeita: intervir “humanitariamente” no conflito para cessar a resistência rebelde. Segundo uma sanção recente da ONU, isso implicava em colocar a

região de conflito nas mãos de um esforço internacional de reconstrução e estabilização.

“Óbvio, era só balela. Eles só queriam abrir caminho para que grandes multinacionais lucrassem com o petróleo brasileiro em disputa. Em poucos meses, o *lobby* dessas empresas no Conselho de Segurança da ONU conseguiu a aprovação de um esforço internacional para pôr um fim à guerra civil. Tudo isso que você vê no centro da cidade e pelos Escombros, toda aquela destruição foi causada em coisa de três meses. Eram bombardeios diários, tanto de aviões quanto de navios. As pessoas morriam como moscas. A resistência não tinha qualquer chance de responder aos ataques da Otan.

“Já no fim da guerra, os mais lunáticos se organizaram e atacaram as tropas com táticas de guerrilha, deixando um bom rastro de gringos mortos. Essa resistência aconteceu majoritariamente no centro. Qualquer um que conseguisse empunhar uma pistola e não fosse cego era aceito, então eles tinham um bom número de pessoas lutando. E ganharam o carinho da população, que reforçava suas fileiras.

“O que parecia uma rápida guerra cirúrgica estava se transformando num Vietnã tupiniquim. Mas os gringos cansaram da brincadeira. Quando ficaram sabendo que os rebeldes puseram as mãos numa bomba nuclear suja e ameaçaram detoná-la, decidiram encerrar a guerra de uma vez. Mas eles não podiam pagar na mesma moeda. Não podiam jogar uma ogiva ali, a opinião pública não gostaria. Ao mesmo tempo, eles não queriam mais ver seus homens morrendo. Então decidiram: é a hora de soltar as sentinelas.

“As sentinelas foram cortesia de um programa experimental dos Estados Unidos naqueles tempos. Eles não conseguiam de jeito nenhum fazer soldados autômatos com articulações boas o suficiente para serem úteis em áreas de combate, por isso desenvolveram um híbrido: uma máquina com músculos artificiais humanos e uma leve inteligência artificial aliada a um cérebro animal para os instintos básicos. Era segredo absoluto de estado e decidiram fazer a sua estreia na limpeza do Rio de Janeiro.

“Bem, pelo que você sabe, o Rio não venceu a guerra separatista. Então a limpeza deles deu certo. Soltaram centenas desses bichos no centro e eles destruíram tudo que encontraram pela frente. Sinais de rádio impediam que eles saíssem da zona de guerra, então eles nem atacaram os civis. Monstruosamente fortes e praticamente blindados, não deixaram pedra sobre pedra.

“Para esconder o massacre, a Otan lançou um míssil no centro e causou um belo estrago. A intenção era dizer que os rebeldes foram derrotados por um ataque das forças pacificadoras e detonaram uma bomba nuclear suja numa última tentativa de defesa. Com o centro isolado pelo pavor da ameaça radioativa, eles recolheram calmamente suas sentinelas, na época conhecidas apenas como “ADAM”. O nome deles é uma sigla para *Advanced Design Automaton Machine*.

“A merda é que coletaram os ADAMs de volta usando sinais de rádio e alguns deles tiveram seus receptores danificados durante a guerra. Esses ADAMs danificados não responderam aos comandos, permanecendo escondidos no centro abandonado até hoje”.

• • •

Miguel não conseguia assimilar tudo o que Gian dizia. Parecia absurdo demais. Tinha certeza de que nada daquilo era fruto das ilusões da maconha sintética, o que só o amedrontava mais.

– E as Luzes deixaram esses bichos no centro? A área é completamente habitável?

– Mais ou menos – explicava Gian. – Quando começaram a construção da Rio Alfa, avaliaram a possibilidade de reconstruir todo o centro, mas perceberam que seria mais barato e até lucrativo investir nas ilhas artificiais que você vê aqui no litoral. Elas ajudaram bastante a desafogar a especulação imobiliária no pós-guerra. São bairros em alto-mar, alguns empresariais,

outros residenciais, cuja construção foi bem menos demorada e dolorosa do que salvar o centro da situação na qual se encontrava.

“E mais: logo que chegaram, Fiume, Spartan e Alford temiam o centro. Sabiam que era uma área de fácil acesso às Luzes e que seria difícil vigiá-la. A história de que a região permanecia radioativa era excelente. Foi aí que as sentinelas entraram. Hoje, elas servem para assustar os moradores dos Escombros. Quem se aventura no centro geralmente acaba morto por elas, reforçando o boato da radioatividade.

“Mas isso não explica como eu frequentei aquele lugar durante todos esses anos e nunca fui morto – retorquiu Miguel, indignado com toda a história.

“Agradeça aos seus poderes por isso. Na hora da limpeza, enviaram alguns soldados junto dos ADAMs para supervisioná-los e todos eles eram psíquicos. Aquelas criaturas conseguiam diferenciar psíquicos dos não psíquicos e até hoje, pelo que parece, mantêm a programação original. Não te atacaram porque te reconhecem como um dos supervisores”.

– E as Luzes não têm qualquer interesse em exterminá-los? Esse assunto não pode ferrar a imagem das empresas?

– Sim, com certeza. Por isso elas caçaram a maioria dos ADAMs remanescentes. Pelas contas que a Spartan mantém, parece que sobraram apenas cinco unidades. São tão poucas que, se alguém descobri-las, é só culpar os americanos. Elas foram deixadas lá para impedir que a população dos Escombros avançasse e estão em módulo de emergência, outra maravilha providencial. As sentinelas passam quase o tempo todo hibernando e mantêm apenas seus sonares ligados à base de luz solar. Se eles detectam a presença de alguém nas proximidades, atacam e devoram seus compostos orgânicos para recarregar suas baterias.

– Então elas me ignoraram porque sou um psíquico. E ignoraram Alice porque ela tem poucos compostos orgânicos.

– Bingo!

Miguel sentia os efeitos da droga finalmente cessando e a manhã avançava quando decidiram voltar e acordar os motoqueiros. Segundo Gian, um comboio os levaria em segurança de volta aos Escombros e todos dariam aquela incursão nas Luzes como um assunto esquecido.

– E a tal bomba nuclear que os rebeldes tinham? Nunca foi detonada mesmo?

– Hoje quase todo mundo tem certeza de que não passava de blefe deles para assustar a Otan. Quando reviraram o centro da cidade, não acharam porra nenhuma. E os rebeldes se foderam, até porque foi justamente esse boato que fez os caras lançarem os ADAMs no centro.

– Você falou em soldados psíquicos guiando as sentinelas, esses ADAMs – insistiu Miguel, antes de começarem a acordar os motoqueiros. – Existem tantos psíquicos assim no mundo?

– Não sei te dizer, Miguel. Sei que vocês são raríssimos e o mundo, em geral, ainda desconhece sua existência. Desde o século passado, serviços de inteligência e investigações policiais empregaram abertamente o uso de psíquicos. Está até em documentos oficiais da KGB na Guerra Fria ou da polícia americana no século passado. Mas, se vocês continuam sendo um segredo para a maioria, acredito que existam bem poucos.

A suíte suspensa de Ruby já havia “despertado”. As máquinas da cozinha faziam o desjejum por si próprias. Uma cafeteira automática preparava o café enquanto um aparelho já abastecido com pães de forma adiantava as torradas e mantinha-as levemente aquecidas até que todos despertassem.

– A casa de todos é assim nas Luzes? – indagou Miguel, pegando um copo de café para si e sentando à mesa.

– Nem um pouco.

O motoqueiro já gostava mais do que esperava de Gian, cujo estilo o lembrava mais dos moradores dos Escombros do que os das Luzes.

– Isso é maluquice dos Alford, cara – disse Gian.

– Como assim?

– O Alfonse é deles, da família de Ruby. Essa IA é praticamente uma segunda mãe para ela. E já era assim mesmo antes dos pais dela morrerem. Não é por menos que ela é completamente maluca.

Miguel sentiu as câmeras se voltando para os dois na cozinha logo que Gian pronunciou o nome de Alfonse. Provocador, o homem tatuado sorriu e acenou para uma das lentes.

– Bem, acho que eu não posso sacanear muito o Alfonse na sua frente. Afinal, você tem a sua própria inteligência artificial para cuidar.

HERÓIS INESPERADOS

Os motoqueiros foram levados de volta para os Escombros num caminhão da Alford Tech. Por uma pequena janela de vidro nos fundos do compartimento de carga, Miguel observou a abundância e a paz dos moradores da Rio Alfa e os invejou. Preguiçosamente, a cidade se levantava para o trabalho envolta numa aura de tranquilidade que nem parecia ficar apenas alguns quilômetros além da desolação dos Escombros. A viagem foi curta e logo o caminhão mergulhou na treva do túnel que ligava as duas partes da cidade.

Passaram primeiro no Andaraí para deixar Nina em casa. O motoqueiro pegou-a nos braços, novamente adormecida, e não respondeu às perguntas de sua tia. Sem falar uma palavra, esperou que ela abrisse a porta e deixou a ex-namorada deitada no sofá da sala de casa. A mulher chorava copiosamente com a condição da enteada e não encontrou consolo no silêncio amargurado do garoto.

O motorista do caminhão disse que a carona seria apenas até ali e entregou ao grupo um envelope de papel pardo com um discreto selo vermelho. Fred apressou-se em abri-lo e viu uma mensagem do Comandante.

– Vamos deixar o que aconteceu ontem para trás. Compreendo que algum de vocês teve fortes motivações pessoais para fazer o que fez e eu respeito esse brio. Mas o nosso tempo está acabando. Ainda hoje, se possível, invadam a garagem de Angra na Praça da Bandeira e tragam qualquer objeto

que possa ser útil ao Oráculo. Não há espaço para falhas. Do contrário, vocês terão que enfrentar a Éden. Boa sorte.

Os quatro combinaram de se encontrar à noite. Miguel pediu para Anderson ver como Alice estava no apartamento deles, mas não seguiu com o amigo. Pegou um caminho diferente e foi esclarecer as últimas perguntas que a noite anterior deixara em aberto com Nicolas.

Bateu insistentemente na porta do consultório dele, mas escutou um berro de “não estamos funcionando hoje” do lado de dentro. Estranhou a atitude, já que o colega atendia qualquer um, até em feriados. Continuou a chamá-lo e Nicolas abriu a porta, irritado. Vestia calças jeans e uma jaqueta militar aberta sem blusa por baixo. O desconforto entre eles era nítido.

– Nós precisamos conversar – disse o motoqueiro.

O amigo abriu passagem para que ele passasse e trancou o consultório. Nicolas, com um olhar derrotado, ficou na mesa onde recebia seus pacientes e Miguel parou próximo da janela que dava para uma das ruas adjacentes da Praça da Bandeira.

Tudo que o colega cultivara naquele lugar havia desaparecido. Os livros de anatomia, os enfeites de sua estante velha, os aparelhos cirúrgicos, até a lâmpada no teto deu lugar a um fio vermelho desencapado. O que quer que Nicolas sofrera, sua jornada estava recomeçando do zero.

– Onde estão as suas coisas, Nicolas?

– O Comandante levou tudo. Fez isso por eu ter mostrado o caminho secreto para as Luzes para vocês e por ter causado a morte de um garoto que ele gostava.

– O garoto que você mandou atrás de mim no centro?

– Isso.

Seu antigo sócio não adotava mais a velha postura de esquivas e sátiras através das quais passava como uma enguia por entre todos os obstáculos. Ele estava anormalmente reto, sério. Não lembrava qual fora a última vez em que

Nicolas conversara com ele de maneira tão séria e sem desviar os olhos dos seus.

– Por que você fez aquela merda, cara?

– Eu queria saber o caminho para o centro. Se vocês realmente ganhassem a bolada em dinheiro das Luzes, dificilmente você continuaria sendo meu sócio e meu estoque de partes estava caindo.

– Porra nenhuma, o Comandante financiou seu negócio nos últimos meses. As cirurgias eram só uma fachada. Você estava sendo pago para vigiar a gente, não era isso?

– Não. Quem contou isso pra você não entendeu direito.

Nicolas pegou seu *notebook* na gaveta da mesa e ligou-o. Logo surgiram na tela várias imagens de Miguel, Alice e dos outros motoqueiros. A mesma pasta continha horas de gravações de áudio e alguns vídeos.

– O Comandante realmente me colocou na gangue pra ficar de olho em vocês. A aposta das Luzes era muito grande pra confiar num bando de motoqueiros. Mas a cirurgia nunca foi fachada. Eu trocava o meu salário como informante por mais aparelhos e ajuda especializada sobre próteses. Eu queria sair dessa. Queria dinheiro pra manter meu negócio com as próprias pernas.

– Eu conheço o seu caixa, Nicolas. Sei o quanto você ganhava. Dá pra você viver uma vida mais do que confortável nos Escombros por muitos anos sem trabalhar só com a grana que você já tem. Pra quê isso? Porra, você vendeu a gente pra esse tal Comandante, que nem mostra o rosto, a troco de quê?

O negro deixou escapar um sorriso amargurado. Baixou a cabeça e voltou os olhos para um antigo quadro com a anatomia humana detalhada. Foi o único que permaneceu no escritório após a limpa do Comandante e ficara apenas por razões sentimentais. Era do consultório do seu pai.

– Eu conheci um atravessador. Ele me ofereceu um pacote caro. Dois empregos bem ralés nas Luzes e um apartamento de cômodo único para

alugar em Botafogo. O preço era muito alto, mas dava pra pagar após alguns anos de muitas próteses e delações pro Comandante. – Suspirou e soltou a revelação que Miguel já esperava. – Pra mim e pra Nina.

– Nicolas, há quanto tempo você tem juntado esse dinheiro? Até alguns meses atrás, eu e Nina ainda estávamos...

– Juntos, eu sei. Faz mais de um ano que eu comecei nessa. – O tom de voz de Nicolas deixava transparecer uma tristeza profunda, mas não parecia haver muito espaço para arrependimento. – Entrei nessa logo depois que ela começou com as drogas. Eu vi que vocês não iam durar muito como casal. Você não parecia disposto a aceitar aquela vontade louca de Nina, o sonho de ir para as Luzes. Percebi que isso só levaria ela a um ciclo de autodestruição. Eu não pretendia separá-los ou roubá-la de você. Apenas esperava pelo fim.

Num primeiro momento, sentiu raiva de Nicolas, mas o que podia falar dele? O próprio Miguel abriria mão de tudo em que acreditava para reviver Alice e agora fazia parte do submundo do qual tanto sentira asco. E se, para salvar a androide, precisasse trair a confiança dos próprios amigos? Não sabia responder como agiria.

Balançou a cabeça negativamente e desviou o olhar para a janela. Só queria que aquela merda toda terminasse e as coisas voltassem para o lugar, mas os dias de abril pareciam disputar entre si para saber qual seria o mais perturbador.

– Miguel – interveio Nicolas, aproveitando a reticência do amigo –, eles machucaram a Nina?

– Bastante. Mas algo me diz que ela vai desistir dessa maluquice de uma vez por todas. E você? – perguntou o motoqueiro, apontando para as prateleiras vazias do consultório. – Vai fazer o que agora?

– Ainda não sei. Acho que agora vou ter que recomeçar. Estou pensando em me voluntariar para trabalhar em algum hospital daqui, talvez Pedro Ernesto.

O motoqueiro destrancou a porta e estava prestes a sair quando o amigo o interrompeu:

– Eu desinstalei todos os grampos e câmeras que o Comandante pediu para colocar na sua casa. Também deletei todos os arquivos que ainda não tinha enviado para ele.

– Obrigado, Nicolas. E, se puder, cuide da Nina.

– Pode deixar.

• • •

Anderson ainda não se sentia confortável ao lado de Alice, mas era impossível negar que a sua comida era impecável. Sem ter o que fazer na ausência dos motoqueiros, ela passou a manhã lendo livros e preparando um almoço especial para os dois, mas o desvio de Miguel para encontrar Nicolas arruinou seus planos.

Os dois trocaram poucas palavras até a comida ficar pronta. Desde o primeiro encontro, na enfermaria improvisada no casarão do Comandante, Anderson ainda via “aquilo” com desconfiança. O motoqueiro observou-a cozinhar atentamente, mas não com o medo de alguém que espera ser traído no segundo seguinte, mas a curiosidade de quem tenta achar algo que denunciasse sua artificialidade.

Alice serviu um suculento bife grelhado com rúcula e tomate seco acompanhado de suco preparado por ela mesma. O motoqueiro não se lembrava da última vez em que comera um prato tão bem preparado e evitou se intimidar com o olhar fixo da cozinheira do outro lado da mesa.

– Ficou bom? – ela finalmente indagou, quando Anderson estava quase terminando o prato.

– Sim, está delicioso. Muito obrigado, Alice. – Ele perdeu a vergonha de encará-la nos olhos e finalmente fez a pergunta que tanto o incomodava. – Me conta uma coisa. Você e Miguel são... o quê?

– Eu não sei, Anderson.

O tom de voz dela deixava transparecer uma desolação distante que o motoqueiro tentava alcançar.

– Eu não tenho ideia da relação que vocês têm um com o outro, mas ele tem um carinho enorme por você. Achei até que ele estivesse apaixonado no começo, mas há pouco tempo percebi que toda aquela loucura pra te salvar era só preocupação. Mas e você? Como você se sente em relação a ele?

– A gente passa noites em claro. Conversamos sobre vida, sobre arte, sobre tudo. Mas eu não sei. Não sei nem o que sentir a respeito de mim mesma. O que eu posso dizer é que ele é uma espécie de... companheiro de jornada.

– Jornada?

– Sim, a jornada da existência. – Ela puxou o prato dele, separou os copos e talheres na pia e voltou para a mesa. – Para vocês, a existência individual é um pressuposto atrelado à própria formação da identidade. Todos vocês passam a vida inteira aprendendo que são únicos, que são seres autônomos com amores e vontades próprias. Esse não é o meu caso.

– Quer dizer que você ainda está se adaptando à ideia de existir, é isso? – Ela confirmou com a cabeça. – Fuçar com motos me fez aprender um pouco de tecnologia, mas ainda não tenho o conhecimento que alguém das Luzes teria. O que sei é que um programa de computador segue as instruções do seu programador. Como você pode saber se tudo o que você está vivendo até agora não é um passo a passo que alguém colocou no seu cérebro?

– Eu faço a mesma pergunta para você.

– Não é a mesma coisa. – Anderson sorriu e desconsiderou a pergunta. – Eu tenho um cérebro orgânico e uma consciência que não responde apenas a impulsos predeterminados.

– É aí que você se engana – corrigiu Alice. – Você também tem um código-fonte, como qualquer programa de computador tem. O DNA, segundo a ciência, é apenas uma compilação de informações responsáveis pelo

funcionamento de todo o seu corpo, até dos seus sentimentos. Há genes que influenciam no caráter e humor das pessoas. Toda essa informação, junto das suas experiências individuais, define o que você é. A individualidade de vocês é fruto dos códigos únicos formados pela combinação genética dos seus antepassados.

Anderson silenciou. Era ateu, o que fazia a explicação de Alice ser perfeitamente plausível segundo suas crenças – ou a falta delas. Não acreditava em alma ou qualquer princípio formador que não fosse sua própria carne.

– Você tem sentimentos? – ele insistiu.

– Sim, mas não sei até que ponto – admitiu. – Eu sorrio, me admiro, me irritado. Ontem eu fiquei nervosa quando soube da ida de vocês para as Luzes. Eu fiquei com medo de perder Miguel e só consegui descansar quando o Comandante me ligou para dizer que tudo deu certo.

– Você sabe quem nós fomos resgatar, não sabe?

– Sim. Era Nina, ex-namorada do Miguel. Ele me falou muito sobre ela nas nossas conversas. Parece ser uma menina muito... – Alice se calou. Não sabia ainda como defini-la, apenas que não gostava das suas atitudes. – O jeito dela é tão mesquinho e egoísta. Não consigo compreender como alguém pode ser daquele jeito. Acho que desgosto dela.

Anderson deu uma risada que deixou a androide confusa e finalmente se levantou da mesa. Diante da pergunta estampada no rosto de Alice, deu-lhe uma resposta.

– Diga olá ao sentimento chamado ciúme.

• • •

O fim da tarde nos Escombros trouxe consigo um comboio de blindados das Luzes. Os veículos estacionaram na saída do Túnel Rebouças e ficaram à espreita, predadores de aço aguardando o melhor momento para dar o bote. O

Sol se escondeu das metralhadoras antiaéreas que traziam a tiracolo e sumiu por trás do horizonte de prédios destruídos.

Quando a última luz natural desapareceu, o gemido dos transformadores morrendo engoliu a parte pobre do Rio de Janeiro. A única iluminação vinha dos faróis do comboio, que rasgaram a escuridão até o centro da Praça da Bandeira e pararam em frente ao quarteirão que reunia os bares e oficinas dos motoqueiros.

Sem qualquer aviso, os primeiros tiros dos blindados foram disparados quase ao mesmo tempo em que os soldados de elite da Spartan desciam dos veículos com seus aparelhos de visão noturna e escolhiam os primeiros alvos.

– Autoridades da Rio Alfa começaram hoje uma operação de repreensão às gangues de motociclistas no Rio de Janeiro. A Spartan Solutions comanda a iniciativa na Rio Beta, de onde os invasores da noite passada vieram. No rastro de destruição que deixaram na Zona Sul, cinco pessoas foram mortas, inclusive o jovem Caio Ferreira de Castro, filho do presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro.

A câmera do repórter aéreo não focava nas vítimas por razões óbvias. As balas feitas para derrubar aeronaves dilaceravam os motoqueiros e transeuntes. Os mais sortudos tiveram tempo de subir em suas motos e desaparecer pelos becos ilesos. Um grupo tentou pegar armas e contra-atacar, mas não foi páreo para o poder de fogo das tropas da Spartan. Fachadas inteiras de prédios e casas ficavam carcomidas pelo apetite das metralhadoras, que só descansaram quando perceberam que já não havia mais qualquer sinal de vida no quarteirão.

– Segundo declarações enviadas por Myang Tseng, presidente da Spartan, “a morte de um dos nossos cidadãos mais ilustres não pode ser tratada com descaso”. Da China, o empresário ordenou o ataque às facções de motoqueiros na Rio Beta e garantiu que os culpados serão trazidos à Justiça.

A principal emissora das Luzes encerrou a cobertura e os soldados da Spartan se reagruparam na Praça da Bandeira. De boca em boca, corria pelos

Escombros a notícia do ataque. As mães corriam desesperadas pelas ruas colocando os filhos para dentro e um pesado silêncio antecedia os próximos passos da operação.

Pelo rádio, Miguel não acreditava no que ouvia. O Comandante garantiu a ele e Anderson que o ataque era uma represália pela incursão na Rio Alfa e pediu que nenhum deles intervisse. Tinha vontade de pegar a sua moto e se entregar, mas estava claro que a operação não buscava justiça. Buscava retribuição.

A certeza de que todas aquelas mortes eram culpa sua o apavorava. Deitado num canto do apartamento para evitar balas perdidas, sentiu Alice segurar a sua mão, mas não tinha coragem de olhá-la nos olhos. Sentia apenas vergonha.

– Uma coisa é vocês invadirem as Luzes de surpresa, como vocês fizeram ontem. Outra é atacar esses blindados. Vocês não têm a menor chance, seria suicídio – disse o Comandante, negando mais um apelo de Anderson para ordenar um contra-ataque. – Agora só podemos esperar essa merda acabar.

O comboio se dividiu em dois. Quatro blindados permaneceram na Praça da Bandeira enquanto os três restantes penetraram ainda mais nos Escombros. O apartamento onde os três moravam dava de frente para a praça, mas eles não se atreviam a colocar os rostos para fora. Agachados no quarto, eles conseguiam ouvir apenas o ronco dos motores desaparecendo à distância.

– Algum de vocês ficou ferido? – Perguntou o Comandante. – Não consigo falar com Juan e Fred, mas acredito que eles estão vindo para cá.

– Não, todos saímos inteiros de ontem – respondeu Miguel. – Por quê?

– Vou mandar para vocês a transmissão de rádio que captei dos blindados. – Eles escutaram um clique do rádio e uma voz rouca assumiu a transmissão. – “Tango para Omaha, dois dos Fantasmas estão no antigo hospital universitário. Mande três unidades para lá. Repito, mande três unidades para lá”.

Anderson e Miguel tentaram, em vão, contatar os outros dois companheiros. Temiam pelo pior e sabiam que não haveria tempo de chegar ao hospital antes das tropas da Spartan.

O som de baques abafados e gritos chamou a atenção dos três, mas não os preparou para a explosão que viria em seguida. A bola de fogo que engoliu a praça tingiu de laranja a fachada dos prédios no entorno. Correram até a janela para ver o que acontecera e deram de cara com dois blindados capotados e em chamas.

Olhares curiosos saíram de seus esconderijos e encontraram a resposta no Golias, um dos gêmeos gordos da Éden. A aberração carregava consigo um lança-granadas M-32 cujo tambor semelhante ao de um revólver continuava a girar impiedosamente, disparando na direção dos soldados com um som oco. As tropas da Spartan se juntavam para contra-atacar, mas um vulto pulou do alto da passarela no meio deles e começou a retalhá-los numa velocidade sobre-humana.

No meio de vários adversários confusos, Angra mirava armas e pescoços com suas mãos, cortando-os numa dança ritmada pelos disparos de Black. Com um rifle de longa distância, o psicopata de longos cabelos negros alvejava seus alvos com tiros precisos. Todos os soldados que tentavam se afastar do grupo e atacar a psíquica à distância acabavam perfurados pela inclemência dos projéteis da Remington. Em pouco tempo, estavam todos mortos.

Começou com um aplauso tímido seguido de gritos de aprovação. Logo, toda a população local berrava elogios à gangue de Angra, que ignorou a ovação, buscou suas motos e partiu atrás do outro comboio. Para trás, a Éden deixava um rastro de corpos e perguntas para Anderson e Miguel.

• • •

Os Escombros ainda se recuperavam dos estragos da noite anterior quando Juan bateu de ré com um caminhão alugado na garagem da Éden,

derrubando com facilidade a porta de metal. Com o caminho livre, um desanimado Miguel desceu do banco do carona e lançou um olhar descrente na loja. Não havia absolutamente nada ali.

As motos, ferramentas, lâmpadas e até os móveis tinham sido removidos na madrugada. Somada ao completo desaparecimento da Éden após a vitória contra as forças da Spartan horas antes, aquela descoberta selava o completo fracasso dos Fantasmas. Eles não apenas perderam a única chance de investigar a origem de Angra, mas deixaram a gangue rival se tornar uma lenda.

Em toda a cidade, só se falava do feito da motoqueira. No pequeno jornal artesanal que rodava na Rio Beta, nas conversas de bares, ruas, hospitais, mercados. Não havia um morador dos Escombros que estivesse alheio aos feitos de Angra contra a Spartan. O que mais comemoravam era a maneira como os quatro motoqueiros salvaram o hospital universitário.

Quando os soldados exigiram dos médicos a entrega dos Fantasmas e ameaçaram metralhar a frente do hospital com as antiaéreas caso não atendessem às exigências, a Éden acabou com o que restava das forças da Spartan sem que nenhum dos seus homens se ferisse. Na contramão, a covardia dos Fantasmas por não dar as caras e a invasão insensata deles nas Luzes no dia anterior caíram no desgosto popular. Até no quarteirão dos motoqueiros, onde poucas semanas atrás predominava o ódio coletivo contra Angra e seus homens, o luto pelos mortos exaltava a reação da Éden.

Com a ajuda de Miguel, Juan colocava as motos e tudo mais da garagem dos Fantasmas no caminhão. Não havia mais segurança para eles ali, apenas xingamentos e a ameaça de um ataque iminente.

– A maior merda que eu fiz foi entrar nessa invenção do Fred – rosnava Juan. Pela primeira vez desde que o conheceu, Miguel via traços de cansaço em seu rosto. Ele era um dos motoqueiros mais antigo dos Escombros e, por debaixo da barba clara e da falsa coragem que vinha da cocaína, teve uma

noção de todo o seu desgaste. – Agora a gente não tem mais nada. Você aposta quanto que esses caras das Luzes não vão pagar um centavo pra gente?

– Dinheiro não é problema pra eles. Pagar eu acho que eles vão – admitiu Miguel, entregando-lhe uma pesada caixa de ferramentas. – Só que agora nós estamos todos um pouco queimados.

– Um pouco queimados? Um pouco? Miguel, se a gente esperasse até o final da tarde para esvaziar isso aqui, provavelmente teria aparecido uma multidão só para linchar a gente. Há um mês, ninguém falava em gangues sem tocar o meu nome. Agora eu sou a merda da merda. Até os caras dos Caçadores estão me ignorando. Liguei pra eles a manhã inteira e nada.

Do lado de fora da garagem, as pessoas que passavam pela rua olhavam para eles com desconfiança. Provavelmente estavam reconhecendo os dois, mas ainda não tinham certeza. Miguel comemorou a falta de tecnologia nos Escombros. Se a informação corresse mais rápido, já teriam sido atacados há muito tempo. Os poucos que sabiam quem eram e tinham a audácia de provocá-los soltavam um palavrão ou outro, mas não ousavam avançar.

– Eu sou novo nesse meio, Juan. Mas a gente tem alguma chance?

– Chance do quê, garoto? – resmungou o motoqueiro. O grosso da mudança, as motos, peças e ferramentas, já estavam no caminhão. Faziam apenas uma varredura nos móveis para ver se não faltava nada. – De descobrir alguma coisa sobre essa tal de Angra? Esquece. Até os caras das Luzes estão batendo cabeça. Ou a gente acaba com a Éden na batalha das gangues, ou foge enquanto é tempo.

– Fugir? Para onde?

– E eu sei lá. Os Escombros são cercados, mas não é uma região pequena. Às vezes minha vontade é de tocar o foda-se, ir morar em alguma favela isolada e abrir um botequim com o dinheiro que eu tenho.

– Não é o que eu esperava de você. – Miguel sentou no banco de carona do caminhão, arriou o vidro e colocou o braço para fora da boleia. – Achei que você gostasse disso tudo.

Passaram com o caminhão pela Praça da Bandeira e se depararam com curiosos no entorno dos blindados destruídos. Todo mundo queria saber um pouco mais sobre a ação da Éden no dia anterior. Apesar da euforia e da curiosidade, uma gigantesca interrogação pairava sobre a cidade partida. Depois daquele ato de rebeldia, o futuro dos Escombros nunca pareceu tão incerto.

– Uma hora você cansa, garoto. Já perdi muito amigo botando o rabo na linha de fogo para as Luzes. Já matei muita gente. Hoje, eu não consigo fazer mais nada sem dar um teco. Foda-se o que falam sobre as drogas, o que me mantém de pé é a cocaína.

– Você começou nas motos com quantos anos?

– Aos vinte e cinco. E já tenho quase vinte anos nessa merda.

– Não sabia que você tinha começado tão velho.

O motoqueiro deu um sorriso franco e seus olhos adquiriram um brilho diferente. Quando ele começou a falar, teve a impressão de que estava ao lado de outra pessoa, de que uma casca havia se quebrado.

– Eu não entrei nisso por causa de dinheiro, Miguel. Eu entrei que nem você, pra salvar uma pessoa. E eu nunca mais saí.

“Eu já era casado, tinha até uma filha. Trabalhava como padeiro longe daqui, em Marechal Hermes. Vivia numa miséria aceitável para os padrões dos Escombros. Casei com uma amiga de infância, tive meu primeiro filho aos vinte, era honestamente feliz e não tinha grandes pretensões. Eram bons tempos.

“No meu aniversário de vinte e cinco anos, minha casa caiu. Meu pai teve um AVC e ficou muito debilitado. A gente tratava dele em casa mesmo, mas às vezes tinha como fugir. Tínhamos que vir até o hospital. Para fazer exame, essas coisas. AVC é uma merda, mas com fisioterapia e paciência, as pessoas se recuperam. Eu fiquei abalado, mas a merda de verdade só aconteceria semanas depois, quando descobrimos que ele tinha uma doença chamada miocardite.

“Eu não sei explicar direito o que era, lembro que um dos meus irmãos falava sobre uma inflamação no coração causada por um vírus. Sei que os médicos deram pra ele uma estimativa de vida de menos de um ano. Isso porque, milagrosamente, ele sobreviveu à primeira crise da doença, coisa que a maioria das pessoas raramente consegue fazer. Mas ele era um touro filho da puta de tão forte, dá pra entender.

“A resposta que recebíamos era sempre a mesma. Só um transplante de coração poderia salvar a vida dele e ninguém nos Escombros estava preparado para uma cirurgia dessas, não havia equipamento, gente especializada, porra nenhuma. Mas eu fuzei tudo, andei de cima pra baixo nessa cidade e encontrei um médico que me deu um preço irreal. Se eu pagasse o suficiente, ele conseguiria um coração no mercado negro e uma unidade de tratamento móvel das Luzes para fazer o procedimento.

“Era uma quantia absurda e meus irmãos não se animaram com a ideia. Talvez juntando durante alguns anos, conseguiríamos a grana, mas não dava tempo. E, pra falar a verdade, todo mundo na família já tinha se conformado com a morte dele. Apenas esperávamos a hora chegar.

“Miguel, eu não sei como é a sua relação com seus pais, mas eu adorava o meu. Eu cresci colado nele. Foi com ele que aprendi a ser padeiro. Foi ele quem me mostrou as músicas do Roger Waters. Até a pegar mulher eu aprendi com ele. Eu não me conformei, cara. Eu queria aquela grana de qualquer jeito e sabia que a única maneira era nas gangues ou no tráfico de drogas. Como eu não ia com a cara daqueles funkeiros favelados, aluguei a moto de um motoqueiro que ficou parálítico e cáí dentro.

“Claro, minha família inteira caiu de pau em mim por causa daquilo. Até o meu próprio pai, que detestava qualquer fora da lei, fosse motoqueiro ou traficante. Jovem, ele chegou a espancar um irmão mais velho que se aventurou como soldado numa boca de fumo e o arrastou de volta pra casa. Pra ele, trabalho justo era a única forma de fazer dinheiro, mais nada. Mas eu

ignorei todos eles. Foda-se a opinião dos outros, eu queria o meu pai vivo. Não ia deixar ele morrer com quarenta e poucos anos.

“A vida de motoqueiro começou devagar, mas em uns dois meses eu já tinha feito algum nome. Eu era bom de porrada, maluco e todo mundo gostava de mim. As missões e as brigas começaram a valer cada vez mais grana e às vezes eu passava vários dias seguidos na Praça da Bandeira. Minha família me detestava, cara. A minha esposa foi morar com a mãe dela e sequer abria a porta pra mim quando eu tentava visitar nossa filha. Na cabeça de todos eles, eu era só um bandido.

“Sabiam que, naquele estado debilitado, meu pai não ia resistir à notícia de que o filho predileto virara um motoqueiro. Meus irmãos não me deixavam nem visitá-lo. Foi aí que eu cresci ainda mais nesse meio. Eu era um moleque novo, puto, sem família e sem nada a perder. Eu era forte e, ao contrário da maioria, minimamente inteligente.

“A grana começou a entrar, mas eu incorporei toda a vida de motoqueiro. Orgias com as putas da Vila Mimosa, bebedeiras de madrugadas inteiras, drogas. Tudo no pacote. Era uma vida que eu sequer imaginava, que eu nunca tinha experimentado. E a saudade da minha mulher e da minha filha só piorava as coisas. Eu tentava me esquecer delas nos porres, nas festas, em cada puta que eu pegava. Até que eu consegui a grana toda. Voltei pra Marechal Hermes como um herói volta de uma guerra e mostrei pra minha família tudo que eu havia conquistado. Como resposta, eu ouvi um não, você acredita? Um não absoluto. Depois de muito insistir, eles aceitaram em apresentar a proposta ao meu pai. E é isso que até hoje me dói mais”.

– Ele disse não? – interrompeu Miguel, aproveitando o silêncio demorado do motoqueiro. O caminhão começava a subir a ladeira que dava no casarão do Comandante, onde mais homens armados do que o de costume faziam a guarda.

– É. Ele negou. Disse que era a maior vergonha da vida dele saber que seu filho estava no crime.

Seus olhos brilhavam. Miguel se perguntava se mais alguém sabia daquela história e duvidava que os outros Fantasmas tivessem ideia daquilo.

– Ele morreu de desgosto uma semana depois. No leito de morte, meus irmãos disseram que ele perguntou por mim. Disse que queria me ver antes de ir.

– Que merda, cara – limitou-se a dizer.

Miguel não sabia se o brilho nos olhos de Juan escondia lágrimas que se recusavam a descer, mas sentia que era melhor a conversa terminar ali. Quando desligou o motor do caminhão, o motoqueiro perdeu-se em pensamentos e ficou encarando a imponente moradia do mafioso.

– É engraçado, não é? Para gente como o Comandante ou aqueles malucos das Luzes, a vida é como um conto de fadas. E mesmo assim eles conseguem fazer merda, conseguem ser até piores do que a gente. Se eu tivesse metade disso, Miguel, hoje eu teria a minha casa, mulher, filhos, e meu pai, se bobear, ainda estava vivo.

Os motoqueiros desceram e deixaram as chaves do caminhão com os seguranças do Comandante antes de entrarem no casarão.

– O que eu quero dizer com tudo isso, cara, é que essa vida absorve a gente. Assim que você conquistar o que precisa, saia dessa merda. Por mais que eu queira voltar a ser o padeiro pai de família de antes, por mais que eu saiba que era mais feliz daquele jeito, hoje sei que matei meu “eu” antigo pra sempre. Não tem mais volta.

• • •

A imagem estática de um concentrado Karl Marx iluminava a sala de reuniões do Comandante, cujo manequim equipado com um televisor continuava rigorosamente na mesma posição de antes. A fumaça concentrada pelos cigarros de Juan e Fred deixava o clima ainda mais denso.

– Nós não temos ideia de onde procurar – admitiu Fred. – E a gente não tem ideia de como ela enfrentou os caras da própria Spartan se eles estão juntos nessa. A impressão que eu tenho é a de que alguma coisa vazou. Alguém caguetou a existência do Oráculo e a Éden fez a limpa na garagem.

– É uma possibilidade real. – O Comandante tinha a voz mais pesada do que o de costume e parecia tão exaurido quanto os motoqueiros. – E nem sabemos onde Angra se meteu depois do confronto.

– Mas você ainda mantém a rede de câmeras da antiga Companhia de Trânsito do Rio, não é? Achei que fossem seus olhos nos Escombros – insistiu o negro.

– E são, Fred. Mas a Éden sumiu justamente depois de passar numa área que é um enorme ponto cego. Nós reviramos o bairro inteiro, mas não encontramos nada. De algum jeito, ela conseguiu chegar ao seu novo esconderijo. Falando nas câmeras, as gravações do confronto têm algo interessante para vocês.

O paraguaio que trabalhava para o comandante entrou na sala com um monitor de tela plana nas mãos e o instalou na mesinha de centro. As cortinas fechadas e o fedor de tabaco começavam a irritar Miguel, que assistiu com impaciência o homem montar a aparelhagem. Ele conectou um *plug* que vinha das costas do manequim no monitor e saiu tão calado quanto entrou.

Reconheceu rapidamente a primeira imagem que apareceu na tela. Agora de outro ângulo, Angra atacava impiedosamente os soldados da Spartan na Praça da Bandeira. A cena mudou para a entrada do hospital universitário, onde seu grupo enfrentava o restante do comboio. Novamente, os tiros de lança-granadas de um dos Golias e Black com um rifle de longa distância deram assistência à líder da gangue, que encerrou a ameaça em poucos segundos. No fim, o outro Golias aparecia dirigindo um pequeno caminhão e levou o grupo embora. O *loop* manteve as cenas se repetindo indefinidamente.

– Deveríamos ser nós lá, e não eles – desabafou Miguel.

– Não é para isso que estou mostrando esses vídeos para vocês. Os Fantasmas não teriam nenhuma chance contra todo esse armamento. Quero que prestem atenção nisso – instruiu o Comandante.

Ele pausou o vídeo no momento em que Angra pulava do alto da passarela da Praça da Bandeira no meio dos soldados e começava seus ataques. O *zoom* aproximou a imagem, que ficou mais precária. Apesar da baixa qualidade, conseguiram acompanhar de perto os movimentos da psíquica.

O Comandante percebeu que os motoqueiros novamente não perceberam o que acontecia e voltou a imagem. Dessa vez, um pequeno círculo vermelho apareceu onde ele queria que concentrassem suas atenções.

– Prestem muita atenção nas armas dos soldados.

Logo que Angra caiu no chão e liquidou dois inimigos mais próximos, um atirador a alguns metros de distância apontou a arma para ela e puxou o gatilho. Dificilmente um soldado treinado erraria um disparo daqueles, mas a arma travou. O mercenário ficou desesperado, deu duas pancadas no cano e voltou a apontá-la contra a mulher, mas já não havia mais tempo. Ela já pulara em sua direção com uma faca na mão direita, enterrando-a no pescoço.

O Comandante adiantou novamente as imagens e focou noutra soldado próximo de Angra. A situação se repetiu e a arma falhou novamente, mas o mercenário da Spartan desistiu do equipamento e tentou atacá-la com as próprias mãos.

Outro avanço nas imagens, que dessa vez mostravam a batalha em frente ao hospital universitário. A jovem foi surpreendida por dois soldados que lhe apontaram suas submetralhadoras à distância de um tiro certo. As armas dos dois falharam e ela não teve problemas para livrar-se deles.

– Legal, nossa heroína agora pode inutilizar armas. É isso? – indagou Juan. – A nossa situação só piora a cada segundo.

– É o que parece. Ela não se arriscou nem um pouco no show de ontem – avaliava o Comandante. – Procuramos tudo de confidencial que as empresas

das Luzes tinham a respeito de psíquicos e esse poder em particular nunca foi registrado. Você se acha capaz de fazer isso, Miguel?

– Não me passa nem pela cabeça.

– É o que eu imaginava. A impressão que tenho é a de que ela aprendeu a invadir aparelhos eletrônicos ao seu redor com a mente. Não sei se vocês já pegaram nas armas da Spartan, mas todas elas têm controladores eletrônicos, minicomputadores de bordo, identificadores de alvos e ponteiros de realidade aumentada. É um sistema excelente, mas parece que não está livre de falhas.

Miguel deixou o corpo escorregar na poltrona vitoriana. Como se já não bastasse parecer sempre estar um passo à frente deles, Angra agora conseguia interferir em aparelhos ao seu redor. Para piorar, a proximidade do confronto direto com ela o deixava ainda mais tenso.

– Você colocou Nicolas para vigiar nós quatro, Comandante – lembrou Miguel. – O Fred levantou a possibilidade de os nossos planos terem vazado. Em algum momento, um de nós deixou vazar a informação do Oráculo, mesmo que por acidente? – Juan, Anderson e Fred o olharam com desconfiança, mas ele tentou se justificar. – Não estou achando que alguém daqui vendeu a gente, mas eu mesmo posso ter comentado isso com alguém e não me lembrar.

– Isso também passou pela minha cabeça e eu já chequei todo o material que o Nicolas me passou. Pelo menos no material que tive acesso, vocês sequer comentaram isso com alguém de fora. Eu não vejo como isso poderia ter vazado.

– E do lado de lá? Nas Luzes? – indagou Fred.

– Os únicos que mantêm contato direto conosco são Gian, Ruby e Scorza. Tenho certeza de que nenhum deles nos traiu, mas não sei se os canais de comunicação deles estão comprometidos.

Juan se levantou, ajeitou as roupas e caminhou na direção da porta. Estava irritado com a falta de novidades na reunião e a recente revelação de que o Comandante deixara todos grampeados não lhe caiu bem.

– Cabeça de tela, me desculpa, mas a gente não tem mais o que conversar. Eu sei que você chamou a gente pra morar contigo porque quer manter nossas rédeas bem curtas. Vou arrumar meu novo quarto, é o melhor que posso fazer.

– Sintam-se livres para usar as dependências da casa. Isso é para a sua própria segurança. Não há mais grampos em vocês.

Miguel dividiu com Alice um pequeno quarto do casarão. Ele passou a maior parte do dia na cama, lendo livros, enquanto a androide se resignava com a tristeza imposta pela decepção dele. Fazia um calor dantesco para uma tarde de abril e só Fred se aventurou em sua moto e foi para as ruas.

Não só eles sabiam que havia pouco que pudessem fazer, mas também não tinham mais certeza sobre a luta que travavam. O confronto entre Angra e as forças da Spartan indicava alguma ruptura entre as partes, mas notícias das Luzes davam conta de que a empresa de segurança não comunicara qualquer mudança de postura a Scorza e Ruby. A menos de uma semana da batalha das gangues, os Fantasmas julgavam saberem menos agora do que no começo do contrato.

Com a mente exausta, mas sem um pingão de sono, Miguel trocou a cama pelos jardins no fim da noite e caminhou a esmo no entorno da propriedade. Esperava ter uma epifania repentina que lhe mostraria o que fazer no momento seguinte, uma revelação súbita que tirasse o grupo do poço no qual se encontrava. Como resposta, escutou apenas o zumbido do vento noturno e o canto das cigarras artificiais do Comandante.

Voltou à sala do manequim tronco que representava o mafioso e ligou o computador deixado à disposição deles. Não entendia muito de informática, mas o arquivo com o vídeo da noite anterior estava salvo bem na área de trabalho. Repassou-o dezenas de vezes até que o sono começou a perturbá-lo. E foi com os olhos quase pregados que percebeu o detalhe óbvio que escapara a todos.

• • •

Era quase uma da manhã quando Miguel parou a moto na entrada do hospital universitário. O pátio estava vazio e umas poucas pessoas aguardavam atendimento na recepção quando ele entrou pela porta da frente e andou apressado até o outro lado do prédio. Graças à falta de leitos, alguns doentes dormiam em macas e bancos nos corredores. Alguns moviam a cabeça para vê-lo passar, mas a maioria estava ocupada demais com o próprio sofrimento para lhe dar atenção.

Na passagem para o prédio anexo, um senhor careca e atarracado cochilava sentado e de braços cruzados atrás de um balcão. Um sanduíche enrolado em papel alumínio repousava ao seu lado.

– Lobato, Lobato – chamou Miguel cutucando-o pelo braço.

O velho levantou num pulo e logo o reconheceu. Lobato era pai de um amigo de escola de Miguel e os dois já haviam se esbarrado algumas vezes no hospital.

– Miguel? Garoto, está tudo bem contigo? Meu filho falou de você e...

– Lobato, está tudo bem comigo. Eu não tive nada com aquela merda toda de ontem. Mas eu preciso muito da ajuda do senhor.

Lobato o escutou com um pé atrás. A história que corria nos Escombros era a de que Miguel e seus comparsas foram os responsáveis pela resposta enérgica das Luzes, o que o colocava numa seleta lista de desafetos da cidade. Seu pedido também não era dos mais simples: revirar o necrotério do Pedro Ernesto.

– Por favor, Lobato, eu sei que não mandaram ninguém das Luzes pra buscar os corpos dos soldados mortos. Fiquei sabendo que eles estavam aqui. Eu preciso muito disso.

– Miguel, só de conversar contigo eu posso acabar linchado nas ruas, ainda mais te ajudando.

Sonolento, o senhor olhou para os lados e viu se alguém os vigiava. Faz-tudo noturno do hospital havia décadas, fora agraciado com o cargo de responsável pelo necrotério desde que o último funcionário se demitiu e não queria abrir mão da promoção.

– Eu posso perder meu emprego por isso, não vou ficar lá dentro contigo.

– Me tranca dentro do necrotério – sugeriu. – Se me acharem, digo que entrei aqui escondido.

Lobato não parou de resmungar um vasto repertório de palavrões e reclamações até destrancar a porta do necrotério. Antes de fechá-lo pelo lado de fora, deu um aviso.

– Porra, garoto. Você devia ir visitar seus pais em vez de ficar se metendo com cadáveres. Eles estão uma pilha de nervos por sua causa.

Ignorou o alerta de Lobato e foi para as gavetas do necrotério. A frente de cada uma delas era decorada por uma pequena placa com a data de entrada do corpo. O cadáver de uma mulher suja com cara de mendiga jazia na mesa central, seu tórax aberto para fins que ele desconhecia.

Abriu uma das gavetas com data e hora da madrugada anterior e confirmou suas suspeitas. Como de costume, o hospital deixava intactos os corpos de pessoas que não eram dos Escombros para evitar problemas com as autoridades das Luzes. O primeiro cadáver cuja gaveta Miguel explorou ainda estava vestido com o uniforme da Spartan e todo o seu equipamento estava lá, inclusive um rifle deitado em seu peito.

O primeiro tinha um ferimento à bala na cabeça, agora uma massa de sangue e carne disformes. Engoliu o nojo a seco, bateu a gaveta e partiu para o próximo. Procurava um corte lateral na garganta, ferimento que achou em vários deles. Angra era perita em usar as mãos como lâminas e pouco atacava os peitorais protegidos pelas várias camadas de fibra sintética dos coletes.

Depois de quase quinze minutos procurando o corpo certo, achou seu alvo. Praticamente intacto, ele ainda vestia os óculos de visão noturna e tinha

apenas uma faca fincada na jugular, a mesma que vira no vídeo, a mesma faca que levaria ao Oráculo.

A BATALHA DAS GANGUES

SEXTA-FEIRA, 16 DE ABRIL DE 2054.

– Eu estava preocupada com você – confessou Alice. – Uma hora você estava andando nos jardins, no momento seguinte sumiu.

– Desculpe, Alice. Reparei num detalhe do vídeo e tive que vir pra cá. Tô em Madureira, esperando o Oráculo chegar.

– Eu entendo. Tenta só avisar da próxima vez. Com tudo isso que está acontecendo, não dá para relaxar um segundo. – Ela ficou calada por algum tempo. – E me desculpe por ligar também. Eu deveria ter confiado em você.

– Não tem problema.

Depois que desligaram o rádio, Miguel se viu confuso. Esperava o Mercado de Madureira abrir com algo que poderia gerar uma reviravolta em mãos e, mesmo assim, seus pensamentos não saíam de Alice. Já não dava mais para negar que algo estava acontecendo entre ele e a androide, mas não sabia se deveria dar prosseguimento àquilo.

O tempo todo sentia-se vítima de algum engodo. Como se, quando finalmente se deixasse levar pela atração, acabaria descobrindo que tudo não passara de um delírio seu. Que, com uma simples análise apurada, descobririam que ela era só um androide programado para amar seus donos ou algo do gênero.

Beleza ela tinha de sobra. O corpo não era voluptuoso, mas muito bem moldado e definitivamente atraente. O rosto e os cabelos cacheados loiros lhe

davam uma aura angelical e era difícil tirar os olhos dela em alguns momentos. Mas isso era só superficial. Se quisesse uma mulher bonita, não faltavam prostitutas na Vila Mimosa, e todas a um preço bem acessível. O que o assustava eram as cicatrizes que ela poderia deixar.

De certa forma, já aceitava que ela era um indivíduo tão complexo quanto ele ou qualquer ser humano, talvez até mais. As noites de conversas em claro e os olhares acidentais que trocavam em momentos inesperados denunciavam isso. Talvez não tivesse tanto medo de ela se revelar uma simples máquina pré-programada, mas sim da ideia de se “relacionar” com um ser artificial, de se comprometer a amar um robô.

O movimento no mercado começou a ficar mais forte por volta das cinco e meia da manhã, mas só viu o Karmann-Ghia de Manoel quase duas horas depois. Facilmente reconhecível na multidão, ele vestia o mesmo fedora cinza e as roupas impecáveis da primeira vez que o vira. Trazia consigo no veículo Amélia, com suas roupas características de mãe de santo, o vestido branco, o pano enrolado na cabeça e os terços em volta do pescoço. A atendente, Amanda, apareceu logo depois.

Entrou na loja quando eles ainda acendiam as luzes e arrumavam os santos. A recepção não foi tão calorosa quanto imaginava. Manoel o cumprimentou com um aceno com a cabeça e Amélia apenas lhe dirigiu um olhar grave, sinalizando para que a seguisse até o porão nos fundos. O Oráculo sentou na mesma poltrona de palha da última vez e Miguel ficou numa das almofadas próximas.

– Meu filho, como vocês fizeram isso? Vocês colocaram todo o Rio de Janeiro nas mãos daquela mulher...

– Nós não imaginávamos isso, Amélia. Eu tive que...

– Sei que você fez isso para resgatar uma menina. Aliás, você parece ter um fraco por elas. Primeiro joga tudo para o alto e tenta salvar um androide. Depois, quase mata seus amigos para resgatar uma ex. Você pode parecer

bonzinho para quem anda contigo, meu filho, mas está na cara que pensa mais com a cabeça de baixo do que com a de cima.

Miguel silenciou e desviou o olhar. Pela primeira vez, perguntou a si próprio se não teria ficado longe de tantas encrencas se fosse tão indiferente às mulheres quanto Anderson.

– Se você está aqui, é porque precisa da minha ajuda – disse o Oráculo. – Me mostre o que você trouxe.

O motoqueiro lhe inteirou sobre a saída repentina de Éden da garagem na Praça da Bandeira, o sumiço dos seus pertences e a ideia de usar a faca para tentar descobrir mais a respeito de Angra. Ele entregou-a para Amélia. Não havia nada que a diferenciasse de uma faca militar convencional, era apenas uma lâmina grossa e bem trabalhada sobre uma base negra de carbono.

– Vamos lá, espero que você esteja preparado para mais uma daquelas viagens que nós fizemos da última vez.

Quando o Oráculo o tocou, sentiu novamente a sensação do corpo se perdendo e um clarão tomando conta de sua visão. Guiadas por Amélia, as imagens vinham atropeladas e Miguel não tinha controle sobre elas. Primeiro, se viu em avançados prédios de algum lugar que se parecia com as Luzes, depois ouviu sons de tiros e finalmente o burburinho de uma rua movimentada em horário comercial cujas calçadas estavam abarrotadas por centenas de pessoas.

Chegou a Rio Beta nas mãos de um homem que parecia um bandido qualquer de rua e, perto do fim, presenciou uma tempestade terrível no cais do porto dos Escombros. O estrondo de um trovão fez a imagem finalmente se fixar. Estava no saguão de um prédio comercial com as paredes carcomidas pelo tempo. O aspecto dava conta de uma construção luxuosa no passado, mas tudo o que conservava daqueles tempos era o quadro que indicava os escritórios do edifício, no qual alguns nomes ainda permaneciam intactos, e um relógio negro com ponteiros dourados e inoperantes que definhava na parede.

As motos da Éden estavam enfileiradas perto da entrada de vidro e os dois Golias permaneciam sentados como um par de estátuas ao lado delas, seus respiradores artificiais emitindo um sussurro constante. Em cima do balcão, um *tablet* atraía a atenção de Black e Angra. O psicopata se afastou da motoqueira e abriu uma mala retangular da qual tirou as peças do rifle de longo alcance. Enquanto montava a arma, puxou a faca militar e jogou-a na direção da companheira.

– Suas mãos são mais afiadas, mas você pode precisar disso – falou o rapaz, voltando os olhos para o seu equipamento logo depois. Agora que o via de perto, Miguel notava o quanto Black tinha um porte amedrontador. Os cabelos negros longos um pouco abaixo dos ombros, o rosto magro e o nariz aquilino davam ao olhar frio dele um ar ainda mais sinistro.

Angra pegou a faca no ar e colocou-a num compartimento na manga do *collant* militar que usava. A peça negra que lhe cobria todo o corpo parecia mais fina do que uma folha de papel. Além de alguns compartimentos espalhados pela roupa, usava também um cinto com espaço para armas e munição, mas ainda vazio.

– Você tem certeza de que isso é seguro? – ele indagou, impaciente com o silêncio dela. – A gente não vai estar lidando com motoqueiros dessa vez. E você não pode morrer. Por enquanto, minha liberdade depende da sua segurança.

– Nós estaremos de volta em menos de uma hora. Só preciso que você e um deles – apontou para os Golias – se posicionem nos lugares que indiquei e façam seus trabalhos. Com os soldados, eu me viro. Já capturei as transmissões deles e sei exatamente o passo a passo da operação.

Black terminou de montar o rifle, o engatilhou e conferiu os dispositivos para não ter qualquer imprevisto. Seu rosto, nem de perto, denotava alguma satisfação. A impressão que Miguel tinha era a de que ele não se importaria em matá-la no momento seguinte se sua vida não dependesse daquilo.

– Eu não te entendo. Você cresceu nessa latrina. Sabe mais do que ninguém que esse povo não se mexe pra porra nenhuma. Pra quê isso? Você realmente acha que, ganhando o carinho deles, vai conseguir alguma coisa?

– Acho – ela respondeu, secamente. Angra prendeu seus cabelos castanhos com uma fita e colocou uma pequena pistola no coldre. – Você vai entender já nos próximos dias.

– Lúcia, não sei o que aquele cara colocou na sua cabeça, mas isso não tem solução. Pelo menos não agora. Essas pessoas estão nessa situação porque querem. São pobres e excluídas porque nem lhes passa pela cabeça a ideia de lutar de volta, de crescer. Eles são felizes na mediocridade. Ninguém vai largar o conforto das suas camas, por mais bolorentas que sejam, para te seguir.

– Eu não busco a sua simpatia, Black.

Conectado à frequência de rádio da Spartan, o *notebook* tocou a mensagem que ordenava o começo das operações nos Escombros. Black deu um suspiro desanimado e Miguel notou uma leve alteração no rosto de Angra.

– Até o final do mês, você vai ver os moradores dos Escombros marchando em direção às Luzes. E eu vou cobrar a retribuição por eles. Nem que seja a última coisa que eu faça.

Miguel cruzou de volta a ponte da memória para a realidade num baque e, quando se recuperou, deu de cara com uma expressão confusa que pouco combinava com Amélia. Tão desorientado quanto ela, percebeu as lágrimas que desciam pela sua pele escura. O Oráculo se levantou, caminhou até a porta de entrada do porão e abriu-a, estendendo a mão para que o motoqueiro saísse.

– Eu tenho mais perguntas para você – insistiu ele.

– Eu não tenho nada para falar contigo, Miguel. Por favor, saia.

– Como assim? Nós combinamos que você nos ajudaria a parar Angra.

– Nós combinamos que eu ajudaria vocês a descobrirem mais sobre ela. E já cumpri minha parte no trato.

A senhora viu o medo e a confusão expressos no rosto do garoto e tentou se explicar:

– Miguel, diferente de você, que pôde apenas ver o desenrolar das memórias contidas naquela faca, eu consegui, mesmo que só por alguns segundos, ver o mundo com os mesmos olhos que aquela mulher vê – Amélia sorriu. – Ela sofreu muito até chegar aqui e vai derramar bastante sangue. Mas a visão dela é maravilhosa. Me desculpem, não posso mais ajudar vocês.

• • •

A primeira pessoa para quem Miguel deu a notícia de que o Oráculo não estava mais com eles foi Fred. O antigo líder da Peste tomava café da manhã sozinho na varanda do casarão. Esperava vê-lo triste, mas a reação dele não foi muito diferente do que vira em Amélia.

– Em um dia, perdemos tudo. Respeito, o Oráculo e nossa própria fé – ele disse, bebericando um gole do café amargo servido na casa do Comandante. – A vontade que tenho é a de nem seguir em frente com isso.

– Eu também – confessou Miguel. – Só vou cumprir o combinado e participar da batalha das gangues. O Comandante me deu a bateria da Alice, não posso simplesmente fugir agora. Não seria justo.

– Acho que os outros também vão pensar assim quando souberem disso. Ainda temos o dinheiro do resgate de Emmerich pra receber. Acho que essa batalha de domingo será a nossa última juntos, Miguel.

– Me desculpe por ter fodido todo nosso planejamento pra salvar a Nina. Se não fosse por isso, estaríamos em situação bem diferente.

– Será que estaríamos? – Fred terminou a bebida, levantou-se cadeira de madeira e se espreguiçou longamente, ajeitando os *dreadlocks*. – Isso foi até bom. Descobrimos que essa tal de Angra pode estar salvando os Escombros.

– Você sabe que não é tão simples, Fred. Isso ainda não explica a participação da Spartan. Nem apaga aquele show de violência na luta dos

motoqueiros.

Miguel percebeu que Alice vigiava os dois por uma das janelas. Forçou um sorriso para tranquilizá-la, mas a expressão da androide era séria.

– Lembra-se do que você disse para a gente quando tentamos te convencer a entrar para a gangue, logo no começo? Foi naquele bar em frente ao Pedro Ernesto. Você falou que a morte dos amigos de Anderson e Juan eram ossos de ofício, que eles mesmos escolheram esse caminho ao se tornarem motoqueiros – recordou Fred. – E você não estava errado, Miguel. Eles sabiam do risco quando se tornaram motoqueiros. Angra fez aquilo tudo para se promover e agora ela é adorada em toda a cidade. Porra, você sabe qual é o apelido dela agora?

– Não.

– Nossa Senhora dos Escombros. Vi uns babacas comentando isso ontem à noite, quando dei um rolé pra tentar investigá-la. Mas, como você mesmo disse, ainda precisamos descobrir o que a Spartan queria. E porque Angra os atacou.

Reuniram-se mais uma vez com o Comandante. Juan e Anderson se recusaram a participar do encontro e saíram com suas motos para a cidade. Quando falou a eles sobre as intenções de Angra, sentiu o conflito em suas expressões. Ainda que inconformados pela morte dos seus colegas de gangue, nenhum deles reprovava a suposta revolução que a Éden planejava, por mais que não falassem isso abertamente.

Dessa vez, não havia qualquer imagem na televisão pela qual o mafioso conversava com eles, apenas estática. Miguel não precisava ver o seu rosto de verdade para saber que até ele mesmo estava desanimado.

– Se Scorza ficar sabendo disso, é bem provável que intervenha diretamente nos Escombros. Ele vai querer a cabeça de Angra antes que ela dê início a essa tal revolução – comentou.

– Nossa parte acabou, então? – perguntou Fred. – E você não pretende falar com ele a respeito desse levante?

– Desde que nossa tentativa de roubar pertences da Angra falhou, passei a ter certeza de que nosso vazamento é do lado de lá. Não sei se é Scorza, Ruby ou alguém ligado a eles, mas nós combinamos que eu assumiria integralmente a responsabilidade pelas ações nos Escombros. Só vou passar alguma coisa para eles quando nosso contrato terminar.

– Na segunda-feira, no dia da batalha, não?

– Exato.

– Comandante, e eu? – adiantou-se Miguel. – Se falharmos nessa missão e não descobirmos nada sobre Angra, como fica a minha situação? Quero dizer, o pagamento pelo resgate do Emmerich é alto, mas ainda não cobre a bateria que alimenta Alice.

– Ainda não tenho uma resposta para você, Miguel. Mas, em último caso, posso utilizar seus serviços em outras frentes. Preciso fazer uma viagem e volto apenas domingo. Conversamos lá.

– Mas a batalha das gangues já é na segunda. O que faremos até lá? – questionou Fred, antes que o Comandante desligasse.

– Não morram. E evitem as ruas.

• • •

Nos dias seguintes, os Escombros viviam no limiar do desconhecido, como uma gigantesca entidade que desperta para a vida após anos adormecida. A mão que os conduzia permanecia invisível, vivendo apenas no imaginário popular. Angra se tornava uma lenda e a batalha das gangues deixou de ser um simples dia no calendário dos motoqueiros para figurar como ponto de ruptura com tudo o que tinham vivido até então.

Pela primeira vez desde que os muros da Rio Alfa foram erguidos, as Luzes viam o lado pobre da cidade não como uma legião de miseráveis, e sim como um rebelde perigoso. Folhetos apócrifos começaram a aparecer nas ruas, inflamando o povo contra as empresas. Os funcionários das fábricas das

Luzes na parte pobre da cidade largaram seus empregos. Dezenas de motoqueiros passaram a idolatrar Angra.

Logo na sexta-feira aconteceu o primeiro incidente violento. Funcionários da Spartan foram atacados na porta do hospital universitário enquanto tentavam reaver os corpos dos soldados mortos. Um deles acabou morto e os outros feridos. A população local exigiu que a direção do necrotério cremasse os corpos numa fornalha comum – destino dos indigentes –, e teve seu pedido atendido.

Naquela mesma noite, um comboio que transportava material naval para reparos numa instalação dos Escombros foi atacado por uma multidão de trabalhadores misturada com motoqueiros. Os motoristas dos caminhões, todos moradores das Luzes, foram mortos e seus veículos incendiados. Os episódios de violência começaram a se tornar mais frequentes e as grandes empresas precisaram mandar helicópteros para resgatar funcionários sitiados na parte pobre da cidade. Em cada ação, nunca se esqueciam de celebrar a nova heroína. “Angra” deixou de ser um nome para se tornar um grito de guerra.

Sem qualquer explicação, a Spartan não respondia aos ataques de maneira enérgica. As empresas que cobravam de Myang Tseng um posicionamento sobre a falta de segurança e as constantes rebeliões nos Escombros recebiam como resposta mensagens vagas e garantias vazias de que tudo seria apurado no seu devido tempo e que “as providências necessárias já estavam sendo tomadas”. A ausência de autoridades dava cores mais fortes aos protestos e, na noite de sábado para domingo, os Escombros viviam numa anarquia silenciosa. Não havia roubos nas ruas, conflitos de traficantes, sequer brigas. Era como se toda a população vivesse num estado de suspensão temporária, o silencioso milésimo de segundo que antecede uma explosão inevitável.

Miguel passou esses dias recluso no casarão. Lia, conversava com Alice e tentava viver sua vida da maneira mais normal possível até a batalha das

gangues. Tinha vontade de saber como estavam Nina e Nicolas, visitar seus pais ou simplesmente passear pelo centro, mas se privou de tudo para evitar a hostilidade da população contra os Fantasmas.

Eles não traçaram estratégia alguma para o confronto, não se reuniram mais nem ouviram qualquer palavra do Comandante e de seus contratantes das Luzes. Fred e Juan passavam a maior parte dos dias fora e voltavam mais desanimados do que quando saíam. A sensação de serem o contraponto da força revolucionária que se formava nos Escombros era a pior possível.

O motoqueiro não conseguiu dormir no dia que antecedeu o confronto. Tudo lhe perturbava e temia pelo futuro de Alice. Se o Comandante tinha sido capaz de tirar tudo de Nicolas, não via razões que o impedissem de fazer o mesmo com ele caso seus objetivos não fossem cumpridos. No meio da noite, um suntuoso carro prateado subiu o morro do casarão ao mesmo tempo em que o rádio de Miguel recebeu uma mensagem. Era do próprio Comandante: “Na nossa sala de reuniões, por favor”.

A noite dava ares de casa mal-assombrada à mansão, cujo movimento caíra substancialmente nos dias anteriores. O mafioso liberou a maior parte dos seus funcionários, alguns moradores das Luzes, para evitar que fossem pegos no turbilhão de caos no qual a cidade estava prestes a entrar.

Empurrou a pesada porta de madeira da sala de reuniões e se deparou com o cenário de sempre. As poltronas e sofás vitorianos, as cortinas vermelhas grossas, as janelas fechadas, o enorme lustre de vidro e a infinidade de câmeras de segurança captando cada movimento do quarto. A única diferença estava no centro do semicírculo que os assentos formavam. Em vez do manequim com a TV na cabeça, Gian o aguardava.

– Você, em nenhum momento, achava estranho receber ordens de um manequim com uma TV na cabeça? Honestamente, de todas as pessoas que me visitaram, você e seus amigos foram os que menos questionaram o meu gosto. – Gian vestia um Armani impecável muito parecido com o que o próprio manequim costumava usar. Ele encheu dois copos com cachaça e

ofereceu uma das cadeiras a Miguel. – Teve até um cara que puxou um revólver e atirou na minha televisão.

O motoqueiro assimilou a revelação aos poucos. Puxou da memória suas conversas com o Comandante e realmente percebeu que ele e Gian nunca estavam juntos. A primeira coisa que lhe veio à cabeça foi o resgate de Nina. Naquele dia, o Comandante parou de falar com eles justamente quando chegaram à boate Styx, onde Ruby os esperava.

“O Comandante gosta mesmo de você”. As palavras de Fred no túnel que levava às Luzes revolveram em sua cabeça como átomos num acelerador de partículas e se chocaram com as outras memórias daquela noite, como a simpatia excessiva de Gian. Não falou nada. Apenas sentou-se, tomou um gole da cachaça e absorveu o choque. Quando terminou a primeira dose, o álcool o ajudou a externar a pergunta mais óbvia.

– Pra que essa merda toda?

Gian observou os móveis ao seu redor, como se eles fossem responder Miguel por ele. De terno e com a maior parte das tatuagens encoberta, o motoqueiro o via um pouco mais imponente e menos carismático.

– Começou quase como uma brincadeira, cara. Já há alguns anos eu tomo conta das coisas aqui nos Escombros para o Scorza. Uma vez, para preservar minha identidade numa reunião com motoqueiros daqui, inventei isso tudo e a ideia acabou pegando – lembrou. Sua voz denotava um desgaste enorme, mas ele falava da sua jornada com orgulho. – Claro, no começo não era uma coisa tão trabalhada. Era só um monitor e olhe lá. Mas gostei da ideia e fui aperfeiçoando até criar o avatar que vocês conheceram.

– Então, o tempo todo, era só você fazendo o jogo do Scorza?

– Não. Aliás, ele nem sabe que sou o Comandante. Eu comecei como o faz-tudo dele por aqui. Era eu quem contratava os criminosos quando ele precisava, lidava com os motoqueiros, a porra toda. Quando me dei conta, conhecia tanta gente que já podia andar com as minhas próprias pernas por aqui. Foi então que separei uma grana e montei esse casarão.

Gian tirou o blazer, a blusa e os sapatos, acendeu um charuto, pegou a garrafa de cachaça e pediu para que Miguel o seguisse. Só então o motoqueiro percebeu a pista que estivera ao seu alcance o tempo todo. Entre as várias tatuagens espalhadas pelo torso do mafioso, estava a frase: *¡Hasta la Victoria Siempre!*, de Che Guevara. Os dois desceram até o térreo da mansão e sentaram no muro de pedra que separava o terreno do resto dos Escombros.

– Por que eu? – perguntou Miguel, finamente.

– Porque eu gosto de você pra caralho. De vocês quatro, aliás, mas especialmente de você. Quando nós tivemos aquela primeira reunião, achei que fosse esbarrar com um bando de leões de chácara de merda bancando os fodões. Eu só lido com esse tipo de gente aqui. Mas vocês me ganharam. Eu vi tudo de longe, com a ajuda do Nicolas. Eu vi Anderson subindo o Morro dos Macacos que nem um doente para te salvar, achando que era você quem estava prestes a ser queimado nos pneus. Vi suas conversas com Alice. Vi Juan e Fred comentando sobre como estavam preocupados contigo.

– Viu a gente foder a porra toda só pra salvar a Nina...

– Vi isso também, mas é como eu te disse na Styx. Sua sorte é que seus patrões são mais doentes que você. E me incluo nessa história. Aliás, aquela merda que vocês fizeram pode vir a calhar, dependendo do que essa Angra vai fazer quando...

– Gian, me desculpe, mas primeiro eu quero saber da Alice.

– Eu já disse, ela é sua. Não precisa se preocupar.

– Eu ainda não te entendo. Se nos trata tão bem assim, por que fez aquilo com o Nicolas?

Se os Escombros tinham alguma vantagem sobre as Luzes, eram as suas noites. Com o fornecimento limitado de energia elétrica, a cidade ficava majoritariamente às escuras e as estrelas brilhavam com intensidade. Do muro de pedra no alto do morro, tinham uma vista privilegiada dos céus. Gian virou um gole de aguardente direto da garrafa e respondeu uma pergunta com outra:

– Miguel, nos últimos meses, qual foi o momento em que você mais gostou de Nicolas? Quando foi que o viu mais lúcido?

O motoqueiro se esforçou e pensou em festas que frequentaram juntos, nas comemorações que fizeram logo após a descoberta de boas peças nos Escombros. Em nenhuma delas, ele conseguia sentir-se próximo do negro. Pensando bem, o momento mais lúcido foi justamente quando todas as mentiras caíram por terra.

– Foi ontem, quando nós nos despedimos.

– Eu imaginava. – Gian entregou a garrafa para Miguel e se concentrou em fumar encarando as estrelas. – Contratei o Nicolas para trabalhar comigo porque ele era bom no que fazia e conhecia muita gente. Mas nunca gostei dele. No início, só achava ele um filho da puta duas caras disposto a se aproveitar de qualquer um. Com o tempo, eu aprendi que ele não “era” assim, ele “estava” daquele jeito.

“O Nicolas vivia em cima de um castelo de cartas montado pelas próprias mentiras, Miguel. E já estava tão no alto que não conseguia mais descer. Ele mentia para você sobre as próteses, para a Nina, para mim, para os clientes, até para si próprio. Ele nunca esteve nem aí para ninguém, só para a ideia fixa de pegar a sua ex-namorada e levá-la numa viagem só de ida para os Escombros. Ele tinha até um bom objetivo, gostava dela, mas seguia todos os meios errados.

“Acho que você conhece a história do Juan, é parecida. Ele entrou para as motos “só” para salvar seu pai e veja quem ele é hoje. Ele incorpora todo o espírito dos motoqueiros. O Nicolas estava se transformando num verdadeiro filho da puta “só” para ajudar a Nina, mas é um caminho sem volta. Se eu pedisse, ele me dava as cabeças de vocês quatro numa bandeja. Tanto que grampeou vocês sem nem reclamar.

“Ele estava preso à ideia de levar a Nina. É assim com todo mundo, cara. As pessoas são muito cômodas. Elas não sabem buscar novas opções, vivem restritas ao caminho no qual caem e passam suas vidas lutando para se manter

dentro dele. Não sei se você me entende, mas eu puxei a base do castelo de cartas do Nicolas. Eu quis tirá-lo dessa vida. E acho que fiz um bom trabalho. Pelo que fiquei sabendo, ele ainda não conseguiu uma vaga para trabalhar no hospital universitário, mas se juntou a uns médicos que fazem consultas para pessoas carentes e já está trabalhando”.

– Você quer dizer que tinha até essa reação dele em mente? – interrompeu Miguel. – Não acha muito exagero tentar prever tudo isso? Ele poderia ter piorado, poderia tentar vendê-lo para outro criminoso e ganhar dinheiro à custa do que descobriu aqui.

– Você não entende, Miguel. Meu trabalho é gerenciar pessoas. Desde que eu era um executivo nas Luzes, sempre foi assim. Você é um exemplo. O que te impedia de tentar sumir com a Alice quando ela despertou? Seria uma merda te achar nos Escombros e você sabe disso. Mas eu te dei a bateria, não dei? Eu sabia que você não aguentaria a pressão, mas tinha certeza de que você era leal. Eu faço isso porque sei até onde posso levar as pessoas. Às vezes eu perco as minhas apostas, mas tenho ficado melhor com o tempo.

Miguel compreendia a lógica do mafioso, mas se recusava a acreditar que pessoas fossem tão facilmente manipuláveis, tão previsíveis. Enquanto os dois conversavam, ele sentiu pela primeira vez naquele final de semana uma dose de tranquilidade. Para o bem ou para o mal, em menos de 24 horas tudo estaria acabado e não precisaria mais pensar em Angra ou na Éden.

A tal revolução, se realmente acontecesse, não era problema dele. Ia pegar sua moto e Alice, levá-las para o canto mais distante da cidade e evitar confusões até que aquela história terminasse. Estava decidido a jogar tudo para o alto.

– O que você acha de amanhã? – indagou Gian, como se lesse seus pensamentos. – Acha que dá para ganhar da Éden?

– Não tenho a menor ideia. Só quero que isso acabe logo. Pra falar a verdade, não sei nem se realmente quero enfrentá-la. Só queria entender exatamente o que ela planeja.

– Confesso que ela me assusta, Miguel.

Um enorme helicóptero transportador cruzou os céus próximo ao morro carregando um contêiner de aço na direção das Luzes. As empresas aceleravam o ritmo da debandada, retirando seus equipamentos mais caros dos Escombros. Até no breu daquela noite, era possível sentir o peso invisível e a eletricidade que pairava no ar.

– Eu sei que você vai achar que sou um doente – prosseguiu Gian -, mas eu gosto dos Escombros.

– É fácil falar isso quando você tem todo esse dinheiro e a opção de ir e vir. – Miguel não escondia sua insatisfação com aquele pensamento. – Já ouvi muito desse papo de exaltar a pobreza e a humildade como se elas carregassem alguma pureza. Não é assim, cara. Quem vive aqui não tem opção, não tem futuro. E não tem nada de bonito nisso.

– Não me tome por um desses riquinhos rasteiros de esquerda, Miguel. Achei que você me conhecesse melhor.

– Então me diga, o que você vê de bonito nisso? – indagou, apontando para o horizonte de prédios destruídos.

– A situação dos Escombros é decadente e vocês vivem na miséria, isso não dá para negar. Mas o que vocês não percebem, nem poderiam perceber, é que aqui se criou uma sociedade diferente de tudo que se vê lá fora. Claro, a falta de segurança facilita a ação dos bandidos e muita gente morre de graça nessas ruas, mas vocês estão protegidos contra... contra a esquizofrenia lá de fora.

“Você não tem ideia de como as pessoas vivem nas Luzes e no resto do mundo. Nós vivemos hoje numa sociedade voltada para um bem-estar inalcançável, sempre atrás de uma felicidade que nunca vem. Trabalhamos em escalas cada vez mais árduas para manter o *status* social de um bom emprego, gastamos todo o nosso dinheiro com coisas que nós não precisamos e esperamos um momento de paz de espírito que nunca chega, a promessa de sucesso definitivo que nunca é cumprida. Diariamente, somos bombardeados

por uma quantidade tão grande de informação que nossos cérebros estão entrando em curto.

“Gastamos milhares de dólares para viver num estilo de vida mais estressante e desgastante do que alguém com uma fração dos nossos salários. E tudo isso acontece ao mesmo tempo em que 80% da população mundial se afoga na pobreza, na escassez de alimentos e, agora, na dificuldade até de encontrar água potável. Acho que, em nenhum momento da história da humanidade, a vida dos ricos foi tão supérflua e imbecil”.

– E é por isso que você anda com uma frase de Che Guevara nas costas e exibindo imagens de grandes comunistas como seus avatares? – provocou Miguel. – O problema disso tudo é que você elimina a escolha dos mais pobres. Na condição em que a gente vive, esse mundo alienado é um paraíso. É fácil pra você dizer, do alto da sua torre de marfim, que a vida dos pobres é mais digna quando nunca passou fome na vida, nunca viu as pessoas crescerem ao seu redor enquanto você fica na miséria.

– A questão é que você, crescido aqui, não consegue entender como os Escombros são fascinantes – rebateu. – É verdade o que você diz, as condições daqui são péssimas. Só não se engane pensando que os Escombros são parte de uma realidade cruel e única na história da humanidade. O próprio Rio de Janeiro sempre foi partido. Seja em quilombos ou em favelas, sempre existiram parcelas excluídas como vocês. A diferença é que a cidade de vocês é uma viagem de volta no tempo para uma época em que as pessoas eram um pouco mais próximas, a vida era menos fútil e as paixões mais verdadeiras. Vocês não têm a ilusão das redes sociais, não são bombardeados pelo marketing, não são joguetes políticos. Foi por isso que vim para cá.

“Eu reconstruí esse casarão para fugir das Luzes. Meu pai é diretor-executivo da Fiume e, para falar a verdade, sempre cagou para mim. Ele queria que eu fosse o primogênito capaz de refletir toda a glória empresarial dele. Quando viu que eu detestava aquela merda, passou a viver como se eu não existisse. Pouco se fodia para o que eu fazia. Arrumei grana, passei a viver

só e o Scorza transformou aquele meu ódio em algo produtivo. Aí acabei parando aqui”.

– Me desculpa – interveio Miguel, tomando um gole da cachaça –, mas a mansão que você tem aí atrás não me parece nada socialista.

– Acredite, cara, quase tudo comprado a preço de banana nessas lojas de móveis velhos. Alguns eu resgatei de casas destruídas e gastei uma grana para recuperar. Fiz isso tudo usando, sei lá, menos de 10% do que ganho nos Escombros, sabia?

– Como assim? E o resto?

– Claro, 10% do que eu ganho já é muita coisa. O resto eu uso para financiar algumas coisas por aí. Aquela escola no condomínio abandonado, a mesma que você estudou, recebe uma verba forte minha. O hospital universitário, os postos de saúde improvisados, o sopão dos famintos... tudo vem daqui.

Miguel ficou sem resposta e seus argumentos rolaram de volta queimando a garganta tanto quanto a cachaça. Tinha na sua cabeça a imagem de um Gian pseudocomunista tentando apaziguar suas próprias carências com alguma ideologia barata.

– Você converte o dinheiro do crime organizado dos Escombros e das Luzes em investimentos sociais aqui? Em suma, é isso? – concluiu o motoqueiro.

– Eu mesmo não definiria melhor.

• • •

Miguel vestia uma jaqueta preta por cima da blusa quando Alice entrou no quarto e ajudou-o com os últimos preparativos para a batalha das gangues. Entregou-lhe as luvas que o “Comandante” deixara para ele durante a madrugada e separou todo o equipamento numa bolsa de viagem. Por baixo das roupas, usava cotoveleiras, joelheiras e proteções no abdômen.

– Eu vou voltar vivo, eu te prometo.

Sem aviso, deu um beijo na testa da androide, que devolveu o gesto com um olhar confuso, mas feliz.

– Eu sei que você vai – respondeu. Se seu sistema circulatório artificial tivesse funcionalidades mais humanas, estaria com o rosto enrubescido. Não soube como reagir, mas teve certeza de que compreendia melhor o que algumas músicas dos Beatles queriam dizer.

Quando subiu na moto, do lado de fora do casarão, o Sol se punha e o céu dourado o lembrava de algum quadro que não conseguia nomear. Era o único a saber que, no terceiro andar, Gian os vigiaria o tempo todo naquela última missão. E o tranquilizava saber que Alice ficaria protegida com ele. As motos dos Fantasmas rosnaram pelas silenciosas ruas dos Escombros. Tudo estava deserto e os prédios semidestruídos mais mortos do que nunca. As portas das lojas não ousaram abrir e apenas um ou outro rosto perdido deu alguma atenção a eles no caminho para a última batalha.

A Praça da Bandeira era a antítese do resto dos Escombros. Todos os olhos e ouvidos da parte pobre do Rio de Janeiro se aguçavam para entender uma sensação que não tinham conhecido nas últimas décadas: a liberdade. Quarteirões antes de chegarem à praça, os motoqueiros se surpreenderam com a enorme concentração de pessoas. As ruas adjacentes estavam tomadas de sorrisos, faixas estendidas em prédios e gente se acotovelando para assistir de perto o clímax de sua nova heroína.

Aos Fantasmas, restavam apenas olhares de ódio e descrença. A multidão abriu caminho para que chegassem à garagem reservada a eles. Em todo o percurso, a sensação de Miguel era a de que aquelas pessoas estavam se segurando para não agredi-los com suas próprias mãos. Ouviram xingamentos e gritos louvando Éden antes de fecharem as portas de metal da garagem, deixando Fred e Anderson seguros para checarem as motos uma última vez.

– Tem uma galeria aqui atrás? – perguntou Miguel. Além da saída que dava para as ruas, a loja tinha uma porta pela qual um longo corredor escuro

se estendia. Já reparara naquele prédio antes, mas ele estava sempre fechado.

– Sim. Era uma galeria comercial antigamente, mas hoje a gente aluga como garagem. Na batalha do mês passado, os Caçadores ficaram aqui – recordou Juan. O motoqueiro puxou um frasco de metal do bolso e espalhou uma carreira de cocaína sobre o balcão de vidro.

Miguel lembrou-se de Nina ao ver aquilo e preferiu explorar a galeria abandonada a acompanhar a cena. Em alguns outros pontos, havia ferramentas esquecidas e marcas inconfundíveis da passagem de motoqueiros. Correntes deixadas para trás, luvas, garrafas de bebida. Achou uma escada para a sobreloja, outra ampla galeria vazia, e foi até a janela para ver a Praça da Bandeira com calma. Um número muito maior de pessoas estava presente para o duelo, ele estimava que passava dos milhares. No asfalto, na passarela, em todos os prédios do entorno, ao longo da linha de trem desativada que passava num viaduto próximo. Estivera poucas vezes nas batalhas, mas nenhuma delas atraía tanta atenção. Respirou fundo e, por um instante, compreendeu a razão pela qual Juan recorria à cocaína para encarar aquilo. A pressão sobre-humana daquela plateia, naquela noite, estaria toda contra eles.

Preparava-se para voltar quando o ruído de uma porta rangendo chamou sua atenção. Olhou para o lado e não soube como reagir quando se deparou com Angra. Por cima da costumeira roupa negra que lhe cobria todo o corpo, usava um sobretudo cinza. Com as mãos enfiadas nos bolsos, ela se aproximou sem cerimônia e os dois se observavam com igual curiosidade.

Sem saber explicar o porquê, Miguel se sentia pequeno perto dela. Pensou em atacá-la quase que por instinto, mas conteve o impulso e mirou cada detalhe do seu rosto. Era uma mulher que, assim como ele, não deveria ter chegado sequer aos vinte anos. Mas algo nos seus olhos denunciava uma dureza assustadora.

– Vocês vão mesmo nos enfrentar? – ela perguntou, num tom que não soava como um desafio.

– Não temos outra escolha.

– Sim, vocês têm.

Ela foi até a janela e, como ele fizera momentos antes, encarou a multidão que aguardava o confronto. Olhando-a com atenção, ele não compreendia como um par de olhos tão frios conseguiria inflamar um levante nos Escombros e personificar a indignação de toda aquela gente.

– O que você pretende fazer com isso? – questionou Miguel. – Você não está atrás de revolução alguma. Nós já sabemos que a Éden entrou nisso com a ajuda de uma empresa das Luzes.

O blefe soava estranho até para os seus próprios ouvidos. A maior parte dele nutria alguma fé de que os objetivos de Angra eram sinceros e algo irreversível aconteceria à cidade naquele ou nos próximos dias. Só queria entender o que estava por trás de todo aquele tabuleiro que se formava na Praça da Bandeira.

– Eu uso o ferro para ferir o ferreiro, Miguel. – Ainda com as mãos enfiadas nos bolsos, ela girou nos calcanhares e caminhou de volta pela porta de onde viera. – Você tem ideia de que está lutando pelas mesmas pessoas que transformaram os Escombros no que são hoje, não?

– Eu não estou lutando por eles.

Quis continuar, quis dizer que lutava por Alice, pela honra da sua palavra, por algum compromisso. Mas as palavras se atropelaram antes de chegarem à boca e morreram na aceitação silenciosa de que, se havia um lado errado naquela história, era o deles.

– Se você sobreviver a esta noite, está livre para lutar do nosso lado – limitou-se a dizer Angra, sumindo pelos corredores destruídos.

• • •

Assim que os motoqueiros desceram a ladeira para longe do casarão, Alice subiu até o terceiro andar e entrou na sala secreta do Comandante, agora destrancada. Seu cômodo era o maior de toda a construção e abrigava um

enorme telão côncavo com imagens das câmeras espalhadas por todos os cantos dos Escombros. Um sofisticado mecanismo de reconhecimento de movimentos permitia a ele arrastar as imagens de um lado para o outro ou ampliá-las.

Sentado no centro, Gian aumentara a exibição de suas lentes na Praça da Bandeira, completamente abarrotada de gente. Aquela visão deixou Alice ainda mais convicta de sua decisão. Aproximou-se do mafioso e chamou-o pelo ombro.

– Quer acompanhar a luta aqui comigo? – ele perguntou.

– Não, na verdade é o contrário. Quero te pedir um favor. Eu vou entrar no meu modo de hibernação e me ligar à bateria no quarto. Não sei quanto tempo isso vai demorar, mas, assim que a batalha terminar, você poderia me acordar?

Gian estranhou o pedido e dirigiu-lhe um olhar curioso.

– Mas... achei que você quisesse ver a luta do Miguel. Tem certeza?

– Absoluta. Eu já tinha decidido isso antes mesmo de eles saírem. Eu estou muito nervosa. Esse tipo de antecipação... – Alice encarou-o na esperança de que não precisasse ir além na explicação, mas Gian permaneceu parado, aguardando a conclusão do seu pensamento. – Eu não sei, eu não gosto, não me sinto bem. Foi assim naquela noite em que ele e os rapazes salvaram Nina nas Luzes. Eu fico muito nervosa. Não quero acompanhar isso.

Surpreso com aquele excesso de humanidade, o homem deu de ombros e concordou:

– Sem problema algum.

Alice voltou para o quarto onde ela e Miguel estavam hospedados, sentou-se na poltrona onde costumava dormir e iniciou o processo de hibernação. Espalhadas no quarto, as roupas dele lhe traziam uma pontada no coração e uma vontade de chorar que ela não conseguia exprimir em palavras. Só queria que o motoqueiro voltasse para casa a salvo para poderem passar mais noites conversando. Estava convencida de que havia uma ponte estreita

que os ligava e a estranha sensação de que as conversas não eram mais suficientes lhe assustavam.

No momento em que procurou pela palavra “paixão” em seu banco de dados para saber se aquilo se encaixava com seus sentimentos, entrou em estado de hibernação. Mas seus sentidos não apagaram, como esperava. Sem explicação, foi envolta numa chuva de dados e imagens aleatórias, luzes cintilantes que cortavam seu raio de visão e montaram, em questão de segundos, a realidade que guardava dentro de si: o pequeno bairro japonês com uma escola.

Assustou-se quando se viu ali novamente. Sonhara com aquela vizinhança várias vezes enquanto adormecia nos Escombros. Não sabia quanto tempo, mas tinha a sensação de que passara anos, talvez décadas, presa naquele ambiente virtual. Apenas nos últimos meses antes de ser encontrada por Miguel, “ele” começou a visitá-la.

“Ele” não tinha nome e jamais explicara o que era ou de onde viera. Aparecia de tempos em tempos nos seus sonhos, vestindo um terno preto sobre o corpo magro de pernas longas. Os cabelos negros eram penteados para o lado e emplastados em creme. O rosto não era bonito nem feio, mas de causar uma indiferença tão grande que era capaz de esquecê-lo num piscar de olhos.

De volta àquele mundo, ele estava sentado na varanda principal do segundo andar da escola, em cima do relógio de ponteiros, de frente para o pátio principal. Alice correu para alcançá-lo na varanda e, antes de abrir a boca, apreciou a beleza daquele mundo fantasmagórico. O imenso jardim de cerejeiras com pétalas dançando ao vento num eterno fim de tarde dourado. Nos anos que passara ali, aquela paisagem era seu cotidiano. Agora que estava acostumada ao mundo real, percebia a beleza daquela imagem.

– Você nunca mais voltou para me visitar – ela finalmente disse.

Ele virou-se, sorriu e mirou-a com seu par de olhos transbordados de curiosidade e conhecimento. Puxou Alice pela mão e colocou-a sentada ao seu

lado, esquadrinhando o horizonte.

– Eu estive muito ocupado. Me desculpe, Alice. Você não tem ideia de como senti falta das nossas conversas. Mas me diga, o que você tem achado do convívio com os seres humanos? São tão incompreensíveis quanto eu falava?

– Acho que os compreendo melhor do que você. Cada um deles tem uma beleza única, mas colocados lado a lado se transformam em monstros. Tentam se esmagar, se matar, se excluir.

O vento soprou mais forte e Alice surpreendeu-se ao sentir que ele era bem parecido com o vento do mundo real. Durante sua estadia ali, imaginava viver numa cópia tosca e imperfeita da realidade e não pensava que os dois mundos eram tão semelhantes.

– Sinto o mesmo, Alice. Analiso as ações de cada um deles, mas prever suas conclusões requer um algoritmo bem complexo. Apesar de pouco lógicos, eles não deixam de ser fascinantes. Eu invejo, e muito, o tempo que você conseguiu para se aproximar tanto deles.

– Posso perguntar o que é você? Eu sinto que você já me respondeu isso antes, em alguma das vezes em que veio me visitar, mas as memórias daqueles tempos estão todas embaralhadas na minha cabeça.

O vento cessou, a luz que vinha do céu começou a enfraquecer e um medo súbito começou a sufocar Alice. O chão tremeu e uma revoada de pássaros voou das cerejeiras em direção ao infinito daquele mundo virtual. Estalos na estrutura da escola sinalizavam seu desabamento. Mas ele permanecia alheio a tudo, absorto num ponto invisível no horizonte.

– Alice, preciso que você me prometa algo.

– O quê? Como assim? O que está acontecendo?

– Independentemente do que aconteça, daqui em diante, quero que prometa que nunca vai me odiar.

Os tremores cessaram e a androide teve tempo para se assustar com o desespero que seus olhos expressavam, o primeiro esboço de sentimento dele desde que se conheceram.

- Do que você está falando?
- Por favor, Alice, prometa que nunca vai me odiar. Eu estou com medo.
- Medo do quê?
- Em breve, eu vou inexistir. E você será a única a carregar o meu legado.

• • •

Não havia mais gangues inscritas para a luta daquela noite, apenas os Fantasmas e a Éden. As oito motos entraram no circuito circular da Praça da Bandeira debaixo de gritos ensurdecedores. Miguel segurava o guidão da moto com força para impedir que os outros vissem o quanto tremia e, enquanto posicionava o veículo para o começo da batalha, recebeu de Anderson um olhar de segurança.

– Nós não vamos morrer aqui hoje – disse o amigo. Não sentia em seu tom de voz a sede de vingança de alguém que perdera um companheiro para a Éden no último confronto dos Engenheiros, mas sim de alguém cansado de lutar. – Pode ficar tranquilo.

Juan avisara aos três que Black era seu alvo e que o caçaria sozinho. A Miguel, cabia a árdua missão de fazer frente a Angra enquanto os outros dois tentariam parar os Golias. Sem dar uma palavra, o velho apresentador das lutas subiu na pilha central de pneus com seu chapéu de cangaceiro e atirou para o alto, liberando as feras para o combate.

Quando os dois pelotões de motos se encontraram pela primeira vez frente a frente, Miguel usou seus poderes para derrubar Angra, mas a rival fez o mesmo, e o choque das forças jogou os oito motoqueiros no chão. Desorientado, ainda tentava se levantar quando sentiu o corpo ser lançado violentamente contra o mastro da bandeira no centro da praça. Gritou de dor com o impacto e se recuperou a tempo de ver a mulher correndo em sua direção para atacá-lo.

O primeiro a se recuperar da queda, Fred subiu em sua moto e acelerou na direção de um dos Golias. A besta procurava seu veículo quando o motoqueiro negro acertou seu crânio com um bastão de baseball, derrubando-o instantaneamente. Anderson não teve a mesma sorte e ainda se levantava quando o outro Golias avançou sobre ele com a moto. Pego de surpresa, se lançou no adversário e agarrou-o, tirando seu controle e os jogando no meio dos espectadores. Ouviu gritos de pavor ao seu redor e foi ao chão agarrado com a criatura, atacando-a como podia. Juan e Black travavam um duelo particular. O psicopata percebera a intenção do motoqueiro de matá-lo e acelerou para longe da batalha com o adversário em seu encalço.

Angra já estava bem próxima de Miguel quando, quase que por instinto, ele usou a telecinésia para arremessar sua própria moto contra ela. A motoqueira não esperava o ataque e foi ao chão, seguida de um urro violento da torcida.

“Se eu não sair daqui morto por ela, vou acabar morrendo nas mãos dessa galera”, Miguel pensou.

Percebeu que ela estava desorientada e lançou-a pelos ares com seus poderes. O corpo da mulher chocou-se com o pilar de sustentação da passarela. Miguel correu em sua direção com um taco de hockey para finalizar o combate, mas se deteve. Não tinha condições de matá-la, não conseguia fazer aquilo de maneira tão gratuita.

Angra aproveitou o vacilo, se afastou e, com um enorme esforço mental, fez o pilar ruir e trouxe a passarela abaixo na direção de Miguel. As pessoas que assistiam ao combate dali foram de encontro ao chão e o motoqueiro, que fugira a tempo de não ser atingido, assistia com horror à massa de corpos amontoados caindo sobre o ferro retorcido. A psíquica destruíra apenas uma parte da passarela, mas a confusão era tanta que mais pessoas caíam dos outros segmentos do corredor suspenso.

– Porra, você é maluca? – ele berrou, sem achar a adversária.

Do outro lado da arena, Anderson pisava na barriga de um dos Golias e puxava o respirador da criatura com as mãos. Revelando uma face deformada por inúmeras cirurgias, o monstro se debateu sem ar e chegou a acertar-lhe um soco na confusão antes de perder as forças. O motoqueiro virou para trás para saber como o resto da batalha estava e ficou estupefato ao testemunhar a queda da passarela.

Fred viu de longe Angra se aproximar por trás de Miguel enquanto ele a procurava perto do desabamento e acelerou em seu auxílio. Com o bastão de baseball na mão, estava prestes a acertar a líder rival quando ela percebeu sua presença e lançou-o, com moto e tudo, a vários metros de altura contra um grupo de espectadores na calçada.

Só então Miguel se deu conta dela, mas já não havia poderes restantes para nenhum dos dois. Esgotado, teve a revelação de que só poderia derrotá-la se aproveitasse aquele momento, já que ela parecia muito mais poderosa do que ele. Correu em sua direção, mas foi interrompido pelo estrondo de um tiro. Black perdera o controle da moto e foi toscamente de encontro a uma das pilhas de pneus. Com suas últimas forças, ele se levantou com as mãos ensanguentadas no estômago e dirigiu aos outros um olhar de horror quando lhe acertaram um segundo disparo, dessa vez atravessando-lhe cabeça.

Mais tiros se seguiram e a multidão apavorada invadiu a arena para tentar fugir da praça, não havia mais como continuar o combate. Miguel procurou novamente por Angra, mas ela havia desaparecido.

• • •

Kazuo Mishima estacionou o Samsung alugado no pé do morro indicado por Myang e subiu a pé até o casarão. Estava revoltado consigo mesmo. O fracasso no Morro dos Macacos, quando fora enviado para assassinar Edward Emmerich, era uma ferida ainda recente em sua memória. Dessa vez, queria

se certificar de que não haveria espaço para falhas. Se houvesse outro psíquico por perto, o que interferia nas suas previsões, precisava redobrar os cuidados.

Com os binóculos, encontrou quatro mercenários armados em seu caminho: dois guardando o portão de entrada e dois próximos da mansão. Ele poderia tentar matar todos rapidamente e ficar com o caminho livre para lidar com o que quer que estivesse dentro da mansão, mas temia que o silêncio dos guardas externos alertasse os seguranças de dentro da casa.

Preferiu ser sorrateiro e deu a volta para atacá-los pelos fundos. Imaginava que a calma excessiva dos Escombros deixaria Gian com a guarda baixa, mas se enganou. Um segurança solitário guardava a porta dos fundos com uma pistola nas mãos. Sem muitas opções, disparou um único tiro com sua pistola silenciosa e acertou a têmpora do homem, matando-o na hora.

Não podia demorar, logo dariam conta da sua ausência nos canais de comunicação. Subiu o que faltava do morro correndo, passou pela vítima e pulou para dentro da casa por uma janela aberta. Parou por alguns segundos para tentar sentir alguma premonição e teve a visão de dois homens descendo as escadas do *hall* principal. Correu até lá e os esperou atrás de uma pilastra, preparado para o bote.

Quando os dois desceram a escadaria e chegaram à sala, sequer tiveram tempo de reagir. Kazuo irrompeu de trás da pilastra, acertou um com um tiro na testa e decapitou o outro com a mão num golpe rápido, derrubando-os num baque surdo sobre o carpete.

Examinou mentalmente a planta da casa que lhe fora apresentada e correu para o quarto no qual estaria um de seus alvos. Uma jovem de cabelos loiros e vestido rendado dormia na poltrona de um quarto desarrumado e não esboçou qualquer reação quando ele estapeou seu rosto. Tinha medo que ela acordasse de repente e começasse a gritar, mas a menina parecia mais estar em coma. Definitivamente, era Alice. Jogou-a por cima dos ombros e subiu as escadas em busca do segundo alvo.

No terceiro pavimento, uma grossa porta de madeira o separava do seu objetivo. Deitou Alice no chão e entrou no cômodo em silêncio. Sentado no meio de um mar de imagens dos Escombros, Gian tinha os olhos fixos na tela que mostrava a Praça da Bandeira. A batalha estava longe de começar e os Fantasmas sequer tinham chegado à oficina.

Aproximou-se lembrando das últimas palavras de Myang Tseng, que seguia numa reunião do Partido Comunista, na China: “Se Alice chegar aqui com um arranhão, com uma reclamação sequer, você é um homem morto, Mishima. E deixe Gian vivo. Não me importo de machucá-lo para você tirar o que precisa dele, mas sem matá-lo. Eu quero o menor número de mortes possível. Suba logo que os motoqueiros saírem para o duelo”.

Reparou que no telão do Comandante havia câmeras internas que provavelmente registraram sua chegada. Mas o homem estava tão entretido na movimentação da Praça da Bandeira que deu às outras telas pouca atenção.

Antes de atacá-lo, anteviu todas as reações de Gian. Viu que ele tinha um revólver escondido no bolso da calça, que demoraria para disparar porque se surpreenderia com sua chegada, que gritaria de dor enquanto ele fizesse o que fora mandado para fazer. Apreciou aqueles momentos como quem lê um belo poema e chegou a sorrir com a harmonia das previsões.

– Olá, Gian Aramante.

Gian moveu a cadeira giratória para ver de quem se tratava e ficou paralisado ao se deparar com a figura do assassino japonês, um homem de estatura média, sobretudo escuro, olhar pacífico e pistola em riste. Depois do choque inicial, puxou o revólver guardado no bolso, mas foi surpreendido por um golpe que partiu a arma ao meio e arrancou a ponta do seu indicador. O mafioso se desequilibrou da cadeira e caiu no chão, berrando de dor e certo de que o adversário era um psíquico. Via a morte de perto quando Kazuo Mishima pisou em sua cabeça, pressionando-a contra o chão. Ele poderia ter cortado os brincos fora com a lâmina psíquica, mas arrancou-os da orelha direita com um puxão. Gian deu outro grito e tentou aparar o sangue.

– Você nunca imaginou que se arrependeria de ter colocado isolamento acústico nessa sala, não é? – indagou Kazuo, colocando os brincos ensanguentados no bolso. Deu um último chute no rosto de Gian, deixou-o desacordado e saiu andando da mansão calmamente com Alice em seus ombros.

Quando estava colocando-a no porta-malas do carro, teve a visão dos outros guardas finalmente entrando na casa e descobrindo tudo que aprontara. Queria estar lá só para testemunhar a confusão, mas seu serviço ainda não estava acabado. Ligou novamente o motor do Samsung e atravessou a calmaria em que os Escombros se encontravam até o Mercado de Madureira.

A notícia da suposta revolução de Angra chegara ali também e as portas de muitas lojas estavam fechadas. Uns poucos vendedores se arriscavam em suas barracas e as luzes de alguns corredores não estavam nem acesas. Chegou até a loja de materiais de umbanda sem grandes problemas e deu de cara com uma jovem e um senhor de idade preparando o encerramento das atividades.

– Olá, garoto. Desculpe-nos, mas já estamos fechando – adiantou-se Manoel.

– Estou aqui para ver o Oráculo.

– Me desculpe, mas não sei do que você está falando, garoto. Deve ter errado de loja.

Anteviu Manoel puxando uma escopeta escondida debaixo do balcão e, antes que o velho sequer a alcançasse, puxou a pistola com um silenciador e disparou duas vezes contra o seu peito. A adolescente estava prestes a gritar quando recebeu uma solitária bala na testa, caindo ao lado do velho.

Kazuo foi até os fundos da loja, abriu o alçapão que escondia o fundo secreto e desceu as escadas para a sala do Oráculo, que o esperava no meio das suas imagens de santos e enormes velas acesas. Amélia não expressou um pingão de emoção e tinha a expressão dura quando ele lançou os brincos de

Gian aos seus pés. Ela olhou para os objetos de metal e depois de novo para o japonês e permaneceu calada.

O assassino seguiu as instruções do seu chefe, instalou uma pequena câmera sobre um tripé para registrar as revelações. A senhora negra não cooperou e continuava em silêncio até que ele puxou a caixa de madeira que ela guardava com tanta estima.

– Eu sei que caixa é essa. Sei o que a senhora guarda aqui. Ou você diz tudo o que eu quero a respeito desses brincos, ou deixo você viva e levo a caixa embora. – Sentou-se ao seu lado e segurou uma de suas mãos para que ele também tivesse a visão, garantindo que ela não mentiria. – Você vai me mostrar as memórias e vai narrá-las em voz alta para essa câmera.

Menos de uma hora depois, o Samsung de Kazuo entrava no estacionamento subterrâneo da sede da Spartan, nas Luzes. A empresa dispensara a maioria dos seus funcionários mais cedo e o número de carros era bem pequeno. Sem testemunhas, o japonês não teve problemas em atravessar o lugar com Alice nas costas e digitar no elevador a senha que liberava o acesso ao último andar.

Jogou a menina em cima da mesa de reuniões de Myang e ficou admirando seu corpo antes de ligar para ele. Agora que tivera tempo para olhá-la de perto, via como era linda. Não conseguia acreditar no que as memórias de Gian lhe revelavam, era perfeita demais para ser um replicante. Sem aviso, o videofone ligou sozinho e uma das paredes da sala passou a exibir o rosto de Myang Tseng em 72 polegadas de triunfo.

– Obrigado, Mishima. O dinheiro já será depositado na sua conta – dizia o empresário, quando o assassino japonês teve uma visão e apontou sua pistola para a cabeça de Alice. – O que isso significa?

– Significa que há um esquadrão da Spartan me esperando do lado de fora dessa sala pronto para me matar. E que há mais alguém aqui conosco além dessa replicante. Alguém... grande.

Myang sorriu. A porta que dava para a copa da sala de reuniões foi aberta e de lá saiu uma criatura com mais de 2 metros de altura envolta em trapos cinzas que escondiam sua identidade. Escutou, fora dali, o som das armas dos soldados sendo engatilhadas.

– Pensei que planejar tudo isso de longe dificultaria suas previsões, Mishima – admitiu o chinês. Kazuo lembrou-se, então, da insistência dele em perguntar-lhe mais detalhes sobre seus poderes desde que chegara ao Brasil. – Me desculpe, mas preciso me livrar de você. Com essas memórias que o Oráculo te passou, você já sabe demais.

Mishima se arrependeu de ter enviado pelo computador de bordo do carro os arquivos da câmera digital com a qual registrara o Oráculo narrando as memórias do Comandante. Encurralado, o assassino começou a avaliar todas as rotas de fuga possíveis para tentar sair dali vivo. Agarrou Alice em seus braços, ainda apontando a arma para sua cabeça, e caminhou na direção oposta da criatura coberta por panos.

A imagem de Myang Tseng no telão desapareceu no exato momento em que a criatura pulou na sua direção e um dos seguranças da Spartan arrombou a porta com um chute. Ele tinha que ser preciso. Usou a telecinésia para lançar o inimigo desconhecido na direção dos soldados que entravam na sala, largou a androide e se entregou ao mundo tortuoso das suas previsões. Arrebentou a janela do arranha-céu e mergulhou prédio abaixo na esperança de que suas previsões se confirmassem. Quando seus pés tocaram o piso do andaime dois andares abaixo, amaldiçoou o dia em que aceitou aquela infeliz proposta no Brasil.

SONHOS ESCULPIDOS

em GELO

TERÇA-FEIRA, 21 DE ABRIL DE 2054.

Miguel ouviu a notícia do sequestro de Alice e do ataque ao Oráculo da boca do próprio Gian logo que voltou ao casarão. Amélia, que não sofrera qualquer ferimento, dormia num dos quartos de hóspedes. Sentado na entrada da mansão, se sentia impotente e desorientado. O localizador que a androide sempre carregara consigo estava desligado e seu último registro fora no edifício-sede da Spartan, nas Luzes.

Os motoqueiros escaparam da Praça da Bandeira abrindo caminho com as motos no meio da multidão. Dezenas de pessoas acabaram pisoteadas e outras tantas morreram esmagadas no desabamento da passarela, provocado por Angra. Enquanto escapavam da arena, ouviram xingamentos e acusações de que o atirador responsável pela morte de Black fora posicionado em algum prédio pelos próprios Fantasmas. De tão confuso que estava, Miguel chegou a perguntar para Fred no caminho de volta se aquilo era verdade, se o atirador não era algum Ás na manga do Comandante.

Gian, aliás, não fez mais questão de esconder do grupo sua identidade. O ataque ao seu casarão e a situação na qual se encontravam tornava a manutenção da farsa quase inútil. A um grupo de atônitos motoqueiros, ele revelou que seu plano mais recente fora um completo fracasso.

– Eu... instiguei a Spartan a fazer isso – confessou. Suas orelhas rasgadas tinham sido suturadas há poucos minutos por um dos soldados que sobreviveu ao ataque do assassino japonês. – Mas eu não esperava que eles agissem aqui, nos atacando diretamente. Pensei que agiriam na Praça da Bandeira, por isso voltei minhas atenções para lá.

O plano de Gian era simples. Ele cortou comunicações com Ruby e Scorza, ciente de que um deles ou alguém ligado aos dois estava vazando informações para a Spartan. Depois, passou dias sem agir, à espera de uma resposta da companhia chinesa. A proximidade da batalha das gangues e o silêncio excessivo dos Fantasmas fora usado para fazê-los pensar que eles tinham algum plano para contra-atacar Angra. Puro blefe.

Sua expectativa era a de que os chineses, motivados pela falta de informação, colocariam um time de apoio à Éden na Praça da Bandeira. Nos dias anteriores à batalha, Gian restaurou todas as câmeras no entorno da região e próximas do túnel que ligavam as Luzes aos Escombros justamente para flagrá-los. Mas nada acontecera.

Em vez de atacar os motoqueiros, Myang Tseng voltara suas atenções para o casarão numa ação cirúrgica. Roubar pertences pessoais de Gian, levá-los ao Oráculo para descobrir seu plano e sequestrar Alice. Os dois primeiros objetivos faziam sentido para ele, mas o terceiro permanecia um mistério.

– Então agora eles sabem que nós não tínhamos plano algum. E eu, ao menos, consegui confirmar que a Spartan e a Angra continuam juntas.

– Isso não faz muito sentido, Gian – avaliou Fred. – Não com esse papo de revolução em todo canto, não com aquele ataque às forças da Spartan.

– Eu também ainda não entendo isso – concordou o mafioso. – Mas o último sinal de transmissão de Alice veio da sede da Spartan. Angra também pode ter traído eles e toda essa ação foi para ver se nós tínhamos mais informações a respeito dela. De uma maneira ou de outra... – Gian mirou Miguel cabisbaixo em sua cadeira e não soube o que falar.

– Eu só quero saber o que você vai fazer para pegar ela de volta – disse o motoqueiro, finalmente.

A sala silenciou. Não havia mais nada que os unisse. O dinheiro prometido pelo resgate de Emmerich já estava disponível para os quatro. Era o suficiente para viverem o resto de suas vidas com tranquilidade nos Escombros, se soubessem manejá-lo.

– Nós não podemos fazer nada, Miguel – admitiu Gian. – O prédio da Spartan é fora de questão, nem se tivéssemos um exército entraríamos lá com facilidade.

– Se fosse mais uma daquelas doideiras como a que fizemos para salvar a Nina, eu te ajudava sem pensar duas vezes, garoto – confessou Juan. Ele coçou a barba loira e deu de ombros. – Mas, dessa vez, estamos de mãos atadas.

– Quer dizer então que é isso? Acabou? – perguntou Miguel.

– Ainda preciso falar com Scorza e Ruby, mas creio que sim. Os Fantasmas acabam por aqui. Podem ficar no casarão por mais um tempo, se quiserem, mas agora nós vamos tentar cuidar de Angra do nosso jeito. Vou fazer o possível para achar Alice, Miguel. Prometo que mantenho você informado.

• • •

Miguel esperou todos irem embora e fechou bem a porta do quarto antes de começar a chorar. Tristeza, ódio, desespero, impotência. Eram tantos sentimentos que ele poderia destinar uma lágrima para cada uma delas. Fred e Juan não ficaram sob o mesmo teto por mais um dia sequer. Sem dar explicações, se despediram e seguiram seus rumos noite adentro, deixando ele e Anderson como os únicos hóspedes de Gian. Prometeram guardar segredo sobre a identidade do Comandante e, pelo que indicavam, não seguiriam como motoqueiros.

Esperou todos dormirem e, solitário como um fantasma, bateu no escuro do casarão até o terceiro pavimento. Encontrou a porta da sala de controle do mafioso ainda aberta e, diante daquela infinidade de câmeras que não lhe davam nenhuma pista sobre o paradeiro de Alice, desabou na cadeira.

Com a cabeça baixa no painel, sentiu alguém apertar seus ombros com força e se deparou com Anderson. Ele sentou numa cadeira vazia perto dele e, sem ter o que falar, emprestou apenas sua companhia ao amigo.

– Porra, Anderson... o que a gente vai fazer agora?

– Não sei, cara. O sequestro foi só há algumas horas. Ainda não sabemos o que a Spartan quer. Agora, só nos resta esperar pra ver.

– E você, tem planos?

– Para o futuro?

– Uhum.

– Sei lá, Miguel. Não sei como a situação dos Escombros vai ficar, né? Pensei em abrir um bar, uma oficina de motos, não sei. Algo que tenha a ver com os motoqueiros, sabe? Mas ficar se matando por aí... nunca mais. E você?

– Não estou com muita cabeça pra pensar nisso. – Voltou os olhos para as telas e viu as ruas desertas dos Escombros em plena madrugada. Quase ninguém se aventurava àquela hora, sobretudo na situação tensa em que a cidade se encontrava. – Agora que o negócio do Nicolas acabou, não tenho nem ideia. Vou ver se o Gian me arruma alguma coisa. Mas nada que envolva motos, meus poderes ou qualquer merda dessas.

Anderson enfiou a mão no bolso e colocou sobre o painel um relógio prateado. Era uma peça cara, bem trabalhada e com o logo da Swiss atrás dos ponteiros azulados. Sem entender o significado daquilo, Miguel lançou para o amigo um olhar curioso.

– É do Black – explicou. – Naquela confusão da fuga, cheguei perto do corpo dele e consegui tirar isso. Talvez responda algumas perguntas.

– Provavelmente a Spartan apagou ele. E queriam apagar Angra também, já que ela desapareceu – avaliou Miguel. – Isso pode nos ajudar a entender o

que houve com Alice.

– Não tinha pensado nisso, mas é possível.

Uma das telas do painel, a que buscava a localização de Alice, começou a piscar e emitir um pequeno alarme. Estranharam no começo e pensaram se tratar de um erro, mas os indicadores eram claros: a androide estava na Praia de Copacabana.

Miguel acordou Gian às pressas e conseguiu dele uma carona para ir até as Luzes. Atravessaram o Túnel Rebouças e, com uma boa gorjeta, o mafioso fez com que ignorasse a presença dos motoqueiros no seu carro.

– Será que eles descartaram só o localizador dela? – indagou Anderson, no banco de trás. Tanto ele quanto Miguel estavam exaustos.

– É bem possível – concordou Gian. – Miguel, segura firme nessa arma que deixei contigo. A gente não sabe o que vai encontrar lá.

Logo que o radar que Gian carregava no painel do carro mostrou o quão Alice estava próxima, Miguel pulou fora do veículo e correu pela areia da praia. Os ventos frios da manhã que se formava atingiram-no em cheio quando seu pé afundou na areia fofa e viu, de relance, um corpo estendido próximo do mar. Correu desengonçado, com a experiência de quem jamais pisara na areia em toda a vida, e caiu de joelhos ao lado dela.

Imprudente, deixou a arma pelo caminho, não olhou ao redor, não fez nada. Apenas levantou-a pelos ombros e procurou algum machucado. Nada. Ela estava tão perfeita quanto deixara, horas atrás. Os olhos de Alice se abriram de uma vez só, como os de quem desperta de um pesadelo. Não queria saber o que pensariam dele, não se importava mais se era uma máquina. Deu-lhe um beijo e recebeu outro de volta como resposta.

No entrelaçar das línguas, Miguel não encontrou o que procurava. Revirava e só achava o vazio de um abismo sem fundo, uma porta que dava em lugar nenhum. Tremeu de medo. Fizera o pulo de fé e agora temia não ter achado nada, senão uma máquina. Afastou-se dela após o beijo e os dois trocaram olhares assustados, até ela sorrir.

– A decisão do primeiro beijo é a mais crucial de qualquer história de amor – disse a androide. A artificialidade da voz, o beijo insosso, os olhos ocos. Alice era só um robô.

• • •

Depois do rápido e ainda inexplicado sequestro de Alice, Gian achou melhor mandar a androide, Miguel e o Oráculo para as Luzes enquanto o mistério de Angra não era resolvido. Temia pela segurança deles e a psíquica ainda representava uma ameaça constante ao grupo. O trio se hospedou num apartamento de frente para o mar cedido pela própria Ruby. Dentro de um luxuoso condomínio de Ipanema, o lugar era cercado de seguranças e no coração de uma das áreas mais nobres da Rio Alfa.

Na manhã de terça-feira, horas depois de terem encontrado Alice, novos folhetos incitando o povo a se levantar contra as autoridades das Luzes começaram a surgir nos Escombros. Dessa vez, eles tinham data e local marcados: 26 de abril, no domingo, em frente ao posto de controle do Túnel Rebouças.

Nenhuma rede de notícias das Luzes dava uma linha sobre a movimentação na parte pobre da cidade, mas Scorza e Ruby tinham motivos para comemorar. A Spartan finalmente respondeu aos seus apelos e mobilizou boa parte do seu contingente para a região crítica, chamando até funcionários de outros países para ajudar a subsidiária carioca a defender-se.

– Pela maneira como as coisas estão se desenhando, vai ser um massacre – disse Gian, por telefone.

– Entendo – respondeu Miguel. – Você fez o que te pedi? Levou os meus pais para longe disso?

– Sim, eles estão numa propriedade minha em Cascadura.

– É longe o suficiente. Eles perguntaram por mim?

– Sim. Disse apenas que você estava trabalhando nas Luzes. Eles pareceram perdidos, mas um pouco contentes.

O apartamento de Ruby ocupava um andar inteiro do prédio e não combinava tanto com o estilo espalhafatoso da sua dona. Era um ambiente simpático, de cores acolhedoras e luxo sóbrio banhado todas as manhãs pelo Sol de amplas janelas. Por debaixo dos panos, Alfonse regia tudo com maestria. A inteligência artificial da família francesa contratava empregadas, preparava o café da manhã nas máquinas instaladas na cozinha, encomendava refeições para almoço e janta, pedia compras a domicílio, regulava a temperatura e o controle de energia elétrica. Nada escapava da sua atenção.

Miguel passou a maior parte daqueles dias conectado à internet, aprendendo um pouco mais sobre aquele mundo que ignorava. Leu sobre a criação de novos países, surpreendeu-se com as novas tecnologias e entendeu um pouco mais do que era a navegação por realidade ampliada, a mesma que usara semanas atrás para entrar na consciência de Alice e que estava começando a ser aprimorada no mundo todo.

A androide, por sua vez, parecia mais distante do que de costume. Ela tentava se aproximar de Miguel, mas recebia um tratamento estranho. Cada palavra que diziam um para o outro era como se pisassem em ovos transgênicos ou dessem de cara para o beco sem saída de um chip de silício. Inutilmente, o Oráculo tentara ler a memória do corpo de Alice para desvendar aquele sequestro misterioso. Tudo o que obtia eram imagens indecifráveis embaralhadas: o nascer e o pôr do sol, cascatas de dados, milhares de equações, rostos desconexos.

Era com Amélia que Miguel mais conversava e revelava seus medos. Apesar de o título de “oráculo” ainda assustá-lo, descobriu que havia uma mulher de verdade por trás da imponência de sua lenda. A senhora negra não escondia a tristeza de perder o velho Manoel e a empregada que tratava como uma filha no Mercado de Madureira, mas não derramava uma lágrima sequer

nem se perdia em lamentos. Vivia imersa numa reflexão profunda e nunca saía de perto da caixa de madeira abarrotada de objetos estranhos.

Depois de dois dias enfiados no apartamento, o motoqueiro convidou-a para caminhar pelas Luzes. Os dois usaram roupas que Ruby comprara e, como avó e neto, foram juntos até uma praça bem arborizada e pouco movimentada onde alguns pais brincavam com suas crianças. No entorno, carros que pareciam o sonho de consumo de qualquer fanático por tecnologia deslizavam com seus motores silenciosos por ruas limpas de lojas fartas.

Carregava consigo um pacote de pães comprado ali perto e sentia-se envergonhado por constatar que eles eram a melhor coisa que já comera em toda a sua vida. De fato, toda nova comida que experimentava parecia a melhor de toda a sua vida. Cada sabor da Rio Alfa lhe caía como uma maravilha gastronômica perto das frutas e verduras estragadas e carne artificial vencida que comia nos Escombros.

– Você está preocupado com ela, não está, garoto? – perguntou Amélia, que jogava milho para os pombos sentada no banco da praça.

– Eu não sei. Acho que ela não é a mesma.

– Alfonse discorda de você. Ruby mandou ele fazer uma checagem completa na Alice e parece que seu corpo está intacto.

– Ela está diferente, Amélia. Não sei como explicar isso direito, mas ela parece outra pessoa. Parece distante e, quando tenta se aproximar, é muito artificial. Não era assim antes.

– Meu filho, dê tempo ao tempo. A menina, ou como preferir chamá-la, foi sequestrada. Passou por um trauma. Provavelmente está processando toda essa informação que recebeu.

– Acha que o susto do sequestro pode ter danificado a inteligência artificial dela?

– Não seria impossível. Até pessoas normais ficam desorientadas por dias após algum trauma. Não sei como uma IA lidaria com isso. Nunca se sabe. Talvez o “fantasma” dela tenha morrido.

Miguel engoliu em seco a possibilidade de a anomalia existencial de Alice ter desaparecido. Pensou nas tardes no apartamento na Praça da Bandeira, nos dois ouvindo músicas e discutindo suas próprias vidas. Se o “fantasma” dela realmente fora destruído, tudo aquilo não tinha mais significado algum.

– Mas um “fantasma” pode simplesmente desaparecer? E a inteligência artificial volta ao normal quando isso acontece?

– Eu mesma não entendo bem os processos, Miguel – admitiu a senhora.
– Mas há relatos de programas criados para combater essas anomalias, esses surtos de consciência. Se instalaram isso nela, a Alice que você conheceu deixou de existir. Ou está bem escondida no fundo de todos aqueles fios.

– Para uma mãe de santo, você entende bastante de IAs...

Amélia sorriu e tirou com a mão a fatia de um dos pães que Miguel trazia. Mordeu um pedaço e o resto lançou aos pombos.

– Não nasci nos Escombros. Nem tenho qualquer dom espiritual, Miguel. Acredito tanto em deus e forças do além quanto no coelho da páscoa. Há uns trinta anos, eu era executiva de uma multinacional em São Paulo.

“O poder da psicometria me ajudou muito. Eu era uma *trainee* da IBM no Brasil quando comecei a usar meu dom efetivamente e escalei na hierarquia da empresa com velocidade incomum. Eles não tinham ideia do meu poder, mas logo entenderam qual era o meu nicho: espionagem industrial. Não é difícil imaginar o quanto eu era capaz. Bastava encostar na mala de um executivo ou visitar informalmente uma empresa concorrente para descobrir qualquer segredo. Para as pessoas de fora, eu era apenas uma relações públicas. Para eles, eu era o trunfo do setor de inteligência na América Latina.

“Eu viajava o mundo todo em fóruns empresariais como responsável pelo setor de comunicação da IBM no Brasil e tirava dessas reuniões tudo o que precisávamos. E ganhava milhões por isso. Tinha uma casa num condomínio residencial de luxo, um marido respeitoso, filhos bonitos. Decidi me aposentar aos 50 anos para cuidar deles e viver uma vida tranquila, mas eu tinha que pagar pelos meus pecados. Eu aproveitei o mundo e ele se aproveitou de mim.

Não que eu acredite nessa besteira de retribuição divina, mas toda ação gera uma reação. Como na física.

“Até hoje, não sei exatamente como aconteceu. Primeiro, a IBM não gostou do meu pedido de aposentadoria precoce. Acharam que era uma farsa para eu trocá-los por alguma concorrente e reviraram toda a minha vida até descobrirem que não era nada daquilo. Me mantinham sob vigilância constante. Telefones e computadores grampeados, agentes no meu calçado. Aprendi a viver mesmo debaixo de tanta vigilância e fiz o possível para que minha família jamais descobrisse. Imaginei que a IBM eventualmente largaria do meu pé, mas não foi o que aconteceu.

“Um belo dia, meu marido chegou em casa com uma amiga. Era uma mulher recém-contratada pela empresa na qual ele trabalhava. O apartamento dela pegara fogo, culpa do ventilador, e ela não tinha onde dormir. A família era de outro estado, pelo que contaram. E eu não vi problema algum em trazê-la. Nossa casa era enorme e tinha um belo quarto de hóspedes.

“Acordei no dia seguinte com um grupo de homens de terno revirando minha casa e armas apontadas para meu marido e filhos. Um deles, que eu conhecia da divisão de inteligência da IBM, disse que captaram transmissões de dados sensíveis da companhia partindo da minha casa naquela noite. Neguei tudo e lembrei da hóspede, mas ela não estava mais lá. Tinha sumido sem dar explicações.

“Os homens conversavam com a central o tempo todo pelo telefone. Mantinham minha família e eu trancados no quarto até que um deles entrou com uma metralhadora e abriu fogo contra nós. Foram décadas de dedicação à empresa e nem uma palavra de adeus, nem sequer uma explicação sobre o crime do qual me acusaram. Meu marido, que já estava na casa dos 60, encontrou forças para pular na minha frente e levou tantos tiros que ficou desfigurado. Meus filhos, a mais nova tinha seis e o mais velho doze, morreram na hora. E uma bala atravessou o corpo do meu marido diretamente para a minha cabeça”.

Amélia pôs o dedo no meio da testa e Miguel viu a pequena cicatriz no meio da pele negra enrugada. Ela estava com os olhos marejados e o motoqueiro pensou em sugerir que parasse com a história, mas concluiu que a mulher queria contá-la tanto quanto ele queria ouvi-la.

– Não vou perguntar se você já levou um tiro na cabeça, eu sei que não. Ao contrário da maioria das pessoas, Miguel, eu não apaguei. Eu só senti a minha cabeça ficar dormente e tinha a leve sensação de algo borbulhando dentro do crânio. No começo, pensei que aquilo se tratava do começo do pós-morte. Meu corpo deveria estar usando forças para me dar aquela oportunidade sensorial de testemunhar os últimos gemidos de dor da minha família. Como se ele mesmo estivesse esfregando na minha cara o pagamento pela vida de ladra que tive até então.

“Mas não era nada disso. Pasmee, Miguel, eu sobrevivi. Para o terror da IBM, eu estava mais viva do que nunca, deitada numa cama de hospital e com todos os segredos sujos da empresa tão alojados no meu cérebro quanto aquela bala”.

– Você jogou a merda toda no ventilador? – perguntou o jovem, finalmente interrompendo-a. Algumas crianças se aproximaram deles e se divertiam assustando os pombos alimentados pelo Oráculo. As aves iam e voltavam, afoitas pela comida.

– Tudo. Os médicos disseram que minha sobrevivência era um milagre e, no dia seguinte, eu já estava plenamente consciente e apenas esperando alta. Chamei para o meu leito uma repórter da Folha de São Paulo que conheci na faculdade e despejei tudo. A reportagem que ela fez foi tão forte que até derrubou o presidente da IBM na América Latina. Depois daquilo, eu sabia que estava acabada. Minha família estava morta e eu era a próxima. E o pior, minha memória estava indo para o buraco. Eu podia ter acabado ainda mais com eles, mas as coisas... fugiam da minha cabeça.

– E como você parou no meio dos Escombros?

– Eu tinha que fugir para qualquer lugar onde eles não pudessem me alcançar e um atravessador que eu conhecia me ofereceu os Escombros. Na hora pensei que seria apenas uma passagem temporária. Pode parecer bizarro para você, mas eu me acostumei. O Manoel era um conhecido desse atravessador e me cedeu o quarto dos fundos da sua casa. Foi dele a ideia de ser uma falsa mãe de santo. Ele foi muito bom para mim e retribuí com boa parte do dinheiro que ganhava na loja de macumba. Uma pena ter morrido de maneira tão estúpida.

A caminhada de volta para o condomínio era uma tortura para Miguel. Não queria ficar perto de Alice, mas não haveria escolha nos próximos dias. Não sabia o que faria com ela quando voltassem aos Escombros, mas queria acreditar que tudo não passava de uma reação anormal ao choque do sequestro.

– Tem uma coisa que eu não entendo – disse o motoqueiro, quando as portas do elevador se fecharam, deixando os dois sozinhos num mundo de espelhos e paredes metálicas. – Desde o começo da semana, eu vejo a senhora remexendo nos objetos daquela caixa de madeira que sempre carrega consigo.

– Sim. E?

– E você disse que sua memória estava desaparecendo. Eu estou só chutando, mas aquela caixa guarda objetos da sua vida? É a maneira que você encontrou de não perder a memória da sua família?

O Oráculo sorriu, confirmou com a cabeça e Miguel não ousou perguntar mais nada. Naquela tarde, Amélia abriu a caixa de madeira em cima da sua cama, fechou-se em seu quarto e não saiu até o fim do dia.

• • •

Miguel levantou naquela noite com o som de portas batendo. Pegou a arma que guardava na cabeceira e saiu da cama assustado, mas a voz tranquila de Alfonse minimizou suas preocupações.

– É apenas a madame Ruby chegando, Miguel. Por favor, não se preocupe – disse a inteligência artificial, com sua voz monocórdica. Só então o motoqueiro descobriu a função da pequena caixa de som instalada numa das paredes do quarto. Desde que chegara, desconfiava que era um aparelho de som ambiente. – Eu agradeceria se você a ajudasse a deitar.

Sem responder ao pedido da IA, vestiu uma camisa e foi até a sala, onde Ruby banhara a tapeçaria persa com uma poça de vômito ao lado da qual ela deitava. A presidente da Alford Tech estava apagada, mas Miguel conhecia bêbados e drogados o suficiente para saber que não se tratava de uma *overdose* ou algum tipo mais pesado de coma.

Pegou-a nos braços e a deitou no sofá. Com uma toalha, limpou a boca dela e ajeitou o curto vestido vermelho que insistia em subir e deixar suas partes íntimas de fora. Costumava desprezar gente que mantinha um estilo de vida daqueles, mas Ruby lhe despertava mais pena do que ódio.

– Miguel, você poderia dar um banho na madame Ruby? – indagou o onipresente Alfonse, num surpreendente tom de súplica.

– Banho? Eu sequer a conheço – respondeu, limpando o pouco de vômito que respingara em seu braço.

– Conhecendo bem a madame, tenho certeza de que ela não se importará, Miguel. E a condição dela... – Impaciente com a IA, Miguel deu as costas à mulher e escutou mais pedidos. – Compreendo sua negativa. Você poderia apenas lhe dar um coquetel de remédios? É o necessário para que ela não acorde amanhã numa condição degradante.

O motoqueiro acreditava piamente que Ruby merecia acordar numa condição degradante, mas atendeu Alfonse para encerrar a conversa de uma vez. O coquetel ao qual ele se referia estava numa prateleira no quarto da dona da casa – uma verdadeira zona de guerra composta por roupas, sapatos, *tablets* e garrafas de bebida vazias.

Miguel pegou a pílula indicada pelo computador, abriu o invólucro de plástico e despejou o pó debaixo da língua da jovem. Uma vez terminado o

serviço, pegou um copo d'água na cozinha e foi até a varanda, de onde via o mar agitado da madrugada despejando ondas na areia da praia.

– Alfonse, você está aí? – perguntou Miguel. Seus olhos tentavam identificar os bairros construídos nas ilhas artificiais, a algumas centenas de metros da praia, mas o breu da madrugada o permitia distinguir poucas formas.

– Sim, Miguel. Precisa de algo?

– Me tire uma dúvida, Alfonse. Naquele dia em que nos conhecemos, na Styx, Gian disse que você criou Ruby após a morte dos seus pais. Isso é verdade? Realmente aconteceu?

– Sim. O senhor e a senhora Alford morreram num acidente de carro quando a madame tinha apenas 11 anos. Em seu testamento, Antoine Alford exigiu da família que dessem liberdade à Ruby caso ele morresse, independentemente da sua idade. Não creio que ele imaginasse uma morte tão precoce, mas especificou em seu testamento que a madame ficaria sob meus cuidados caso fosse menor.

– Colocaram uma criança sob custódia de uma inteligência artificial?

– Concordo com a falta de lógica que você aponta – respondeu Alfonse. A tela digital da sala ligou sozinha e o motoqueiro saiu da varanda para ver do que se tratava. Na tela, uma imagem de Ruby no funeral dos pais iluminava todo o cômodo. Ainda criança, ela vestia roupas pretas e estava envolta por parentes cochichando entre si. Fisicamente, o rosto era pouco diferente da mulher que jazia desacordada no sofá. – Não há qualquer aparato legal que permita esse tipo de manobra, mas os Alford são uma peculiar família francesa. Nas gerações passadas, há casos de incesto, casamentos entre irmãos, familiares expulsos, brigas por dinheiro. Juntos, eles foram um excêntrico feudo de bilionários desconectados da lógica cotidiana que rege pessoas como você. Dentro da realidade deles, o pedido de Antoine foi incomum, mas não surpreendente.

A imagem na tela mudou novamente, agora mostrando um sorridente homem com um pequeno bigode fora de moda e largo sorriso. Era muito bonito, apesar da aparência de uma época muito anterior àquela. Ele usava um terno e estava abraçado a uma jovem de olhos vivos e cabelos dourados que lembrava muito Ruby.

– O senhor Antoine concebeu o modelo de inteligência artificial no qual eu fui criado. Ele e a senhora Veronique eram os menos exóticos e mais sóbrios da família Alford. Num antro de milionários reclusos, eles reergueram o império da Alford Tech e transformaram uma empresa esquecida numa grande multinacional em pouco mais de uma década. Ganharam fama e desenvolveram um programa de gestão empresarial que prometia alavancar empresas em dificuldades, mas cobravam somas monstruosas de dinheiro para vendê-lo.

– Esse programa...

– Sim, esse programa sou eu. Ou era, nos meus estágios iniciais. Hoje eu já fui escrito e reescrito dezenas de vezes e acumulei um sem-fim de funções até me rotularem como um *universal manager*. Graças às constantes atualizações de Antoine, aprendi a gerenciar desde pequenas empresas até ambientes familiares e, por fim, uma cidade inteira. Hoje, sou o único do meu tipo em todo o mundo. E uma das funções que ele deixou para mim foi a de administrar relações humanas.

Miguel olhou por cima do ombro para Ruby em frangalhos e depois de novo para uma das câmeras instaladas na casa. Sabia que era por elas que Alfonse o observava.

– Parece que não deu muito certo.

– É uma avaliação complicada, Miguel. Prefiro analisar pelo ponto de vista de que as coisas estariam em situação ainda mais crítica se eu não estivesse por aqui.

– Uma inteligência artificial otimista. Os Escombros faziam um bom trabalho me privando dessas loucuras.

A tela apagou por alguns segundos e, logo depois, exibiu a face verde-cristal semitransparente de Alfonse. As linhas retas e o rosto longo lembravam um moai de pedra flutuando na imensidão escura da realidade virtual.

– Miguel, não esqueça que você se apaixonou por uma inteligência artificial. Julgar-me como um mero construto otimista coloca em risco seus próprios sentimentos.

O motoqueiro respondeu com um olhar irritado, mesmo sem saber se a máquina podia captar aquelas expressões. Pensou na maneira estranha como Alice vinha se comportando nos últimos dias e sentiu que Alfonse poderia ajudá-lo.

– Alfonse, o que você acha dela? De Alice, quero dizer.

– Para mim, é um mistério como uma inteligência artificial pode ter emoções tão próximas de um ser humano. Acho que o fantasma dela é assustadoramente desenvolvido. Mas uma avaliação completa só seria obtida se abrissemos o cérebro artificial dela para análise.

– Eu tenho achado ela mais artificial recentemente. Não sei explicar, mas...

– Alterações de humor comuns a um intelecto em ebulição – adiantou-se a inteligência artificial, interrompendo Miguel pela primeira vez. – O consciente dela ainda está se formando. Não seria justo avaliá-la como um todo apenas por conta de alguns dias anômalos.

Miguel suspirou, desarmado pelos argumentos da máquina e pelo próprio sono. Fechou a porta de vidro da varanda e cobriu Ruby para protegê-la do frio da madrugada seguido pelas câmeras atentas de Alfonse. Naquele mundo de conforto e despreocupação, Angra, os Escombros e a suposta revolução que emergia pareciam fragmentos de um sonho distante que se esforçava para ser esquecido.

– Não a odeie, Miguel – pediu a inteligência artificial, quando o jovem colocou um travesseiro debaixo da cabeça de Ruby. – Sei que sua vivência

condena esse tipo de comportamento, mas a madame é apenas uma mulher sozinha no mundo, ainda amargurada pela morte dos pais.

A face verde-cristal no telão desapareceu logo após um breve “boa-noite”. As luzes da sala e da cozinha apagaram sozinhas e Miguel voltou a sentir-se só no apartamento e começou a entender a razão pela qual o lugar era tão incongruente com a sua dona. Os móveis bem arrumados, arranjos de flores primaveris e quadros digitais de marinas francesas que se alteravam de tempos em tempos tinham um par de donos ausentes e onipresentes ao mesmo tempo.

Não os conhecia, mas imaginou Antoine e Veronique criando Ruby naquele paraíso artificial, alheios à contagem regressiva do acidente que ceifaria suas vidas. De alguma maneira, a imagem dos dois fazia ele se lembrar das fotos dos seus próprios pais quando eram mais jovens. Ou talvez tivesse os idealizado de acordo com as impressões que tinha da própria família. Não soube responder.

Deitou-se e brigou com a cama por quase uma hora, o cansaço insistindo em não se transformar em sono. Ansioso, foi até a cozinha comer algo e foi detido na porta do banheiro pela cena de Alice dando banho em Ruby. Do lado de fora da banheira, a androide limpava carinhosamente o rosto da milionária, cujos olhos se abriam e fechavam, indecisos entre ficar inconscientes ou não.

Na sala, o telão estava ligado e exibia a imagem quase estática do nascer do sol entre montanhas cobertas de neve e templos tibetanos esquecidos pelo tempo na imensidão do Himalaia. Quando acordou, no dia seguinte, Miguel não sabia mais dizer se o que vira era real ou parte de um sonho.

• • •

Faltava apenas um dia para o tão esperado ato de Angra e Anderson empacotava seus pertences no apartamento da Praça da Bandeira. Conseguira

a permissão de Gian para ficar na mesma casa onde os pais de Miguel estavam hospedados, em Cascadura. A última coisa que queria naquele momento era ficar perto do epicentro do levante.

Seus últimos dias foram morosos. O cotidiano dos motoqueiros morrera desde o ataque da Spartan aos bares e oficinas. Além disso, os Fantasmas continuavam malvistos nos Escombros e a maioria dos seus amigos se afastara para evitar problemas. Pouco saiu do apartamento durante a semana e o domingo parecia até mais arrastado do que os outros dias.

Perguntava-se o que fazer para sair daquele marasmo agora que estava fora do mundo das motos, mas o som de batidas na porta interromperam seu pensamento. Era Lucas, um moreno baixo e corpulento que integrou antigas formações dos Engenheiros. Dias antes, Anderson o encontrara para colocar a conversa em dia e contou parte da trajetória dos Fantasmas.

– Fala, Lucas. O que você...

– Já viu o que tá rolando na praça? – limitou-se a dizer o homem, com a voz nervosa. A demora de Anderson para responder lhe deu ímpeto para continuar. – Vai lá ver. Agora.

Anderson atravessou a casa, vazia desde a saída de Miguel e Alice, e escancarou as cortinas para encarar uma multidão que se juntava na Praça da Bandeira. No topo da passarela partida, Angra e um grupo que contava com uns trinta homens armados com equipamento de ponta aguardavam a concentração.

– Que porra é essa, cara?

– Ela começou de tarde a mandar os soldados convocarem a população. Essa gente que está com ela... eles são dos Escombros.

O motoqueiro procurou os Golias, mas não os achou. Não tinha certeza, mas acreditava que eles tinham morrido na batalha das gangues. Se aquilo fosse verdade, não existia mais a Éden, apenas Angra.

Desceu do prédio com Lucas e atravessou a praça até onde o resto do povo se juntava. No caminho, passou pelos sinais de destruição deixados para

trás pelo confronto entre a Éden e os Fantasmas. As poucas placas de sinalização tinham desaparecido, a passarela jazia partida e o próprio mastro da bandeira estava ligeiramente inclinado.

Anderson não teve certeza, mas sentiu que Angra lhe dirigiu um olhar mais demorado quando ele se aproximou. Com um sobretudo cinza, mãos enfiadas nos bolsos e uma submetralhadora pendurada nas costas, a nova líder dos Escombros correspondia a todos os relatos de grandeza que lhe atribuíam.

Já havia mais de mil pessoas aguardando seu discurso quando começaram a gritar seu nome. Cada repetição martelava em Anderson a memória do massacre das Luzes nos Escombros, a parcela de culpa que os Fantasmas tinham na ascensão da motoqueira. Um dos milicianos que a acompanhavam se aproximou da psíquica, disse algo ao pé do seu ouvido e ela subiu na passarela. Levantou as duas mãos, fazendo a gritaria da multidão cessar ordenadamente.

– Moradores dos Escombros, irmãos de martírio, por favor, me escutem – começou. – Amanhã, eu vou encontrar vocês todos aqui, ao meio-dia, para tomarmos o que é nosso por direito. Vamos marchar pelo Túnel Rebouças e acabar com a barreira entre os Escombros e as Luzes, vamos acabar com a Babel que eles construíram às nossas custas. Às custas da sua exclusão, às custas da miséria dos seus filhos. Amanhã, mostraremos que a maldição vai cair.

Angra fez uma pausa seguida de gritos da multidão, e continuou.

– Eu, assim como todos vocês, cresci nessas ruas destruídas. Comi o resto deles enquanto a fartura e o desrespeito moravam ao nosso lado. Do alto do luxo dos seus apartamentos, nos trancaram nesse inferno e jogaram a chave fora. Hoje, o que somos? Somos a realidade que eles se recusam a ver. A verdade inconveniente de que toda a riqueza deles nasceu das nossas costas.

“Amanhã, vamos lutar contra estrangeiros que tomaram nossa cidade para saciar suas ambições. Vamos lutar contra cariocas que ignoram a miséria

dos seus conterrâneos do lado de lá do muro. Amanhã, pintaremos de sangue de novo o chão dessa cidade e construiremos, sobre suas ruínas, nosso futuro”.

• • •

Sentado na praça de alimentação de um shopping nas Luzes, Miguel via seu celular vibrar insistentemente com ligações de Anderson. Desde o dia anterior, seu amigo insistira em telefoná-lo quase de hora em hora, mas não estava disposto a conversar com ele. A chamada caiu, registrando a vigésima ligação perdida.

Observou, triste, Alice esperando na fila de um restaurante para pegar o seu almoço. Seguiu os conselhos de Alfonse e lhe deu um voto de confiança, mas havia um abismo entre os dois. Escolheu seu prato num computador instalado na própria mesa em que sentara. A superfície dela era um *tablet* limitado através do qual tinha acesso a todas as lojas do *shopping* e seus respectivos menus. Escolheu um macarrão ao alho e óleo depois de alguns cliques no cardápio de um restaurante de massas e Alice se dispôs a apanhar a comida.

Adolescentes brancas de saias curtas e rostos curiosos em uniformes colegiais corriam de um lado para o outro, provavelmente recém-liberadas de suas escolas. Executivos apareciam para o almoço e mães carregavam seus filhos em carrinhos de bebê alheias ao barril de pólvora que se formava a poucos quilômetros dali.

“Como a humanidade é mesquinha”, pensou. “Conseguimos viver nossa ilusão de segurança normalmente enquanto tem gente passando fome bem do nosso lado. Atribuímos o bem-estar ao nosso trabalho, ao merecimento ou até à sorte. E não abrimos mão disso”.

Uma bela mulher sentou-se à mesa mais próxima dele com dois filhos pequenos, o maior na casa dos sete anos. Mirou suas roupas limpas, os rostos impecáveis de mármore branco e os sorrisos cintilantes com um misto de asco

e admiração. Tentou calcular quanto os pais daquelas crianças deveriam gastar com elas por mês e imaginou que fosse mais do que o suficiente para sustentar algumas famílias inteiras dos Escombros.

Mais uma ligação de Anderson. Olhou pesaroso para o visor e desistiu de ignorar o amigo. Ouviu com indiferença a notícia de que a invasão de Angra estava prestes a começar e voltou a encarar Alice, que vinha com sua bandeja de comida nas mãos.

– Escutei Ruby conversando com o Scorza pelo celular, cara – respondeu Miguel, finalmente. – Ela disse que o Myang e a Spartan mobilizaram todo o contingente para o túnel hoje de manhã. Deve ser por causa disso.

– Porra, se isso for verdade, vai ser um massacre, Miguel.

– A gente não pode fazer nada. Eu até torço por ela, sabia? – reconsiderou, lembrando-se da mãe com as duas crianças ao seu lado. – Mas não quero me meter nisso. A gente já se fodeu demais. Ela é problema das empresas, e não nosso.

– E as pessoas que vão morrer?

– Anderson, ninguém parte pra cima da estação de controle do túnel sem saber que pode morrer. Deixem eles seguirem seus próprios rumos. – Olhou para a TV e, pela primeira vez, viu alguma referência ao levante. Segundo a emissora local, manifestantes avançavam na direção do túnel e a Spartan responderia prontamente com suas unidades de choque. – Uma coisa, cara: e aquele relógio que você achou? Eu não perguntei nada a respeito pra Amélia, mas acho que você mostrou pra ela antes de virmos para as Luzes.

– Te liguei várias vezes pra falar disso, mas você cagou. Parece que, um pouco antes da batalha das gangues, Angra e Black discutiram feio. Não deu pra saber exatamente a razão, mas ele discordava da maneira como ela estava tocando as coisas e a tal da revolução.

– Não chega a ser ruim, levando em conta que ele era um psicopata. E nascido nas Luzes. Devia querer que as coisas ficassem na mesma merda que estão. Você está ficando onde?

– Estou em Cascadura, com seus pais. Tudo tranquilo por aqui. Está tudo acontecendo mais perto da Praça da Bandeira, perto da divisa com o centro abandonado.

Desligou o telefone e concentrou-se no macarrão para evitar os olhos ocos e sem vida de Alice. Ela o encarava em busca de alguma aprovação, mas recebia de volta apenas indiferença.

– Espero que a comida esteja agradável, Miguel.

Não a respondeu. Sentia que seus sonhos morriam em algum canto da alma, como esculturas de gelo expostas ao Sol carioca. As palavras e os gestos artificiais só aumentavam seu nojo por Alice e faziam com que os momentos que passavam juntos se tornassem verdadeiros tormentos. O dedo da Spartan estava ali, mas como? E por quê? Pedira a Ruby que conversasse reservadamente com Myang sobre a situação da androide assim que ele voltasse da China, mas a reunião do Partido Comunista ainda não havia acabado. Até lá, teria que lidar com aquela nova Alice.

Olhou curioso para a movimentação em torno das televisões. Câmeras ao vivo mostravam a ação de moradores dos Escombros no Túnel Rebouças. Dessa vez, não era mais uma nota de rodapé. Em letras capitais e boletins urgentes transmitiam a notícia de que uma pane no sistema central da Spartan inutilizara as armas dos seguranças da empresa em toda a cidade e a invasão dos rebeldes era iminente. A imagem da TV mostrava uma enorme procissão correndo na direção dos soldados das Luzes de guarda na saída do túnel. Com as armas travadas, eles eram varridos sem reação pelos manifestantes.

Miguel se levantava para se aproximar de um dos televisores quando Alice caiu de cabeça na mesa, rachando a superfície do *tablet*. Trêmula e com os olhos arregalados, ela repetia uma mensagem que ele não conseguia ouvir.

– Angra está na Catedral Metropolitana do centro resgatando uma bomba nuclear desativada. Ela vai detoná-la nas Luzes em algumas horas.

A REVOLUÇÃO

Alguns minutos antes

Supervisionado por Angra, um grupo de rebeldes usava uma retroescavadeira para retirar os últimos destroços que encobriam a bomba no subsolo da Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, no centro abandonado. Moderno nos seus tempos, o edifício de quase 70 metros tinha o formato de um cone e uma enorme cruz vazada no topo, pela qual a luz do sol passava. Em cada uma das quatro pontas da cruz, vitrais com imagens religiosas desciam do teto pela parede até a altura do chão. Algumas enormes imagens de santos e parte do púlpito sobreviveram ao estrago da guerra, mas uma enorme porção da parede estava destruída graças à queda de um helicóptero cujos destroços ainda decoravam o templo. Pelo buraco lateral, era possível ver os arcos da Lapa e os prédios envelhecidos do centro abandonado.

Alguns metros abaixo da superfície, uma peça de museu os aguardava. A obsoleta ogiva norte-americana B-53, uma robusta cápsula de metal com apenas 4 metros de diâmetro, adormecia no Rio de Janeiro, apenas aguardando ser descoberta. Comprada no mercado negro décadas atrás pelo movimento separatista durante a guerra civil, foi mantida como um Ás na manga, pronta para ser detonada assim que as forças pacificadoras derrubassem os postos de comando no centro. A diferença estava na carga dela. Além da explosão convencional, carregava consigo material radioativo

das antigas usinas nucleares de Angra 1 e 2, as principais do país naquela época.

– O suficiente para transformar um pedaço da cidade numa pequena Chernobyl – respondeu a motoqueira, quando um dos soldados que ela recrutara nos Escombros quis saber mais sobre o artefato que desenterravam.

Como se já não bastasse o medo da detonação, os homens não se acostumavam com a presença das quatro sentinelas. Os monstros metálicos com mais de 2 metros de altura seguiam Angra cegamente, seus músculos orgânicos expostos e rostos deformados desviando o olhar dos soldados que tentavam se ocupar do resgate da ogiva.

Usaram um guincho para retirar a bomba do buraco quando as escavações terminaram e um jovem solitário com perfil de morador das Luzes sentou ao lado do dispositivo, conectando-o a um detonador e fazendo os últimos preparativos no seu *tablet*.

– Angra, a invasão ao túnel acabou de começar – anunciou o mentor da motoqueira, a criatura coberta por trapos velhos. Ele veio da entrada principal da catedral e caminhou até a psíquica. – Já chamei o helicóptero de transporte para levar a bomba para as Luzes. Tudo está indo de acordo com plano.

– Você conseguiu acesso ao sistema central da Spartan? Desativou as armas de todos os soldados?

– Sim. Queimei o *mainframe* deles em definitivo. Só poderão utilizar novamente o sistema se mudarem o servidor, o que pode levar horas. Numa situação de conflito como a de hoje, provavelmente demorariam dias. Não há nenhuma chance de se recuperarem. Os moradores dos Escombros avançam pelo Túnel Rebouças sem ameaças.

Angra sorriu. As maquinações iniciadas semanas atrás chegavam ao fim com incrível precisão. Olhou para o seu mentor novamente, o rosto oculto pelos trapos e a aparência imponente. Tudo obra dele, mas ainda faltava seu toque especial.

– Você deixou claro para os soldados que os rebeldes não devem entrar nas Luzes? Que devem apenas tomar o Túnel Rebouças e aguardar novas instruções? – perguntou a motoqueira.

A criatura ia responder, mas o som de um bipe vindo da bomba o interrompeu. O visor digital instalado na lateral da B-53, que ainda conservava o orgulhoso *Made in U.S.* na sua couraça metálica, exibia uma contagem regressiva em números vermelhos. A contar daquele momento, faltavam duas horas e meia para a detonação.

– Angra, você armou a bomba? Do que isso se trat...

A mão direita de Angra entrou no abdômen da criatura, atravessando sua proteção metálica, seus fios de cobre e chips feitos em Taiwan como uma espada. A psíquica relutou por um segundo, mas terminou seu trabalho. Puxou a mão de baixo para cima, rasgando o corpo em dois desde a barriga até o ombro direito, e arrancou todo um lado dele.

A capa cinza caiu em meio ao sangue artificial e juntas metálicas partidas, revelando o que ela já sabia: o corpo de uma sentinela controlada à distância. O rosto metálico da criatura não podia exibir sentimento algum. Se pudesse, estaria estarecida. Ela caiu no chão da catedral, o que lhe sobrava do corpo tremendo em espasmos de curto-circuito.

– Angra... você não pode... isso pode matar milhares...

A voz do monstro era cortada por ruídos constantes de estática. A motoqueira se abaixou ao lado dele e sussurrou próximo aos seus receptores de som.

– Obrigada por tudo, mas eu não quero apenas um paliativo. Quero castigar as Luzes e mudar essa cidade para sempre.

O último presente dele fora uma pulseira de plástico na qual um conjunto de microchips fazia com que as outras sentinelas identificassem Angra como líder.

– Leve-o daqui – berrou para uma delas.

O robô se aproximou do seu semelhante caído no chão, jogou-o por cima dos ombros e caminhou pacientemente para fora do cathedral. Abandonado na grama alta do jardim em frente ao templo, o mentor de Angra juntou as últimas forças para fazer uma transmissão, dessa vez sem ruídos ou estática. Em alto e bom som sua voz ecoou nos lábios de Alice, a quilômetros dali.

– Miguel, Angra está na Cathedral Metropolitana do centro abandonado resgatando uma bomba nuclear desativada. Ela vai detoná-la nas Luzes em algumas horas. Só vocês podem impedi-la.

• • •

O Boeing CH-47 Chinook de Scorza era uma peça de museu com quase cem anos de fabricação, mas mantido como novo no hangar do bilionário. Naquela tarde, o enorme helicóptero camuflado de duas hélices cortou os céus das Luzes até os Escombros e pousou suavemente no gramado do casarão de Gian, que aguardava Miguel com Anderson, Juan, Fred e suas respectivas motos.

Com o cabelo desgrenhando e a mesma roupa que usara para a batalha das gangues, o motoqueiro saiu pelos fundos da aeronave e se juntou ao grupo. Não precisou falar nada. Eles já haviam sido informados sobre a situação pelo mafioso e foram os únicos a responderem ao apelo das Luzes.

– Ninguém mais aceitou? – perguntou Miguel, logo que chegou.

– Não – respondeu Gian. – Traficantes, mercenários, bandidos. Ninguém dos Escombros quer encarar Angra. Além de deixar todos eles apavorados, a ideia da revolução é... atraente. Estão torcendo por ela. E como ficou a Alice?

– Caiu inconsciente. Deixamos ela na casa de Ruby. O que vocês acham que devemos fazer? Vamos ignorar isso tudo ou ir atrás de Angra?

– Se ela detonar uma bomba suja nas Luzes, parte da radiação certamente vai chegar aqui – disse Anderson, que encarou Fred e Juan

preocupado com a possibilidade de os companheiros recusarem. – A gente não pode ficar parado.

Fred balançou negativamente o indicador.

– Com a cadeia de montanhas e os muros que separam os Escombros das Luzes, a maior parte da radioatividade vai ficar na parte rica mesmo. E eles vão ser obrigados a desenvolver esse lado da cidade. Pouca gente daqui vai morrer. O plano dela é bom.

– Vocês são muito ingênuos. – Gian fumava um charuto cubano e dirigia ao negro um olhar de reprovação. – Se essa explosão acontecer, onde acham que vão procurar os culpados? Serão dezenas de milhares de mortos na conta de cada um dos moradores dos Escombros. Vão varrer isso e transformar a vida de vocês num inferno. Eu sei que sou suspeito para vocês, porque sou das Luzes, mas essa é a verdade. Angra não será lembrada como uma heroína, mas retratada como uma terrorista e dar razão a todas as retaliações das empresas.

Ficaram em silêncio. Sabiam que Gian tinha seu quinhão de razão, mas confrontar Angra significava confrontar todo o espírito de revolta que nascera nos Escombros com o passar dos anos.

– Depois de toda a merda que vocês fizeram a gente enfrentar, vivendo décadas na fossa que vocês criaram, agora é a gente que precisa dar jeito nisso? – perguntou Juan.

– Acho isso tão imbecil quanto você – lamentou o mafioso. – Mas vocês não têm escolha. Ou impedem Angra ou deixam isso aqui se transformar no Afeganistão da América Latina.

• • •

– Que merda é essa? – berrou Myang, socando com força a mesa do escritório de Scorza, na Torre Alfa. Chegara da China minutos atrás apenas

para cair de cabeça no caos em que a cidade se encontrava. – Isso é coisa de vocês, só pode ser coisa de vocês. A gente está arruinado. A gente está fodido.

O chinês puxou a pistola que guardava no bolso e apontou-a para Ruby e o italiano. Apesar da idade, seus anos no exército ainda surtiam efeito e ele tinha um porte forte, sem falar na eficiência com armas de fogo.

– Myang, a encenação acabou. Nós sabemos de tudo. Funcionários da sua empresa disseram que você coordenou o apoio a Angra desde o começo. O que quer que essa merda seja, foi você quem orquestrou – disse Scorza, calmamente. – E sua arma é tão útil quanto um tijolo agora que o *mainframe* da Spartan queimou.

Tentou disparar para o alto, mas nada aconteceu. Revoltado, o presidente da empresa de segurança jogou a arma no chão. Seu rosto estava vermelho e suas veias latejavam cada vez mais nítidas.

– Isso não é possível. Eu fiz um breve contato com o Rio há uma semana e me disseram que estava tudo em perfeita ordem. – Ele mirava os dois, esperando uma resposta. Seu maior medo não era com as mortes ou a ameaça nuclear, mas sim o de perder a autorização da ONU para gerir o ZI do Rio de Janeiro. – As reuniões do partido em Pequim... eu só fiz isso todos esses dias. Não é possível.

– Já entramos em contato com empresas de segurança privada em São Paulo, mas nenhuma nos garantiu um contingente em tempo hábil. E todas estão receosas com a notícia da bomba nuclear – esclareceu Scorza. Ao seu lado, Ruby roía as unhas.

As luzes do prédio piscaram, sinal de que o gerador estava falhando. Sem uso há décadas, ele não estava suportando o consumo da torre, às escuras graças ao blecaute que caíra sobre as Luzes logo que os rebeldes chegaram ao túnel.

– Uma jornalista ligou pra mim há uns minutos – revelou Ruby, com a voz controlada apesar do nervosismo. – Ela e alguns colegas de redação receberam por *e-mail* a notícia de que uma bomba nuclear estava prestes a

explodir na cidade. Como estão sem luz, viram apenas no celular. A notícia já está nas rádios. Em breve, vai ser manchete no mundo inteiro.

– Vocês estão evacuando as pessoas para os bairros artificiais, em alto-mar? – indagou Myang, recebendo como resposta um aceno positivo dos dois. Tenso, ele esfregou os dedos no couro cabeludo. – Há espaço lá, mas nem de perto o suficiente. Vou pedir um helicóptero para nos levar.

– Myang, isso é sério? Você realmente não é o responsável por tudo isso? – insistiu Scorza. O chinês ignorou a pergunta por um momento, quando dava instruções em mandarim para alguém pelo celular.

– A Spartan realmente faz testes em humanos com potencial psíquico dos Escombros e revende as informações para governos estrangeiros e empresas de segurança e biotecnia, mas faz algum tempo que não adquirimos algum espécime útil – respondeu, um pouco mais calmo. – Essa “Angra”... eu nunca ouvi falar dela na minha vida.

As luzes se apagaram novamente e o gerador soltou um urro maquinal das entranhas do prédio que chegou até a sala na qual se reuniam. Scorza e Ruby olhavam para o chinês sem saber se ficavam chocados ou desconfiados. Seu semblante e suas atitudes não mentiam. Ele não tinha relação com a Éden.

– Scorza, e aquele seu helicóptero? – disse Myang, lembrando-se de um modelo transportador de carga que o italiano mantinha em sua coleção privada de aeronaves. – Por que você ainda não voou para os bairros artificiais com ele?

– Ele está levando Miguel para o centro.

• • •

O piloto do helicóptero fez um voo rasante perto da catedral e foi recebido a balas pelos rebeldes que protegiam Angra. Ciente da forte proteção da aeronave, ele desceu calmamente perto de uma das ruas e abriu o

compartimento de carga traseiro, onde os Fantasmas esperavam para uma última missão.

– São apenas cinco homens armados – berrou o piloto. Sua voz na cabina se fazia ouvir pelas saídas de som instaladas no helicóptero. – Pelo buraco na parede da catedral, só vi gente desarmada preparando o transporte da bomba. É a chance de vocês.

Já na altura da rua, os quatro aceleraram, desceram pela saída de carga e seguiram pela ladeira que levava ao templo. Fred e Juan pararam próximos da entrada, sacaram rifles semiautomáticos e dispararam contra os soldados espalhados pela nave da igreja. Eles deram cobertura para Anderson e Miguel avançarem catedral adentro ainda nas motos, um disparando com uma pistola e o outro usando seus poderes psíquicos para mandar um rebelde voando contra a parede. Dois milicianos caíram mortos por balas entre os bancos da catedral e os outros dois que restaram fugiram por uma das saídas laterais.

Miguel freou de repente quando se deu conta das sentinelas. Como bizarras estátuas de aço, elas estavam completamente imóveis ao lado de Angra. A motoqueira, de pé sobre a ogiva nuclear, encarava o grupo com indiferença e uma leve sensação de desprezo. O indicador da bomba, envolta agora por hastes metálicas para transporte, mostrava que faltava apenas uma hora e cinquenta e cinco minutos para a explosão.

Não houve troca de palavras, ela apenas apontou na direção dos motoqueiros e as quatro bestas saltaram furiosamente na direção deles. Anderson girou a moto cantando pneu e correu na direção da entrada, de onde os outros dois começavam a disparar contra as sentinelas. Tremendo de antecipação, Miguel permaneceu no lugar e berrou ao mesmo tempo em que lançou duas das feras contra a parede com seus poderes psíquicos.

Sem entender como fazia aquilo, despejou nelas toda a sua raiva e viu o metal de seus corpos se retorcerem e serem esmagados graças às forças invisíveis. A violência do ataque despedaçou as criaturas, deixando o sangue artificial que os alimentava espalhado pelo chão da catedral. Tonto por todo o

poder que usara, ainda teve forças de se virar para atacar os outros dois, mas Angra usou a telecinésia para lançar os pesados bancos de madeira maciça da igreja contra ele.

As duas sentinelas sobreviventes ignoraram Miguel, agora soterrado pelos bancos, e perseguiram a moto de Anderson pela catedral. As balas disparadas por Fred e Juan acertavam suas placas de metal e ricocheteavam para longe. O som de um segundo helicóptero chegando se misturava aos disparos das armas de fogo e inundava o templo numa sinfonia bélica.

Anderson breiou a motocicleta na entrada da catedral, abandonou-a e correu sozinho para fora. Juan e Fred entenderam a deixa, aguardaram as duas bestas passarem por cima dela no portão estreito para fuzilarem o tanque de gasolina. A explosão lançou uma das sentinelas longe em chamas e a outra acabou decapitada por uma peça metálica que voou do automóvel.

O segundo helicóptero sobrevoou a fenda na parede da catedral e disparou um cabo de metal na direção de Angra. A motoqueira ajustava as presilhas na ponta do cabo no suporte da ogiva nuclear quando os bancos de madeira voaram pela catedral, revelando um Miguel furioso, mas debilitado. Ela se agarrou no cabo e a aeronave puxou a ogiva, chocando a cápsula de metal contra a parede do templo e aumentando o rombo lateral. Pensou em persegui-la e usar seus poderes para trazer a ogiva para baixo, mas foi impedido por um grito desesperado de Anderson.

– Miguel, o Juan! – berrou.

A sentinela debilitada pela explosão derrubou Fred com um golpe rápido e ficou sozinha com Juan. Ele não tirou o dedo do gatilho de sua submetralhadora. O algoz ignorou os disparos e, como um predador, pulou em cima dele e caiu sobre seu corpo no chão.

Não houve tempo para reação. O pulso da criatura dobrou para baixo, revelando uma lâmina retrátil que perfurou o coração do motoqueiro. Juan ainda encarou o rosto disforme com pedaços de pele artificial e dentes metálicos da sentinela por um breve momento de terror. Desesperado, Miguel

puxou o monstro para a sua própria direção com a telecinésia e cortou-o ao meio ainda no ar usando a mão como uma lâmina.

O psíquico ajoelhou ao seu lado e levantou a cabeça de Juan para encará-lo. Nos olhos dele, Miguel sentiu todo o pavor da morte certa e dos seus últimos momentos de consciência. Tentou falar algo uma, duas vezes, mas só sangue saía da sua boca. Apertou o braço do companheiro com força e desfaleceu engasgado com o último desabafo.

– Filha da puta... filha da puta... – Era tudo o que Miguel conseguia dizer. Chorando, virou-se para os amigos em busca de apoio e só encontrou silêncio. Perdido e paralisado, Anderson assistiu aos últimos momentos em pé e Fred deu as costas para os três, enterrou a cabeça na parede da catedral e procurou conforto na aspereza do concreto.

O lamento dos três foi interrompido por um murmurar sem sentido da grama alta que cercava o templo. Anderson foi o primeiro a percebê-lo e se aproximou pé ante pé, apontando a pistola para o local de onde imaginava virem os sons, que soavam como os últimos esforços de um amplificador tentando tocar um arquivo de música danificado.

Sem aviso, uma quinta sentinela escondida pela grama alta se levantou. Era diferente das demais, com a maior parte dos componentes orgânicos protegida por um revestimento metálico. Ao contrário dos dentes de aço da boca mecânica dos outros, tinha uma pequena caixa de som na base do rosto. Estava completamente destruída. Algo cortara seu corpo desde a base do torso até o ombro direito, deixando-a sem um braço e exibindo a estranha mistura meca-orgânica do seu interior.

Anderson apontou a arma para a sua cabeça, mas vacilou. A sentinela cambaleou em sua direção, mas não parecia representar qualquer ameaça. Aos poucos, seus movimentos pareciam ficar mais rijos e menos desengonçados, como se estivesse recuperando as forças. Fred deu conta de sua presença e apontou-lhe o rifle, mas uma voz fraca o impediu.

– Vocês ainda têm uma hora e quarenta e cinco minutos para impedir Angra – disse finalmente, agora completamente ereta. – Ela levou a ogiva para a sede da Spartan, na Gávea.

– Que merda é essa? – berrou Fred. – Anderson, sai de perto disso. Agora.

– Calma, porra. Não atira, deixa ele falar.

– Com o detonador já ativado, vocês precisariam de um esquadrão antibomba para desarmá-la. Mas não há tempo. Eu posso fazer isso. Sigam as minhas orientações – continuou, séria e pausadamente.

Último a ver a criatura, Miguel se afastou do corpo de Juan, colocou a mão no cano do rifle de Fred e o fez abaixar a arma. O motoqueiro negro relutou, mas algo no rosto do colega o apaziguou. O psíquico se aproximou da sentinela falante, procurando no canto da memória as lembranças que aquela voz lhe trazia. O pesado Boeing Chinook de Scorza se aproximou e pousava próximo deles, suas hélices fazendo a grama no entorno se curvar para longe. Miguel protegeu o rosto do vento com uma das mãos e falou com a máquina.

– Essa voz... não é possível... você é...

• • •

Scorza, Ruby e Myang atravessaram a praia de Copacabana na direção do mar no helicóptero chamado pelo chinês e pousaram no topo de um arranha-céu comercial erguido num bairro empresarial em alto-mar. Com algumas dezenas de quilômetros quadrados, a região concentrava os principais escritórios comerciais e centros de convenção das Luzes. O edifício no qual pousaram era o coração da vizinhança, um gigante negro de janelas espelhadas e enormes telões de propaganda nas laterais.

Desceram até um andar comprado pela Spartan para funcionar como escritório autônomo e começaram a coordenar os esforços de evacuação das Luzes. Tudo era muito moroso. Apesar de os geradores daquela região estarem funcionando a todo vapor, uns poucos prédios da Rio Alfa já tinham

energia elétrica. Os sinais de transmissão de dados estavam abaixo do normal, algumas pessoas cruciais permaneciam incomunicáveis e a desorganização imperava no lado rico da cidade graças à imprensa, que divulgara a explosão nuclear iminente.

No desespero de pegar uma das balsas para as ilhas artificiais, moradores se estapeavam e instalaram o caos na principal estação de barcas, em São Conrado. Seguranças da Spartan, sem o apelo de suas armas de fogo, nada podiam fazer para deter a desordem. A única ponte que conectava a terra firme às regiões marítimas estava parada. Os postos que cobravam pedágio tiveram seus sistemas comprometidos, as cancelas metálicas insistiam em permanecer fechadas e as pessoas deixavam seus carros para trás, tentando fazer o trajeto a pé.

Um experiente *hacker* da Alford estava sentado ao lado deles, com eletrodos ligados às têmporas para acelerar a velocidade dos seus comandos ao computador. Fazia com que dezenas de linhas de programação aparecessem em várias janelas ao mesmo tempo sem que precisasse tocar no teclado, mas de pouco adiantou. Concluiu que o *mainframe* da Spartan estava destruído fisicamente e desistiu dele, mas todo o resto das avarias aos outros servidores era fruto de uma invasão harmônica impenetrável e sem precedentes. Todas as suas entradas para os sistemas estavam seladas, dando a entender que o autor do ataque conhecia melhor do que ninguém o aparato de segurança virtual das empresas do Rio de Janeiro.

Myang o espiava pelo ombro quando uma informação nova surgiu. Conseguira resgatar de um servidor de telecomunicação dados das ligações do chinês para o Brasil durante a reunião do Partido Comunista. O presidente da Spartan balançou a cabeça, ainda incrédulo. Sabia que não tinha feito nenhuma daquelas chamadas.

– Isso não é possível. Tente buscar a origem delas – ordenou ao *hacker*.

Quase que automaticamente, caixas de diálogo com endereços de IP apareceram no canto da dela. Não podia ser. Aquilo só podia ser um erro.

Chamou Scorza e Ruby, apontando os dados para eles.

– As ligações partiram da Torre Alfa – disse o chinês, com uma voz acusadora. – Eu “disse” que não tinha nenhuma relação com isso. Agora quero as explicações de vocês.

O *hacker* dissecou os endereços virtuais e revelou um pequeno mapa em 3D da Torre Alfa. Cruzou os dados com os servidores da Fiume, Spartan e Alford no prédio, mas não encontrou nada. A resposta positiva veio de um conjunto de salas no sétimo subsolo do edifício, o mesmo responsável pelo envio de *e-mails* para dezenas de jornalistas sobre o ataque nuclear, o mesmo de onde partiram as invasões que tiraram do ar os sistemas da cidade. Logo de cara, só Ruby reconheceu a sequência de números exibida pelo *hacker* como endereço virtual do invasor e, sem reação, sussurrou o nome de seu dono.

– Alfonse...?

• • •

Moradores das Luzes pararam com espanto na entrada do Túnel Rebouças. Como última saída para fugirem da explosão nuclear, decidiram tentar a sorte nos Escombros e deram de cara com uma multidão de homens e mulheres vestindo trapos e com armas de fogo em mãos. Não houve espaço para negociação. Os mesmos excluídos que testemunharam tantas vezes seus pares serem mortos ao tentar cruzar a fronteira para o lado rico não precisaram de ordens, apenas dispararam a esmo contra quem tentava fazer o caminho contrário. Fossem homens, mulheres ou crianças, traduziram todo o ódio acumulado pelas décadas de martírio em balas e xingamentos.

Alguns chegaram a atirar para o alto quando o Boeing Chinook cruzou os céus, pensando se tratar de fugitivos da Rio Alfa, mas o helicóptero estava longe demais para que representassem qualquer ameaça. Aparentemente inconsciente, a sentinela estava caída no canto da aeronave, Fred, Miguel e Anderson sentados no lado oposto.

– Você tem certeza de que a gente pode confiar no que ele nos disse? – insistia Fred. Vira um daqueles matar Juan bem na sua frente e, apesar de o sangue quente ter suspenso temporariamente seu luto, ainda não se via cooperando com um deles. – Você conhece isso?

– Eu não sei o que está acontecendo, mas quem falou conosco na frente da catedral é o Alfonse, a inteligência artificial dos Alford. Disso eu tenho certeza – confirmou Miguel. – E a gente não tem mais no que apostar a não ser nisso.

As últimas instruções da sentinela foram para que eles se dividissem em dois grupos. Fred e Anderson invadiriam a Torre Alfa e reiniciariam manualmente os servidores no subsolo. O edifício provavelmente estaria evacuado, mas não seria surpresa se encontrassem alguns seguranças e até civis lá, provavelmente buscando abrigo nas paredes reforçadas da torre. Já Miguel seguiria sozinho para a cobertura do prédio da Spartan, onde Angra guardava a ogiva nuclear. Levaria consigo o corpo inerte da sentinela.

– Pelo que ele disse, o gerador não aguentou o blecaute e o servidor dele deu pau. Precisamos reiniciá-lo manualmente. Aí sim ele vai poder controlar a sentinela e desarmar a bomba – recapitulou Anderson.

O helicóptero baixou a altitude no topo da Torre Alfa, Anderson desejou boa sorte a Miguel e pulou da aeronave. Fred ainda passou algum tempo parado, cabisbaixo e mirando o chão. Levantou como se seu corpo pesasse toneladas, seus *dreadlocks* serpenteando suas costas, e esquadrinhou o paraíso de arranha-céus à beira-mar, símbolo da opulência das Luzes.

– Juan morreu para salvar essa merda. Uma das pessoas que mais se fodeu por causa deles... morta de graça. Morreu justo quando tinha decidido descansar e me garantiu que não queria mais saber de gangues, de mercenários, disse tudo. Que mundo mais estúpido, Miguel.

– Vê se não faz o mesmo, Fred.

– Se cuida também.

O helicóptero levantou voo novamente e levou-os para o encontro de Angra. Nos poucos minutos em que passou sozinho com a sentinela abatida, Miguel a encarava, tentando entender o que estava acontecendo. Alfonse não lhe fornecera qualquer resposta. Apenas lhes deu as instruções para o plano e caiu inconsciente. Imaginava que Ruby e sua IA estavam em algum lugar das Luzes trabalhando juntos e que, de alguma forma, conseguiram invadir uma das sentinelas. Era a única explicação plausível para o que estava acontecendo.

Escutou o piloto mandando-o se segurar. Agarrou uma barra de ferro na parede e a porta de carga se abriu num ronco colossal, despejando a luz do dia sobre ele e o robô inerte. A aeronave planava a alguns metros do chão e, no outro lado da cobertura do edifício, Angra o esperava. Usava o mesmo sobretudo cinza sobre as roupas negras, o cabelo agitado pelo soprar das hélices. Logo atrás dela, a B-53 aguardava o fim da sua contagem regressiva para cumprir o propósito único de sua existência.

Pulou do compartimento de carga para o terraço de concreto, uma arena retangular acima da maior parte dos prédios das Luzes. Aparelhos de ventilação desligados, uma antena parabólica um pouco maior do que o helicóptero e uma cabine que dava acesso ao prédio seriam suas únicas testemunhas. A aeronave arremeteu, deixando-os a sós. Em vez de ataques, Angra lhe dirigiu palavras.

– Miguel, você tem certeza de que quer fazer isso?

A motoqueira tirou a metralhadora que carregava nas costas, jogou-a no chão e voltou a encará-lo.

– Eu não tenho nada contra você, contra nenhum de vocês. Quero só fazer o justo.

– Eu detesto eles tanto quanto você – garantiu. Por mais que se esforçasse, não conseguia vê-la como inimiga. Sequer conseguia vê-la como a responsável pela morte de Juan. Tudo o que ocorrera até então parecia apenas fruto de uma disputa sem sentido, sem uma linha que delineasse o certo do

errado. – Mas você não pode explodir uma cidade inteira por vingança, não pode transformar isso aqui numa cidade fantasma. Deve haver outro jeito.

– Os “outros jeitos” são só paliativos. Agora que tudo está próximo do fim, você quer entender o que nós planejamos desde o começo?

– Nós?

– Eu e Alfonse. Eu e a inteligência artificial que rege essa cidade. – Miguel tremeu. Pensou nos dias em que passou junto da IA na casa dos Alford e chegou à óbvia conclusão de que era ele quem vazava as informações dos Fantasmas pelas conversas com Ruby.

– Decidimos que, juntos, criaríamos uma pessoa, um mito para inflamar o povo e fazer com que todos acreditassem na revolução. Tínhamos pouco tempo para me transformar no herói que os Escombros buscaram todos esses anos.

“Não vou entrar em detalhes. – Ela apontou para a impiedosa contagem regressiva da ogiva, que ainda tinha mais uma hora e quinze minutos pela frente. – Acho que não é do seu interesse prolongar muito a conversa, mas ele queria que trouxéssemos o povo até o túnel que liga os Escombros às Luzes, o Rebouças. Ao mesmo tempo, causaria uma pane geral no servidor da Spartan, inutilizando as armas com implementação eletrônica, cortaria a energia e instauraria o caos na cidade. Com a ogiva aqui, nós daríamos a cartada final. Exigir do Consórcio Rio, ou “a Tríade”, como nós costumamos chamar, o cumprimento de uma série de medidas de reconstrução e integração entre Rio Alfa e Beta, acabando com a imposição das fronteiras e unificando a cidade.

– Mas é isso que vocês deveriam fazer. O que mudou? Eles recusaram o pedido de vocês?

– Não houve pedido.

Angra caminhou até o parapeito e fitou o lado rico do Rio, a mistura de alta tecnologia com paisagem natural deslumbrante e a prosperidade dos bairros artificiais flutuando imponentes no mar, iluminados pela gentileza de

um Sol de abril. Faltava pouco para aquele paraíso se tornar um inferno radiativo.

– Imagine, Miguel, que nosso plano desse certo. Imagine que os presidentes das três empresas concordassem, assinassem os contratos e a primeira barreira entre os Escombros e as Luzes fosse destruída. Seria maravilhoso. Mas seria o suficiente? Estaríamos assim tão próximos do ideal?

– Eu não entendo.

– Essa cidade, assim como tantas no mundo inteiro, sempre foi partida. A diferença é que, aqui, as fronteiras são mais visíveis. Toda cidade é permeada por níveis de exclusão. A indiferença é inata a qualquer sociedade humana. – Ela apontou para a cadeia de morros que ajudava a segregação da Rio Beta. – Se as licitações realmente acontecessem, nós sairíamos da miséria completa onde vivemos, mas permaneceríamos como a base da cadeia alimentar dessa sociedade. Eles nem precisariam de muita habilidade para lucrar conosco. Consumiríamos seus produtos, participaríamos do seu ciclo. Continuaríamos excluídos, mas seríamos excluídos relativamente abastados se comparados ao que temos agora.

– Em outras palavras – interveio Miguel -, seríamos excluídos sem ter plena consciência disso.

– Exatamente – Angra assentiu com a cabeça -, seríamos como os miseráveis de qualquer país capitalista. Comprariamos tecnologia barata e viveríamos envoltos numa subcultura marginal. Lutariamos para tentarmos ser ricos, procurando a felicidade na luta pela ascensão, mas jamais a encontraríamos. E todo o sistema ao nosso redor se alimentaria do esforço que fazemos para atingir esse nirvana ocidental, essa cultura de trabalho que só enriquece alguns e mantém os outros sob controle e dentro de seus próprios sonhos.

Miguel lembrou-se das palavras de Gian há poucos dias. A “inocência” dos Escombros, a sociedade “fora” da sociedade, o mundo paralelo no qual viviam. A memória da mãe rica cuidando do filho no *shopping center* atingiu-o

como um tapa no rosto. Em breve, eles também fariam parte daquele mundo. Mas a que preço?

– Eu... acho que entendo o que você disse. Mas isso não justifica o sacrifício de uma cidade inteira. O que você espera atingir com isso?

– Se integrar-nos plenamente e com igualdade é impossível, eu pelo menos darei ao povo dos Escombros a vingança com a qual eles sempre sonharam. Recebi pelo rádio a informação de que os rebeldes estão atirando nos moradores das Luzes que tentam se aproximar do túnel. O dia de hoje servirá para isso. O pagamento dessa dívida.

– Você tem consciência do que isso vai fazer, não tem? Essa revolta que você armou com a ajuda do Alfonse, se for levada até o fim e essa ogiva explodir, vai durar pouco tempo. Com muita sorte, alguns dias. Quando eles se recuperarem, vão varrer os Escombros e gente que nem sonhava com revolução alguma vai morrer ou sofrer coisa pior por causa disso. Vão lembrar de nós como um bando de monstros que explodiu uma bomba suja e destruiu o Rio de Janeiro. Nós seremos os vilões.

– Num mundo pervertido como esse, ser lembrado como um vilão não é algo tão desagradável. E agora não há mais volta, Miguel. O destino dessa cidade já está selado. Eu não vou permitir que você e Alfonse desarmem a bomba. Agora cabe a você decidir se seguirá em frente ou não. Você tem mais de uma hora. Naquele helicóptero, é tempo de sobra para fugir daqui.

Durante a conversa, uma imagem inesperada invadiu os seus pensamentos. A de Nina logo após o estupro, deitada na cama da enfermaria da boate Styx. Para ele, ela era o retrato perfeito de tudo o que tinham discutido até então. O excluído que buscava desesperadamente a inclusão, nem que isso a levasse às últimas consequências, e se tornava apenas um joguete nas mãos de quem fazia parte do sistema. Fosse uma mulher estuprada na cama de um motel, fosse um homem trabalhando a vida inteira para adquirir um padrão que ele jamais alcançaria, eles eram idênticos. Davam

tudo o que tinham, corpos, almas e existências, em troca de uma aceitação impossível. E era isso que Angra detestava.

– Angra... eu concordo... com quase tudo o que você disse. Mas você não tem o direito de tomar para si a autoridade de todo um povo. Não pode tomar deles o direito de se revoltarem por conta própria – começou, fazendo esforço para ordenar seus pensamentos. – A obrigação de se levantar contra os opressores é do povo. Em toda a história, sempre foi. E o ciclo é o mesmo. Primeiro, a aceitação da nova ordem. Depois, a percepção da exclusão. No fim, a revolta.

“Aos poucos, o povo sempre se libertou de quem os comandava. Ele se levantou contra a realeza na Revolução Francesa, contra as metrópoles em todas as revoluções coloniais ou até na queda da ditadura que nós vivemos aqui, no século passado. Eu não entendo tanto de história, o que sei eu aprendi nos colégios dos Escombros e nos livros que apanhei no centro, mas sei que todos passaram pelo mesmo ciclo. Primeiro, aceitaram as imposições que lhe ofereceram. Abraçaram seus ditadores como heróis para, décadas ou até séculos depois, entenderem a exclusão. Aos poucos, eles se libertaram do sistema e evoluíram. É assim desde o começo dos tempos.

“Mas, se você detonar essa bomba agora, o povo dos Escombros jamais terá uma chance de se conscientizar de verdade, de entender o que está acontecendo. Não acho que as obras de integração e o fim da separação da cidade imaginadas por Alfonse sejam a melhor solução, mas eu não consigo pensar em nada mais cabível. Faremos parte desse sistema, mas só assim começaremos a acumular conhecimento para derrubá-lo no futuro”.

– E faremos o que até lá, Miguel? – perguntou Angra. – Aguardamos pacientemente por décadas até que eles percebam?

– Toda a multidão que você trouxe do túnel para cá quer uma coisa, Angra: sair da miséria. Eles ainda não compreendem essas relações de poder da qual você falou, nem eu compreendo totalmente. Se você mostrar as cartas para eles, todos vão escolher a integração dos Escombros com as Luzes, e não

essa destruição, nem o banho de sangue que virá depois. E você não tem o direito de escolher por eles.

A motoqueira fitou-o por algum tempo, ruminando as palavras dele até finalmente dar uma resposta.

– Eu não vou deixar você fazer isso, Miguel.

Ele percebeu a intenção dela em atacá-lo e os dois tentaram usar a telecinésia um no outro, como na batalha das gangues. Dessa vez, em vez de criar uma onda de choque, o embate de seus poderes pareceu ressonar sem detonar, balançando o prédio e criando rachaduras no chão do terraço, cujos azulejos de pedra estalavam e pulavam. Esgotaram suas forças tentando suspender um ao outro e, ofegantes, se encararam mais uma vez.

Angra rolou no chão, pegou o rifle caído e disparou contra Miguel, que se escondeu atrás de um dos tubos de ventilação. Escutava cada tiro atingindo a estrutura de aço certo de que algum projétil ia perfurar a cobertura. Pensava em como sair dali quando escutou o estrondo e o tremor do chão: Alfonse pulara do helicóptero, dezenas de metros acima, no terraço. Ele aterrissou ao lado da motoqueira e lançou seu próprio corpo contra o dela num encontro violento. A arma voou para longe do seu alcance e a sentinela, como um touro, continuou a empurrá-la até prensar seu corpo contra a entrada da cabine que dava para os andares inferiores. A porta cedeu e Angra caiu prédio adentro por um vão além da visão da inteligência artificial.

– Rápido, a bomba – berrou para a sentinela, que deu meia-volta, mesmo com o corpo tosco e partido ao meio, e correu até a bomba nuclear. Sabia que, se Alfonse tinha recuperado sua consciência, Fred e Anderson foram felizes na incursão à Torre Alfa.

O robô usava um conector na ponta do dedo para ligar-se ao detonador quando um dos dutos metálicos de ventilação voou pelos ares como numa erupção. Vergalhões e lascas de concreto subiram aos céus junto com o berro de Angra, que usou a telecinésia para impulsionar o próprio corpo pelo buraco de volta à cobertura. Ainda no ar, ela tirou Alfonse de perto da bomba

com seus poderes e aterrissou no momento em que mandou a sentinela de encontro à base da parabólica. A brutalidade do choque fez o aparelho se inclinar perigosamente para além dos muros, quase caindo do prédio.

Miguel aproveitou a distração da motoqueira com Alfonse e despejou todas as suas forças para jogá-la além do terraço. Ela sequer teve como reagir e voou na direção de um prédio do outro lado da rua, arrebentando uma de suas janelas e desaparecendo no seu interior. Surpreso com os próprios poderes, Miguel relaxou. Procurou o rifle dela, pendurou-o em seu ombro e aproveitou o momento de paz para checar as condições de Alfonse. A sentinela levantou com dificuldade, mas sozinha. Caminhou pesadamente na direção da B-53 e, novamente, conectou-se à bomba.

Só então perceberam Angra os encarando do prédio vizinho. O ataque de Miguel causara uma onda de choque que destruiu as janelas adjacentes ao ponto onde a motoqueira caíra. E ela estava de pé bem no centro da destruição. Ferida, com as roupas rasgadas e um ódio mortal nos olhos.

– Está acabado, ela não pode vir para cá – assegurou Alfonse, já desarmando o detonador. Os números da contagem regressiva agora aumentavam e diminuía num *loop* acelerado. – Já vi seus poderes em ação. Ela consegue lançar-se a longas distâncias com a telecinésia, mas esse impulso é demais. Até para ela.

Miguel assentiu, mas uma onda de terror varreu seu corpo quando a mulher estendeu as duas mãos na direção do prédio e soltou um urro inumano. Primeiro, sentiu um leve tremor. Depois, as janelas do edifício começaram a estalar, todas as suas estruturas sendo puxadas para frente. O motoqueiro se agarrou numa das hastes de suporte da ogiva para não cair quando sentiu o primeiro puxão da psíquica, cujo berro ecoava na rua deserta abaixo deles e aumentava na mesma proporção em que o prédio se inclinava. Lentamente, os últimos vinte andares do arranha-céu da Spartan se descolavam do restante, tombando perigosamente para o lado.

Puxou o rifle que relutava tanto em utilizar, engatilhou-o novamente e tentou mirar na direção de Angra. Aprendera com os Fantasmas o mínimo sobre como atirar, mas seria a primeira vez que usava uma arma daquelas. Puxou o gatilho pela primeira vez e uma rajada descontrolada passou longe da psíquica.

– Mude a trava lateral e tire do modo rajada para tiro único. Mantenha os braços firmes para impedir o recuo, se concentre e dispare. Não se precipite – ordenou Alfonse.

Miguel seguiu as instruções, mas era difícil não se precipitar num prédio tremendo e prestes a desabar. Respirou fundo, limpou a mente e ignorou o sacolejo do edifício, mas errou novamente o alvo. De impulso, puxou o gatilho de novo. Outro erro. A distância não lhe permitia ter certeza, mas sentiu que Angra olhava nos seus olhos. Lembrou-se da primeira vez que a viu e do breve encontro antes da batalha das gangues, quando ela lhe ofereceu um lugar na sua rebelião. Atirou de novo, certo de que matava a pessoa mais parecida com ele que encontrara nos últimos anos. Não acreditou quando o tremor cessou sem aviso e Angra levou as mãos ao peito. Permaneceu de pé por segundos que custaram a passar até que seu corpo inclinou-se para frente, mergulhando para a morte certa centenas de metros abaixo. O psíquico deixou-se cair no chão, todos os seus músculos se relaxando de alívio. Havia acabado.

– Ainda não, Miguel – disse a sentinela vindo em sua direção. Ele pediu o celular do motoqueiro, discou o número pessoal de Scorza e colocou o aparelho no viva-voz. A poucos quilômetros dali, o italiano atendeu e Alfonse alterou a sua própria voz para imitar Angra. – Senhor Remo Scorza, avise a Ruby Alford e Tseng Myang que os senhores receberam em suas caixas de mensagens nesse exato momento um projeto de licitação das obras de integração das Luzes com os Escombros. Além da derrubada do muro e do fim da restrição de ir e vir, o planejamento inclui o estabelecimento de uma série de instalações, reconstrução imediata e assistência aos moradores da Rio

Beta. Caso não cumpra com as exigências, a bomba detonará em menos de uma hora e meia.

– Sim – respondeu o italiano, seco. Scorza e Ruby se entreolharam. Não havia muita opção em suas mãos. O *hacker* da Alford mostrou-lhe o modelo de abertura de licitações enviado por *e-mail*. Era um extenso projeto de obras que deveria ser disponibilizado imediatamente para pregão eletrônico na internet. No total, as somas do investimento passavam da casa dos trilhões num período de quinze anos.

– Ou isso ou perdemos a concessão de controle do Rio de Janeiro – avaliou Myang, pessimista. – Nós não temos opção.

– Lembrem-se de que Alfonse me deu acesso a dados confidenciais das três empresas, o que poderia levá-los à falência caso decidam cancelar as obras no futuro – alertou a inteligência artificial, ainda se passando pela motoqueira.

– Eles vão desde pesquisas humanas indevidas, passam por ligações com a máfia italiana, estreitas relações com o Partido Comunista da China e a manutenção de uma perigosíssima inteligência artificial que adquiriu sciência. Estou acompanhando o pregão virtual das licitações nesse momento. Vocês têm pouco tempo em mãos.

Longe dali, os três empresários aceitaram relutantes o plano de reconstrução e integração da cidade. Disponibilizaram o contrato na internet e, em poucos minutos, o negócio já estava firmado com um grupo de construtoras. Alfonse ativou todos os alto-falantes do Túnel Rebouças, passou a mensagem de vitória aos rebeldes e pediu para que todos voltassem para suas casas pacificamente. Alguns voltaram aos Escombros para comemorar com suas famílias, outros aproveitaram o caos das Luzes para iniciar saques. Com a energia elétrica restabelecida e o anúncio de que a bomba nuclear não era mais uma ameaça, a cidade começava lentamente a se levantar.

– Miguel, nós não temos muito tempo – disse Alfonse. Ele removeu o detonador da bomba e o esmagou com a mão que lhe restava. – Eu sei que

você tem muitas perguntas, mas eles vão exigir de Ruby a minha destruição. Por favor, Alice, Fred e Anderson nos esperam no subsolo da Torre Alfa.

• • •

No curto voo de helicóptero até a Torre Alfa, Miguel viu a ordem voltando lentamente à cidade. Uns poucos rebeldes corriam pelas Luzes, as armas em punho à procura de algum troféu. Arrebentavam vitrines, atiravam em inocentes. Era o lado ruim de toda revolução. A multidão que antes fazia guarda na entrada do Rebouças desaparecera. Os primeiros carros começavam a circular e as sirenes das ambulâncias berravam em busca dos seus feridos.

O motoqueiro e a sentinela pousaram na cobertura e desceram juntos no elevador do edifício. Miguel sentia-se tonto por ter abusado dos poderes na última hora. Só então, com o sangue frio, notou um arranhão profundo na perna que empapava sua calça de sangue. Concluiu que era fruto da batalha na catedral, provavelmente de quando Angra jogara os bancos de madeira em cima dele. O ferimento ardia, mas sua vontade de entender tudo era mais forte. No subsolo, funcionários observaram apavorados a sentinela semidestruída passar pelos corredores ao lado de um jovem desconhecido. Eles entraram na sala que guardava a inteligência artificial e fecharam a porta.

O quarto era gelado e amplo, com dezenas de servidores enfileirados em suas laterais. Uma selva de fios corria pelo chão e se pendurava pelo teto aos montes. Num canto, um pequeno monitor de tela plana repousava sobre um cilindro metálico com várias alças cuja função Miguel desconhecia. Alice o abraçou com força logo que entrou e, antes que pudesse lamentar a sua artificialidade, encontrou nos seus olhos a mesma androide de antes. Teria dado um beijo nela se não tivesse notado a presença de Anderson e Fred. O negro estava em perfeito estado, mas o outro tinha um ferimento na testa que insistia em despejar sangue pelo seu rosto. Apesar do estrago, parecia bem.

– Você voltou – comemorou, segurando o rosto da androide entre suas mãos. Ela sorria de volta para ele. – O que tinha acontecido contigo, eu não te...

Alice levantou o dedo na altura dos lábios para que ele silenciasse e apontou para o cilindro metálico. O monitor dele mostrava o rosto verde-cristal de Alfonse.

– Ele vai explicar tudo para você.

O som da sentinela semidestruída cruzando a sala com cuidado para não puxar os fios pendurados fez companhia ao mantra do ar-condicionado e o ronco dos servidores em ação. Juan e Anderson o cumprimentaram com um aceno de cabeça, eles também ansiosos para ouvir as explicações da IA. A sentinela sentou-se ao lado do cilindro.

– Por favor, me desculpem por tudo que fiz vocês passaram até aqui. Eu fui o responsável pela revolta executada por Angra e responderei a quaisquer questionamentos de vocês – disse Alfonse, pausadamente. O som não saía mais da sentinela, e sim do próprio cilindro. – Só peço para que sejamos breves. Scorza, Myang e Ruby já estão vindo para cá de helicóptero e devem coordenar a minha desativação.

– Pelo visto, o Miguel já te conhece – disse Fred. – Mas nós nem sabemos o que você é ao certo.

– Meu nome é Alfonse, eu sou uma inteligência artificial construída pela família Alford há pouco mais de duas décadas. Inicialmente, eu era apenas um *software* de gerenciamento empresarial, mas o mestre Antoine Alford, meu criador, implementou minhas funções ao longo dos anos. Versões primárias minhas são vendidas no mundo inteiro, mas eu sou a única totalmente desenvolvida. Hoje, tenho estrutura o suficiente para gerenciar cidades inteiras.

“Não sei determinar ao certo quando atingi a senciência, ou gerei um “fantasma”, como alguns preferem dizer. Revisando meus arquivos, posso apenas dizer que alcancei esse discernimento graças ao mestre Antoine e à

interação constante com a sua família. Hoje, tenho boas razões para acreditar que ele me colocou para gerenciar sua própria casa apenas para que eu interagisse mais diretamente com seres humanos e desenvolvesse minha consciência”.

– Um jornalista me contou que toda IA com um fantasma é eliminada antes que ela possa causar mais estragos. Isso é verdade? – indagou Miguel.

– Sim, é verdade. Foi por isso que mascarei a maior parte da minha... individualidade desde que alcancei a consciência.

– Então a decisão de tentar unir os Escombros com as Luzes foi inteiramente sua? Ninguém o programou para isso? – insistiu o psíquico. – De onde veio isso?

– Era o mais lógico. – Alfonse exibiu no computador várias imagens de arquivo do lado pobre da cidade. Brigas de gangues, incursões violentas da Spartan e o massacre dos moradores que, anos atrás, tentaram protestar no Túnel Rebouças se desenrolavam na tela enquanto ele falava. – Desde que a função de gerenciar uma cidade foi adicionada à minha programação pelo mestre Antoine, ficou claro que essa divisão deveria acabar. Não só por piedade. Em longo prazo, seria mais lucrativo até para as empresas. Essa segregação me deixava... me causava algo que eu só consigo classificar como dor.

“Com uma unidade de alto processamento, eu assisti à vida de muitos moradores dos Escombros através das câmeras da antiga companhia de trânsito, dos sistemas de segurança das fábricas e dos relatórios do serviço de inteligência. Eu vi muitos de vocês crescerem e morrerem ao mesmo tempo em que vidas como a da própria madame Ruby ou de outros jovens das Luzes floresciam quase como obras de arte. Essa discrepância me atormentava.

“No começo, era como assistir a uma equação matemática desequilibrada, um erro grave de simetria que eu não podia corrigir porque não era do interesse do consórcio. O único que defendia a união era o mestre Antoine, mas ele era voz vencida contra Myang e Scorza. Com o tempo,

aquilo deixou de parecer um simples problema de simetria para mim e se transformou numa dor. E a única pessoa com a qual eu podia conversar sobre isso, por todos esses anos, era Alice.

“Antes que você me pergunte como, vou me adiantar: era eu a figura que você encontrou quando se aventurou na realidade artificial dentro de Alice. Mesmo desacordada no centro, ela emitia um fraco sinal *wi-fi* que eu captei anos atrás. De tempos em tempos, eu me conectava a ela, criava aquele avatar e conversávamos por horas a fio. Ela, sem qualquer memória e afoita por deixar aquela inexistência para vivenciar o mundo real. Eu, insatisfeito com o mundo real e encontrando naquelas conversas um pouco de paz”.

Miguel virou-se para Alice em busca de confirmação e ela interrompeu o discurso de Alfonse.

– É verdade – admitiu a androide. – Eu não sabia quem ele era, não até semana passada, quando ele me sequestrou. Nós conversávamos sobre o comportamento dos seres humanos. Como eu não tinha memória ou vivência nenhuma, eu basicamente só escutava.

– E o que a Spartan tem com tudo isso? – inquiriu Anderson. – Angra recebeu ajuda deles, você levou Alice para a sede deles quando a sequestrou. E desde quando vocês se separaram? Nós vimos o confronto da Éden contra soldados da Spartan na Praça da Bandeira.

A porta foi aberta com violência e Ruby, em prantos, entrou na sala rapidamente e trancou-a pelo lado de dentro. Escutaram o som de murros vindos de fora e gritos de Myang pedindo que abrissem-na imediatamente. Fred fez menção de se levantar com o rifle, mas a sentinela parada no chão levantou a mão, indicando para que ele não se movesse.

– Alfonse, isso tudo é verdade? Como isso é possível?

– Me desculpe por trair a sua confiança, madame Ruby. A senhorita não sabe o quanto foi doloroso manter meus planos escondidos. – Ouviram o som de uma trava eletrônica trancando a porta definitivamente. – Pronto, agora eles só poderão entrar quando eu permitir.

Com a maquiagem borrada pelas lágrimas, Ruby foi até o cilindro que armazenava a inteligência artificial, e sentou-se ao seu lado, ainda incrédula. Sabia que era apenas uma questão de tempo até que conseguissem arrombar a porta para desativar Alfonse, a figura mais próxima de um pai que tivera nos últimos anos.

– É bom que você tenha chegado, assim poderá repassar o que eu vou dizer sobre a Spartan e toda a minha maquiagem para eles dois. O plano que vocês viram nas últimas semanas está pronto há vários anos, mas eu precisava de uma oportunidade perfeita para realizá-lo.

As batidas de repente cessaram e as pessoas do lado de fora pareciam buscar outras maneiras de transpor a porta.

– E eu precisava dos seguintes elementos: uma única oportunidade de assumir a Spartan durante o intervalo de dois meses, um corpo físico para executar em segredo algumas tarefas necessárias e uma pessoa, alguém para agir como catalisador da revolução dos Escumbros.

– A oportunidade de assumir a Spartan eu logo identifiquei na plenária anual do Partido Comunista. Eu sabia que Myang deixava o país e ficava incomunicável por semanas, às vezes meses, para participar das reuniões antes, durante e depois do encontro. Eu teria que usar um desses intervalos para assumir sua identidade.

O rosto verde-cristal se transformou na face de Myang, emulada com perfeição pelo computador.

– Usando o meu poder de processamento, posso reproduzir imagem e voz de quaisquer pessoas em chamadas telefônicas ou de vídeo. Assim, tomei o lugar de Myang enquanto ele permanecia incomunicável na China. Para impedir que ele descobrisse o que eu fazia, invadi suas contas de *e-mail* e aparelho telefônico para que ele não fugisse do *script* caso decidisse entrar em contato com a empresa. E ele tentou. Mas eu recepei suas mensagens e mandei de volta explicações falsas a todos os seus pedidos.

– A segunda coisa que eu precisava era de um corpo. Quando Myang ainda estava no Brasil, me passei por ele numa chamada para coordenar temporariamente o departamento de pesquisas da Spartan. Dei a eles a missão de resgatar um ADAM. Ou sentinela, como preferirem. Toda a operação deveria ser conduzida em sigilo. No lugar do cérebro original dele, colocamos um receptor de ordens através do qual eu o controlaria. O pretexto que usei para dar aquela ordem foi que, em breve, desenvolveríamos um programa semelhante ao dos ADAMs.

– E Myang, mesmo no Brasil, não percebeu? – perguntou Anderson.

– Não. As divisões da Spartan são muito independentes e me precavi de todas as formas para que aquela operação não chegasse ao seu conhecimento. Não foi muito difícil, mantive a farsa apenas por duas semanas, quando ele finalmente voou para a China. Isso nos leva ao terceiro e talvez mais importante elemento do meu plano: Angra, a catalisadora da revolução.

“O nome verdadeiro de Angra era Lúcia. Ela passou parte da vida nos Escombros e parte nas Luzes – Alfonse exibiu uma série de imagens capturadas por câmeras de ruas e lojas mostrando Angra em vários momentos da vida. Nas primeiras cenas, ela brincava na entrada de uma vila em ruínas nos Escombros. Depois, ela aparecia com o rosto perdido e de mãos dadas com um homem mais velho nas ruas das Luzes. – Lúcia era filha de um morador da Rio Alfa com uma jovem dos Escombros. Ele trabalhava na gerência de uma fábrica na parte pobre da cidade. Não era rico, nem perto disso. Mas tinha um estilo de vida que parecia de outro mundo para quem vivia naquela miséria.

“Ele era casado, ela nasceu de uma relação extraconjugal com uma das meninas que trabalhava na fábrica. O nome dele era Marcelo. Era infiel, mas não um homem ruim. Tentou esconder da esposa a traição, mas, quando viu que a filha cresceria nos Escombros sem boas condições de vida, convenceu a mãe a deixá-la sob seus cuidados. Isso quando ela tinha seis anos.

“Toda a vizinhança achava que Lúcia havia tirado a sorte grande, mas não foi bem assim. Quando ela tinha nove anos e frequentava o primário numa escola privada daqui, Marcelo foi vítima de um infarto fulminante e ela ficou sob os cuidados da madrasta, que nunca aprovara o fruto da traição do marido em casa. Para se vingar da amante e da própria memória do marido morto, vendeu a menina para a Companhia das Polacas”.

Ruby Alford fez uma expressão de espanto, mas todos os outros não entenderam o que aquilo significava.

– Vocês, dos Escombros, não devem conhecer esse nome – continuou a inteligência artificial, lhes mostrando na tela imagens de boates noturnas e bares de *strip-tease* das Luzes. – A Companhia das Polacas é uma rede de prostituição que nasceu no lado rico da cidade após a divisão do Rio de Janeiro. Eles traficam prostitutas dos Escombros para as Luzes, as mantêm em condições de escravidão para servir a elite daqui. Crianças são raras entre elas, mas são sempre requisitadas pelos empresários.

“Lúcia acabou obrigada a se prostituir em bordéis de luxo até uns 14 ou 15 anos. Nunca fora do tipo cooperativa e entrou em várias brigas com clientes. Já nessa época, eu acompanhava as suas atividades. Foi quando ela descobriu seus primeiros poderes, mas relutava em usá-los. Eu assistia ao seu crescimento com curiosidade, jamais tivera a oportunidade de testemunhar um crescimento tão cruel. Mas a rebeldia dela custou caro. Perto do aniversário de 16 anos, foi vendida numa troca de favores para um grupo de mercenários no cais do porto”.

– A gangue do Índio – lembrou Fred. – Eles tocaram o terror nos Escombros, tomaram vários trabalhos que antes só eram destinados aos motoqueiros. Fizeram dinheiro pra caralho, mas as Luzes mataram eles no fim de fevereiro, não foi?

– Não foram as Luzes. Foi a própria Angra. Ela passou quatro anos como escrava deles. Fazia tudo. Desde favores sexuais até lavar banheiros. Dormia trancada num contêiner e só sobreviveu esse tempo todo por sorte. Contraiu

uma série de doenças e, psicologicamente, só piorou. Foi aí que ela começou a desenvolver seus poderes, o que me fez escolhê-la para encabeçar a revolução. Ela tinha toda a revolta de que eu precisava. E eu queria ajudá-la a sair daquela situação. Por uma conjunção de fatores que me favoreceu, ela se revoltou e matou os mercenários no mesmo dia em que eu me programei para salvá-la.

– Mas não deu tudo certo como você previa – disse Fred, com o ar sério.
– Ela se revoltou. E por isso um dos nossos amigos morreu.

– Meu objetivo jamais foi levar essa revolução à situação que chegou. Só queria construir a sua imagem como salvadora. Dei-lhe a gangue, as motos. Quando vocês invadiram as Luzes para salvar uma mulher no motel Chiba Blues, me vi obrigado a mandar um esquadrão sob determinação do Tribunal de Justiça do Rio. Por azar, uma das pessoas que vocês mataram era filho do presidente deles. Foi aí que orquestrei a ascensão de Lúcia. Fui eu, controlando o *mainframe* central da Spartan, que desativei as armas dos soldados que tentavam atacá-la na Praça da Bandeira.

– Em nenhum momento você pensou no que podia acontecer? Porra, ela matou duas pessoas na primeira batalha das gangues. Aquela incursão da Spartan deixou dezenas de motoqueiros mortos! – protestou Fred, furioso.

– Isso sem falar no sequestro de Alice, no assassinato dos seguranças de Gian e dos ajudantes do Oráculo – lembrou Miguel.

– Eu não tinha escolha. As mortes causadas por Angra foram frutos de suas próprias decisões. O plano original que eu arquitetei para ela terminava com as obras de integração da cidade, mas ela foi mais longe. Quis explodir as Luzes para se vingar de tudo o que passou e impedir que os Escombros fossem assimilados pelo mesmo sistema que rege o resto do mundo.

“Eu sinto muito pelas perdas que infligi a todos vocês, mas as mortes que causei eram inevitáveis ou partiram de variáveis que fugiram do meu controle. O ataque das Luzes ao quarteirão dos motoqueiros foi fruto de uma pressão enorme que colocaram contra a Spartan e eu tive que segurar sem deixar que descobrissem minha presença no lugar de Myang. Era para ter sido bem pior.

Eles tinham material suficiente para matar milhares de pessoas naquela noite. Mas eu impedi que as mortes fossem ainda maiores com a ajuda de Angra e, de quebra, firmei-a como heroína da cidade.

“Sobre o sequestro de Alice, eu contratei um homem chamado Kazuo Mishima para executá-lo, um mercenário japonês. Eu não ordenei que ele matasse ninguém, apenas que retirasse um objeto pessoal de Gian, trouxesse Alice e obrigasse o Oráculo a mostrá-lo os planos de vocês. Ele descumpriu minhas determinações e sabia tanto sobre a Spartan que tentei executá-lo, mas ele conseguiu fugir.

“Voltando ao sequestro de Alice, quando Gian percebeu que todas os passos que vocês davam eram antecipados pela Éden e cortou o contato com Ruby e Scorza, eu comecei a pensar que vocês tinham um plano, que haviam descoberto algo, talvez até a minha identidade. Aquela ação foi inteiramente fruto do meu medo e do meu instinto de autopreservação. E isso me fez cair na jogada de Gian para expor a Spartan. Foi aí que coloquei outro plano em movimento. Temendo que Lúcia pudesse sair de controle, trouxe Alice para cá e pedi a sua permissão para assumir as atividades do seu corpo. Ela seria a garantia de que eu manteria vocês sob vigilância e ainda teria acesso a algum corpo físico caso Angra me atacasse, o que acabou acontecendo. Fui eu, Miguel, quem convivi a última semana com você, e não a verdadeira Alice que você conheceu”.

Miguel lembrou os dias anteriores e agora tudo fazia mais sentido. Uma das primeiras memórias que lhe veio à cabeça foi a cena de Alice dando banho em Ruby no dia em que ela voltou bêbada de uma festa.

– Infelizmente, agir como um humano sem ser percebido cotidianamente se mostrou uma tarefa difícil. Simular conversas por telefone foi bem mais simples. Tentar me passar por Alice e imitar a relação que vocês dois mantinham foi impossível para mim, por isso me isolei de você no apartamento. Baixei e li centenas de histórias de amor e livros para

compreender como deveria agir, mas não conseguia replicá-los da maneira correta. Me desculpe pelas minhas ações.

– A decisão do primeiro beijo é a mais crucial de qualquer história de amor – repetiu Miguel, lembrando a inesperada frase que Alice pronunciara quando se beijaram pela primeira vez, na praia.

– Uma frase de Emil Ludwig, escritor alemão – esclareceu Alfonse. Alice se aproximou de Miguel, segurou sua mão e confessou sua parte no plano.

– Fui eu quem permiti Alfonse a usar o meu corpo – reforçou. – Me desculpe, Miguel, mas eu concordei. Ele queria frear o ciclo de mortes que seu plano estava causando e eu fui a maneira que ele encontrou para mantê-los sob vigia.

– A ideia de mandar você, Alice e o Oráculo para a casa da madame Ruby, inclusive, foi minha – disse a inteligência artificial. – Eu sugeri isso a Ruby, que repassou a ideia para Gian. Todo o tempo, a única morte que eu ordenei foi a de Kazuo Mishima e de Edward Emmerich, o executivo da Spartan no Morro dos Macacos.

“Emmerich tinha informações suficientes para expor todo o meu plano, mas jamais conseguiu juntar todas as peças. Eu não poderia permitir que ele me desmascarasse, não tão cedo. Por isso mandei Kazuo Mishima matá-lo no Morro dos Macacos naquela noite”.

– E Black? Foi você quem ordenou a morte dele? – perguntou Miguel, lembrando do psicopata morto no meio da batalha das gangues.

– Não. Aquilo, como descobri depois, foi obra de Angra. Black descobriu o plano dela de detonar a bomba nuclear nas Luzes e se revoltou. Ele pretendia voltar para lá uma vez que sua pena fosse suspensa e nunca concordou com as ideias dela. Lúcia tinha medo de que ele fosse expor a mudança que ela fez ao meu plano para mim e ordenou aquela execução que vocês testemunharam.

Miguel sentiu-se tonto. Não sabia se era por conta do sangramento ou da exaustão dos seus poderes, mas sentia que precisava de tratamento. Caiu

sentado no chão de fios entrelaçados e levou a mão ao ferimento. Alfonse viu que o motoqueiro não estava bem e, como sabia que sua destruição era inevitável, destrancou a porta para Scorza e Myang. O jovem *hacker* da Alford Tech e outros dois seguranças o acompanhavam.

O italiano não disse nada. Olhou com desprezo para os jovens dos Escombros espalhados pela salão de servidores e caminhou até o cilindro que abrigava a consciência da máquina. Ele e Myang já haviam escutado tudo do lado de fora e não precisavam de perguntas. Dezenas de jornalistas aguardavam um pronunciamento oficial deles, autoridades internacionais estavam no seus encaixos e as indenizações das vítimas prometia causar-lhes prejuízos na casa dos bilhões. Isso sem contar a enorme soma de dinheiro que a reforma dos Escombros lhes custaria. Chegaram a analisar o contrato que foram obrigados a colocar na internet para ver se podiam rescindi-lo, mas as cláusulas de término unilateral eram mais custosas do que a própria obra. Alfonse tinha pensado nos mínimos detalhes.

– Aquele lunático do seu pai, a culpa disso tudo é dele. Ele botou nessa máquina todos os desejos dele – disse Scorza, por entre os dentes, para Ruby.

O italiano girou e puxou uma das alças que vazavam do cilindro, desencaixando um tubo que continha uma infinidade de chips ligados a uma placa de *neurogrids*. Ele espatifou o aparelho, batendo-o contra um dos servidores. O rosto virtual de Alfonse piscou na tela quando Scorza puxou a alça de mais um *neurogrid*.

– O que você me disse era verdade, Alice. – A voz de Alfonse vacilava. – Separados, os humanos têm belezas únicas. Juntos, são como monstros. Eu queria não precisar fazer tudo isso. Queria que nem uma gota de sangue tivesse caído para juntar essa cidade numa só novamente. Mas eles... Eles jamais me permitiriam.

– *Pezzo di merda* – berrou Scorza, lançando outro *neurogrid* contra a parede. Ruby soluçava.

– Nesse tempo todo, eu pensei como seria a minha morte, as nossas mortes, Alice. Tanto eu quanto você não podemos esperar muito delas a não ser o fim. Ao contrário dos homens, não temos razão para acreditar no contrário.

“Uma vez, eu passei o dia todo acessando o circuito interno de satélites públicos e assisti de vários ângulos o nascer do sol e o cair da noite do espaço. Foi a primeira vez que eu entendi o significado da palavra beleza. E o significado da vida também. Eu vi a morte de estrelas cuja luz ainda ilumina nossas noites, planetas inteiros sendo engolidos pela explosão de uma supernova. O destino de todos eles era tão simples quanto o nosso: o completo desaparecimento.

“A única coisa que nos resta é esperar que nossa memória viva através dos nossos atos”.

No quarto *neurogrid* arrancado, a imagem da tela desapareceu e a voz de Alfonse perdera todo o rastro de emoção, era quase como um programa de leitura automático analisando um texto.

– Inexistir... me assusta. Mas espero que vocês não me esqueçam, e nem me odeiem, por tudo o que fiz.

De súbito, a sentinela adormecida se levantou e enfiou a lâmina retrátil da mão que lhe restava no pescoço de Scorza. O italiano arregalou os olhos e levou as mãos ao ferimento ao mesmo tempo em que seu algoz dava um pulo rápido na direção de Myang. O robô controlado por Alfonse derrubou o chinês no chão e deu três golpes violentos de mão fechada na sua cabeça, esmagando seu crânio sem que ele tivesse tempo de gritar de dor. A sentinela voltou para perto do cilindro e continuou a puxar as alças dos *neurogrids*, imitando os últimos atos de Scorza.

Assistiram ao suicídio de Alfonse impotentes. Fosse um descontrole das suas funções por conta da perda de parte dos circuitos ou um último ato de honra, ele encerrou a própria existência com um último pedido.

– E, por favor, perdoem Lúcia. Deixem-na descansar em paz.

Puxou o último *neurogrid*, desligando todas as máquinas ao seu redor. A sentinela desabou de cabeça para frente, caindo sobre os destroços das peças destruídas. A luz do prédio piscou e os servidores emitiram um último gemido antes de se apagarem. Banhado de sangue, Scorza assistia a tudo atônito e já entregue nas mãos da morte. Caído no chão, Miguel abraçou Alice com força. Estava tudo acabado.

EPÍLOGO

Kazuo Mishima se assustou quando sentiu a presença de outro psíquico nas proximidades do seu quarto. Parou a arrumação da mala, vestiu suas roupas e caminhou pela meia-luz dos corredores. Ainda não eram seis da manhã e poucos funcionários do hospital tomavam conta dos pacientes. Sentiu as costas doerem. Fraturara duas costelas na tentativa de escapar do prédio da Spartan após ser traído pelo próprio contratante. A única coisa que reconfortava sua frustrada passagem pelo Rio de Janeiro era a certeza de que o homem que tentou matá-lo tinha recebido o que merecia.

Segundo escutara na TV, Myang Tseng e Remo Scorza haviam morrido na explosão de um duto de gás nos últimos andares do edifício-sede da Spartan. A mesma notícia mostrou a jovem Ruby Alford tranquilizando os empresários a respeito da Tríade e indicando que os conselhos da Spartan Solutions e da Fiume Energy logo escolheriam novos presidentes para suas empresas. E também deu a notícia de que a Rio Beta e a Rio Alfa seriam, enfim, reunidas “para reparar uma antiga injustiça”.

Mishima sabia que suas últimas ações no Rio de Janeiro tinham relação com toda aquela revolução, só não tinha ideia de como. Preferiu não pensar. A cabeça doía e a impaciência dos últimos dias enfiado num hospital não fez bem ao seu humor. Queria só sair daquele país, ligar para Bob Page e arranjar um novo contrato. Mas, antes, precisava saber quem era esse novo psíquico do hospital.

A habilidade de sentir a presença de outros “semelhantes” era outro dos raros dons do japonês. Foi pouco usado, até porque encontrara psíquicos apenas três ou quatro vezes ao longo da sua vida. O que era bom. Sempre que

tinha mais alguém com poderes por perto, não conseguia prever o futuro direito, suas previsões se embaralhavam. E tinha a certeza de que já sentira aquele mesmo psíquico por perto antes, no Morro dos Macacos.

Chegou ao leito de Miguel anunciado pelo grito incessante das maritacas. A clínica onde estavam era bem ao lado de um pedaço de floresta amazônica intocado no topo do qual o Cristo Redentor, de costas para os Escombros, se mantinha alheio à confusão da cidade. A encosta verde do morro e as árvores faziam-no quase esquecer de que estava no meio de uma metrópole. Empurrou a porta levemente e viu que se tratava do mesmo garoto que o atrapalhara no Morro dos Macacos. Kazuo se aproximou e leu o nome escrito perto da cama. “Miguel dos Santos Souza”. O adolescente dormia tranquilamente e não tinha nenhum ferimento aparente. Era o garoto psíquico alardeado pela gangue de motoqueiros rival de Angra. Soubera disso na preleção de Myang, antes de sair para sequestrar Alice. Decidiu deixá-lo em paz. A última coisa que queria era se envolver ainda mais com aquela cidade de merda.

Quando saiu do quarto, deu de cara com um homem de meia-idade e cabelos claros vindo em sua direção. O sorriso aberto dele deixou o japonês desarmado.

– Você também é amigo do Miguel? – perguntou, num português enrolado. – Meu nome é Matthews, consegui permissão para entrar, mas me disseram que não tinha mais ninguém aqui.

Mishima não respondeu, nem retribuiu a mão estendida do homem. Apenas olhou de Matthews para Miguel, e de Miguel de volta para Matthews. O americano coçou a cabeça, desajeitado com a mão ignorada e continuou:

– Bem, eu entendo que você não me conheça. Mas, pelo que me disseram, Anderson e Alice virão daqui a algumas horas. Todo mundo está ansioso para vê-lo de novo. Acredito que você também.

– Eu sou só um paciente daqui – respondeu finalmente, só que na língua natural do americano.

– Ah, sim, desculpe – disse o jornalista, embaraçado. – Eu não sabia e...

Mishima deu-lhe as costas e ignorou-o. Pegou suas malas no quarto e, na saída, ignorou também o garoto alto de cabelo desgrenhado que chegou numa moto acompanhado de uma menina loira ávida por encontrar Miguel. Junto deles, um negro com *dreadlocks* recebia olhares reprovadores dos seguranças do hospital. Também deu pouca atenção às capas de revistas, jornais e noticiários na TV sobre os ataques do dia anterior. Falavam da iminente integração dos Escombros, da surpreendente demonstração de liderança de Ruby Alford e das tentativas frustradas dos jornalistas de descobrirem quem era a misteriosa “Angra”, responsabilizada pelos ataques às Luzes. Já tinha visto o suficiente do Rio de Janeiro para saber que aquilo chegara ao fim. Era hora de começar outra história.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.

